



UM TIPO DE MONUMENTO  
FUNERÁRIO ROMANO:  
*AS CUPAE LÍTICAS DO  
MUNICIPIUM OLISIPONENSE*

RICARDO CAMPOS



UM TIPO DE MONUMENTO FUNERÁRIO ROMANO:  
AS *CUPAE* LÍTICAS DO *MUNICIPIUM OLISIPONENSE*

Ricardo Campos

Director  
Juan M. Campos Carrasco  
Secretario  
Juan Aurelio Pérez Macías

Consejo de Redacción  
Agustín Azcárate Garay-Olaun (Universidad del País Vasco)  
Martin Bartelheim (Eberhard Karls Universität Tübingen)  
Manuel Bendala Galán (Universidad Autónoma de Madrid)  
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)  
Massimo Botto (Istituto di Studi sulle Civiltà Italiane e del Mediterraneo Antico. Italia)  
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)  
Paolo Liverani (Università degli Studi di Firenze)  
Antonio Tejera Gaspar (Universidad de La Laguna)  
Desiderio Vaquerizo Gil (Universidad de Córdoba)

Consejo Asesor  
Jaime Alvar Ezquerro (Universidad Carlos III de Madrid)  
Alicia Arévalo González (Universidad de Cádiz)  
Ana M. Arruda (Universidade de Lisboa)  
Javier Bermejo Meléndez (Universidad de Huelva)  
Darío Bernal Casasola (Universidad de Cádiz)  
Eduardo Ferrer Albelda (Universidad de Sevilla)  
José Antonio Garriguet Mata (Universidad de Córdoba)  
Susana Gómez Martínez (Universidade de Coimbra. Campo Arqueológico de Mértola)  
Alberto León Muñoz (Universidad de Córdoba)  
Juan Carlos Vera Rodríguez (Universidad de Huelva)  
Nuria de la O Vidal Teruel (Universidad de Huelva)

DATOS EDICIÓN

Primera edición en formato ebook y papel: 2023

© Servicio de Publicaciones / © Ricardo Campos

I.S.B.N. (papel): 978-84-19397-39-3 • I.S.B.N. (EPUB): 978-84-19397-41-6 • I.S.B.N. (PDF): 978-84-19397-40-9

Depósito legal: H 124-2023

Obra sometida al proceso de evaluación de calidad editorial por el sistema de revisión por pares.

Publicaciones de la Universidad de Huelva es miembro de UNE.

Reservados todos los derechos. Ni la totalidad ni parte de este libro puede reproducirse o transmitirse por ningún procedimiento electrónico o mecánico, incluyendo fotocopia, grabación magnética o cualquier almacenamiento de información y sistema de recuperación, sin permiso escrito del editor. La infracción de los derechos mencionados puede ser constitutivo de delito contra la propiedad intelectual.



Imagen de cubierta: *Cupa* con o respectivo bloco inferior (ermida de São Romão). Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas

EL EBOOK LE PERMITE



Citar el libro



Comparte  
#LibrosUHU



Navegar por  
marcadores e  
hipervínculos



Únete y comenta



Realizar  
notas y  
búsquedas  
internas



Noticias a  
golpe de clic



Volver al  
índice pul-  
sando el pie  
de la página



Suscríbete a  
nuestras  
noticias



Nuestras  
publicaciones en  
movimiento

- ÍNDICE -

CAPÍTULO 1  
UMA TIPOLOGIA FUNERÁRIA ROMANA  
[11-100]

CAPÍTULO 2  
*CORPUS DAS CUPAE LÍTICAS DO MUNICIPIUM OLISIPONENSE*  
[101-339]

BIBLIOGRAFIA  
[341-368]

ÍNDICES  
[369-383]



## PREÂMBULO

É no âmbito do projecto do Ministério da Ciência e Inovação do Governo de Espanha: *CIL II: Nueva edición. -1. Conventus Gaditanus II<sup>2</sup>/6: Campo de Gibraltar y la Janda. -2. Conventus Scallabitanus II<sup>2</sup>/2: El litoral de Olisipo a Collippo y de la desembocadura del Tajo hasta Sellium* (PID2019-107905GB-I00) – no qual a colaboração científica livre de fronteiras artificiais entre colegas e instituições portuguesas e espanholas nos permite difundir à comunidade a investigação de novos talentos, que sai à luz do dia este trabalho de Ricardo Campos, um autor formado pela atmosfera epigráfica que envolve as paredes do lapidário mágico de Odrinhas, onde, durante anos, pôde desfrutar do privilégio do contacto direto com as inscrições e do magistério do Dr. José Cardim Ribeiro, um grande sábio na prática, um grande lírico na alma, a quem o autor dedica, merecidamente, a sua obra.

O livro apresenta o estudo de um dos conjuntos de *cupae* mais singulares da Península Ibérica, que se individualiza dos outros, quer pela sua concentração nesta área marítima e portuária do *conventus Scallabitanus*, quer pela sua datação antiga em comparação com o resto que se conhece. Em *Felicitas Iulia Olisipo*, as *cupae* parecem ter sido os monumentos preferidos pelos seus habitantes, juntamente com as estelas de topo arredondado – estas em menor número –, para os seus *tituli* funerários, nos momentos de expansão do *epigraphic habit* entre os habitantes, a partir do segundo quartel do s. I.

Além da relevância no contexto Peninsular, esta obra vem também permitir o estudo comparativo deste conjunto com os que se conhecem em outras áreas geográficas, tornando-se uma referência, que se inscreve na investigação internacional que se tem desenvolvido sobre estes monumentos funerários.

É de grande mérito a primeira parte da obra, na qual o Ricardo nos introduz no universo das *cupae*, oferecendo muita informação significativa, que, organizada com rigor, proporciona ao investigador um instrumento utilíssimo e uma sólida base de comparação. Ao mesmo tempo, permite-lhe uma análise profunda do significado deste monumento e uma discussão de alto nível sobre a problemática em torno da origem e modelos das *cupae* olisiponenses e sua evolução. O *corpus*, com 108 *cupae* e 11 blocos inferiores, constitui a segunda parte da obra, sendo um instrumento indispensável para entender melhor a dinâmica social de *Olisipo* e a interação entre o mundo dos vivos e dos mortos.

Em suma, o leitor tem aqui uma obra sólida, de um enorme valor, bem estruturada, um esplêndido volume de referência, desde logo indispensável para todos os que se interessam pelas *cupae* e pelos habitantes que as erigiram para o seu descanso eterno

em *Olisipo*, enquanto um incessante rumor vinha do mar, da caverna de Tritão, quando este soprava na sua concha (Plin. *NH* 9, 4, 9).

Catarina Gaspar – Helena Gimeno Pascual

Lisboa – Madrid, no dia de S. Jorge, 23 de abril de 2022

## PREFÁCIO

Quem, como Ricardo Campos, frequenta diariamente estes lugares e olha numa perspectiva histórica este *finis terrarum* e a imensidade do Oceano que à sua frente se abre, não deixa de perceber, de forma especial, o carácter muito peculiar com que se encarava, na antiguidade romana, este território de confim, marcado pelo promontório Olisiponense. A sua carga simbólica, lapidarmente representada no santuário do Alto da Vigia, repercutia afinal uma visão do mundo que se compaginava bem com a profunda romanidade que marcou esta região e a sua comunidade cívica. A circunstância de esta ter recebido precocemente o estatuto de *municipium ciuium Romanorum* ajusta-se bem à dimensão que essa integração cultural evidencia nas suas manifestações epigráficas, ainda que estas denunciem naturalmente alguns interessantes laivos de originalidade, como os que se explanam de forma exemplar nas suas *cupae*, aqui objecto de acurada atenção.

Recordo, desde as primeiras conversas com colegas que lidavam mais de perto com a epigrafia deste território, a ideia persistente de que o tópico das *cupae* especialmente presentes no *ager Olisiponensis*, pela sua abundância e originalidade, constituía um tema que importaria tratar aprofundadamente. É, por isso, com um enorme contentamento que vejo a publicação desta obra de Ricardo Campos, um trabalho que dá cumprimento a esse desiderato. Satisfaz-se, pois, de forma exemplar, este propósito, depois de muitos anos de empenho do seu autor no estudo destes monumentos tão peculiares como o calcário de lioz de que são geralmente feitos.

Pensado inicialmente como a sua dissertação de Mestrado em Arqueologia, tive o privilégio de ver este texto ganhar corpo, apreciando a forma exaustiva e rigorosa com que Ricardo Campos o foi construindo. Aquilo que muitas vezes seria um primeiro trabalho de investigação de certo fôlego, era neste caso uma investigação amadurecida por longas reflexões. Era fácil constatar, também neste caso, que o carácter das pessoas se repercute nas suas publicações. A maturidade do seu autor, o seu olhar sereno, a sua postura calma e ponderada, o seu entusiasmo e capacidade de entrega, espelham-se de forma evidente no resultado final desta obra e em muitas das considerações que nela se explanam.

Esta publicação representa muito mais do que uma compilação e análise dos tão característicos monumentos olisiponenses, alargando o estudo aos diferentes núcleos similares, não apenas da Hispânia, mas de todo o mundo romano, dando uma perspectiva globalizante à análise destes materiais. Por isso, este contributo não deixará de sobressair no panorama dos estudos epigráficos e de servir de referência aos que se envolvem nestes temas específicos.

Foi fácil, deste modo, entusiasmar os Directores de dois centros de investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o Prof. Carlos Fabião, do Centro de Arqueologia (UNIARQ) e o Prof. Rodrigo Furtado, do Centro de Estudos Clássicos, em incluírem esta obra no elenco das suas publicações, associando duas entidades da instituição em que se tinha desenvolvido esta investigação académica. O empenho, a generosidade e a atenção da Doutora Helena Gimeno (Centro CIL II, Universidad de Alcalá) permitiram alargar o elenco de entidades que se envolvem nesta edição, oferecendo-se a oportunidade de se incluir este trabalho nesta coleção das Onoba Monografias, do Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva. Foi para mim motivo de especial satisfação ver reunidas todas estas entidades na edição deste livro. Não o vejo apenas como o reconhecimento da qualidade de um trabalho, mas como um apreço pelo seu autor e pela sua postura exemplar, séria, modesta e geradora de consensos.

Amílcar Guerra

Lisboa, 21 de abril de 2022

## AGRADECIMENTOS

Ao longo dos já numerosos anos em que fui elaborando este trabalho contei com o apoio e a ajuda de muitos colegas e amigos. Devo-lhes os meus agradecimentos, e não quero deixar de mencionar algumas pessoas em particular.

Uma palavra muito especial de apreço para o Professor Amílcar Guerra, que desde o primeiro ano do curso de Arqueologia e História demonstrou ser um mestre sempre disponível e incansável, sendo a ele que devo os primeiros vislumbres sérios da História de Roma e da Grécia e o início de um caminho que não sabia ainda, então, que iria percorrer. Agradeço-lhe os extraordinários apoio e encorajamento durante a preparação desta obra, e a sua doura orientação.

Agradeço, com o maior reconhecimento, à Dra. Helena Gimeno Pascual, directora do Centro CIL II – UAH, que tão activa e rapidamente se moveu para que a publicação deste livro fosse uma realidade. Agradeço as suas observações e sugestões, e todo o seu precioso auxílio e a sua simpatia.

Agradeço à minha família por todo o apoio, que foi verdadeiramente essencial em diversas fases. Agradeço especialmente à Sandra, que partilha comigo a existência por entre pedras romanas e que tive a imensa sorte de encontrar, aos meus pais, Manuel Martins de Campos e Cristina Patrício, ao meu padrinho, Duarte Frazão Vieira, perseverante encorajador, à minha tia Isabel Patrício, que foi de um inextinguível amparo em momentos menos prósperos.

Agradeço ao Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sobretudo à Professora Catarina Gaspar, sempre extraordinariamente prestimosa e cordial, ao Professor Rodrigo Furtado, à Professora Maria Manuela Alves Dias, à Ana Matafome e à Professora Cristina Pimentel. Agradeço igualmente ao Professor Carlos Fabião e à UNIARQ. E também a todos os demais Professores da Faculdade que me guiaram ao longo do meu já longínquo curso de Arqueologia e História.

Agradeço aos meus colegas e ex-colegas do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas e do núcleo de Arqueologia da Câmara Municipal de Sintra; no que concerne mais directamente este trabalho agradeço particularmente à Lisete Antunes pela prodigiosa ajuda com a bibliografia e outras revisões, ao Alexandre Gonçalves pelas muitas trocas de impressões e conselhos – e pelos já longos e inesquecíveis anos de escavações, sobretudo no ímpar Alto da Vigia –, à Teresa Simões pelos conselhos, informações e pela ajuda fotográfica, à Marta Ribeiro pelo grande encorajamento e disponibilidade, ao João Luís Pedro pelo companheirismo nas viagens para ver pedras e para tantas vezes deslocá-las a músculo, ao Pedro Mendes pelas informações prestadas.

Agradeço ao Professor Javier Andreu Pintado, que me acolheu calorosamente no *I Coloquio de Arqueología e Historia Antigua de Los Bañales*, estando nesse evento a génese deste trabalho. Agradeço também ao Professor José d'Encarnação, companheiro de viagem, sempre bem-disposto e pronto a partilhar a sua sabedoria. Agradeço igualmente aos demais intervenientes no colóquio, cuja simpatia e cordialidade foram generalizadas e constantes.

Agradeço a disponibilidade e prestabilidade de diversas pessoas que me facilitaram o acesso a alguns monumentos indispensáveis a este trabalho e/ou informação a eles relativa. São os casos de João Pimenta do Museu Municipal de Vila Franca de Xira e Anabela Ferreira, do Núcleo de Alverca; Gisela Encarnação e Vanessa Dias, do Núcleo Museográfico da Amadora; Régis Barbosa; Ana Caessa, da Câmara Municipal de Lisboa; António Carvalho, Director do Museu Nacional de Arqueologia (agradecimento que estendo aos demais colaboradores do Museu, sobretudo Paulo Alves, Ana Isabel Santos e Maria do Carmo Vale); Marta Miranda, da Câmara Municipal de Mafra, e Carlos Maneira e Costa (com quem fui ao campo ver *cupae* recém-descobertas); Raul Losada, da página Portugal Romano; Jorge Feio, da Câmara Municipal de Beja; Artur Oliveira, da Câmara Municipal de São João da Pesqueira; José Morais Arnaud, Director do Museu Arqueológico do Carmo; Severino Rodrigues, do Museu dos Condes de Castro Guimarães; Andreia Seita, da Junta de Freguesia de Vila Verde de Ficalho; Ana Sofia Antunes, da Câmara Municipal de Serpa; Isabel de Luna, do Museu Municipal Leonel Trindade; Lídia Fernandes, do Museu de Lisboa – Teatro Romano; António Marques, do Centro de Arqueologia de Lisboa.

Um especial agradecimento a diversos investigadores com quem reflecti e que me facultaram informação essencial. São os casos de Rodrigo Banha da Silva, Patrícia Brum, Veronica Iacomí, Eleonora Romanò, Charlotte Tupman, Lea Stirling, Donatella Salvi. Agradeço também a todos os intervenientes no projecto Lisboa Romana, meritória iniciativa com o cunho da Câmara Municipal de Lisboa, que aproximou investigadores e permitiu a publicação de uma obra em oito volumes doravante de grande importância para o conhecimento da história de *Felicitas Iulia Olisipo*.

Agradeço, sempre, aos bons amigos que me acompanharam e continuarão a acompanhar ao longo da vida.

Este trabalho é dedicado ao Dr. José Cardim Ribeiro, a quem devo o maior reconhecimento, os maiores agradecimentos e a maior homenagem.

# 1

---

Uma tipologia funerária romana

---



## 1. INTRODUÇÃO

O estudo ora apresentado pretende analisar uma tipologia funerária romana que será, no território de *Olisipo*, ainda mais que a estela de topo arredondado, o mais expressivo modelo de sepultura em pedra, assumindo uma dimensão passível de ser considerada monumental. Trata-se da *cupa*, uma cobertura sepulcral aproximadamente semicilíndrica que, no caso olisiponense, adopta uma forma particular, com algumas características muito próprias.

A génese deste estudo decorre da vontade de aprofundar uma comunicação apresentada pelo signatário (e publicada em Campos, 2012) aquando do *I Coloquio de Arqueología e Historia Antigua de Los Bañales*, dedicado ao tema “*Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología*”, que teve lugar entre 16 e 18 de Abril de 2010 em Uncastillo, Saragoça.

Os dois objectivos principais serão, o primeiro, apresentar uma visão compreensiva do conjunto das *cupae* líticas olisiponenses, muitas das quais não publicadas até à data, e o segundo – consequente da contextualização do primeiro –, contribuir também para o debate sobre esta morfologia sepulcral na sua acepção mais lata, tentando expor de algum modo o extenso e complexo cenário desta tipologia na totalidade do Império Romano.

Para tal, e como abordagem metodológica, optou-se por proceder à observação directa da quase totalidade dos exemplares olisiponenses, excepto alguns que ou se encontram desaparecidos ou aos quais o acesso não foi possível (pouquíssimos exemplares num caso e no outro). Ao mesmo tempo, analisar a principal bibliografia relativa ao tema, começando com os raros estudos iniciais que foram sendo publicados nas décadas de 60 a 80 do séc. XX e continuando com o cada vez mais numeroso acervo historiográfico que, podemos dizer, culminou com a publicação, em 2012, do livro de actas do colóquio de Uncastillo, obra de referência que abre portas a trabalhos como o presente; recorreu-se ainda, na tentativa de contextualizar o melhor possível estes monumentos, a publicações sobre realidades locais, sobretudo no âmbito da Península Ibérica, norte de África e Sardenha. Complementarmente, houve que recorrer ao contacto directo com investigadores, da Europa e fora dela, que se dedicam ao estudo deste tema e outros afins. Os resultados desta nossa pesquisa devem-se também ao seu atencioso contributo.

Quanto a este último ponto, as actuais tecnologias permitem, de maneira cada vez mais fácil e imediata, estabelecer uma rede de contactos e entreajuda entre especialistas, bem como o acesso a muita bibliografia privilegiada e actualizada. Isto cria condições sem precedentes para a aceleração do processo investigativo. Um exem-

plo disto é a recente publicação das actas do congresso denominado *Cupae: Riletture e novità*, que teve lugar em Oristano, em 5 e 6 de Setembro de 2016, com novas e interessantes informações, e que foi mais um passo dado em conjunto pelos investigadores desta tipologia funerária. No caso específico das *cupae*, com um percurso de tantas incertezas e surpresas, é de prever e esperar que as novidades que irão surgindo, bem como a dinâmica troca de reflexões e hipóteses, possam ir dando frutos com renovado vigor.

Quanto à organização do presente estudo, optou-se por principiar com uma tentativa de definição da tipologia em análise, procurando evidenciar as complexidades que revestem a questão. Após um enquadramento geral da distribuição geográfica do fenómeno, avançou-se para um aprofundamento dos três principais pólos de concentração destes monumentos no Império Romano, nomeadamente a Península Ibérica, a Península Itálica e o norte de África. Em seguida, abordou-se esta tipologia monumental de forma alargada, focando questões e dificuldades que evidenciam os desequilíbrios na investigação das realidades locais e a necessidade do cruzamento dos dados de um universo vasto. Afloraram-se aspectos relacionados com as possíveis origens e significados destes monumentos, tentando não perder de vista a cautela necessária a uma problemática que carece, em grande medida, de detalhes sólidos – continuamos sempre a querer perceber um grande quebra-cabeças tendo muito poucas peças nas mãos. Criada esta perspectiva, seguiu-se objectivamente o estudo das *cupae* de *Olisipo* em particular, procurando-se analisar em detalhe as suas diferentes características, algumas das quais muito próprias. Reflectiu-se então, dentro das limitações da informação disponível, quanto a possíveis ligações a realidades externas, levando em conta as acepções historiográficas que se foram estabelecendo. Finalmente, após algumas considerações de síntese, incluiu-se um *corpus*<sup>1</sup> das *cupae* líticas do *municipium Olisiponense*, tão exaustivo quanto possível, que se julga poder vir a ser um contributo válido para o estudo da epigrafia romana da *Hispania*. A inclusão e análise de diversos monumentos inéditos, bem como a revisão de alguns textos, foram facilitadas pelo facto de se tratar aqui um universo que, afortunadamente, conta com número considerável de monumentos actualmente existentes e directamente observáveis.

## 2. PROBLEMAS DE DEFINIÇÃO

### 2.1. A CUPA, O SEU ESPAÇO E O SEU TEMPO

O Império Romano corresponde a uma entidade que encerra em si mesma vastidão de tempo e de espaço, tendo perdurado cerca de cinco séculos e estendendo-se desde os confins ocidentais da Europa e territórios africanos próximos até ao Médio Oriente (chegando mesmo ao Golfo Pérsico e ao Mar Cáspio sob Trajano). Englobou, pois, na Romanidade, populações de origens muito diferentes, que mantiveram (e criaram), mesmo sob a *Pax Romana*, alguns marcadores identitários culturais pró-

<sup>1</sup> Quando no texto desta obra surgem entre parênteses referências a monumentos com o formato (-/---), estas remetem para o *corpus* que constitui a parte II. Exemplo: “A *cupa* da ermida de São Romão (1/002) é certamente a melhor ilustração desta realidade.”

prios. Um dos exemplos a que podemos recorrer em ilustração das expressões locais sob a égide do Império é o das manifestações funerárias, sobretudo monumentais.

Um território político tão complexo e diversificado, de tão extensos espaço e diacronia, compreendia naturalmente povos muito heterodoxos mas também enormes clivagens sociais que se reflectiam nas práticas funerárias. Surgem, pois, desde os mais sumptuosos mausoléus, verdadeiros palácios para a vida *post mortem*, até às sepulturas mais humildes e singelas, em que o corpo inumado era depositado sem protecção ou com uma mera cobertura de *tegulae* ou, sendo cremado, em que se recorria por vezes a urnas de improvisado para as cinzas<sup>2</sup>. Acresce a variedade trazida pelas manifestações funerárias locais, de condicionantes diversas, além de repertórios de opções cuja escolha poderia depender apenas do gosto pessoal. Se tomarmos como exemplo o *municipium Olisiponense* em período alto-imperial, constatamos que pessoas de comparáveis recursos e condições sociais adoptavam tipos de sepultura diferentes para os seus mortos. Além das *cupae*, encontramos, pois, em pedra, cipos prismáticos, monumentos funerários em forma de ara e estelas de topo arredondado, além de outras formas menos correntes (Campos, 2019).

Poderemos definir genericamente a *cupa* como uma tampa de sepultura, cuja função era sinalizá-la e/ou protegê-la, e cuja forma corresponde mais ou menos aproximadamente à de meio cilindro (Andreu Pintado, 2008, p. 10). Apesar das muitas variações utilizadas na historiografia, e que se mantêm até ao presente, podemos dizer que as *cupae* são geralmente subdivididas em *structiles*, construídas em tijolos e/ou pedras e argamassa, e *solidae*, esculpidas em pedra. Para lá disto, a variedade é grande.

O fértil debate proporcionado pelo colóquio de Uncastillo evidenciou fortemente a complexidade das expressões funerárias locais: de facto, a utilização do tipo de monumentos que podemos designar por *cupa* não só tem uma difusão desigual no Império, concentrando-se intensamente na Península Ibérica e, sobretudo, no norte de África, como o próprio cenário hispânico revela ocorrências muito diversificadas e polarizadas. Aqui, cada grupo local é quase um caso específico em si mesmo, havendo uma grande diversidade nos distintos parâmetros, entre os quais: material de construção, dimensões, rito fúnebre, ritual póstumo, decoração, cronologia, e mesmo na realidade de que o monumento poderá ser representação (a sua origem simbólica).

Hoje constatamos que, no Império, como na Península Ibérica em particular, o panorama da difusão da tipologia é mais rico e mais abrangente do que se poderia julgar até recentemente (Andreu Pintado, 2012, p. 479-480). Deverá, portanto, procurar-se um equilíbrio entre a pesquisa de cada um dos núcleos localizados, com as suas características e dinâmicas próprias, e a visão de conjunto, uma vez que as novas ocorrências registadas, nomeadamente hispânicas, expõem percursos diacrónicos e inter-relações cuja decifração deverá ser um dos objectivos da investigação futura. Se por um lado é necessário estudar e compreender cada um dos conjuntos de *cupae* dentro do seu contexto específico, em vez de os encarar como manifestações

<sup>2</sup> Prieur, 1986, p. 64; veja-se por exemplo em Nolen, 2002, o caso de uma urna cinerária de Aljustrel adaptada de um púcaro de cerâmica comum que perdeu as asas antes de se esgrafitar um sumário epitáfio.

de um único e extenso fenómeno (Tupman, 2011, p. 304, 324-325; Tupman, 2012, p. 4), é igualmente necessário estabelecer, tanto quanto possível, as ligações entre estes conjuntos, incluindo os exemplares mais esporádicos e isolados.

Os principais locais de utilização destes monumentos (Bacchielli, 1986, p. 303; Romanò, 2009) serão sem dúvida o norte de África – compreendendo *Mauretania Caesariensis*, *Mauretania Tingitana*, *Numidia*, *Africa Proconsularis* e regiões costeiras da *Tripolitania* (Stirling, 2007, p. 118-119; veja-se um apanhado de localidades africanas com *cupae* em Romanò, 2009, p. 153-154 e nota 23 e uma recolha sobretudo onomástica em Mayer, 2018b, p. 70-76); a Península Ibérica (a publicação de referência para as *cupae* da Península Ibérica é actualmente o livro de actas do colóquio de Uncastillo atrás referido); e a Itália meridional, incluindo a *Sardinia* (veja-se as zonas da Itália com presença de *cupae* em Romanò, 2009, p. 150-153 e 188-192). Surgem porém diversas ocorrências dispersas fora destes espaços.

Em zonas mais setentrionais da Itália existem, por exemplo, as *cupae* de Ostia, nas necrópoles de Isola Sacra e da Via Laurentina; as de Roma propriamente dita, mais exactamente no Vaticano, na *Via Triumphalis*; e um outro núcleo em *Castra Albana*, perto de Roma, na necrópole da *Legio II Parthica*, pertencente a militares e seus familiares, e cuja cronologia estará centrada na terceira década do séc. III d. C. (Bacchielli, 1986, p. 304; Romanò, 2009, p. 150 e 170; Romanò, 2018; Stefani, 1986, p. 153).

São conhecidas também *cupae* na *Cilicia*<sup>3</sup>, na *Dacia*<sup>4</sup>, na *Moesia*<sup>5</sup>, na *Gallia Belgica*<sup>6</sup>, um exemplar na *Gallia Narbonensis*<sup>7</sup>, outro na *Pamphylia* (Equini Schneider, 2003, p. 459), outro na ilha grega de Samos (Mayer, 2018b, p. 76-77), etc. – outros existem e novos irão sendo descobertos com alguma frequência. Disto é boa indicação o que tem sido a evolução dos nossos conhecimentos sobre estes monumentos na *Hispania* ao longo das últimas décadas.

Há, todavia, áreas do império em que a ocorrência de *cupae* é rara ou mesmo actualmente desconhecida (Mayer, 2018b, p. 76-77). Muitas vezes as ocorrências esporádicas corresponderão a preferências pessoais de indivíduos (porventura *ex testamento*), na maioria dos casos certamente imigrantes, e não a usos generalizados

3 Em *Elaiussa Sebaste e Kanytelleis* – vide 2.1; 6.1; 7.2.2.

4 Em *Apulum e Drobeta*: Berciu e Wolski, 1970 – sobre *Drobeta* ver p. 928, 940, 957-958 e fig. 19; verificam-se aqui diversas ocorrências, aparentemente do séc. III d. C., com objectos de fabrico oriental no espólio funerário.

5 Em *Pautalia / Kyustendil, Almus / Lom e Philippopolis / Plovdiv*: Berciu e Wolski, 1970, p. 938-940, 955-957 e figs. 17 e 18; aparentemente terão uma cronologia centrada no séc. II d. C., pelo que os autores põem a hipótese de que façam também parte da corrente orientalizante que anteriormente mencionam; sobre as *cupae* da *Dacia*, *Moesia* e *Pannonia* referidas por Berciu e Wolski ler Romanò, 2009, p. 155-156 e nota 26; outro exemplar em *Viminacium*: Anđelković, 2012, p. 1-2 e fig. 2.

6 Sobre um dos quais, *CIL* XIII 4199; Baratta, 2006, p. 1671, fig. 3; Espérandieu, 1915, p. 432, n.º 5260; Romanò, 2009, p. 155 e nota 25; trata-se de uma *cupa* de grés encontrada nas proximidades de Föhren, perto de *Augusta Treuerorum*, actual Trier, capital da *Gallia Belgica*, pertencente a uma criança escrava, cuja forma e decoração remetem para certas *cupae* líticas norte-africanas: compare-se a ilustração em Espérandieu ou a foto em Binsfeld, 2011, p. 14 com as *cupae* de *Lambaesis* e *Thamugadi* em Bacchielli, 1986, tavola I; sobre outros exemplares do mesmo local, ver 7.2.2.

7 Berciu e Wolski, 1970, p. 938, e 1973, p. 376, atribuem influência hispânica a esta *cupa* de *Tauroentum*, como também Romanò, 2009, p. 155 e nota 25.

das comunidades em que se encontram (Romanò, 2009, p. 160; como exemplo, a *cupa structilis* e o sarcófago a ela associado em *Apulum* tinham ambos *infundibulum* – canal libatório –, em claro contraste com os restantes monumentos funerários da *Dacia*: Berciu e Wolski, 1973, p. 370). Isto também poderá ajudar a explicar *cupae* atípicas e singulares em locais onde escapam às tipologias correntes. Tais poderão ser, na Península Ibérica, os casos da *cupa* lítica de *Castulo*, ou da *cupa* de *Publius Aelius Ianuarius* em *Conimbriga* (*uide* 3.; 6.1.).



Fig. 1. *Cupa alentejana* (Cardim Ribeiro, 2002, p. 536, n.º 269).

Cronologicamente, se as primeiras *cupae* datarão dos alvares da era, algumas talvez de datação ainda republicana, e as últimas atingirão os séculos VII e VIII, já em contextos muito diferentes, o período por excelência da grande popularidade desta tipologia funerária são os séculos II e III d. C.. Algumas *cupae* são bastante tardias (sobretudo *cupae structiles*, uma vez que as líticas praticamente desaparecem após o séc. III d. C.<sup>8</sup>), e muitas destas, provável ou explicitamente, são já paleocristãs. A utilização desta tipologia funerária após a queda do Império verifica-se em diversos locais (tal deverá ser o caso da *cupa* de *Tricciana*, na *Pannonia*, mencionada por Berciu e Wolski, 1970, p. 942 e fig. 20; nas p. 942 e 943 referem outras paleocristãs na Hungria, na Suíça e em Espanha; outros exemplos são os das *cupae* das necrópoles publicadas em Papparella, 2009, n.ºs 23, 29, 60; ver também Bacchielli, 1986, p. 319, nota 66) e algumas têm mesmo inscrições já claramente cristãs (Cabrol e Leclercq, 1948, p. 3191, col. 1; Gsell, 1901, vol. II, p. 404; Romanò, 2008, em que considera as de Tropea as mais tardias conhecidas; em *Tipasa* surgem *cupae* com cristogramas: Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, 2012, p. 98-99; ver também Stirling, 2007, p. 121-122).

## 2.2. OS PROBLEMAS DE TERMINOLOGIA

Coloca-se assim a questão: havendo tanta variedade, o que há de comum para que todos estes monumentos sejam agrupados sob uma mesma designação?

*Cupa* é o termo latino que designa barril (Ernout e Meillet, 1985, p. 158, col. 1; de Vaan, 2008, p. 155; veja-se Tupman, 2012, p. 5, nota 5, para referências em fontes literárias clássicas). Existem sepulturas cujas coberturas são autênticas reproduções em pedra de barris de madeira, bojudas e mesmo com o detalhe da representação

<sup>8</sup> Veja-se, porém, em Vitale, 2012, p. 91 ssq., algumas *cupae* líticas cristãs de *Sabratha* datáveis dos séculos V-VI. E também um pequeno monumento em calcário encontrado em Faro, datável dos séculos III-IV, classificável como *cupa* (IRCP 17).



Fig. 2. Via sepulcral de Barcelona.

dos aros de metal (fig. 1), no sul da província da *Lusitania*, actual Alentejo<sup>9</sup>. Estas constituem um fenómeno local de utilização muito restrita que não surge em qualquer outra região do Império excepto na Sardenha (ao que voltaremos). Se há monumentos que poderemos designar *cupae* serão naturalmente estes. Porém, já em época Romana o termo era também usado como denominação de sepulturas de cobertura mais ou menos semicilíndrica, talhadas num bloco de pedra ou construídas em tijolo e/ou pedras e argamassa, notavelmente diferentes das representações realistas de barris. Para algumas talvez se pudesse pensar numa adaptação mais esquemática ou estilizada do conceito – as do Algarve ou as de *Augusta Emerita*, por exemplo –, mas outras afastam-se muito da forma de barril estritamente dita (Étienne e Mayet, 2000, p. 23-24, fazem mesmo a distinção entre a *cupa*-barril e a *cupa* semicilíndrica). Se observarmos em Barcelona as *cupae* de pedra lado a lado com as *cupae structiles* locais, contemporâneas mas muito diferentes entre si (fig. 2), poderemos constatar que só com um certo esforço da imaginação tanto umas como outras nos trarão barris à mente (também em África surgem *cupae* líticas e *structiles* no mesmo espaço funerário; na Itália tal ainda não se verificou: Romanò, 2008, nota 6; Romanò, 2009, p. 158, nota 39). Além disto, as formas realistas surgem só, aparentemente, no séc. II d. C., pelo que não serão elas as originais. É muito possível que diversos grupos te-

<sup>9</sup> Um exemplar – EO 120; IRCP 105 – encontrado em Lisboa terá certamente para aí sido levado em data incerta, provavelmente a partir da região de Mértola; encontra-se actualmente no Museu Nacional de Arqueologia, com a referência MNA/E-4225A.

nham origens e significados diferentes, possuindo determinadas tipologias conexões estreitas com ocorrências distantes, e concretizando outras, mesmo que muito próximas geograficamente, ideias e linguagens várias.

O facto de todos estes monumentos terem hoje uma mesma designação, “*cupa*”, justifica-se por, aparentemente, já assim terem sido denominados no seu tempo de origem, como podemos constatar através de vários testemunhos epigráficos (sendo em África utilizado sobretudo o diminutivo *cupula*: Ruggiero, 1961, p. 1320-1321). Vejamos alguns exemplos (começando com um de Roma, *CIL* VI 12202):

*D(iis) M(anibus) / D(ecimus) Apuleius Ionicus / fecit Eutythiae / sorori suae et Eutytheti / filio eius in hac cupa / mater et filius positi sunt*

«Aos deuses Manes. *Decimus Apuleius Ionicus* fez a *Eutythia*, sua irmã, e a seu filho *Eutythetis*; nesta *cupa* mãe e filho estão colocados.»

A seguinte inscrição está numa *cupa* de pedra de Barcelona datada de finais do séc. II d. C. (*CIL* II 6178; *ILER* 3526; *IRB* 215; Beltrán de Heredia, 2007, p. 15 e fig. 7; os monumentos africanos em que vemos a versão diminutiva *cupula* começarão a surgir em momento muito próximo: Bonneville, 1981, p. 6-7):

*D(iis) [M](anibus) / Valerio Melippo / Caelia Quar/tula fecit pat/ri cupa(m) bene/mer(enti) et Caelia / Saturnina / uxor m(arito) o(ptimo)*

«Aos deuses Manes. A *Valerius Melippus*. *Caelia Quartula* fez esta *cupa* ao pai bem merecedor, e *Caelia Saturnina*, a esposa, ao marido excelente.»

Um outro exemplo, desta vez de uma *cupa* de tijolo e argamassa de Roma (*CIL* VI 25144; Cabrol e Leclercq, 1948, p. 3191, col. 1):

*D(iis) M(anibus) / Olus Puplicius Polyti/mus tutor Titi Flau(i) A/gathangeli pupilli sui matri / Sexctae Fortunatae defu/nctae locum emit mas[sam] / calcauit cupam (a)edificauit de [bon]/is eius omnibus consummat(is) X (= denariis) CC[XXV] cur(auit) / fac(iendum)*

«Aos deuses Manes. *Olus Puplicius Polytimus*, tutor de *Titus Flavius Agathangelus*, mandou fazer, à defunta mãe do seu pupilo, *Sexcta Fortunata*. Comprou o talhão (= o lugar), calcou a massa (e) edificou a *cupa*, tendo sido gastos, de todos os seus bens, 225 denários.»

E outro do Museu do Vaticano (*CIL* VI 13236; *IGUR* II 423; Solin, 1982, p. 151):

*M(arcus) Aurelius Sostr/atianus Stratoni(cea?)<sup>10</sup> / fecit Fabiae Laetae / co(n)iugi sanctissimae / feminae cupulam / structilem qua/e uixit annis / XXXVIII / χαίρεται · ΤΑΥΤΑ*

<sup>10</sup> *Stratonicea* é desenvolvimento de Mommsen, de acordo com o *CIL*, e poderá aludir a uma de várias cidades helénicas com este nome nos territórios das actuais Grécia e Turquia; poderá assim ser uma referência à *origo* do dedicante – daqui *Stratoni(censis)*. *Stratonice* era *cognomen* feminino conhecido: Solin, 1982, p. 146-147.

«*Marcus Aurelius Sostratianus Stratonicea* (?) fez esta *cupula* construída a *Fabia Laeta*, sua esposa, mulher santíssima, que viveu 34 anos. Salve! Eis o destino humano.»<sup>11</sup>

Há mais referências a epígrafes na Itália explicitamente pertencentes a *cupae* ou que as mencionam (por exemplo *CIL* VI 14017; 16837; 16857; 39094a; veja-se ainda a lista de testemunhos epigráficos em Roma, Barcelona e África publicada em Stefani, 1986, p. 116, nota 7). E há mesmo uma inscrição de *Italica* que parece revelar um *collegium funeraticium* que teria mandado fazer doze *cupae* (Caballos Rufino, 2012, p. 293-296; Mayer, 2018b, p. 58).

Deste modo, e estabelecendo que já em época romana o nome era aplicado a tipos de monumentos funerários que em comum entre si tinham apenas o facto de serem coberturas aproximadamente semicilíndricas, mais se legitima que o façamos hoje em dia. Há que não perder, todavia, a noção de que se trata de um termo genérico que reveste uma grande heterogeneidade e que agrupa monumentos que poderão ter muito pouco a ver uns com os outros, não apenas nas questões das variantes formais, decoração, construção, e outras, mas inclusivamente na sua origem e na sua simbologia subjacente. Contudo, todos eram túmulos, e uma *cupa* da Sardenha (*CIL* X 7868) tem a seguinte inscrição:

*D(iis) M(anibus) / Asinarius / uixit an(nis) XII / f(ecit) pater tu/mulum filio suo*

“Aos deuses Manes. *Asinarius*, viveu 12 anos. O pai fez o túmulo ao seu filho.”

Bacchielli (1986, p. 309) crê que a presença do termo *tumulus* em epígrafes de *cupae* estará relacionada com a origem que propõe para este tipo de monumento funerário, que será a mesma do dito termo: um monte de terra que cobre um defunto. Porém, será mais provável que neste caso se trate meramente de um sinónimo de sepultura, local de descanso final. O termo não surge apenas em *cupae*, como por exemplo demonstra o monumento funerário em forma de ara de *Lucius Iulius Aptus* proveniente de Mértola (*HEp* 2, 1990, 756, p. 220; *ILER* 5814; *IRCP* 98; Corell Vincent, 1988, p. 141-151). A hipótese do monte de terra funerário como origem da *cupa* é também posta por Ruiz Osuna (2009, p. 423 e 444, com base em Bacchielli). Outras *cupae* sardas (bem como algumas africanas: Stirling, 2007, p. 113) apresentam o termo *tumulus* na sua epigrafia (*CIL* X 7816, 7833, 7840, 7843). Várias destas inscrições têm uma datação relativamente tardia, o que também poderá retirar alguma solidez à proposta de Bacchielli.

Igualmente túmulos não deixarão de ser quaisquer *cupae* que possam eventualmente classificar-se como cenotáfios, como poderá ter acontecido no caso de algumas de *Barcino* (Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, 2012, p. 97), embora estas possam ser na realidade sepulturas de incineração (Beltrán de Heredia, 2007, p. 19). A expressão *cupula superstes rog[i]*, de uma *cupa* africana, de *Caesarea*, foi interpretada em Cabrol e Leclercq (1948, p. 3190, col. 2) como indicando que o monumen-

11 A propósito da tradução da fórmula final em grego leia-se a bibliografia e respectivos comentários acerca de uma árula funerária encontrada perto de Tavira: *CIL* II 5171; Almeida e Ferreira, 1967, p. 57, alínea a, e 58, alínea f; Dias, Gaspar e Mota, 2001, p. 23-26, n.º 4; Lambrino, 1962, p. 297-298, n.º 29; Cardim Ribeiro, 2002, p. 529-530, n.º 260; Hoz, 2014, p. 354-357, n.º 344.

to “*ne contient pas le corps du défunt, mais qu’il est destiné seulement à en rappeler le souvenir.*” Ao invés, esta expressão deverá antes definir o monumento como um *bustum*, referindo-se *rogus* à pira funerária (Ben Abed e Griesheimer, 2001, p. 591 – observações de Serge Lancel; Stirling, 2007, p. 125). A inscrição (aparentemente a mesma de Cabrol e LeClercq) está transcrita no *CIL* (VIII, 9392) como *cupulam superstitem rogus eius*, dedicada *ob memoriam mariti sui* por *Celia Monnata*. Também Lassère (1973, p. 12) refere *cupae* enquanto cenotáfios.

O termo “*cupula*” ocorre em dezenas de inscrições em África (sempre em monumentos de pedra, havendo trinta e uma ocorrências segundo Stirling, 2007, p. 111-113) e duas vezes na Itália (em *CIL* VI 2734 – uma *tabula marmorea* datável do séc. III d. C. com o epitáfio de uma mulher oriunda da *Thracia* – e *CIL* VI 13236, atrás transcrita), não se verificando, no entanto, na *Hispania*. Contudo, “*cupa*” não está ausente de África, surgindo em duas inscrições (*CIL* VIII 12593, de Cartago<sup>12</sup>, e *CIL* VIII 21886, de Ksar Farâun, *Volubilis, Mauretania Tingitana*).

Mais recentemente, Mayer (2018a, p. 26-27) apresentou uma proposta de origem lícia do termo *cupa*, que originalmente poderia ter designado cavidade na rocha e que, ao longo do tempo, teria tomado o significado mais alargado de sepulcro.

No *I Coloquio de Arqueología e Historia Antigua de Los Bañales* houve concordância geral na adopção do termo *cupa* para designar genericamente, por questões práticas, todos os monumentos funerários romanos de forma aproximadamente semicilíndrica. A discussão não estará, talvez, totalmente encerrada, sobretudo no que concerne variantes mais distintas ou marginais. As *cupae* líticas de Lisboa, por exemplo, devido sobretudo a serem compostas por dois elementos, talvez mereçam, em rigor, uma designação própria (o que poderá ser igualmente o caso de algumas das mais atípicas presentes em outras zonas), ficando em mente o termo “arciforme” (defendido em Cardim Ribeiro, 1974-1977, p. 306-308, nota 34).

Como ilustração dos problemas terminológicos, na Sardenha tende-se à adopção de dois termos distintos para a realidade local (Salvi, 2011, p. 107): *cippo a botte* (“cipo em forma de barril”) para os monumentos em pedra de forma semicilíndrica, geralmente construídos em calcário duro e compacto e que assinalariam sepulturas de incineração de cronologia imperial; e *cupa* para os monumentos semicilíndricos construídos em tijolo e argamassa sobre um soco que serviriam de cobertura a sepulturas de inumação. Mas também aí parece tratar-se de uma proposta pouco sólida; leva-se em conta o epitáfio de Barcelona atrás referido que contraria tal distinção. Além disso, a variedade dos monumentos sardos é tão grande, apesar de circunscritos a um espaço relativamente exíguo, que uma tal catalogação será redutora. É de crer que um trabalho mais aprofundado de comparação entre as *cupae* da *Sardinia* e as da *Hispania* possa trazer frutos, uma vez que diversas analogias poderão ser investigadas, dadas as semelhanças formais. Adiante segue uma primeira e breve abordagem a esta problemática.

<sup>12</sup> Aparentemente *structilis*: Stirling, 2007, p. 115; parece não haver registo de *cupae* líticas em Cartago: Stefani, 1986, p. 116 e 150.

A nomenclatura contemplou ainda as *tombe a cassone*, assim chamadas por Calza (1940) em Ostia (já antes a historiografia francesa se referia ao *caisson* em África), e Berciu e Wolski (1970, p. 949), por seu lado, distinguiam entre a sepultura em abóbada e a *cupa* que, na sua aceção, era em arco ogival ou sobre-elevado. Outro problema terminológico será o da confusão entre cobertura ogival e «cobertura de duas águas arredondada» (Romanò, 2009, p. 184) que, não descrevendo exactamente a mesma forma, poderão na prática ser termos frequentemente aplicados ao mesmo monumento. Será talvez o caso de algumas *cupae structiles* que encontramos na necrópole da Plaza de la Vila de Madrid, em Barcelona, de secção aproximadamente hiperbólica, ao lado de outras de secção semicilíndrica. E a variedade de coberturas é ainda maior nos mausoléus de Ostia – dos quais as *cupae structiles* anexas parecem ser versões em ponto pequeno – em que a forma semicilíndrica é uma entre outras. Alguns destes monumentos têm paredes verticais e coberturas semicilíndricas abatidas, com uma faixa de separação saliente que lhes dá o aspecto de uma verdadeira tampa, ou telhado (tanto *cupae* como mausoléus; como exemplos, Calza, 1940, p. 58, fig. 16 e p. 78, fig. 29) – algo semelhante poderá estar presente nas *cupae* líticas de *Olisipo*, com a sua moldura lateral característica.

Na *Baetica*, Vaquerizo Gil (2010, p. 303) distingue a *cupa structilis* da abóbada de tijolo, mas admite podermos considerar a última uma variação regional da primeira, considerando mesmo que, uma vez terminados e estucados, estes monumentos não apresentariam diferenças perceptíveis entre si.

Diversos outros exemplos poderão ser apresentados quanto à problemática da terminologia e da multiplicidade de termos que acabam por se referir ao que genericamente poderemos denominar *cupae*<sup>13</sup>. Na sua tipologia proposta, López Vilar considera alguns tipos de *cupae structiles* como monumentos funerários afins das *cupae*, e não *cupae* propriamente ditas (López Vilar, 1999-2000, p. 80-87). Outros investigadores discordam desta discriminação (Ruiz Osuna, 2009, p. 307). Um dos seus critérios tem a ver com o facto de existirem *cupae structiles* construídas com pedras irregulares e argamassa e não com tijolos – tal é o caso dos grandes monumentos funerários de La Barquera (Tarragona). Será certamente mais adequado contar esta tipologia como mais uma das variantes de *cupae structiles* que existem – e que não serão poucas. A prática é na realidade bastante difundida, verificando-se por exemplo em *Barcino* e *Baelo Claudia*, ou na necrópole da Caldeira, em Tróia de Setúbal, onde existiriam *cupae structiles* feitas com pedras juntamente com outras feitas com tijolos, de acordo com os cadernos de campo de Manuel Heleno (Almeida, 2009). A *cupa structilis* que ainda hoje subsiste em Tróia é feita sobretudo de pedras (com alguns elementos cerâmicos misturados). *Cupae* recentemente descobertas na necrópole de Algezares, Murcia (Quevedo Sánchez e Ramallo Asensio, 2012, p. 128-133), são construídas com pedras informes (e tijolos à mistura) e têm claras analogias com *cupae* africanas<sup>14</sup>. Uma delas tem mesmo uma *mensa* ritual pronunciada anexa jun-

13 Ver Romanò, 2009, p. 157, e também a sua proposta de classificação, nas p. 182-188, que contempla três grupos principais, com diversos subtipos: a *cupa structilis*, a lítica, e a *cupa* em forma realista de barril.

14 Inclusivamente na construção com pedras e argamassa: Stirling, 2007, p. 116; entre diversos exemplos, vejam-se as ilustrações de secções de *cupae structiles* africanas em Bacchielli, 1986, tavola II, e Baratta, 2006, p. 1679, fig. 8; e em *Pupput* são a regra.

to ao *infundibulum* (sobre as *mensae* rituais e o seu uso para a prática da *pietas* e do banquete funerário veja-se Alarcão, 1984; Hilali, 2009; Romanò, 2009, p. 171-175). Outro exemplo, incluindo *mensa*, foi encontrado sob um antigo mosteiro em Sant Felíu de Guíxols, perto de Girona (Vivo i Llorca e Nolla i Brufau, 2009). As *cupae structiles* africanas tinham muitas vezes *mensae* (frequentemente com vestígios de fogo) que se projectavam axial ou lateralmente; ou por vezes mesmo fisicamente destacadas das *cupae* correspondentes (Ben Abed e Griesheimer, 2001, p. 584-585 e fig. 15; Stirling, 2007, p. 116-117). Frequente era também a presença do *infundibulum* ou *tubulus libatorius*, o canal destinado às libações rituais enviadas por via deste para o interior do monumento (veja-se Berciu e Wolski, 1973, que lhe atribuem origem oriental). Nas *cupae* italianas este canal só surge raramente (Berciu e Wolski, 1973, p. 371; Romanò, 2009, p. 175-176; sobre os rituais libatórios funerários veja-se Beltrán de Heredia, 2007, p. 32, 46, 48; Andreu Pintado, 2008, p. 23, nota 55; Vaquerizo Gil, 2010, p. 20). O *infundibulum* poderia ainda, em certos casos, servir para introduzir as cinzas em túmulos previamente construídos ou juntar novas cinzas, por exemplo em circunstâncias de casais com datas de falecimento díspares (Berciu e Wolski, 1973, p. 372).

Haverá casos ainda mais complexos. Nas necrópoles norte-africanas surgem sepulturas com cobertura construída em tijolo ou pedras e argamassa, que incluem uma *mensa* anexa ou rebordo circundante, e que será aceitável agrupar como variantes de uma mesma tipologia devido às suas afinidades. Porém, algumas são *cupae*, pois a cobertura é semicilíndrica, e outras não.

Em *Elaiussa Sebaste*, na *Cilícia*, que voltaremos a referir, existem algumas dezenas de *chamosoria*. São sepulcros escavados na rocha, geralmente colectivos, com aberturas rectangulares à superfície rodeadas por um bordo em relevo talhado para encaixe da tampa de pedra. Esta, geralmente de duas águas, com ou sem acrotérios angulares, conhece variantes (incluindo uma com *protome* em forma de leão, decoração que também surge num dos sarcófagos do mesmo local), entre as quais a tampa monolítica semicilíndrica (Equini Schneider, 2003, p. 454-456 e fig. 448), igualmente documentada em *chamosoria* da *Lycia*, e que, de acordo com os critérios utilizados neste estudo, terá de ser classificada como *cupa* lítica (um outro problema terminológico é que também existem tampas de sarcófagos com a mesma forma<sup>15</sup>). Se considerarmos que entre as *cupae structiles* de *Elaiussa Sebaste* se encontra o que poderíamos chamar de uma variante com cobertura de duas águas (Equini Schneider, 2003, p. 458 e fig. 455), teremos de pôr a possibilidade de que, em alguns casos locais, a forma semicilíndrica seja uma mera opção, talvez algo arbitrária, dentro de um repertório formal disponível (a cobertura em duas águas desta referida sepultura é a única razão pela qual não a podemos classificar como *cupa structilis*, mesmo que apresente outras diferenças em relação às demais, como um provável *infundibulum*). Será igualmente o caso da *cupa* lítica de *Lacipo*, Málaga (Rodríguez Oliva, 2006), que surge juntamente com duas outras tampas sepulcrais perfeitamente análogas excepto por terem cobertura de duas águas, sendo formalmente próximas das aludi-

15 Por exemplo, o sarcófago de *Claudia Ianuaria*, liberta do imperador Cláudio, encontrado em Voghenza, Itália.



Fig. 3. *Cupa* de Aeminium (fotografia cedida por J. Cardim Ribeiro).



Fig. 4. *Cupa* de Conimbriga (fotografia cedida por Teresa Simões).

das tampas de *chamosoria* orientais (até na presença desta variante). Uma vez que este monumento de *Lacipo* será datável da segunda metade do séc. I d. C., deveremos vê-lo como uma *cupa* precoce, fazendo parte de uma difusão da *cupa* enquanto novo fenómeno funerário, ou deveremos antes percebê-lo como mera variante ocasional de um outro tipo de cobertura?

Igualmente em *Augusta Emerita* se pôs a questão das *cupae structiles* e de como efectivamente defini-las face a sepulturas de tipos muito semelhantes mas que não deverão ser *stricto sensu* denominadas *cupae*. Na necrópole oriental foram encontradas, juntamente com mausoléus e outras estruturas, diversas sepulturas de incineração, com analogias tipológicas entre si, mas apenas uma das quais seria possivelmente uma *cupa* em tijolo e argamassa, sendo as outras genericamente classificadas como possíveis túmulos de tipo *mensa* (Bejarano Osorio, 1996; na sua p. 48 referem-se outras sepulturas emeritenses de outros tipos com coberturas abobadadas; ver também Nogales, Ramírez e Murciano, 2012, p. 354-355 e fig. 2 e Murciano, 2010, p. 44-45). Uma outra sepultura eme-

ritense (Barrera Antón, 1989-1990, p. 230, fig. 1.2, p. 236-238 e lám. 25, 2; Nogales, Ramírez e Murciano, 2012, p. 355-356 e fig. 3) evidencia novamente o problema terminológico, tendo uma cobertura de tijolo e argamassa em forma de cunha com degraus<sup>16</sup> que não foi originalmente considerada uma *cupa*, embora posteriormente se tenha levantado essa questão (Nogales, Ramírez e Murciano, 2012, p. 355-356). Poderemos reflectir que caso esta cobertura fosse estucada poderia talvez aproximar-se de algumas *cupae structiles* de secção ogival. Mas mesmo assim, e levando em conta as variantes atrás referidas, será defensável a não inclusão deste monumento funerário sob o termo, uma vez que fugirá demasiado ao conceito de “co-

<sup>16</sup> A bibliografia recorre por vezes a um termo erróneo que é a cobertura em forma de pirâmide, ou em pirâmide de degraus; surge também a designação de cobertura prismática, igualmente inexacta; na realidade trata-se de um pentaedro que poderá ser classificado como cunha oblíqua ou cúpula digonal.

bertura aproximadamente semicilíndrica” (este problema é também discutido em Rodríguez Gutiérrez e Rodríguez Azogue, 2003, p. 171, que focam a questão do monumento como protector e definidor de uma câmara funerária em oposição a mero sinalizador de enterramento)<sup>17</sup>. Contribuirá para esta discussão o facto de terem existido na necrópole da Caldeira, em Tróia de Setúbal, ao lado de verdadeiras *cupae structiles* e de outros monumentos funerários, sepulturas com cobertura em forma de cunha com degraus, como a 26, igualmente distante da forma semicilíndrica<sup>18</sup>. Todavia, a sepultura 37, sendo já muito próxima da forma das *cupae* desta necrópole, difere destas pelo facto de a sua superfície semicilíndrica ser formada não por tijolos dispostos em abóbada mas sim em degraus (Almeida, 2009, p. 46-47 e fig. 50) e é, esta sim, aceitavelmente classificável como *cupa*, sendo aliás de secção semelhante a algumas *cupae structiles* de *Barcino*. Outro monumento da necrópole da Caldeira é a sepultura 80 (fig. 12), uma *cupa structilis* cujo rebordo se projecta para formar uma *mensa* particularmente larga – mais um elemento evocativo das necrópoles africanas.



Fig. 5. *Cupa* de Olhão (Cardim Ribeiro, 2002, p. 532, n.º 263).



Fig. 6. *Cupa* de Olhão (Cardim Ribeiro, 2002, p. 532, n.º 264).

### 3. OS PRINCIPAIS NÚCLEOS DE CUPAE DO MUNDO ROMANO

#### 3.1. AS CUPAE NA PENÍNSULA IBÉRICA

A grande diversidade de *cupae* que encontramos na *Hispania* é evidente.

Os dois exemplares de *Aeminium* (fig. 3) lembram baús, com as quatro faces laterais planas, encontrando-se a inscrição funerária numa das largas, ocupando-a totalmente ou inserindo-se dentro de uma moldura (Encarnação, 1979b, p. 31-32; Fabre,

<sup>17</sup> Mais recentemente descobriu-se em *Augusta Emerita* uma *cupa structilis* bem conservada: Murciano, 2019, p. 268, nota 197.

<sup>18</sup> Em relação a esta forma sepulcral veja-se também as sepulturas de inumação alentejanas referidas em Vasconcellos, 1913, p. 377-379 e, sobretudo, em Sá, 1905, bem como as de incineração de *Carmo*, em Belén et al., 1986, p. 57-59 e fig. 6.



Fig. 7. *Cupa* de *Augusta Emerita*, em exposição no *Museo Nacional de Arte Romano* em Mérida.



Fig. 8. *Cupa* de *Barcino* (Julià, 1965, *planche XI*, 2).



Fig. 9. *Cupa* de *Trevões*, São João da Pesqueira.

1973, p. 124-125; Redentor, 2016, p. 67-68; Rodrigues, 1959-1960). Existe um degrau separador da cobertura semicilíndrica (como sucede com algumas africanas) nas faces largas (ou pelo menos na face onde se encontra a inscrição), partilhando o aspecto geral das *cupae* de *Olisipo* no conjunto dos dois elementos destas, superior e inferior (encaixam-se portanto particularmente bem no tipo “*paralelepípedo rematado por un semi-cilindro*”, assim definido em Balil, 1984-1988, p. 111, col. 1). Há porém na região uma exceção a esta tipologia, concretamente em *Conimbriga*; é a *cupa* de um liberto imperial de Adriano, *Publius Aelius Ianuarius*, claramente diferente (fig. 4), muito maior que as restantes e com a inscrição moldurada gravada sobre a superfície curva (Fabre, 1973; Étienne, Fabre e Lévêque, 1976, p. 53-54, n.º 26, p. 210-211 e *planche VIII*; Piel, 1947; Rodrigues, 1959-60, p. 114-115; Ruiz Osuna, 2009, p. 305; ainda, *vide* 6.1.). Esta *cupa* tem ainda um rebordo ao longo da base nos lados maiores, no que se aproxima muito das *cupae* líticas de *Olisipo*.

As *cupae* alentejanas cobririam cremações (veja-se o registo de uma que foi encontrada *in situ* em Beja: Vasconcellos, 1895c). São verdadeiras representações de barris com aros (fig. 1), em mármore ou calcário, com soco rectangular saliente, não raro com decorações nas “tampas” (tendo recentemente surgido uma – *FE* 108, 2013, 477 – com suásticas que ladeiam o campo epigráfico), sobre as quais já se adiantaram várias hipóteses, todas com fragilidades, como uma possível relação com a produção de vinho local (Bonello Lai,

1984, p. 209-210; Étienne e Mayet, 2000, p. 55; Pais, 1999, p. 251), ou com cultos Báquicos (Encarnação, 1979b, p. 32; e para o caso das sardas, Stefani, 1986, p. 156) ou até com os deuses *Endouellicus* ou *Sucellus* (Étienne e Mayet, 2000, p. 57; Lambrino, 1951, p. 131-133; veja-se um apanhado destas propostas em Berciu e Wolski, 1970, p. 950-951, nota 4, e igualmente em Romanò, 2009, p. 160-162). Foi ainda sugerido que fossem a adaptação de uma prática prévia de enterros praticados em barris de madeira (Vasconcellos 1913, p. 401). Curiosamente, a zona onde se concentram as *cupae* em forma realista de barril parece ter mantido longamente uma tradição de fermentação e armazenagem do vinho em talhas, não em tonéis de madeira, como aconteceria em outros locais (Fabião, 1998, p.172-173). Julià (1965, p. 47) refere um possível obstáculo quanto à hipotética transferência directa para a pedra de um ritual de enterramento prévio em barris de madeira: o facto de a *cupa* lítica em forma realista de barril ser cobertura e marcador de sepultura, não contentor de restos mortais. Mayer (2018a, p. 29-30; 2018b, p. 82-83) crê que esta forma realista pode tratar-se de um caso de metonímia arquitectónica: o nome prévio do monumento pode ter dado azo a uma origem “criativa” desta manifestação formal (igualmente, *vide infra*). E há mesmo a hipótese de que o próprio barril pudesse ter, em dados contextos, algum tipo de conotação funerária (Baratta, 2017, p. 103; ilustrações em Baratta, 2016).

As do Algarve são em calcário, lisas, sem decorações ou quase, com a principal excepção da *cupa* de *Patricia* (fig. 5), muito decorada, com elementos que remetem para as alentejanas (*CIL* II 5143; *IRCP* 50 – Encarnação denota ser a *cupa* mais ornamentada da Península Ibérica; Lambrino, 1962, n.º 16, p. 289; Cardim Ribeiro, 2002, p. 531-532, n.º 263; ver 7.2.4.). Têm o campo epigrafado rectangular, por vezes escavado no dorso e encostado à direita (fig. 6), sem moldura ou com uma moldura singela, podendo haver variantes, como no caso de um fragmento de *cupa* de Olhão com uma moldura em cordame à volta do campo epigráfico (Mascarenhas, 1993, p. 9-11; existe análogo cordame decorativo na moldura da referida *cupa* de *Patricia*). Estavam talvez relacionadas com elementos servis da população, com excepção da *cupa* de *Cepio Sempronianus* (*IRCP* 65; Étienne e Mayet, 2000, p. 39, n.º 55; Lambrino, 1962, n.º 25, p. 295; Sá, 1904, p. 177-178 e fig. 5a; Vasconcellos, 1904, p. 180) que, tal como a *cupa* de *Patricia*, e ao contrário das demais, tem particularidades que a aproximam das *cupae*-barril alentejanas, nomeadamente decorações gravadas na superfície cilíndrica, muito provavelmente relacionáveis com aros de barril, e soco saliente.

As emeritenses, muito numerosas (a quantidade de exemplares verificados vai-se aproximando das três centenas; ver *NEFAE*, p. 67-69, 461-491; Murciano, 2019, p. 267-279 e 336-347), são em granito, raramente decoradas, excepto por uma moldura, geralmente dupla, bem marcada na base, têm o epitáfio gravado na superfície curva, e seriam colocadas sobre um pedestal rectangular construído com blocos de pedra que cobriria a cova funerária (fig. 7), a julgar por dois exemplares descobertos *in situ*, ambos aparentemente da primeira metade do séc. II d. C. (Bustamante e Olmedo, 2012; Caldera de Castro, 1978; Nogales, Ramírez e Murciano, 2012; Romanò, 2009, p. 165 e nota 61). Seriam sepulturas de incineração dos séculos II - III d. C.. Por vezes o epitáfio era moldurado na representação de uma *tabula ansata*, como

no caso aparentemente precoce de um provável liberto chamado *Titus Annius Corinthus*, datável do séc. I d. C. através de critérios epigráficos (*HEp* 7, 2001, 132; *HEp* 9, 2003, 94; *AE*, 1997, 783; Bejarano Osorio, 1996, p. 51, nota 56, lám. 9). A menos elaborada das *cupae* líticas de *Tarraco* tem a epígrafe numa *tabula ansata* na superfície semicilíndrica como algumas de *Augusta Emerita*, mas encostada à esquerda como as do Algarve a têm à direita. Também no grupo emeritense há uma ou outra exceção decorativa, incluindo um caso que tem aparentes aros representados, de possível influência alentejana (Murciano, 2019, p. 274, n.º 248; Tupman, 2011, p. 322; encontra-se actualmente exposto no Centro de Interpretación Mundo Funerario Romano los Columbarios).

Em Cáceres existem diversos tipos de *cupae* líticas (Gómez-Pantoja *et al.*, 2012), incluindo algumas semelhantes às olisiponenses, e havendo mesmo um tipo particularmente excepcional, a *cupa sectilis*, seccionada e composta por diversos blocos, que levaria um revestimento de estuque (Gómez-Pantoja *et al.*, 2012, p. 418, 421, 422, 426 e figs. 5, 10 e 12; González Cordero, 2003).

Em Ávila são monumentos simples, de granito, com algumas variantes (Hernando Sobrino, 2012), incluindo *cupae* muito semelhantes às de *Augusta Emerita* ou às de Cáceres.

Na província de Toledo surge apenas uma *cupa*, em *Caesarobriga*, em granito, datável de finais do séc. II d. C., cujos paralelos mais próximos se encontrarão em Ávila (Novillo López, 2012).

Em *Pallantia* há notícia de três *cupae*, duas das quais se perderam (Sánchez-Lafuente Pérez, 2012, p. 211-217). A que resta é de calcário, sem decorações, datável do séc. II d. C., e tem a inscrição num dos lados curtos (como teriam as outras). A face epigrafada apresenta uma fractura que se julgou estar relacionada com um encaixe em cauda-de-andorinha, mas tal é muito duvidoso porque mutila a inscrição.

Em *Legio* existem duas em calcário, igualmente datáveis do séc. II d. C., com o epitáfio inscrito num dos lados curtos, dentro de uma moldura (Sánchez-Lafuente Pérez, 2012, p. 203-211 e 215-217). Diversas coincidências entre ambas fazem pensar que poderão pertencer a duas esposas sucessivas de um mesmo indivíduo, *Martialis*, reforçando neste caso a hipótese de uma preferência pessoal exógena quanto à presença deste tipo de monumento funerário num meio em que ele não seria habitual. Uma das epígrafes é encimada por três rosas hexapétalas semelhantes às decorações das urnas *oikomorphaí* de Poza de la Sal (como observa Sánchez-Lafuente Pérez, 2012, p. 216-217; ainda, *vide infra*). A epigrafia das *cupae* de *Legio* e *Pallantia* parece reflectir uma preponderância de elementos servis da população, mas esta decoração em três rosas dispostas em triângulo poderá estar antes ligada ao âmbito militar (igualmente observado em Sánchez-Lafuente Pérez, 2012, p. 216-217).

As da *Baetica* são geralmente em tijolo e argamassa, ditas *structiles*, surgindo em *Gades* (Vaquerizo Gil, 2010, p. 157-158 e fig. 111), *Onuba* (Vaquerizo Gil, 2010, p. 270), *Baelo Claudia* (Caballos Rufino, 2012, p. 273-275; Jiménez Díez, 2007; Julià, 1965, p. 50; Prados Martínez, 2011; Prados Martínez e García Jiménez, 2009; Vaquerizo Gil, 2010, p. 173-193), *Malaca* (Vaquerizo Gil, 2007), *Cartima* (Vaqueri-

zo Gil, 2010, pág. 214, nota 425), *Italica*<sup>19</sup> (Caballos Rufino, 1994; Caballos Rufino, 2012; Vaquerizo Gil, 2010, p. 256-257 e fig. 230), *Carmo* (Belén *et al.*, 1986), *Hispanis* (Rodríguez Gutiérrez e Rodríguez Azogue, 2003), *Corduba* (Vaquerizo Gil, 2010, p. 122, nota 204), *Munigua* (Hauschild, 1993), entre outras localidades (Caballos Rufino, 2012, p. 273-275; Ruiz Osuna, 2009, p. 307-312; Vaquerizo Gil, 2010). Existem outras em pedra em *Corduba* (Ruiz Osuna, 2009, p. 306-307; Stylow, 2012; Vaquerizo Gil, 2010, p. 122; ainda, *vide* 6.1.), *Castulo* (Ruiz Osuna, 2009, p. 305; Baena del Alcázar e Beltrán Fortes, 2002, p. 87-88, n.º 38, e lám. XIX, 2 e 3), *Lacipo* (*vide* 2.1.), *Carteia*<sup>20</sup> (Caballos Rufino, 2012, p. 275 e fig. 1) e um núcleo relativamente importante em Riotinto (Pérez Macías e Delgado Domínguez, 2012).

O facto de a *cupa structilis* de *Italica* ser maciça, e não oca, levou Caballos Rufino a propor no colóquio de Uncastillo que o termo *cupa solida*, utilizado para designar as *cupae* em pedra, fosse substituído por *cupa* monolítica no caso específico destas (tendo já abordado este problema de nomenclatura em Caballos Rufino, 1994, p. 228). Na generalidade, as *cupae structiles* andaluzas estarão certamente relacionadas com as de Tróia de Setúbal e as que apareceram em Lisboa, na necrópole da Praça da Figueira, ao que voltaremos adiante.

A *cupa* lítica de *Castulo* está decorada com um relevo que representará uma cena funerária. Tem à direita um encaixe possivelmente destinado a uma placa com o epítáfio. Aquando de uma reutilização, foi esculpida a figura de um togado na sua parte inferior.

As *cupae* líticas de Riotinto geralmente apresentam um nicho no centro de um dos lados longos, depressões certamente destinadas a encastrar placas com inscrições funerárias, presumivelmente em ardósia. A utilização deste material para suporte epigráfico deve-se ao facto de a pedra local na qual estas *cupae* eram construídas (*gossan*) não se adequar à gravação epigráfica, sendo ainda menos apropriada para tal que o granito. Possivelmente utilizar-se-ia o *gossan* como material para as *cupae* devido à sua cor vermelha (Pérez Macías e Delgado Domínguez, 2012, p. 332). A este respeito, só em casos muito raros se poderá verificar a possível presença de estuque e/ou pintura nas *cupae* líticas. Nas *structiles*, em maior número de casos persistem vestígios da pintura original, sendo aparentemente muito comum a cor vermelha, como por exemplo em *Barcino* (Beltrán de Heredia, 2007, p. 17), em *Italica* (Caballos Rufino, 1994, p. 228), ou em *Apulum* (Berciu e Wolski, 1970, p. 922).

Os nichos das *cupae* de Riotinto têm frequentemente uma simulação de cobertura de duas águas, e também uma moldura em relevo, o que leva a crer que todas poderão ser variantes simplificadas das *cupae* de cartela plana correntes em outros locais. A presença desta tipologia neste sítio poderá explicar-se pelo facto de aqui ter existido um centro de produção metalúrgica de enorme importância que atraía trabalhadores forâneos, bem como forças militares necessárias para a protecção dos minérios extraídos. Outras características por vezes observadas são a pre-

<sup>19</sup> A única *cupa* efectivamente recuperada pela arqueologia em *Italica* apresenta uma *mensa libatoria* peculiar, construída sobre a *cupa*, acima da epígrafe.

<sup>20</sup> A julgar pela foto, arrisca-se dizer que parece apresentar semelhanças tipológicas com a de *Lacipo*, aliás geograficamente próxima.

sença de um soco esculpido, parte integrante da peça e, num único caso, uma plataforma em forma de mesa talhada num dos lados. Uma *cupa* lítica de Corteconcepción, em granito e não em *gossan*, mas de resto tipologicamente semelhante às de Riotinto, será na realidade proveniente de uma pedreira situada a poucos quilómetros desta última localidade (Pérez Macías e Delgado Domínguez, 2012, p. 330-331).

Na zona da *Baeturia Celticorum*, região enquadrável entre *Augusta Emerita*, *Pax Iulia* e *Hispalis* (ver, por exemplo, Canto, 1997, p. 25), existe um pequeno conjunto de *cupae* líticas (Jordán Lorenzo, 2012) com particularidades notáveis, nomeadamente uma cronologia precoce e o facto de, aparentemente, pertencerem a cidadãos romanos, o que faz com que tenham de ser analisadas quanto a possíveis relações com as de *Olisipo*, ao que voltaremos.

Em Barcelona, na via sepulcral da Vila de Madrid, surgem *cupae structiles* com rebordos circundantes na base, pintadas (por vezes com motivos decorativos), com placas epigrafadas encastradas e canais libatórios, lado a lado com *cupae* líticas de arenito notavelmente diferentes (fig. 8), assentes em pedestais de um ou dois degraus, na maioria dos casos com *infundibula*, e com cartelas esculpidas e decoradas, evocativas de aras ou de fachadas de templos, reforçando de certa forma a ideia de ligação ao sagrado mas também aproximando o monumento a uma dimensão arquitectónica, que poderá igualmente estar ligada ao conceito de túmulo enquanto morada para a eternidade. Julià (1965, p. 43 e 50) observa que as molduras em forma de templo ou de ara que enquadram o campo epigráfico presentes em *cupae* de *Barcino* e *Tarraco*, bem como de África – que aliás também existem em outros locais, tanto em *cupae structiles* (como por exemplo em *Ostia*) como líticas –, correspondem à união de duas formas arquitectónicas originalmente distintas (outros monumentos assim interpretáveis existirão por exemplo em África: Stirling, 2007, p. 128-129 e nota 106; ou na Sardenha: Stefani, 1986, p. 118, nota 21, alínea c). Duas das quatro *cupae* conhecidas em *Tarraco*, todas líticas, seguem claramente o modelo das *cupae* de *Barcino* excepto por terem a epígrafe gravada numa placa de mármore encastrada. Numa delas, a *cupa* lítica de *Fabia Festa* (Gorostidi Pi e López Vilar, 2012, p. 33-35 e fig. 4), que não possui *crepido* ao longo da base, a cartela decorada dir-se-ia mesmo a representação de um monumento funerário em forma de ara anexo à *cupa*, como de facto acontecia por vezes. Terá sido aliás o caso de um monumento funerário em forma de ara igualmente de *Tarraco*, dos séculos II-III d. C., cujo epitáfio termina “*hic in cupa requiescit*”<sup>21</sup> (Gorostidi Pi e López Vilar, 2012, p. 44-45 e fig. 8). E em Barcelona há casos de ámulas que se colocavam à frente das *cupae* e nas quais se prestava culto aos mortos, como o demonstram vestígios de fogo<sup>22</sup> (Beltrán de Heredia, 2007, p. 48 e fig. 34; Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, 2012, p. 94-95), além de monumentos híbridos entre *cupa* e ara, a que voltaremos. Uma particularidade interessante em Barcelona é a existência de uma inumação sob uma *cupa* lítica, o que permite dizer que nesta necrópole se verificam ambos os ritos (inumação e incineração) em ambos os tipos de *cupae* (Beltrán de Heredia e Rodà de Llan-

21 Outra hipótese que já se pôs, menos provável, é a de que *cupa* tenha tido em certos momentos e locais o significado mais lato de “sepultura”, como terá acontecido com *tumulus*.

22 Veja-se ainda prática semelhante em *cupae structiles* de Cartago: Lassère, 1973, p. 36.

za, 2012, p. 96-97). Também em África se verificam *cupae structiles* e líticas, e inu-mação e cremação; e em Isola Sacra verificam-se igualmente ambos os ritos (Bacchielli, 1986, p. 305 e 319).

Na zona aragonesa de Cinco Villas existem *cupae* de arenito, com o epitáfio escrito num dos lados curtos, por vezes encimado por *puluini* ou acrotérios, com *infundibula* laterais, e apresentando cavidades inferiores destinadas ao *sepulcrum* (Andreu Pintado, 2008; Beltrán Lloris, Jordán Lorenzo, Andreu Pintado, 2012). A descoberta em 2015 de uma destas *cupae* com a sua base veio demonstrar tratarem-se, também elas, de contentores de urnas cinerárias (Andreu Pintado, 2018. Ver ainda 5.2.2.). São muito semelhantes aos exemplares de calcário existentes em *Complutum* (Beltrán Lloris, Jordán Lorenzo, Andreu Pintado, 2012, p. 140 e 146; Gómez-Pantoja e Rubio Fuentes, 2012), com os quais apresentam muito maior afinidade que com as *cupae* do litoral catalão (também devido à presença dos acrotérios, que surgem igualmente em *cupae* africanas: Andreu Pintado, 2008, p. 25 e nota 62). Algumas destas *cupae* de Cinco Villas apresentam molduras mais ou menos elaboradas ao redor do campo epigráfico (compare-se a decoração da *cupa* publicada em Beltrán Lloris, Jordán Lorenzo, Andreu Pintado, 2012, p. 154-155 e fig. 6, com as de uma *cupa* de *Lambaesis* em Lassère, 1973, fig. 35, 71) e uma delas, actualmente anepígrafa, tem a superfície semicilíndrica decorada, fazendo lembrar uma arca de madeira; as faixas superiores foram também interpretadas como representações de aros metálicos de barril (Andreu Pintado *et al.*, 2008, p. 133-135; Beltrán Lloris, Jordán Lorenzo, Andreu Pintado, 2012, p. 165). Num dos lados curtos, encimado por *puluini*, tem ainda uma representação humana segurando uma jarra por baixo de três rosas hexapétalas (que poderão trazer à mente a *cupa* de *Legio* atrás mencionada). Os três arcos que decoram os lados longos poderão lembrar cartelas epigráficas, como as que surgem num cipo de Cagliari (Sotgiu, 1988, p. 617, E4 e tavola XXI) ou as denominadas “portas celestes” em outros monumentos (como algumas estelas funerárias sobretudo do norte da Península ou em diversos capeamentos de cipos prismáticos). Uma decoração geograficamente mais próxima surge numa estela de Luesia, com motivo floral hexapétalo, que reforça a ligação, e que aproxima esteticamente o topo da estela à *cupa sectilis* de Cáceres atrás referida (*HEp* 5, 921; Andreu Pintado *et al.*, 2008, p. 135, fig. 14).

No que concerne o actual território Português, poderemos assim dividir as *cupae* de pedra em quatro grupos distintos: o alentejano, o algarvio (ambos publicados em Encarnação, 1984, e o alentejano, especificamente, também em Étienne e Mayet, 2000), o olisiponense, e o que compreende as de *Conimbriga* e *Aeminium*.

Quanto a este último, há que perguntar se nele deveremos inserir a referida *cupa* de *Publius Aelius Ianuarius*, bem como se nele caberão as *cupae* referenciadas por Vergílio Correia, uma na igreja moçárabe de São Pedro de Lourosa e outra num muro na Bobadela (Correia, 1914, p. 215 = Correia, 1972, p. 221; Correia, 1924, p. 27), e ainda outra encontrada em Barcelona que Jean-Nöel Bonneville (1982, p. 5-19) propõe provir aproximadamente da região de Coimbra; uma outra em relação à qual faz a mesma proposta é na realidade oriunda da zona de Cáceres, mais concretamente de Oliva de Plasencia (Gómez-Pantoja *et al.*, 2012, p. 431-432).

Há que referir ainda alguns casos isolados:

Uma *cupa* anepígrafa surgida em 1964 no norte do país, em Trevões, concelho de São João da Pesqueira (*FE* 79, 2005, 358; *HEp* 14, 2008, 461, p. 250), tem forma realista de barril (fig. 9), e é tipologicamente tão próxima das alentejanas que poderia pensar-se num caso como o da já mencionada *cupa* encontrada em Lisboa, que terá sido para aí levada a partir da região de Mértola. Porém, a probabilidade de a de Trevões ter sido encontrada *in situ* (segundo testemunhas oculares estava a cerca de um metro de profundidade, acompanhada de bilhas e pratos de barro) e, sobretudo, o facto de ser talhada em granito (enquanto as do *conuentus Pacensis* são de mármore ou calcário), sugerem fortemente que se tratará de uma produção local, sem dúvida relacionada com as *cupae* alentejanas (presumivelmente através do encomendante). A propósito, no Museu da Guarda existe uma peça (com o N.º de Inventário 191) que é tida como estela discóide medieval; há que pôr a hipótese, porém, de ser porventura outra adaptação local de época romana do modelo da *cupa* alentejana, como (noutro estilo) a de São João da Pesqueira.

Mais a norte ainda, perto de Braga, no adro da igreja em Portela das Cabras, foi identificada uma *cupa* em granito (Fontes *et al.*, 2009, p. 73), semelhante a exemplares da região de Cáceres.

Uma outra excepção ocorre no Alentejo, no território a oriente do Guadiana, em que uma *cupa* de pedra, actualmente anepígrafa, foge totalmente à tipologia das *cupae* em forma de barril, estando antes mais estreitamente ligada a exemplares do território actualmente espanhol. Tanto quanto foi possível averiguar, encontra-se inédita, e está exposta junto ao Museu de Vila Verde de Ficalho. Segundo comunicação pessoal da arqueóloga Ana Sofia Antunes, é proveniente das proximidades da Ermida de Nossa Senhora das Pazes, na direcção do barranco de Ficalho.

Também no Alentejo apareceu, muito recentemente, uma *cupa* de enorme interesse para o presente estudo (*FE* 233, 2022, 809). Em companhia do arqueólogo Jorge Feio, que identificou o monumento, verificou-se no local a sua extrema semelhança com as *cupae* líticas olisiponenses, apesar de não haver dúvidas de que se trata de uma peça local, uma vez que está talhada em mármore de Trigaches e não no característico lioz do *municipium Olisiponense*. Está infelizmente partida, faltando cerca de metade do monumento, e não havendo vestígios de inscrição, sendo de supor que o epitáfio estivesse na parte que falta. Foi adaptada a peso de lagar, como se verifica pelos encaixes talhados para esta finalidade. Não foi possível determinar a eventual existência de moldura inferior, para o que virá a ser necessário levantar a *cupa*. Nas dimensões e proporções, incluindo a altura da moldura lateral, é perfeitamente análoga a exemplares olisiponenses (podendo-se assim calcular que o comprimento da peça antes da fractura rondaria os 110 cm). Mais do que a presença de um indivíduo proveniente de *Olisipo* que optasse por este específico formato de sepultura, há mesmo que sugerir, neste caso, a presença de um operário canteiro daí oriundo ou que aí tivesse desenvolvido a sua técnica, o que levanta questões interessantes para a sua hipotética cronologia, que poderia assim ser recuada.



Fig. 10 e fig. 11. *Cupae structiles* da Praça da Figueira, Lisboa (fotografias cedidas por Rodrigo Banha da Silva).

Dentro deste panorama extenso e multifacetado, um grupo que sobressai particularmente, por reunir algumas características muito próprias e por ser muito homogêneo, é o das *cupae* líticas cuja área de dispersão coincide em grande medida com o *municipium Olisiponense* e que é o tema central do presente estudo.

#### AS CUPAE STRUCTILES DE FELICITAS IULIA OLISIPO E DE TRÓIA DE SETÚBAL

Como atrás referimos, as necrópoles do centro urbano de Lisboa propriamente dito não revelaram até agora *cupae* líticas. No entanto, a presença de *cupae structiles* mais tardias está arqueologicamente documentada na necrópole da Praça da Figueira (figs. 10 e 11), onde foram descobertos três exemplares nas intervenções arqueológicas que Rodrigo Banha da Silva conduziu em 1991-2001. Esta necrópole estaria disposta ao longo de uma via Sudoeste-Nordeste, próxima do *circus* com o qual a relação cronológica não é ainda muito explícita.

Estas *cupae* cobriam enterramentos de incineração de tipo *bustum*, com o fundo revestido a tijolo. Duas estavam em muito bom estado de conservação, encontrando-se a terceira muito destruída. A maior, com cerca de 2,40 m de comprimento, tinha sido alvo de saqueadores em época antiga, e era anterior ao último terço do séc. III d. C., uma vez que se lhe sobrepunha outra sepultura com esta datação. Outra não tinha sido violada, o que nos permite constatar a ausência de *infundibulum*, e era datável do séc. II ou primeira metade do séc. III d. C.. A terceira, destruída por um sepultamento atribuível ao séc. III d. C. e, sobretudo, por obras recentes que a cortaram longitudinalmente, tinha uma cobertura em *opus signinum*, ausente nas demais. Não revelaram qualquer epigrafia associada (Silva, 2021b, p. 147, fig. 4 e p. 158-159).

Existem no entanto placas epigrafadas encontradas em escavações arqueológicas na Praça da Figueira (não *in situ*, porém) que têm o topo arredondado. Almeida e Ferreira (1965, p. 101-105) denominam-nas tábulas de mármore recortadas

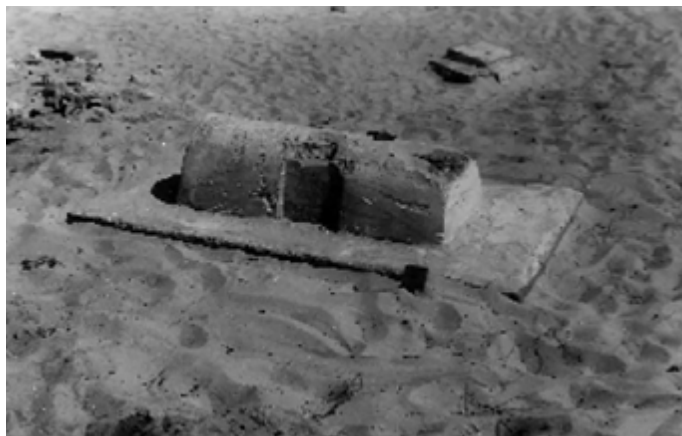


Fig. 12. *Cupa structilis* de Tróia de Setúbal (Almeida, 2009, fig. 15).

em forma de escudo invertido, e propõem, devido à forma e às dimensões, que tivessem sido originalmente aplicadas num dos lados curtos de *cupae structiles*. Não sendo possível, com os dados até agora disponíveis, afirmar que assim fosse de facto, não deixa de ser uma proposta pertinente (em Caessa e Encarnação, 2012, p. 475, sugere-se que possam ter sido tampas de nichos de parede, o que também é defendido em Silva, 2021a, p. 109). Sobre estas placas (Silva, 2021a), observa-se que os formulários e a paleografia su-

gerem uma cronologia entre a segunda metade do séc. I e meados do séc. III, e que a onomástica presente inclui um *cognomen Saturninus*, muito conotado com o ambiente africano, e duas ocorrências do *cognomen Nicerotis*, ambas na mesma placa e ambas associadas ao *nomen gentilicium Vrsius*. Outra destas placas apresenta igualmente um indivíduo com este mesmo gentílico que, aliás, na *Lusitania*, nomeadamente em *Felicitas Iulia Olisipo* e *Augusta Emerita*, parece ter uma forte ligação a *cognomina* gregos ou de origem grega.

Estas *cupae* construídas em tijolo e argamassa farão certamente parte de um fenómeno cujos modelos têm forte presença nas necrópoles africanas. Os seus paralelos próximos estão nas *cupae structiles* de Tróia de Setúbal (*vide infra*) e, sem dúvida, na Andaluzia (Caballos Rufino, 1994), encontrando-se sepulturas cuja similitude é praticamente total, com a mesma cronologia, técnica construtiva e igualmente *busta*, o que demonstra que estas *cupae* não são directamente relacionáveis com as *cupae* líticas de *Olisipo*, devendo aqui ser tratadas como uma ocorrência à parte. Esta forma de construção específica, que consiste em fiadas de tijolos alternadas dispostas em abóbada, delimitando um espaço interno oco, e rematadas nos lados curtos por “tampos” verticais construídos por fiadas horizontais de tijolos, está bem documentada numa área específica que corresponde a *Carmo* e *Hispalis* (Belén *et al.*, 1986, p. 56-57 e fig. 4; Rodríguez Gutiérrez e Rodríguez Azogue, 2003, particularmente as p. 161-173). A *cupa* da Praça da Figueira que se encontrava intacta apresentava mesmo uma das “tampas” dos lados curtos saliente, como se fosse efectivamente um elemento amovível, exactamente como se verifica num exemplar de *Hispalis* (veja-se Rodríguez Gutiérrez e Rodríguez Azogue, 2003, figs. 7 e 8). No entanto, esta particularidade construtiva verifica-se em outros locais, mesmo distantes, como é o caso da *cupa structilis* do mausoléu de *Viminacium*, na *Moesia* (Anđelković, 2012, p. 1-2 e fig. 2).

É natural que em outros espaços de necrópole da cidade de *Felicitas Iulia Olisipo* existissem também *cupae structiles*, como aliás poderão indicar alguns relatos antigos (Silva, 2005, p. 28). Seria talvez assim classificável a sepultura encontrada em 1944 em Poço de Côrtes (Silva, 1944b, com foto), aquando da construção da estrada

entre o Aeroporto e o Poço do Bispo, que foi levada para o Palácio Galveias para ser reconstituída, e que actualmente está exposta no Museu de Lisboa. E entre 2016 e 2018 decorreram escavações na Calçada do Lavra, num local onde existiria uma via romana coincidente com a actual Rua de São José, que revelaram restos de estruturas funerárias alinhadas (Peça *et al.*, 2021) que seriam possivelmente monumentos desta tipologia. Subsistia inclusivamente, junto à base, o arranque do estuque de revestimento, pintado a vermelho e, pelo menos num caso, verificou-se a presença de *infundibulum*.

Outro local relativamente próximo de Lisboa, embora já fora do *municipium Olisiponense* e do *conuentus Scallabitanus*, é a notável necrópole romana da Caldeira (Almeida, 2009), em Tróia de Setúbal, que também deve ser aqui mencionada, e onde foram identificadas duas fases: uma relacionada com os sepultamentos de incineração, de meados do séc. I d. C. ao princípio do séc. III d. C., e a outra com os de inumação, de finais do séc. II d. C. ao séc. V d. C.. Diversos elementos permitem estabelecer uma forte ligação à realidade funerária do norte de África, como sucede com diversas necrópoles da faixa litoral sul da Península Ibérica (por exemplo, Fernández e Campos, 2017; sobre a ligação específica de Tróia a África ver Teixeira, 2017). Em relação às *cupae structiles*, que surgem em abundância, é interessante observar a diversidade morfológica e construtiva, que se verifica também em necrópoles africanas, como igualmente a presença, noutra zona de necrópole de Tróia, de um tipo específico de túmulo denominado em *mensa*<sup>23</sup> (Almeida, Paixão e Paixão, 1978; Caetano, 2002, p. 318). Quanto à cronologia, surgem algumas *cupae* aparentemente precoces, ao lado de *busta* simples. A sepultura 80 era a de uma menina de nove anos, chamada simplesmente *Mersina*, sem gentilício nem filiação, sendo possivelmente uma escrava. Continha uma lucerna datável dos segundo e terceiro quartéis do séc. I d. C.. Porém, a paleografia e formulário da epígrafe a ela associada (*IRCP* 218) remetê-la-ão para um momento algo mais tardio, de finais do séc. I ou já séc. II (Encarnação, com base apenas na placa epigráfica, escreveu no *IRCP* que esta sugeria finais do séc. II). Além de possuir uma plataforma notavelmente grande em relação à cobertura semicilíndrica (o usual rebordo alarga-se formando uma *mensa* – ver fig. 12), o estuque que revestia a estrutura de tijolos estava muito decorado, com faixas vermelhas pintadas ao longo das arestas, e tendo nos lados curtos da *cupa* propriamente dita flores policromas pintadas, com losangos incisos no lado norte. Também este tipo de decoração aponta para a ligação a África (Hilali, 2009, p. 276-277; Stirling, 2007, p. 133-134). Em *Tipasa* e *Hadrumentum* há registo, precisamente, de faixas vermelhas ou negras pintadas ao longo das arestas de degraus de *cupae structiles* (Stirling, 2007, p. 118). Igualmente nas *cupae structiles* de *Barcino* surge estuque geralmente de cor vermelha e decorações vegetais pintadas (Beltrán de Heredia, 2007, lámina 24; Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, 2012, p. 93, fig. 13), e em exemplares de *Baelo Claudia* há notícia de faixas paralelas e perpendiculares, amarelas e vermelhas (Vaquerizo Gil, 2010, p. 181).

23 A epigrafia e o registo arqueológico e mesmo histórico demonstram bem a importância da *mensa* nas práticas da *pietas* para com os mortos em África, nomeadamente no banquete ritual: Hilali, 2009.

Outras três sepulturas da necrópole da Caldeira sem elementos datantes poderão ser contemporâneas da de *Mersina*, a julgar pela cota e pela proximidade física. Uma delas é igualmente uma *cupa structilis*, pertencente a um *L(ucius) Attius Heluianus*, de 20 anos, com *tria nomina* mas sem filiação nem tribo e um *cognomen* de cariz adjectival derivado de um gentílico. Do seu interior recuperaram-se um compasso e um punhal. Paleografia e formulário parecem adequar-se à primeira metade do séc. II d. C. (*IRCP* 208). A placa fragmentada de uma outra *cupa* do local poderá ser de finais do séc. I d. C. (*IRCP* 223; Encarnação, 1995b, p. 260-261). Outras *cupae structiles* da necrópole da Caldeira não tinham inscrição, mas forneceram espólio diverso (lucernas, agulhas, brincos, etc.) que permitem datá-las dos séculos II-III d. C.. *Cupae* aparentemente mais tardias do que pelo menos algumas das de incineração (finais do séc. II d. C. segundo Almeida, 2009, p. 70) cobrem cadáveres inumados.

As placas epigráficas destes monumentos apresentam aliás semelhanças, inclusive paleográficas, com placas da *Hispania* meridional presumivelmente originárias também de *cupae structiles*. Compare-se a grafia da de *Mersina* com a da placa de *Italica* de que se tem proposto conter uma abreviatura da palavra *cupa* (*HEp* 1, 557; *HEp* 4, 734; Caballos Rufino, 2012, p. 293-296), datável dos séculos II-III d. C.; ou com outra, também italicense, de *Liberina*, igualmente criança de tenra idade sem gentílico nem filiação, de datação comparável (Caballos Rufino, 2012, p. 289-290). Ou a de *L(ucius) Attius Heluianus* com a de *Firmus*, de *Carthago Noua* (Quevedo Sánchez e Ramallo Asensio, 2012, p. 123, fig. 6, 3), também de datação presumível dos séculos II-III d. C.. As de Tróia partilham com estas a muito possível ligação ao mundo de origem servil, que se parece também descortinar em outras placas epigrafadas descontextualizadas de Tróia, algumas provavelmente pertencentes a *cupae*, embora não se possa saber ao certo: também na necrópole da Caldeira, juntamente com as *cupae*, surgiu um monumento funerário em forma de ara construído em tijolo e argamassa, com uma destas placas encastrada, com tijolos em lugar de toros sobre a cornija, e também decorado com faixas vermelhas pintadas ao longo das arestas (*IRCP* 212; Cardim Ribeiro, 2002, p. 543, n.º 281). Pertencia a uma criança, *Liberius*, quase certamente um escravo, e também este monumento terá paralelos africanos<sup>24</sup>.

O facto de a necrópole da Caldeira haver sido construída numa zona arenosa terá certamente proporcionado a razão pela qual se manteve em tão excelentes condições de conservação até ao séc. XX, uma vez que os elementos naturais a terão rapidamente coberto após a cessação da sua utilização. Algo semelhante ter-se-á passado com a necrópole da Praça de la Vila de Madrid, em Barcelona, que foi soterrada por sedimentos depositados pelas cheias frequentes após o seu abandono no princípio do séc. IV d. C. (Beltrán de Heredia, 2007, p. 8). As duas necrópoles apresentam aliás outras semelhanças entre si, como a presença expressiva de *cupae structiles* e ainda o facto de terem sido objecto de escavação arqueológica na mesma al-

<sup>24</sup> Compare-se com um de Cartago esquematicamente representado em Berciu e Wolski, 1973, planche VII, fig. 3, à direita, e veja-se igualmente *CIL* VIII, suppl. I, p. 1301-1302; os monumentos funerários em forma de ara cartagineses eram em tijolo e argamassa e providos de *infundibulum*: Lassère, 1973, p. 36. Porém, ao contrário deles, o monumento de *Liberius* não encerrava no seu interior a urna funerária: segundo os cadernos de Manuel Heleno publicados em Almeida, 2009, esta estava enterrada no solo por baixo do monumento.

tura – a necrópole da Caldeira entre 1948 e meados dos anos 60, e a de Barcelona entre 1954 e 1957.

Actualmente subsiste uma única *cupa structilis* em Tróia, não na necrópole da Caldeira mas sim perto das termas. Ter-se-ão identificado recentemente mais algumas, que aguardam publicação.

## 3.2. AS CUPAE NA PENÍNSULA ITÁLICA

### UMA EXPRESSÃO SOBRETUDO MERIDIONAL

As *cupae* líticas ultrapassam largamente a centena na Itália meridional e são frequentes sobretudo na Irpínia (Campânia), e também no vale do Tanagro e na Apúlia. Estendem-se porém pela Calábria, atingindo a Sicília. Estas *arcae lucanae*, como Mommsen as designava, pertenciam com poucas excepções a indivíduos e famílias de condições modestas (Romanò, 2009, p. 192), e não são de datação fácil. Conhecem a sua maior difusão na segunda metade do séc. II d. C. e na primeira do séc. III d. C. mas, tal como em África, as primeiras ocorrências serão muito anteriores. Há uma de Troia, na faixa adriática, cujos formulário e características paleográficas remetem para a primeira metade do séc. I d. C. (Bacchielli, 1986, p. 311-312 e tav. V, 1; Beltrán Lloris crê que a paleografia permitiria mesmo uma datação de fim do séc. I a. C.: Beltrán Lloris, Jordán Lorenzo e Andreu Pintado, 2012, p. 141, nota 23).

As variantes locais indiciarão a existência de diversos centros de produção. No lado da costa adriática, na Apúlia e na adjacente zona de Venosa, as *cupae* são geralmente lisas, com a inscrição num dos lados longos, sem moldura, como acontece com a referida *cupa* de Troia. Já mais próximo da costa Tirrena, à volta de Eclano, surgem exemplares semelhantes mas com a inscrição moldurada com barra em relevo. Na região próxima de Benevento há *cupae* mais trabalhadas e decoradas, com uma cartela plana central num dos lados longos, que se projecta da superfície curva, com altura superior à do corpo da *cupa*, por vezes com representações de colunas e profusas decorações (CIL X 1969; Bacchielli, 1986, tav. VI, 1; Maio, 2011, p. 349-352, n.ºs 12, 13, 15). São semelhantes às referidas *cupae* de *Castra Albana* pertencentes à *Legio II Parthica* (ver imagens em Romanò, 2018). Outras seguem a mesma forma geral mas não têm decorações, podendo mesmo chegar a ser bastante toscas (como alguns casos tardios de *Grumentum*: Buonopane, 2006-2007, p. 320-322; Buonopane, 2017).

Uma variante particular é uma *cupa* de Benevento (Bacchielli, 1986, p. 311 e tav. IV), datável possivelmente da passagem do séc. II d. C. para o III d. C., em que no local costureiro da cartela central se encontra um *protome* de mulher entre duas cartelas molduradas que contêm a epígrafe (o que poderá trazer à mente a *cupa* de *Castulo* atrás referida). *Cupae* decoradas de formas singulares, de que esta é um exemplo, poderão ter mais a ver com escolhas pessoais que com tipologias propriamente ditas (Romanò, 2009, p. 186-187).

No vale do Tanagro surge uma outra variante que Bacchielli demonstrou ser influenciada por tampas de sarcófagos com acrotérios do séc. III d. C.; no caso destas



Fig. 13. *Cupae* em exposição no *Museo Archeologico Nazionale di Cagliari* (fotografia cedida por Donatella Salvi).

*cupae* os acrotérios são representados nos extremos do rebordo inferior que engloba também a cartela plana central (Bacchielli, 1986, p. 314 e tav. VII). Pelo menos neste local e neste momento é inegável a relação entre a *cupa* e o sarcófago, cujas difusões contemporâneas Bacchielli correlaciona, propondo para a *cupa*, versão de execução mais simples, o papel de sucedâneo económico.

#### UM ESTUDO A APROFUNDAR: AS LIGAÇÕES ENTRE AS *CUPAE* DA PENÍNSULA IBÉRICA E AS DA SARDENHA

Em Sedilo surgem *cupae* líticas (Porrà, 2009; Sotgiu, 1988, p. 621 e tavola XXV 1. E13) com inscrições num dos lados curtos. A parte superior da face epigrafada está seccionada por uma moldura em duas metades simétricas, cada uma com uma inicial da invocação *Diis Manibus*, contendo o campo epigráfico inferior o resto da inscrição, inserido ou não numa *tabula ansata*. A referida moldura faz lembrar a decoração de alguns dos sarcófagos de cobertura ogival da *Lycia* propostos, coincidência ou não, como influência das *cupae* líticas em geral por Berciu e Wolski (1970, p. 952). Este tipo de tímpano seccionado verticalmente (traduzindo possivelmente uma característica arquitectónica) pode ser encontrado como decoração em outros monumentos funerários, como por exemplo certas estelas gaulesas narbonenses com epígrafes em caracteres gregos (Rolland, 1944, p. 170-171, n.º 4, e p. 172, n.º 6). Foi proposto que este seccionamento em dois quadrantes possa estar relacionado com uma representação estilizada da face humana (Mastino e Pitzalis, 2003, p. 663) relacionável com cipos anteriores de possíveis tradições nurágica e púnica, uma vez que uma destas

*cupae*, em vez das iniciais D(*iis*) M(*anibus*) – que no seu caso se encontram abaixo, já no campo epigráfico regular –, apresenta no centro de cada uma das ditas secções simétricas círculos concêntricos numa possível representação ocular (ver, também, Gasperini, 1992). A face epigrafada seria assim encimada por dois «olhos». A comparação estabelecida com um cipo de Samugheo «em forma de cabana» (ver, também, Perra, 1994, p. 1013-1014 e *tavola* I a), com topo de duas águas, no qual surge uma semelhante estilização das características faciais (e mais defensável como tal), igualmente na parte superior da superfície epigrafada, é-nos útil por uma razão colateral: a constatação da semelhança entre dois monumentos que possivelmente representarão espaços de habitação (probabilidade óbvia no caso do cipo de Samugheo e hipótese a pôr no caso da *cupa* de Sedilo; vejam-se outros cipos sardos em forma de cabana em Cossu, 1994, *tavoli* V-VIII, X; Fabre, 2018, p. 90, fig. 1 – com longa lista de localidades com presença desta tipologia). Estão igualmente publicadas pequenas *cupae*, provavelmente destinadas a cobrir urnas cinerárias, com um retrato humano (certamente do sepultado) num dos lados curtos (Mastino e Pitzalis, 2003, p. 665 e 667, figs. 9 e 10; Fabre, 2018, p. 97, fig. 3). Mesmo que tais representações simplificadas sejam correntes, nomeadamente em estelas e outros monumentos funerários, a semelhança não deixa de trazer à mente uma *cupa* de Ávila, anepígrafa, que igualmente apresenta num dos lados curtos a mesma coisa: um retrato humano simples, de perfil, virado para o lado direito, com uma moldura que acompanha o limite da superfície (Hernando Sobrino, 2012, p. 401-402 e figs. 8-9).

Outra comparação há que ser feita: *cupae structiles* da *Hispania* como as de *Barcino* (Beltrán de Heredia, 2007), com a sua forma característica, incluindo o rebordo geralmente associado ao banquete ritual e o canal libatório, semelhantes a muitas africanas, têm também paralelo em necrópoles sardas, trate-se de uma influência directa ou da partilha de uma origem comum (Zucca, 1985, p. 102)<sup>25</sup>.

Finalmente, a ligação mais óbvia e significativa será a recorrentemente referida existência de *cupae* em verdadeira forma de barril, conhecidas apenas na Sardenha (por exemplo Romanò, 2009, p. 153, nota 19) e no Alentejo (ver sobretudo Encarnação, 1984, e Étienne e Mayet, 2000, p. 21-58). As suas coincidências, formal, cronológica (ambas surgirão a partir do séc. II d. C.) e social (grande percentagem de escravos e libertos: Étienne e Mayet, 2000, p. 56; Stefani, 1988, p. 167), são tais que não é fácil defender que possam ser originalidades locais sem relação directa entre si<sup>26</sup>. Mesmo assim, é hipótese que já foi posta, teorizando que poderão ser *interpretationes* locais causadas pela etimologia do termo *cupa*<sup>27</sup>. Independentemente da interligação entre os monumentos sardos e os alentejanos, esta será mais uma possibilidade de origem desta tipologia específica a juntar à discussão e às hipóteses atrás

25 Veja-se fotos de uma *cupa* de Tharros praticamente idêntica às de Barcelona na *Tavola* I deste citado artigo e em Acquaro e Finzi, 1986, p. 41-42; sobre as *cupae* de Tharros ver ainda Romanò, 2009, p. 152, nota 17.

26 Romanò, 2009, p. 186 e 194, acha que uma tal coincidência não se deve ao acaso, sendo explicável pelos contactos comerciais entre as duas áreas e consequentes interações socio-culturais, religiosas e arquitectónicas.

27 Bacchielli, 1986, p. 309; segundo o autor uma tal origem etimológica para as *cupae* realistas em forma de barril poria de parte as outras interpretações, simbólico-religiosas por um lado, profissionais por outro – mas seria forçosamente assim?; também Stefani, 1986, p. 117 e 155.

referidas. Todavia, é evidente que este tipo particular de *cupa*, seja qual for a sua génese, não será classificável como *oikomorphos* (chama-se a atenção para isto em Stefani, 1986, p. 154).

As *cupae*-barril sardas partilham do realismo das alentejanas, tendo os aros representados na pedra (embora esta característica se verifique em todos os exemplares alentejanos mas nem sempre nos sardos, sobretudo meridionais). A maior diferença entre ambos os grupos é que enquanto os epitáfios das alentejanas são sempre individuais, e gravados na superfície curva do dorso, geralmente num campo epigráfico moldurado na secção central delimitada pelos aros, os das sardas estão em tabelas verticais planas que se projectam do bojo (fig. 13), e frequentemente são epitáfios colectivos gravados em *laterculi* geminados (existe o caso de uma *cupa* sarda fragmentária em que ao lado da cartela plana está uma inscrição sobre a superfície curva, como sucede nas alentejanas, com uma linha de contorno simples, mas será a utilização, naturalmente posterior, de um espaço de recurso: Stefani, 1986, p. 127-128, n.º 9). Estes *laterculi* são geralmente representações de aras (mais propriamente de monumentos funerários em forma de ara) encimadas por frontões triangulares com toros. É o caso do mais referido e, porventura, mais notável exemplar (*CIL* X 7703; Spano 1860b), que apresenta lado a lado quatro campos epigrafados encimados por frontões. Estas cartelas adjacentes colectivas surgem em outros monumentos da Sardenha mas também em *cupae* africanas, como em *Thugga* e *Ammadedara* (Stefani, 1986, p. 154).

Estes monumentos sardos estão agrupados em duas áreas: um grupo, meridional (é no sul da ilha que mais se concentram os monumentos imperiais romanos: Bonello Lai, 1984, p. 201), restringe-se a Cagliari e seus entornos próximos; o outro situa-se entre o centro da ilha e a costa ocidental, no território compreendido entre Fordongianus, Samugheo e Busachi (Stefani, 1986, p. 117-118; Stefani, 1988, p. 167). Já Spano (1860a e 1860b) indica o facto de que o grupo do centro oeste da ilha é composto por *cippi a botte* individuais enquanto os de Cagliari são geralmente colectivos (havendo contudo excepções, como *CIL* X 7698; Bonello Lai, 1984, p. 207-208) e de maior porte (como o acima mencionado *CIL* X 7703; outros exemplos em Spano, 1855, e sobretudo Stefani, 1986).

Outro elemento que surge em alguns dos *cippi a botte* da Sardenha é a *ascia* (geralmente um tipo de enxó), símbolo que aparece em cerca de um milhar de monumentos funerários romanos (Lassère, 2005, p. 263), a maioria na Gália (sobretudo na região de *Lugdunum*), e cujo significado é obscuro<sup>28</sup>. É muito comum nas *cupae* líticas de *Barcino*, no que se torna necessário observar outros pontos de contacto com alguns monumentos gauleses. Existe, por exemplo, um sarcófago de *Rotomagus*, actual Rouen (Louis, 1949), muito semelhante a estas *cupae*, tendo tampa semicilíndrica, com uma *ascia* à direita e uma serra à esquerda do epitáfio, inserido numa *tabula ansata* estilizada com recortes laterais que podem lembrar as decorações típicas das molduras

<sup>28</sup> Sobre a complexa problemática da *ascia* ver por exemplo Bonello Lai, 1984, p. 201-202; Encarnação, 2008, p. 397-403; Encarnação, 2014, p. 222; Mayer i Olivé, 2013; Montfaucon, 1719, p. 107-109 e, entre outras ilustrações, pl. XI; Prieur, 1986, p. 159-160; o símbolo terá surgido possivelmente na *Dalmatia*, na primeira metade do séc. I d. C. embora haja dúvidas, sobretudo quanto à sua posterior difusão: Bonello Lai, 1984, p. 221-222; Couchoud e Audain, 1952, p. 38.

de *Barcino*<sup>29</sup> (estudadas em Bonneville, 1981, p. 23-36); contudo, neste caso específico este elemento decorativo será muito provavelmente um tipo de escudo denominado *pelta*, presente em outros monumentos funerários (como um relativamente próximo, de *Diiodurum Mediomatricum*, actual Metz: Montfaucon, 1724, p. 100 e pl. XXXIX, 6). Balil (1984-1988, p. 113) presume que a *ascia* seja um símbolo protector da sepultura como *domus aeterna* e refere que a sua presença nas *cupae* de *Barcino* é a mais expressiva da Península Ibérica (ver ainda, por exemplo, em Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, 2012, a fig. 5 da p. 85, com uma *ascia* representada em perspectiva, ou fig. 9, p. 90, ou ainda fig. 12, p. 92; mais fotos em Julià, 1965). Bonneville (1981, p. 8) diz que o símbolo surge nas *cupae* de Barcelona no princípio do terceiro quartel do séc. II d. C., sendo as mais antigas dele desprovidas. Aparentemente esta decoração é em *Barcino* exclusiva das *cupae* líticas, estando ausente de outros tipos de monumentos funerários (Tupman, 2012, p. 18).

Uma das *cupae*-barril do Alentejo tem gravado no lado direito do bojo, ao lado do epitáfio, um objecto que possivelmente estará relacionado com a mesma simbologia. Trata-se de uma *cupa* de Beja (*IRCP* 269; Encarnação, 2008, p. 398, fig. 9; Étienne e Mayet, 2000, p. 31, n.º 16) cujo epitáfio indica pertencer a um indivíduo de nome *Marmorarius*. Isto suscitou a hipótese de se tratar da sepultura de um pedreiro; tal não será forçoso, uma vez que se poderá tratar apenas do seu nome pessoal, talvez sem ligação à sua actividade profissional.

Levando o nome em conta, e apesar de outros autores terem considerado esta gravura simplesmente uma *ascia* sem mais contemplações (Étienne e Mayet, 2000, p. 31, n.º 16; Vasconcellos, 1903, p. 164-165, b; Vasconcellos, 1913, p. 399-400), foi colocada por José d'Encarnação a hipótese de que o instrumento figurado na *cupa* fosse não uma *ascia* mas sim um maço de canteiro, relacionado com a hipotética profissão do defunto (Encarnação, 1984, p. 341) – caso se tratasse de facto apenas do instrumento profissional de um pedreiro, estaria assim posta de parte a tese, já de outro modo frágil, segundo a qual estes monumentos funerários pertenceriam a indivíduos ligados à indústria vinícola. Notemos porém que a própria *ascia* não servia apenas para trabalhar madeira, sendo igualmente um dos diversos utensílios do canteiro (Daremborg e Saglio, 1969, p. 464-465; Adam, 1989, p. 34-37 e figs. 45 e 56). O argumento apresentado por Encarnação foi o de que o instrumento representado apresenta o encabamento a meio, ou seja, a lâmina (ou cabeça caso seja um maço) é dupla, simétrica.

Na verdade assim parece ser o caso, embora tal não seja cabalmente verificável, devido ao mau estado de conservação do monumento e à fractura da pedra nesse local. Há um arranque simétrico para a direita mas a continuação perde-se, levando mesmo Leite de Vasconcellos a representar a peça como um machado de lâmina única, virada para a esquerda.

Em relação a esta representação particular, poderá de facto ser um instrumento de pedreiro, como se verifica constatando a sua semelhança com um dos diversos

<sup>29</sup> Relevante como complemento deste estudo é a decoração lateral das cartelas epigráficas de uma *cupa* lítica de Benevento: Bacchielli, 1986, tavola IV, bem como de uma *cupa* lítica de *Aeclanum* – AE, 1997, 386.

utensílios de talhe da pedra representados em vários monumentos funerários romanos (Adam, 1989, p. 36, figs. 51 e 52; Bessac, 1999, p. 19, fig. 10). Mas também poderia ser um machado, um *bipennis* porventura sacrificial (Daremberg e Saglio, 1969, p. 711-712 e por exemplo fig. 6376).

Diversas *cupae* sardas apresentam a *ascia*, como por exemplo (novamente), a mais notoriamente referida como aproximada das alentejanas (*CIL* X 7703). Na «tampa» direita tem uma *ascia* em forma de machado com semelhanças com o instrumento da *cupa* de Beja<sup>30</sup>. Talvez possamos então pensar que não há forçosamente que ver as coisas de forma rígida. Caso a gravura de Beja seja de facto um martelo de pedreiro, será casual a semelhança com a *ascia*? Este símbolo apresenta uma certa flexibilidade formal, surgindo como enxó ou pequeno machado, havendo mesmo outros exemplos com a forma que se adivinha na *cupa* de Beja (de acordo com Mayer, 2013, fig. 8, n.ºs 12 e 13). A possibilidade de o instrumento de Beja em especial ser um utensílio de talhe da pedra relacionado com um *marmorarius* não exclui que possa ter sido esta a forma escolhida para representar a *ascia* neste caso, juntando dois propósitos num só; do mesmo modo, mesmo que haja uma questão etimológica por trás da origem das *cupae* em forma realista de barril, tal não implica forçosamente que a escolha representativa não traduzisse também questões simbólicas preexistentes ou assumisse novas: naturalmente poderia consequentemente criar-se uma correlação simbólica com o vinho libatório ofertado ao morto, por exemplo (sobre os romanos e as questões pseudo-etimológicas, ver Cardim Ribeiro, 2009). E não poderia talvez a *cupa* evocar na mente romana o verbo *cubare*, que queria dizer “jazer”? “*Molliter ossa cubent*”, escreveu Ovídio (*Tristia* 3.3.76), num epitáfio análogo ao corrente “descanse em paz”. Em Falisco “jaz” dir-se-ia mesmo “*cupa*” (Joseph e Wallace, 1991).

Ainda em relação à referida *cupa* sarda, que está exposta no Museo Archeologico Nazionale di Cagliari, esta tem actualmente à sua esquerda uma outra (*CIL* X 7631; Floris, 2009, p. 264; foto em Corda, 1990-1991, tav. I, b) que é digna de referência por distintas razões, nomeadamente o facto de juntar características da *cupa*-barril ou *cippo a botte* e da *cupa* lítica com cartela plana central (veja-se um exemplar de Busachi, semelhante mas muito mais toscamente executado, em Cossu, 1994, tavola I).

Outro dado importante relativo às ligações entre a *Hispania* e a *Sardinia* em período romano será a presença lusitana precoce na ilha: entre 6 e 14 d. C. Augusto terá constituído na actual Austis (cujo nome será evolução de *Augustis*), no centro da Sardenha, um *praesidium* de uma *cohors Lusitanorum*. A sua existência é comprovada epigraficamente (*CIL* X 7884; há também uma inscrição de um *Caturo* certamente lusitano: *AE* 1978, 376; Mastino, 1976). Existe ainda uma sugestiva ara que, apesar de a respectiva invocação estar escrita apenas em siglas, tudo leva a crer ter sido consagrada à deusa *Ataegina*, cumprimento do voto de um *Serbulus* e com dedicatória *D(eae) S(anctae) A(taeginae) T(uribrigensi)* (*CIL* X 7557; sobre esta ara e a presença da coorte lusitana ver Balil, 1955-57; Mastino e Zucca, 2011, p. 465, 487-488 [nota 286], 563). Este desenvolvimento das iniciais é pacífico não só devido à referida presença de in-

30 Romanò, 2009, p. 179-182, trata a questão da *ascia* nas *cupae* e informa que esta surge apenas nos exemplares da Sardenha e da Península Ibérica; sobre as *asciae* na Sardenha ver Bonello Lai, 1984.

divíduos oriundos da *Lusitania*, mas também porque surgem diversas dedicatórias na *Baetica* com idêntica (ou quase) formulação do teónimo. A proximidade entre as áreas da *Hispania* onde se cultuava *Ataegina* e onde se utilizavam *cupae* em forma realista de barril deve igualmente ser levada em conta, embora o epicentro do culto se situe numa zona em que as *cupae* assumem formas mais simples (Abascal Palazón, 1995-2007, p. 25). Além disso, coincidência ou não, o grupo destas *cupae* do centro ocidental da ilha estende-se por uma faixa que acompanha o caminho que liga a costa virada para a Ibéria a Austis. Outros elementos que deverão ser tidos em consideração são os que aproximam mais este grupo centro-ocidental do alentejano, como o facto de serem monumentos individuais, de dimensões menores, e em que, aparentemente, todos os casos verificáveis possuem aros, ao contrário do que se passa com os monumentos meridionais, mais variáveis.



Fig. 14. Necrópole africana de *Tipasa* (Prieur, 1986, p. 55).

### 3.3. AS CUPAE EM ÁFRICA

A grande maioria dos monumentos funerários em forma de *cupa* surge nas províncias africanas, tanto em regiões costeiras como interiores, sendo o seu período de maior expansão também os séculos II-III d. C. (Stirling, 2007, p. 110).

Há uma certa divergência entre a geografia africana de *cupae structiles* e de líticas, mas há também locais em que ambas as tipologias coexistem, como *Bulla Regia* (Stirling, 2007, p. 115), *Tipasa* (Prieur, 1986, p. 55; Stefani, 1986, p. 152), *Cirta* (Bonville, 1981, p. 18) e *Caesarea* (Leveau, 1984, p. 417 entre outras). As *cupae* líticas estão tendencialmente localizadas no interior, em sítios como *Ammaedara*, *Theveste* ou *Thamugadi*, o que terá naturalmente uma relação com a disponibilidade de matéria-prima adequada em pedreiras locais (Stirling, 2007, p. 114-115). As *cupae structiles* existem na *Africa Proconsularis* e *Tripolitania*, com algumas ocorrências também na *Mauretania* e *Numidia*. São geralmente dotadas de *infundibulum*. A grande variedade formal de *cupae structiles* e monumentos afins registada em África (veja-se alguns exemplos em Leveau, 1984, p. 207, fig. 35) poderá explicar-se em parte pela grande quantidade de exemplares que subsistiram até à actualidade. Outro factor é

a diversidade de soluções funerárias encontradas que se adaptam à cobertura *structilis* em semicilindro e vice-versa, como a edificação sobre uma ânfora deitada que apoia e modela a estrutura, ou sobre telhas colocadas em duas águas (Stirling, 2007, p. 116). Quando há nestas *cupae* epígrafes em placas encastradas estas são geralmente colocadas num lado longo e não num dos curtos, ao contrário do que acontece com as de pedra. Muitas não apresentam epígrafes que tenham perdurado, havendo estas sido possivelmente pintadas. Em *Tipasa* existiam mesmo *cupae structiles* cujos epitáfios eram escritos em mosaico (Gsell, 1901, p. 406).

Sobre a variação das *cupae* africanas diz-nos Lassère (1973, p. 122-123)<sup>31</sup>: “*Le P. Delattre aurait rencontré quelques-uns de ces monuments en dos d’âne à Carthage, où ils étaient en blocage. Dans le sud et l’ouest de la Province, c’est au contraire une pierre massive taillée de diverses façons: un simple demi-cylindre à Lambèse et à Cirta. Plus à l’est, à Theveste, les épitaphes sont souvent gravées sur un grand côté d’où se détache un deuxième volume semi-cylindrique. Plus à l’est encore, à Ammaedara, les caissons ont un aspect nettement architectural. [...] Cette forme spécifiquement africaine est plus fréquente dans le sud et l’ouest de la Province – et est restée plus simple dans les régions les plus éloignées de Carthage; peu courante au Ier et au IIe s. elle gagne la suprématie au IIIe. Il y a là une deuxième évolution.*”

Algumas *cupae structiles* de *Tipasa*, *Caesarea*, *Bulla Regia*, *Hadrumentum*, têm estelas de pedra afixadas num dos lados curtos (por exemplo Bacchielli, 1986, tavola II). Em alguns casos estas ultrapassam a altura do corpo da *cupa*, ficando destacadas, como também acontece, na *Baetica*, numa *cupa structilis* de *Gades* (Vaquerizo Gil, 2010, p. 157-158 e fig. 111). Por outro lado, há *cupae* líticas na *Mauretania* esculpadas num bloco único de maneira a parecer existir uma estela acoplada (Stirling, 2007, p. 111, fig. 5.1 e p. 115). Também existem em África *cupae* líticas com baixos-relevos de figuras reclinadas (pelo menos em *Thamugadi*, *Bulla Regia* e *Ammaedara*: Bacchielli, 1986, tavola I, 2; Stefani, 1986, p. 151; Stirling, 2007, p. 117), certamente representações do defunto, e outras decorações, ou por vezes apenas molduras em gola que delimitam o campo epigráfico (por exemplo, Equini Schneider, 1988, *tavola V*); quanto às *structiles*, subsistem diversos exemplos de decorações pintadas e mesmo moldagens de estuque. Os motivos florais e vegetalistas eram comuns, havendo casos com pinturas de seres mitológicos alados, cenas de caça, etc. (Stirling, 2007, p. 117-118). Em *Caesarea* eram comuns as *cupae structiles* com formas variadas; algumas eram semelhantes às de *Tipasa*, e igualmente com *mensae* e *infundibula*. A característica que marca as de *Caesarea* é a ocasional existência de nichos que continham por vezes uma estela (ou mesmo duas). Esta particularidade verifica-se mesmo em exemplares líticos de cartela plana central (Leveau, 1984, p. 208 e fig. 36).

Quando se olha para a via sepulcral da Vila de Madrid, em Barcelona, podem observar-se as diferenças entre as *cupae* de pedra e as *structiles*, mais obviamente perceptíveis por estarem colocadas lado a lado. As *cupae structiles*, com formas aproximadamente semicilíndricas mais amplas nuns casos e mais estreitas noutros e com

31 Mas ver, sobre isto, Bonneville, 1981, p. 23, nota 4; e ver ainda, sobre a distribuição das *cupae* em África, Stefani, 1986, p. 150-153; Stirling, 2007, p. 118-119.

um rebordo a toda a volta, e as *cupae* líticas com moldura na base e cartela plana central apoiadas num pódio, havendo presença de *infundibulum* em exemplares de ambas as tipologias, formam um conjunto que apresenta semelhanças fortíssimas com necrópoles africanas – pelo menos a da porta de *Caesarea* em *Tipasa* (fig. 14). Também os monumentos quadrangulares de degraus (a que faltam os blocos superiores em *Barcino*: Beltrán de Heredia, 2007, p. 12 e 15, fig. 6) se encontram em *Tipasa*, igualmente junto às *cupae*<sup>32</sup>.

As *cupae* africanas apresentam as mesmas diferenças entre *structiles* e líticas que se verificam em *Barcino*, mas por vezes menos acentuadas: é comum surgirem *cupae structiles* que em vez do habitual rebordo simples, ou *mensa* da qual se projecta a superfície semicilíndrica, têm dois ou três degraus. Esta característica poderá talvez ser vista como uma simulação em tijolo e argamassa dos pódios em pedra com degraus que servem de base a *cupae* líticas africanas (Gsell, 1901, p. 47; Stirling, 2007, p. 113-114 e fig. 5.3), bem como a outras como as de *Barcino*. A ser o caso (lembremo-nos que o degrau ou rebordo circundante é uma característica comum à grande maioria das *cupae structiles* do Império) poderiam ser estes monumentos versões de mais fácil execução das *cupae* líticas – a questão técnica permite, aliás, que as *cupae structiles* africanas (e não só) sejam geralmente bastante maiores que as líticas, ultrapassando por vezes os três metros de comprimento.

Uma tal proposta contrariaria aparentemente a tendência, que se tem vindo a manter, de considerar mais provável que a forma construída em tijolo e argamassa seja anterior à de pedra. Esta teoria apoia-se na existência de *cupae* líticas com revestimento em argamassa, que revelariam uma forma intermédia, podendo o exemplo africano de *Tipasa* (Bachielli, 1986, p. 306; Stirling, 2007, p. 115) ser complementado com a presença da mesma prática em *Barcino* (Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, 2012, p. 91 e fig. 10; Beltrán de Heredia, 2007, p. 17, fig. 10; Berciu e Wolski, 1970, p. 951; Bonneville, 1981, p. 16; em *Tipasa*, como em *Barcino*, coexistem *cupae* líticas e *structiles*). Falta, porém, saber se nestes locais as líticas seriam todas originalmente cobertas com estuque, havendo casos em *Barcino* em que tal cobertura teria de estar ausente ou ser apenas parcial, uma vez que além das molduras e das epígrafes surgem outros elementos decorativos, como as *asciae*, esculpidos na parte da superfície da pedra que teoricamente se presumiria coberta, mas que, como é óbvio, destinar-se-iam a estar expostos e não ocultos por um qualquer revestimento<sup>33</sup>. Que o exemplar lítico coberto de argamassa de Barcelona é, aqui, apenas uma excepção torna-se evidente pelo facto de ser a única *cupa* de pedra barcinonense anepígrafa (Bonneville, 1981, p. 16).

*Barcino* é, aliás, um bom exemplo de como este problema é complexo. Bonneville (1981, p. 16) defende que, lá, as *cupae* líticas são anteriores às *structiles*. Vaquerizo Gil (2010, p. 300) diz que, apesar de as propostas de datações relativas ao resto

32 Verificam-se também em *Caesarea*: Leveau, 1978; e o monumento emeritense de *Zosimus* será uma variante: *AE*, 1983, 487 = *AE*, 1991, 952 = *AE*, 1992, 955; *HEp* 4, 1994, 173 = *HEp* 5, 1995, 107; Blanco Freijeiro, 1983, p. 235-239; ver ainda, sobre estes monumentos, Vaquerizo Gil, 2010, p. 270, 274-275, e sobre a sua ligação a África, Fernández e Campos, 2017, p. 60.

33 Veja-se como um de vários exemplos possíveis o destaque que a *ascia* tem no monumento funerário em forma de ara publicado na imagem em Prieur, 1986, p. 160.

da *Hispania* e também a África sugerirem um panorama geral contrário, talvez Bonville tenha razão uma vez que na necrópole da Vila de Madrid as *cupae* líticas se concentram mais próximas da muralha do que as *structiles*, aparente sinal de maior antiguidade. Põe, porém, a hipótese de que ambos os tipos se tenham desenvolvido simultaneamente. Sob o ponto de vista epigráfico, também se sugeriu uma anterioridade das *cupae* líticas no local, que não parece, no entanto, ser arqueologicamente corroborada (Beltrán de Heredia, 2007, p. 19-20; Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, 2012, p. 97-98).

Fará sentido que as *cupae* de pedra possam ser inicialmente versões evoluídas das de tijolo e argamassa, pelo menos na maioria dos casos, independentemente de se encontrarem ou não estucadas e/ou pintadas para imitar aquilo que será o seu modelo de origem. São muito mais resistentes ao tempo e exigem uma mão-de-obra especializada, o que não será tanto o caso das *cupae structiles*, de fabrico mais simples (Beltrán de Heredia, 2007, p. 20 incluindo nota 24), facto que também poderá ajudar a perceber a subsistência da construção de *cupae structiles* em fases mais tardias, quando as líticas tinham já deixado de ser fabricadas.

Porém, sobre este aspecto podem ser feitas observações como as seguintes: a possibilidade de a *cupa structilis* ser a versão original, evoluída a partir do simples *tumululus* – que poderá ter em certa altura começado a ser coberto com argamassa –, não implica que, em diacronia, esta não haja evoluído para a versão em pedra, a qual poderá por sua vez ter dado origem a novas tipologias *structiles* (por serem sucedâneos baratos ou outras razões) baseadas nos modelos líticos mais imponentes. Além disso, o facto de existirem casos de *cupae* líticas com cobertura de estuque não implica forçosamente que pretendessem ser imitações de um modelo *structilis* – poderia tratar-se de uma mera opção decorativa. Não sabemos, na vasta maioria dos casos, se as *cupae* líticas do Império eram cobertas, mesmo que parcialmente, por uma camada de tinta ou argamassa – e isto é válido, naturalmente, para muitos dos outros monumentos em pedra que chegaram aos nossos dias.

#### 4. AFINIDADES E DIVERSIDADES DO UNIVERSO DAS *CUPAE*: UM ENSAIO DE SÍNTESE

##### 4.1. UMA ORIGEM OU VÁRIAS?

Em relação às *cupae*, o extenso debate sobre a sua origem amiúde recorreu à comparação da respectiva forma com a de estruturas de habitação. Em diversos casos esta correlação é justificada e por vezes muito provável, sendo observável a ligação directa entre as *cupae* e os mausoléus de Isola Sacra (outra necrópole que apresenta semelhanças com esta encontra-se em Cuma; a propósito, Brun e Munzi, 2009, incluindo alguma bibliografia mais recente sobre *cupae* de Itália na p. 705, nota 184). Noutros casos a explicação tem de ser outra (como é óbvio por exemplo em relação às *cupae* alentejanas). Assim, esta busca pela origem do modelo tem vindo a ser posta em causa, pois a pesquisa, a divulgação, a interacção entre os investigadores, têm revelado um panorama muito alargado, com muitas variantes locais, num espaço que se estende por praticamente todo o Império, desde a Península Ibérica e o norte de África até à Ásia Menor. A ideia de um modelo original será provavelmen-

te um erro, uma vez que, tratando-se de uma forma tão simples como um meio-cilindro sobre a terra, mesmo as origens de diversos grupos locais poderão ser independentes (Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, 2012, p. 79). Talvez alguns casos sejam evoluções de simples túmulos de terra, de utilização comum à generalidade das civilizações (Bacchielli, 1986, p. 319). Outros poderão ter origem na forma de casas do oriente mediterrânico, como as habitações egípcias de tradição antiga adoptadas em Alexandria pelas elites helénicas ou, de forma mais lata, protótipos habitacionais difundidos pela Ásia Menor e norte de África (Berciu e Wolski, 1970, p. 930-932; na nota 3 da p. 928 focam a questão da sepultura em forma de casa, incluindo a observação de Cumont de que esta ligação seria comum a todo o Mundo Antigo). Outras teorias têm sido vistas, revistas, e algumas mais ou menos desacreditadas, como a pretensa relação com antigos sarcófagos da *Lycia*, província aliás vizinha da *Cilicia* onde se encontra *Elaiussa Sebaste* e as suas notáveis *cupae*. Berciu e Wolski (1970, p. 952-953) colocaram a hipótese de as *cupae* líticas estarem relacionadas com estes sarcófagos dado desconhcerem a existência delas em África (criam ser uma tipologia conhecida apenas na Península Ibérica: 1970, p. 950; investigadores posteriores viriam desfazer este engano, por exemplo Bonneville, 1981, p. 17-19, ou Bacchielli, 1986, tavola I), mas tal correspondência foi descartada por Bacchielli (1986, p. 306) e Romanò (2009, p. 164). Também foi notado que a raridade de *cupae* nas províncias orientais do Império poderá fragilizar as hipóteses tanto de ser a tipologia daí oriunda como de derivar dos sarcófagos da *Lycia* (Equini Schneider, 2003, p. 460). De novo em defesa desta ligação oriental, mesmo especificamente lícia, veio mais recentemente Mayer (2018a; 2018b, p. 87).

Stirling (2007, p. 125) pôs a hipótese de que as *cupae* fossem uma adaptação dos monumentos funerários em forma de ara a sepulturas de inumação ou de cremação em *bustum* por causa do comprimento do corpo (o que traz à mente monumentos híbridos que existem em África e *Isola Sacra*). Em locais como *Pupput* muitas *cupae* coincidem com o tamanho da fossa usada para a cremação. No entanto, na grande maioria as *cupae* líticas não têm as dimensões de um corpo, e as precoces *cupae* líticas de *Olisipo* eram destinadas a encerrar no seu interior urnas cinerárias, tal como pelo menos alguns cipos prismáticos, com os quais partilham o espaço e, pelo menos em parte, a cronologia.

Bonneville traz também a esta discussão os túmulos *oikomorphoi* de topo conve-xo, referindo os pequenos monumentos funerários em forma de casa existentes na Península Ibérica (mais concretamente em Poza de la Sal, Burgos: Abásolo, 1973; Mangas e Cortina, 1981), bem como monumentos semelhantes da *Gallia* e da *Germania* (Bonneville, 1981, p. 14-15). Também na Granja dos Serrões (Montelavar), na região das *cupae* líticas de *Olisipo*, surgiu um cipo talvez *oikomorphos*, actualmente exposto no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (Cardim Ribeiro, 1990, com foto; Guerra, 2003, p. 144-145; Campos, 2019, p. 114-115, foto em p. 113), de onomástica paleohispânica (*Doreta Doc(quiri) f(ilia)*) e cronologia recuada, provavelmente de meados do séc. I a. C., cuja forma é a de um bloco de pedra com quatro lados e topo arredondado (embora esteja parcialmente truncado).

Consequentemente, Bonneville aponta já a larga dispersão da estrutura monolítica semicilíndrica, atribuindo-a a tradições indígenas tanto célticas como norte-africanas, concluindo portanto, sobre a origem das *cupae* de Barcelona, não ser possível afirmar mais do que serem precedidas por modelos bem anteriores e distantes. Claro que isto acaba por remeter de novo para a problemática da forma e do conceito, dificultada neste caso pela grande simplicidade e grande expansão do modelo nos seus traços mais gerais.

A busca pelo local de origem será, assim, infrutífera. A isto acresce ser o trabalho de investigação sobre a génese e difusão destes monumentos prejudicado por dificuldades de datação. Um elemento que tem condicionado bastante esta discussão é a suposta antiguidade das *cupae* africanas, que remontariam ao séc. I a. C., de acordo com critérios paleográficos (data proposta para uma *cupa* de *Cirta* – *CIL VIII 7796* – por Lassère, 1973, p. 136; adiante analisaremos este monumento que foi com frequência comparado às *cupae* olisiponenses). Esta datação tem vindo a ser posta em causa (Baratta, 2006, p. 1676-1677; Romanò, 2009, p. 149, nota 1), o que implica que tenha de haver uma reavaliação dos dados no seu conjunto e mais reforça a necessidade, que Beltrán Lloris sublinhou no colóquio de Uncastillo, de uma revisão actualizada do panorama africano. À possível grande antiguidade e à quantidade dos monumentos africanos juntam-se interpretações que defendem a sua origem púnica (Gsell, 1901, p. 46-47). No entanto, tal possibilidade parece cada vez mais carecer de solidez (Stirling, 2007, p. 123). A hipótese da origem africana para as *cupae* já tinha sido fragilizada pela alegação de que esta não seria plausível para todas as zonas onde surgem tais monumentos, que incluem locais onde a influência de África seria reduzida: Bacchielli queixa-se que o esquecimento das *cupae* italianas pela historiografia adulterou a formulação de teorias como a da origem africana do modelo e põe, já então, a questão da eventual autonomia criativa, ou de possíveis contactos ou interdependências (Bacchielli, 1986, p. 305 e 306). No caso específico das italianas, desvaloriza explicitamente a proposta de Bonneville, considerando a ausência de onomástica tipicamente africana e de intercâmbios de particular relevância entre os dois territórios. Não deixa de apontar coincidências decorativas entre alguns exemplares italianos e africanos, ressaltando porém que se tratam de ocorrências raras e do domínio de um repertório decorativo e simbólico muito difundido (Bacchielli, 1986, p. 315-316). Sobre a possível origem da *cupa* a partir do *tumulus* de terra, que defende, Bacchielli diz que mesmo que um tal cenário não exclua totalmente contactos e interdependências entre as diversas áreas, a base comum terá sido este simples esquema, que haverá então tomado forma, de acordo com cada cultura local (Bacchielli, 1986, p. 319). Como ilustração desta sua proposta recorre a túmulos de terra de *Sitifis* com uma estela fixada numa das extremidades como possível estágio intermédio (Bacchielli, 1986, p. 307 e tavola III, 1; Février e Guéry, 1980, p. 105-106 e 110-115), embora tanto a cronologia como o facto de estarem lado a lado com *cupae structiles* lhe retire talvez alguma pertinência.

A possível origem oriental e africana das *cupae* hispânicas que, como vimos, vários historiadores propuseram, baseia-se também em dados que hoje são vistos sob outra luz (tais como a onomástica grega e a presença de *infundibulum*, conforme comentado em Beltrán Lloris, Jordán Lorenzo, Andreu Pintado, 2012, p. 142-143). Mas

se na Península Ibérica a questão é particularmente complexa, há aqui casos em que a ligação a África é muito provável: as *cupae* da *Hispania* meridional, sobretudo as *structiles*, poderão ter origem no norte de África (ou pelo menos uma estreita ligação), onde surgem sepulturas idênticas (Vaquerizo Gil, 2010, p. 189). Berciu e Wolski (1970, p. 949) dão esta origem como indubitável. Romanò (2009, p. 162) aceita a proposta de origem africana de Julià (1965, p. 50-54) para as do levante e sul de Espanha, mas obsta que não é válida para as hispânicas mais interiores nem para as da Itália meridional. Um caso particular será o de *Baelo Claudia*, muito próxima do Estreito de Gibraltar, que terá resultado de um activo e diacrónico encontro de culturas, tendo provavelmente havido lugar a uma mistura da população local com elementos mauritanos e púnicos que nessa região se terão estabelecido, com reflexos nos planos religioso e funerário. As influências exógenas ter-se-ão feito sentir em diversas fases ao longo do tempo, incluindo mais tardiamente a romana. A cidade é, aliás, considerada como talvez o melhor e mais paradigmático exemplo de urbanismo romano alto-imperial na Península Ibérica, apesar de algumas influências arquitectónicas de origem púnica. Os contextos funerários de *Baelo*, incluindo as suas *cupae*, revelam tipologias e elementos rituais únicos na Península Ibérica, mais notavelmente os bétilos e representações antropomórficas em pedra ora denominadas *muñecos*. Estes objectos rituais foram assimilados a divindades de além-túmulo em oposição a retratos funerários<sup>34</sup> (Jiménez Díez, 2007, p. 82-85; Prados Martínez, 2011, p. 199), tendo sido também comparados a representações semelhantes da Sardenha (Jiménez Díez, 2007, p. 87; Vaquerizo Gil, 2010, p. 189), e as *cupae* deles acompanhadas encontram alguns paralelos por vezes extremamente semelhantes no norte de África, sobretudo em *Tipasa* (Jiménez Díez, 2007, p. 89; Prados Martínez, 2011, p. 200; Prados Martínez e García Jiménez, 2009, p. 8). Será também pertinente colocar a questão da possível ligação entre estes elementos e as ámulas que em certos casos acompanhavam as *cupae structiles* em África e na Península Ibérica (*vide* 3.). Não se registam em *Baelo cupae* líticas, embora as *cupae structiles* sejam muito abundantes (Vaquerizo Gil, 2010, p. 180; o autor considera mesmo que é a cidade hispana com maior número destes monumentos). Outro elemento que muito aproxima as *cupae* de *Baelo* a exemplares africanos é a abundância de *mensae* associadas (Vaquerizo Gil, 2010, p. 173, 181).

Ao estudar as *cupae* líticas da área de Tarragona, Berciu e Wolski chegam a afirmar, de forma optimista, que a respectiva análise terá “elucidado definitivamente” a questão da origem deste tipo de monumento em Espanha e Portugal, começando por relevar o suposto elemento oriental (que crêem repetir a situação verificada em *Ostia*) e atribuir assim a utilização destas sepulturas a populações orientais, acabando por seguir Julià nas suas conclusões quanto à proveniência africana (Berciu e Wolski, 1970, p. 936-937 – tomam o elemento oriental “*dans le sens le plus large du terme*”, com a ligação ao elemento helénico tão provável como ao cartaginês), mesmo que a sigam também na ressalva da insolubilidade da questão das *cupae* alentejanas em forma de barril no que concerne origem, significado, e relação com as ou-

34 A pequena pedra cúbica na *mensa* ritual da *cupa* de *Barcino* acima referida poderia partilhar com os bétilos de *Baelo* uma qualquer função relacionada com os rituais de oferenda que no caso deles já foi sugerida: Bonneville, 1981, p. 15.

tras *cupae* (Julià, 1965, p. 48; Berciu e Wolski, 1970, p. 950-951 e nota 4). Quanto às *cupae* líticas hispânicas em geral (de que conhecem apenas as de Barcelona, Tarragona, Lisboa, Alentejo e Algarve, seguindo Julià), Berciu e Wolski dão como certa a influência africana mas dizem que evidenciam um conceito original (desconhecendo as líticas italianas e norte-africanas). Julià, por seu lado, defende a origem africana especificamente no caso das *cupae* tarraconenses (Julià, 1965, p. 48) mas também da *Baetica*, achando que essa seja a proveniência do tipo, em geral, na *Hispania* (Julià, 1965, p. 51-52).

Bacchielli aceita também a origem africana das *cupae* da Península Ibérica, levando em conta o grande intercâmbio entre as duas áreas (Bacchielli, 1986, p. 310). Fabre pergunta-se se as *cupae* da *Lusitania* (e mesmo as hispânicas no seu conjunto) terão de facto uma tal procedência (apesar de dizer que o podemos supor a partir da análise das *cupae* de *Tarraco* e *Barcino*), pois a existência desta tipologia em Roma e, sobretudo, em *Ostia*, faz com que a possibilidade da influência itálica tenha de ser levada em conta, sem que no entanto se afaste a influência que as *cupae* africanas poderão ter tido em alguns locais da Península Ibérica (Fabre, 1973, p. 114). O seu discurso liga-se ao facto de a forma, atípica no seu contexto, do referido túmulo de *Publius Aelius Ianuarius* ser interpretada por este autor como uma possível indicação da origem não-hispânica deste indivíduo e, quiçá, da sua proveniência itálica. Fabre centra-se na influência itálica a partir de *Ostia* (ideia aceite por Bonneville, 1981, p. 37) ignorando as restantes *cupae* da Itália meridional, que também devem ser consideradas (como observa Baratta, 2006, p. 1674), estando hoje a sua proposta algo fragilizada (Romanò, 2009, p. 164-165). Contudo, quanto à *cupa* de *Publius Aelius Ianuarius* em particular, o facto é que poderá ter acertado plenamente uma vez que este monumento é muito semelhante a certas *cupae* italianas, particularmente da zona de *Aeclanum*. As *cupae* de *Ostia* foram por sua vez interpretadas por Berciu e Wolski (1970, p. 935; em concordância, Bonneville, 1981, p. 38) como uma importação cultural oriental, dentro da “grande corrente orientalizante” que se terá feito sentir em Roma sob Trajano, com base também na presença generalizada de *infundibula* (Calza, 1940, p. 49).

Quando Caldera de Castro analisou nos anos 70 as *cupae* de *Augusta Emerita*, aceitou que este tipo de sepultura fosse de proveniência oriental e que o norte de África fosse o ponto de união entre o oriente e o ocidente, propondo que por esta via tenha o modelo chegado à *Baetica* e daí a *Emerita* (Caldera de Castro, 1978, p. 461-462). Porém, como no Alto Império a presença africana em *Emerita* parece ter pouca expressão (por exemplo, Forni, 1982, p. 76-77), Caldera de Castro põe a seguinte questão sem encontrar resposta satisfatória: se era no Levante hispânico que a presença de africanos era mais forte, porque são aí as *cupae* menos numerosas que em Mérida? A popularidade das *cupae* líticas em *Emerita* é tão evidente que Bejarano Osorio (1996, p. 52) coloca como hipótese explicativa uma possível existência de estruturas semicilíndricas pré-romanas semelhantes. Além do mais, poucas conclusões podem ser tiradas dos dados fornecidos pela epigrafia das *cupae* emeritenses pois estes são muito escassos, apesar da grande quantidade destes monumentos.

Apenas 20 apresentam informação onomástica<sup>35</sup> em diversos casos fragmentária<sup>36</sup>. Notemos porém que a mais recentemente encontrada das duas únicas *cupae* emeritenses descobertas *in situ* está integrada num contexto de necrópole que demonstra claras analogias com a realidade que se verifica em *Baelo Claudia*, e igualmente com forte pendor africano (Bustamante e Olmedo, 2012, p. 377 e 390 e figs. 9-11).

E, todavia, existiam previamente, nos territórios de *Olisipo*, *cupae* líticas de cidadãos romanos, cuja onomástica pouco indicava de origem indígena ou africana, anteriores pois às *cupae* líticas de *Augusta Emerita* e às *cupae structiles* da Andaluzia (já é chamada a atenção para as dificuldades de encaixe do conjunto olisiponense nas propostas então correntes em Mantas, 1982, p. 13-15). Com a ressalva porém, quanto às andaluzas, de ser necessário assegurar cronologias com uma precisão atualmente difícil de alcançar, uma vez que as *cupae structiles* de *Baelo Claudia* poderão ser contemporâneas das líticas de *Olisipo*, tendo sido utilizadas como argumento para a origem africana das *cupae* na *Hispania* devido à sua notável semelhança com monumentos africanos (López Vilar, 1999-2000, p. 76; Vaquerizo Gil, 2010, p. 303) e à sua precocidade<sup>37</sup>. Uma tal proposta poderá parecer bastante razoável, mas não servirá para explicar as *cupae* líticas de *Olisipo*, cuja origem (mesmo que sejam hipoteticamente oriundas da África) não terá como intermediário as *cupae* do sul da Península Ibérica, muito diferentes e, aparentemente, não anteriores.

A grande antiguidade proposta para algumas *cupae* líticas hispanas é dúbia. Por exemplo, o cipo prismático datável da segunda metade do séc. I a. C. encontrado em *Italica*, onde surgiram outros monumentos tardo-republicanos, tem as arestas laterais superiores arredondadas. Isto levou Caballos Rufino a escrever que, com base no seu aspecto, este cipo poderia também ser descrito como *cupa* (Caballos Rufino, 2006, p. 250-251 e lám. 6). No entanto, o monumento está tão desgastado que será presumivelmente difícil estabelecer se este arredondamento é original e, mesmo que o seja, outras características parecem tirar força à hipótese, nomeadamente as dimensões do bloco e, sobretudo, a presença de um orifício circular de 20 cm de diâmetro no topo que, podendo ser um *foculus*, poderá igualmente ser o encaixe de uma peça superior, como uma pequena imposta ou mesmo um busto.

Outro caso é o da suposta *cupa* de *Carthago Noua* cujo epitáfio original, de uma liberta chamada *Bacis*, é datável da segunda metade do séc. I a. C.. Trata-se de um bloco de calcário que sofreu reutilizações, incluindo a transformação na época de Augusto em novo monumento funerário, neste caso de um magistrado da cidade, e que não deve na realidade ter sido uma *cupa* mas sim, mais provavelmente, um elemen-

35 De um total de 22 com epigrafia conservada segundo as fichas do CILAE (= *Corpus Inscriptionum Latinarum Augustae Emeritae*): ver <https://cil2digital.web.uah.es/inscripciones/fichas?sinBA=1&limitstart=0>; ver ainda Hidalgo *et al.*, 2019, p. 461-491; Murciano, 2019, p. 336-341.

36 A técnica de Modelo de Residuo Morfológico (M.R.M.) desenvolvida por Hugo Pires (Pires *et al.*, 2014), cuja utilidade é cada vez mais evidente, oferece agora novas expectativas de leitura de numerosos monumentos epigráficos, nomeadamente os de *Augusta Emerita* (vejam-se os resultados quando aplicado a duas *cupae* emeritenses em Edmondson, Campo e Gago, 2011).

37 Já foi proposto recuarem à época júlio-cláudia: Prados Martínez, 2011, p. 196; Prados Martínez e García Jiménez, 2009, p. 7-8; mas também ao último quartel do séc. I d. C.: Vaquerizo Gil, 2010, p. 180; é no entanto a partir de meados do séc. II d. C. que se generalizarão.

to de outro tipo de monumento funerário, presumivelmente um mausoléu (Díaz Ariño, 2008, p. 126, C35; Quevedo Sánchez e Ramallo Asensio, 2012, p. 116-120).

Bonneville apresenta um estudo da dispersão de um tipo específico de *cupa* que pode ajudar na reflexão quanto à difusão destes monumentos em geral (Bonneville, 1981, págs. 16-23). Trata-se do que poderemos definir como *cupa* lítica de cartela plana central, da qual as de *Barcino* são excelentes exemplos. Segundo este autor, as *cupae* com este tipo de epitáfio moldurado central não terão surgido antes do princípio do séc. II d. C. e só se terão tornado numerosas com o aproximar do fim desse século (conhecemos casos que poderão ser ainda do séc. I d. C., como a de Alconera – *vide infra* –, mas a verdade é que a maioria das datações das *cupae* líticas se baseia em critérios epigráficos que podem induzir em erro).

Existem em África *cupae* deste tipo, semelhantes às de Barcelona, em *Cirta*, *Caesarea* (Bonneville, 1981, p. 18; Leveau, 1984, p. 208, fig. 36) e *Tipasa* (Julià, 1965, p. 50, nota 1; Prieur, 1986, p. 55). Há variantes em *Theveste* e *Ammaedara* com a cartela igualmente num dos lados longos mas encostada à esquerda ou à direita, por vezes com epitáfios duplos, triplos ou quádruplos (Bonneville, 1981, p. 19; Julià, 1965, planche XVIII, 2; Stefani, 1986, p. 151; Stirling, 2007, p. 111, fig. 5.1 e p. 115); as cartelas podem ser molduradas ou não, mas as mais ornamentadas são de *Ammaedara*. Existem ainda *cupae* líticas com as epígrafes inscritas num dos lados curtos e de tal forma molduradas ou decoradas que poderão aproximar-se esteticamente das cartelas planas centrais, embora sejam outra coisa; há exemplos em *Sitifis*, *Lambae-sis* e *Thamugadi* (Bacchielli, 1986, p. 305-306 e tav. I,1 e I,2). Sob esta forma algumas lembram as *cupae* líticas de *Olisipo* não só devido à localização da inscrição, mas sobretudo por causa do degrau pouco acentuado que em certos casos separa as faces planas laterais da superfície curva superior.

Igualmente, como vimos, surgem na Itália meridional *cupae* líticas com a epígrafe plana situada no centro de um dos lados longos, numa cartela na maioria dos casos não-moldurada, mas com diversas variantes.

Como Bonneville observa, as tipologicamente mais próximas, de *Barcino/Tarraco* na Península Ibérica, da Lucânia em Itália, e de *Cirta*, *Caesarea* e *Tipasa* em África, partilham a proximidade do mar, através do qual se terá dado a sua expansão. Além disso, em *Caesarea* surgem duas *asciae*, muito raras em África<sup>38</sup>. Considera portanto que terá havido combinações de elementos greco-orientais e africanos bem como uma difusão marítima de conceitos e técnicas de construção pelas zonas portuárias de Cartago, *Caesarea*, *Tarraco*, e também *Ostia*, onde existem *cupae structiles* com inscrições em edículas encimadas por frontões. Quanto às de *Barcino*, qualifica-as como uma variante do sarcófago cuja elaboração tipológica se terá dado externamente, uma vez que aí surge já totalmente caracterizada, propondo uma corrente greco-oriental intermediada por *Ostia* que terá igualmente atingido a África (Bonneville, 1981, p. 37).

38 Compare-se ainda, por exemplo, elementos decorativos como os da *cupa* de *Barcino* publicada em Julià, 1965, planche XII, 1 e das estelas de *Caesarea* em Leveau, 1984, p. 86-87, figs. 32 e 33.

Na Península Ibérica também, as *cupae structiles* são, na generalidade, um fenómeno fortemente litoral, como observa, para a *Baetica*, Vaquerizo Gil (2010, p. 300).

Igualmente, a condição portuária de *Elaiussa Sebaste*, no extremo oriental do Mar Mediterrâneo, é consentânea tanto com a sua documentada receptividade às técnicas construtivas tipicamente romanas (Equini Schneider, 2003, p. 460, col. 2) como com a probabilidade de as *cupae structiles* aí presentes serem produto de uma importação, não parecendo reflectir costumes funerários locais (e apesar das suas características autónomas presumivelmente resultantes dos processos específicos de adaptação ao novo meio). De referir ainda que dentro do contexto funerário de *Elaiussa Sebaste*, com grandes mausoléus, sarcófagos, etc., *chamosoria* e *cupae* parecem ter sido os sepulcros utilizados pelos estratos sociais mais baixos (Equini Schneider, 2003, p. 465).

Às informações que Bonneville compila poderemos acrescentar que as *cupae* em forma realista de barril da *Sardinia*, apesar da sua óbvia proximidade formal às alentejanas, poderão ser vistas como um misto destas últimas e da típica *cupa* de cartela plana central (particularmente no caso de *CIL X 7631*), uma vez que têm o epitáfio ou epitáfios inscritos em superfícies molduradas verticais e planas, projectadas da superfície do bojo da *cupa*, no que diferem dos exemplares alentejanos.

Mais recentemente a historiografia descobriu novas *cupae* líticas na *Hispania* que interessa mencionar neste contexto, sobretudo as de Riotinto já referidas que, embora mais rudes, serão influenciadas pelo típico modelo da *cupa* lítica de cartela plana central. A *cupa* lítica de *Corduba*, algo tosca, provavelmente de um escravo, datável da primeira metade do séc. II d. C., tem uma cartela plana central que se projecta do corpo semicilíndrico (Ruiz Osuna, 2009, p. 306-307 e fig. 164; Stylow, 2012; Vaquerizo Gil, 2010, p. 121-122 e fig. 81) e que poderá trazer à mente algumas *cupae* da necrópole de *Castra Albana*, por exemplo, ou *cupae* de Benevento talvez ainda mais afins, como uma, infelizmente fragmentada, recentemente publicada (Maio, 2011, p. 350-351, n.º 13). Um outro exemplar, possivelmente ainda do séc. I d. C., fragmentado mas denotando grande qualidade de execução, decorado com uma jarra e uma pátera, surge em Alconera (Badajoz) e a sua ligação directa à Península Itálica parece muito provável (Canto, 1991, p. 290-296, com fotos e desenho; Jordán Lorenzo, 2012, p. 228-229)<sup>39</sup>.

De acordo com um estudo recente feito por Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, constata-se que a semelhança das *cupae* líticas de *Barcino* com as da Itália central (como as de *Castra Albana*) poderá indicar uma relação entre as duas áreas, ao que se junta a observação de que, correspondendo algumas *cupae structiles* de *Barcino* a alguns dos primeiros povoadores da cidade, e apontando a sua onomástica para a Itália central, será viável propor que daí tenha sido importado tanto o modelo das

<sup>39</sup> Compare-se a grande semelhança estilística destes *urceus* e pátera com os que surgem por exemplo no monumento funerário em forma de ara de *Caecilia Marina*, de Faro, datável do séc. II d. C.: Cardim Ribeiro, 2002, p. 533, figs. 265a - 265c; este tipo de decoração, corrente em monumentos funerários, sobretudo em forma de ara, aparece também, por exemplo, numa *cupa* de Alcáçovas: *CIL II 86*; *IRCP 427*; Étienne e Mayet, 2000, p. 25 e 26, fig. 3.

*cupae structiles* como, posteriormente, o das *cupae* líticas com cartela plana central (Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, 2012, p. 86).

Seja como for, será defensável que todas as *cupae* da *Hispania*, nas suas diversas manifestações locais, tenham uma ligação mais ou menos directa com modelos semelhantes presentes nas necrópoles do norte de África, da Sardenha, e da Península Itálica, sejam eles provenientes de modelos orientais ou não. No entanto, observam-se diferentes influências em diferentes momentos e diferentes locais. Dir-se-ia mesmo diferentes processos de importação a partir de proveniências diversas, com acolhimentos de modelos que já tinham sido submetidos a processos de personalização e que doravante iriam estar na base de mais variações ainda. É neste cenário complexo que se revelam as dificuldades da análise das dinâmicas específicas dos grupos locais como o das *cupae* líticas de Lisboa. Um trabalho a desenvolver será o de tentar estabelecer um panorama precoce das *cupae* no séc. I d. C. em todo o Império e tentar a partir daí traçar expansões e evoluções, com a consciência de todo o problema que advém da dificuldade em estabelecer datações precisas. No caso específico da Península Ibérica, Vaquerizo Gil (2010, p. 304-305) sugere que, mais do que falar de influxos norte-africanos, talvez se devesse pensar num substrato cultural comum africano e ibérico sob a Romanidade, com influências comuns e contactos permanentes e ininterruptos, não havendo dados que permitam estabelecer sem dúvidas uma relação entre os monumentos funerários da *Baetica* normalmente vistos como de origem africana e indivíduos comprovadamente oriundos do norte de África ou relacionados com essa região.

#### 4.2. A SEPULTURA ROMANA ENQUANTO CASA PARA A ETERNIDADE

Que a sepultura era vista em contexto romano como uma moradia para a existência após a morte (a este respeito, leia-se, por exemplo, Encarnação, 2012, p. 435-439; Vaquerizo Gil, 2010, p. 17, 19) é algo que pode ser não apenas inferido das práticas da *libatio* ou *profusio*, bem como do banquete ritual, mas também lido nas fontes contemporâneas, sejam as epigráficas, em que o túmulo é amiúde referido como *aeterna domus*<sup>40</sup> (Wallace-Hadrill, 2008), sejam as literárias, como na *cena Trimalchionis*, célebre episódio do *Satyricon* em que o ostentatório liberto *Trimalchio* descreve como quer que seja construído o seu sumptuoso túmulo, notando o absurdo de cuidar da casa que se habita enquanto se é vivo e não pensar naquela em que se habitará bastante mais tempo (Petrônio, *Satyricon*, 71, 6-8). E se a própria sepultura em forma de casa, que será um reflexo desta aceção, terá sido comum na Antiguidade (lembremos como exemplo o famígero túmulo de Ciro, o fundador do império Persa, que foi visitado por Alexandre o Grande), no caso específico de Roma esta relação poderá vir já desde o princípio do primeiro milénio a. C. e as urnas funerárias em forma de cabana da cultura Villanovense (Leighton, 2005).

40 Sobre um exemplo num *carmen epigraphicum* de Viseu, ver Soares, 1992.

#### 4.2.1. A CUPA QUANDO VERSÃO REDUZIDA DE MAUSOLÉU

A descoberta da necrópole de Isola Sacra e das suas *cupae*, réplicas em ponto pequeno dos mausoléus de abóbada semicilíndrica com que partilhavam o espaço, reforçou a interpretação da *cupa* como uma adaptação do mausoléu aos meios económicos mais limitados de determinados grupos familiares ou sociais (Bonneville, 1981, p. 38; Fabre, 1973, p. 114). Isto não quer dizer que fosse sempre forçosamente uma sepultura de indivíduos de recursos escassos; se algumas *cupae* são monumentos pequenos e singelos, outras não são de modo algum monumentos modestos (como notado e exemplificado em Beltrán Lloris, Jordán Lorenzo, Andreu Pintado, 2012, p. 145; ver também Andreu Pintado, 2012, p. 482). A hipótese de que seja o mausoléu de abóbada de canhão ou de volta perfeita a cópia em ponto grande da *cupa* e não o contrário também deve ser levada em conta, e não é de modo algum uma proposta nova, tendo sido avançada por Carton em 1890 (*apud* Stirling, 2007, p. 132-133, nota 122).

Um elemento de reflexão importante para esta questão são as duas *cupae structiles* de grandes dimensões, com alguma propriedade consideradas mesmo mausoléus, escavadas em La Barquera, Tarragona, apesar da sua aparente cronologia tardia, sendo datáveis do séc. V d. C. (López Vilar 1993; López Vilar, 1999-2000; Gorostidi Pi e López Vilar, 2012, p. 63-71)<sup>41</sup>. Tendo uma 3,35 m por 1,65 m e altura de 1,20 m, e a outra 3,35 m por 2,10 m e altura de 1,55 m, contêm câmaras sepulcrais aparentemente destinadas a deposições colectivas, não sendo assim marcadores nem tampas de sepulturas mas sim construções funerárias que encerram no seu interior os restos mortais. Passe o anacronismo, e tomando como referência Isola Sacra, estes monumentos poderiam ser vistos como um estágio intermédio entre as *cupae structiles* e os grandes mausoléus com cobertura em abóbada semicilíndrica.

Piranesi (1764, tav. XXVI) publica o desenho de um “sepulcro antigo” da *Via Appia*, que parece ser também uma câmara funerária, com notáveis semelhanças com determinadas *cupae structiles*, como as da Praça da Figueira, em *Olisipo*, atrás referidas (ver 3.1).

Outro dado a considerar é o monumento de *Apulum*, na *Dacia*, objecto de estudo de Berciu e Wolski. Trata-se de uma *cupa* em tijolo e argamassa que tem encostado a si um pequeno sarcófago de pedra destinado aos restos mortais de um recém-nascido (provavelmente a sepultura de uma mãe e o seu filho). Ambos estariam originalmente colocados no interior de uma edificação que encerrava a câmara funerária e que poderia ela própria ter uma cobertura semicilíndrica (como sugerem Berciu e Wolski, 1970, p. 920, nota 1; referem igualmente uma outra câmara funerária de cobertura semicilíndrica que encerrava dois sarcófagos de pedra em *Romula*, na *Dacia Inferior*, o que poderá deixar entrever uma prática funerária local). Tratar-se-á de um monumento cronologicamente situado entre finais do séc. II d. C. e a primeira metade do séc. III d. C. (Berciu e Wolski, 1970, p. 923, 925 e 927). A julgar pelo pavimento sobrevivente, a câmara seria rectangular e a sua planta teria uma dimensão de cer-

<sup>41</sup> Existem também *cupae structiles*, sem epigrafia remanescente, em *Tarraco* propriamente dita, de cronologia muito tardia, na necrópole paleocristã: Gorostidi Pi e López Vilar, 2012, p. 29.

ca de 3,35 m por 2,80 m. A *cupa* no seu interior manteria proporções aproximadas, com as medidas na base de 1,75 m por 1,36 m – aproximadamente metade das do mausoléu em que estava contida. Seria esta *cupa* uma réplica em ponto reduzido da construção que a albergava, à semelhança do que se passa com as *cupae* de Isola Sacra, que replicam os mausoléus formalmente idênticos que, neste caso, se encontram nas suas proximidades? Também o pequeno sarcófago de pedra de *Apulum*, de modelo difundido no local (Ota, 2008), se inscreve num estilo representativo de uma casa ou, neste caso, um templo, com telhado de duas águas e frontões triangulares decorados com acrotérios.

Na *Moesia*, em *Viminacium*, existe um mausoléu, localmente atribuído ao imperador Hostiliano, que contém diversas sepulturas, pelo menos uma das quais é uma *cupa structilis* (Anđelković, 2012, p. 1-2 e fig. 2).

Em *Munigua* (Sevilha) foi escavado um mausoléu de planta quadrangular (Hauschild, 1993) datado do séc. II d. C. que continha cinco câmaras funerárias com cobertura semicilíndrica, duas das quais encerravam sarcófagos em pedra, um deles decorado, o que é enigmático, considerando a sua situação ocultada<sup>42</sup>. Sobressairia do nível de chão original o topo semicilíndrico de uma delas (as outras estariam soterradas), trazendo à mente *cupae structiles* como as de Ostia e *Apulum*, como nota López Vilar (1999-2000, p. 81). Ainda na *Baetica*, foi também descoberto na zona de *Astigi* um sarcófago de chumbo sob uma abóbada de tijolos (Vaquerizo Gil, 2010, p. 71-72 e fig. 38). E será também de mencionar um curioso monumento de *Malaca*, aparente *cupa structilis* envolvida por uma grande abóbada de tijolo e argamassa – quase como uma *cupa* dentro de uma *cupa* (Vaquerizo Gil, 2010, p. 221 e fig. 189).

Em *Augusta Emerita*, no interior do mausoléu da “*Casa del Anfiteatro*”, que teria uma cobertura em abóbada pelo menos a partir das obras de que terá sido alvo no séc. III d. C., foi descoberto um sarcófago de chumbo dentro de uma sepultura com cobertura de tijolos abobadada, revestida com uma camada de *opus signinum* (Bejarano Osorio, 1996, p. 48; Bejarano Osorio e Palma García, 1994-1995; Bejarano Osorio e Palma García, 1996-1997; Murciano, 2010, p. 137-140, 172-173).

Outro mausoléu com uma *cupa* no seu interior existe na Campânia e é conhecido como “tumba do sapateiro” (Ruiz Osuna, 2009, p. 307).

Também Berciu e Wolski, numa nota final complementar, mencionam escavações realizadas na necrópole do Monte das Oliveiras, em Jerusalém, datada entre 135 e o fim do séc. IV, em que dois sarcófagos de pedra com tampas semicilíndricas se encontravam no interior de duas câmaras funerárias, sendo um deles semelhante aos sarcófagos da *Lycia* e o outro uma versão monolítica das *cupae structiles* da África e da Península Ibérica (Berciu e Wolski, 1970, p. 964-965; constituirá presumivelmente esta nota a origem da informação em Caldera de Castro, 1978, p. 455, que também refere Romanò, 2009, p. 165). Esta necrópole estaria relacionada com a *Legio X Fretensis* (tal como a necrópole antes referida em *Castra Albana* pertenceria à *Legio II*

42 Em Gsell, 1901, p. 43, referem-se em África tampas de sepultura semicilíndricas ou paralelepípedicas que encerram sarcófagos de pedra; Lassère, 1973, p. 12 e 404, com base em Gsell, chama-lhes tampas monolíticas, mas o que está em Gsell é “*massifs de blocage*” e “*caissons en maçonnerie*”.

*Parthica*) e nela estariam sepultados veteranos, bem como comerciantes que acompanhariam os exércitos, sendo ainda cristãos alguns túmulos.

Em África verificam-se casos de *cupae* no interior de câmaras funerárias, neste caso hipogeicas, em *Hadrumentum*, onde também se regista um columbário de cobertura semicilíndrica, como acontece em *Thaenae* (Stirling, 2007, p. 110 e 132). Outros exemplos africanos de *cupae* ligadas a mausoléus existirão, como em Bekkouch, perto de *Caesarea*, onde estão duas *cupae* líticas, uma das quais epigrafada e em que o dedicante explicita que à sua mulher *cupula(m) fecit*, à entrada de um edifício com colunas interiores, que terá sido um pequeno santuário ou mausoléu (Leveau, 1984, p. 349 e figs. 163 e 164). Ou em *Leptimimus*, igualmente com *cupae* fisicamente ligadas a paredes de mausoléus (Stirling, 2007, p. 131-132). Ou ainda em *Pupput*, local de referência incontornável para o estudo das necrópoles africanas, com mais de 1500 sepulturas situadas dentro de recintos funerários familiares cercados por muros, muitas das quais *cupae structiles*. Infelizmente tal abundância contrasta com a absoluta ausência de informação epigráfica, tendo provavelmente as placas marmóreas que existissem e outros elementos pétreos sido reutilizados no início da época moderna na construção da medina de Hammamet (Ben Abed e Griesheimer, 2001, p. 555, nota 10). Também em *Pupput* existem mausoléus que integram sepulturas preexistentes (nomeadamente *cupae*), sugestivamente reconstituídos com coberturas semicilíndricas separadas das paredes longas por um degrau (em Ben Abed e Griesheimer, 2001, p. 571 e 580, figs. 8 e 14; Ben Abed e Griesheimer, 2004, p. 8, fig. 3).

Os mausoléus rectangulares de abóbada semicilíndrica (existindo outros com outros tipos de cobertura, como por exemplo em pirâmide) serão aparentados com as torres funerárias que surgem em África (Gsell, 1901, p. 54-93)<sup>43</sup> e na Península Ibérica (por exemplo, Abad Casal e Bendala Galán, 1985; Beltrán Fortes, 2004; Prados Martínez, 2011, p. 197; Ruiz Osuna, 2009, p. 287-292; Santos e Carvalho, 2008; Vaquerizo Gil, 2001, p. 144-150) – bem como em outros locais como a Gália (Prieur, 1986, p. 79-85) –, com as quais partilham estes espaços geográficos. Diz Gsell (1901, p. 58):

*Parmi les mausolées qui n'ont pas d'étage, certains sont coiffés d'un simple berceau. Ils ressemblent à ces caissons (cupulae), qui indiquent la place de beaucoup de tombes souterraines et dont nous avons parlé précédemment; mais ils sont de dimensions bien plus grandes et, au lieu d'être massifs, ils offrent une chambre à l'intérieur. A ce type appartiennent les tombeaux à incinération de Mons (n° 34), véritables boîtes dont la couverture est formée d'un monolithe arrondi sur sa face supérieure, et des édifices plus vastes, dont la voûte est en pierres appareillées ou en blocage: on en trouve à Cherchel, à Tipasa, à Philippeville, en divers lieux de la Kabylie; (...) Plusieurs ont des niches pour des urnes cinéraires; mais, en général, les morts y étaient ensevelis dans des sarcophages reposant sur le sol de la chambre, ou dans des caisses construites à un niveau inférieur.*

<sup>43</sup> Diz o autor na p. 55: *Certains de ces édifices, les uns simples, les autres à étage, ne sont en réalité que de grands cippes, indiquant d'une manière fastueuse la place de la sépulture.*

Os mausoléus de Mons, genericamente mais pequenos que os de cobertura semicilíndrica construída em blocos, parecem uma curiosa combinação entre a torre funerária em forma de templo ou ara e a *cupa* (Gsell, 1901, p. 79 e fig. 103 da p. 80; igualmente notado em López Vilar, 1999-2000, p. 70), pois têm na parte superior o que poderemos chamar uma verdadeira *cupa* lítica, maciça ou oca. No desenho que Gsell publica é claramente visível no lado curto exposto deste elemento de cobertura um encaixe destinado a um qualquer bloco desaparecido, talvez uma estela com o epitáfio. Há estelas documentadas em África incorporadas não apenas em *cupae structiles* (como exemplos, Bacchielli, 1986, tavola II; Leveau, 1984, p. 207 e figs. 34 e 35) mas mesmo em *cupae* líticas (veja-se como exemplo uma *cupa* de *Ammaedara* em Stirling, 2007, p. 111, fig. 5.1).

Serão estas torres funerárias de Mons versões intermédias em relação aos grandes mausoléus de abóbada semicilíndrica e as *cupae*? Será adequado classificar as suas coberturas como *cupae*? Serão os encaixes referidos realmente destinados a estelas? Não é forçoso que todos os monumentos funerários menores que mausoléus e com cobertura semicilíndrica sejam *cupae*, pois poderão integrar formas mais complexas: recentemente foi identificado, sobretudo na região de Cáceres (mas também em território actualmente português), o que poderá talvez ser uma nova tipologia de monumento funerário em pedra relacionável com as *cupae* (Gómez-Pantoja, Madruga e González Cordero, 2011). Possui um corpo central com a superfície superior semicilíndrica (e por vezes degrau separando-a das faces verticais) e tem em cada extremidade um bloco paralelepípedo, quase como se fosse uma *cupa* com dois cipos ou “torreões” nos extremos. Aparentemente cada um destes blocos teria gravado um crescente lunar (elemento comum a muitos outros monumentos funerários). Sendo a princípio notada a sua possível ligação às *cupae* (e igualmente a sua semelhança com determinados elementos arquitectónicos funerários emeritenses), a verdade é que não há, todavia, neste momento, bases sólidas para sequer afirmar cabalmente a sua função funerária (Osório, 2018). Mais tarde a hipotética ligação às *cupae* foi de novo argumentada (Gómez-Pantoja *et al.*, 2012, p. 434) com a comparação com as *cupae* líticas da *Africa Proconsularis* que têm a cartela plana central deslocada para um lado, assumindo a nova tipologia cacereña um aspecto semelhante ao destas – embora as africanas tenham apenas um bloco paralelepípedo numa das extremidades (Lassère, 1973, fig. 29, n.º 48). Existe uma tipologia de *cupa structilis* semelhante em Isola Sacra, com a representação de uma fachada de mausoléu em ponto pequeno numa das extremidades (foto em Encarnação, 2012, p. 437, fig. 1; é claramente uma variante em ponto pequeno de mausoléus como os que estão em Calza, 1940, p. 45, fig. 9). Uma hipótese que se poderia colocar seria a de que os monumentos de Cáceres fossem uma versão desta tipologia romana (tivesse origem africana ou não). Os degraus laterais no corpo central reforçam a correspondência com as *cupae* locais (bem como com as de *Aeminium* e *Olisipo*, por exemplo). Porquê, então, a utilização de dois blocos em vez de um? Uma explicação possível seria a eliminação do que poderia ser visto como um desequilíbrio estético da peça, tornando-a simétrica. Uma ligação entre estes monumentos de Cáceres e uma tipologia exemplificada por uma *cupa* de Bir es Zeitoun, Cartago (que deverá ser no entanto *structilis*; sobre este monumento e outros do mesmo tipo ver Stirling, 2007, p.

128-129 e fig. 5.5, com ênfase na nota 106), poderá ser avançada com base em outras coincidências: a utilização de blocos paralelepípedicos não estritamente em forma de ara, sendo desprovidos de frontões e toros, mas também a presença de um festão decorativo no monumento africano que pode ter sido traduzido nos de Cáceres por um crescente lunar em posição horizontal, que apresenta uma forma geométrica muito aproximada. Seria assim natural recorrer a um elemento decorativo funerário que faria parte do habitual repertório local<sup>44</sup>. Notemos porém que uma *cupa* lítica igualmente da região de Cáceres tem uma *tabula ansata* decorada com um festão na sua parte inferior (Gómez-Pantoja *et al.*, 2012, p. 420, fig. 4).

Voltando aos mausoléus, na *Hispania*, nomeadamente na *Baetica*, existem sepulturas colectivas em cantaria, de planta rectangular e abóbada semicilíndrica, cuja entrada (selada) se encontra num dos lados curtos (Ruiz Osuna, 2009, p. 200-207). Há um exemplo em bom estado de conservação em Isla Canela, e outro na necrópole de Las Maravillas (Bobadilla, Málaga), uma câmara funerária datada possivelmente do séc. II d. C., descoberta soterrada mas que deveria estar originalmente construída sobre a superfície do terreno (Romero Pérez, 1993-1994). Há também registos de mausoléus provavelmente semelhantes em *Augusta Emerita* além do atrás mencionado da “Casa del Anfiteatro” (Murciano, 2010, p. 63). Perto dos “columbários” existem dois, lado a lado, com abóbada de canhão e degraus laterais. No interior são visíveis os nichos destinados aos restos mortais.

Monumentos comparáveis encontram-se ainda em outros locais. Na referida necrópole de *Elaiussa Sebaste*, de um total de 66 mausoléus de tipo *tomba a casa*, 10 são de cobertura semicilíndrica, sendo os outros de cobertura de duas águas ou cobertura plana, havendo ainda alguns casos indetermináveis (Equini Schneider, 2003, p. 425). Com excepção de um exemplo mais pequeno, a técnica de construção utilizada tem como resultado as duas paredes mais longas terminarem num degrau que cria uma quebra entre estas e a cobertura semicilíndrica, aproximando-se assim muito da forma das *cupae* líticas de *Olisipo* e de *Aeminium*, bem como de certos tipos africanos. Outros exemplos possíveis são o mausoléu de La Dogana, em Centuripe, na Sicília, ou o que está no Jardim Botânico da Universidade de Sófia, perto de Varna, na Bulgária.

As *cupae* líticas de *Olisipo* poderão assim ser representações de mausoléus, assunto a que voltaremos adiante.

## 5. AS CUPAE LÍTICAS DO MUNICIPIUM OLISIPONENSE

### 5.1. O MUNICIPIUM OLISIPONENSE

Todo o território do *municipium Olisiponense*, incluindo o rural (Delicado, 2011; Guerra, 2003), fornece amplas evidências de uma realidade muito activa sob diversos pontos de vista, nomeadamente o social, o cultural e o comercial, como demonstra, por exemplo, a grande riqueza epigráfica (Cardim Ribeiro, 1994, p. 81). *Olisipo*

<sup>44</sup> De origem indígena, segundo Gómez-Pantoja, Madruga e González Cordero, 2011, p. 388; no entanto, seria também um elemento corrente na decoração funerária africana: Gsell, 1901, p. 46; está também presente, por exemplo, numa *cupa* lítica de *Barcino*: Julià, 1965, planche XII, 1.

terá rapidamente ultrapassado em importância a sede conventual, *Scallabis*, tornando-se na principal cidade litoral da *Lusitania* e segunda em importância a seguir a *Augusta Emerita* (Mantas, 1994, p. 71 e 73; Filipe, 2021). A crescente influência da cidade alicerçava-se numa forte e precoce romanidade e numa posição geográfica estratégica sobretudo em relação às rotas marítimas, além dos seus numerosos recursos naturais, que terão naturalmente tornado este território numa zona muito dinâmica e atraente para indivíduos provenientes de diversos locais (como a Península Itálica ou o próprio interior da *provincia Lusitania*). Além da exploração dos recursos marítimos, estuarinos e agro-pastoris, haveria também actividades ligadas à extracção e trabalho da pedra e à exploração de pedras semi-preciosas, entre outras (Guerra, 2003, p. 123-127 e 146; Filipe, 2021, fig. 2).

Não é fácil na actualidade determinar as delimitações geográficas das divisões administrativas romanas; se o conseguimos fazer com alguma fiabilidade quanto às *provinciae* há casos de pormenor que não são pacíficos. Em divisões menores e mais mal documentadas como os *conuentus* ou as *ciuitates* as dúvidas podem ser ainda maiores. Efectivamente, temos de recorrer a limites mais ou menos conjecturais no caso do *municipium Olisiponense* (sabemos que *Felicitas Iulia Olisipo* era *municipium ciuium Romanorum* por Plínio-o-Velho, *Naturalis Historia*, 4.117). No âmbito deste estudo tal não será na realidade um obstáculo relevante, uma vez que o grupo de monumentos aqui tratado é claramente consistente, com grande homogeneidade interna, e totalmente inserido numa realidade geográfica que poderemos designar como a península de Lisboa. Esta será, pelo menos em grande medida, coincidente com o território do *municipium* em questão, apesar das dificuldades em definir precisamente as suas fronteiras. Podemos sem grandes problemas afirmar que todas estas *cupae* estavam dentro desse território, embora as de Torres Vedras estejam situadas ao longo da presumível região fronteira setentrional, e embora exista a dúvida relativa à *cupa* de Alverca (*HEp* 7, 2001, 1187, p. 414; Camacho, Calais e Nunes, 1996, p. 185; Pimenta e Mendes, 2007, p. 64). Quanto a esta última, a questão do enquadramento administrativo do seu local de proveniência (Cardim Ribeiro, 1994, p. 80-81) é um pormenor no âmbito do presente trabalho, estando este monumento evidentemente inserido no fenómeno em estudo, dada a sua grande proximidade da cidade de Lisboa e, sobretudo, dadas as suas características tipológicas.

Apesar de chegar a colocar a hipótese de uma capital de *ciuitas* (que seria *Ierabriga*) entre os *territoria* de *Olisipo* e *Scallabis*, Alarcão (2002, p. 43-44) considera que *Ierabriga* parece ter sido no máximo um *uicus* na zona de fronteira entre os dois. Propõe como limite norte aproximado do *municipium Olisiponense* o paralelo de Alenquer e, quanto a isto, a presença da tribo *Galeria* nos epitáfios sugere como término a ribeira de Alcabrichel (Mantas, 2002, p. 134, põe a hipótese que o limite fosse um pouco mais a norte, coincidindo aproximadamente com o do actual concelho de Torres Vedras), uma vez que *Scallabis* estaria ligada à tribo *Sergia*, embora a surpreendente escassez de testemunhos epigráficos no seu território fragilize as conclusões possíveis (Alarcão, 2002, p. 42; Guerra, 2002a, p. 181). Esta fronteira prolongar-se-ia para a Serra de Montejunto e daí percorreria o caminho até ao Tejo ao longo da Ribeira da Ota ou talvez da Ribeira de Alenquer (Alarcão, 1990, p. 365; Alarcão, 2002, p. 44); o território do *municipium* incluiria assim Torres Vedras e Alenquer.

A ocidente seria até ao Oceano Atlântico que se estenderia o território. A sul incluiria a parte setentrional da Península de Setúbal, até ao limite com o *territorium* de *Salacia* (Alarcão, 1994, p. 61; Cardim Ribeiro, 1994, p. 81-82). A oriente a fronteira poderia coincidir com o Tejo, embora pudessem também abarcar territórios da sua margem esquerda (Alarcão, 1994, p. 61) ou, pelo contrário, nem chegar ao rio (Cardim Ribeiro, 1994, p. 80-81).

## 5.2. AS CARACTERÍSTICAS DAS CUPAE LÍTICAS DO MUNICIPIUM OLISIPONENSE

Encontrando-se as *cupae* líticas de *Olisipo* desde a zona de Torres Vedras, a norte, até aos limites estabelecidos pelo Rio Tejo e o Oceano Atlântico, há uma notável concentração numa área a norte de Sintra (centrada em Faião / São Miguel de Odrinhas; ver fig. 15), de onde provém também uma quantidade anormalmente grande de outros monumentos funerários romanos, o que nos faz supor aí a existência de um povoado hoje perdido, provavelmente um *uicus*, presumivelmente relacionado com as actividades ligadas às pedreiras locais; hipoteticamente a  $\chi\rho\eta\tau\iota\upsilon\alpha$  de Ptolomeu (cujo próprio nome é duvidoso, estando provavelmente corrompido: *CIL* II, p. 24; Cardim Ribeiro, 2013). Esta hipótese foi posta por Cardim Ribeiro (1982-1983, p. 160-161) e aceite por Alarcão (1994, p. 61). No entanto, as conjecturas quanto à localização de  $\chi\rho\eta\tau\iota\upsilon\alpha$  não deixaram ainda de assentar em dados que carecem de solidez (como apontado em Guerra, 2002b, p. 124, e nota 2, p. 127; Guerra, 2003, p.127-128; e desenvolvido em Cardim Ribeiro, 2013), pelo que haverá que esperar o surgimento de novas informações que permitam um mínimo de segurança.

A probabilidade da existência de um *pagus marmorarius* na área do Faião, já de si evidente face à elevada concentração de epígrafes monumentais em pedra local, é reforçada pela identificação de uma ara dedicada por uma família de elevado estatuto social à divindade *Ilurbeda*, cuja influência divina estava provavelmente ligada às actividades de extracção mineral em minas e pedreiras (Campos, 2018).

O facto de não se conhecerem *cupae* líticas na actual cidade de Lisboa propriamente dita poderá explicar-se pelo facto de muitos dos seus monumentos epigráficos se terem perdido, devido ao grande crescimento urbano ao longo dos cerca de dois milénios que nos separam da sua época. Temos conhecimento de muitas epígrafes

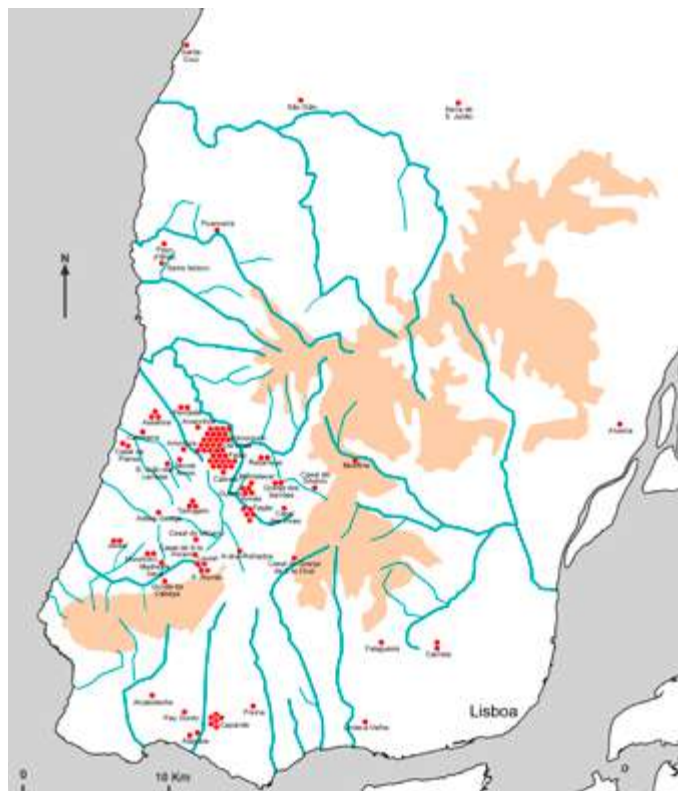


Fig. 15. Distribuição das *cupae* líticas do *municipium olisiponense*.

hoje desaparecidas através de relatos diversos, muitos dos quais produzidos ao longo da reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755, processo no qual inúmeros monumentos romanos, epigrafados ou não, terão sido destruídos ou ocultados, por exemplo em alicerces dos edifícios da baixa pombalina. Estes relatos incluem transcrições de textos em muitos casos funerários cujos suportes físicos não são descritos, ou são-no sumariamente e sem detalhes que permitam uma classificação (acerca desta questão: Silva, 1944a, p. 18-30). Vários poderão ter sido *cupae* deste tipo, sendo impossível sabê-lo, a não ser que ocasionalmente venham a ressurgir alguns destes monumentos desaparecidos.

Existem na actualidade alguns exemplares próximos da cidade: dois de Carnide (2/013 e 2/014), onde foram reutilizados como cunhais e frades de protecção de prédios (este tipo de reutilização não será inédito, havendo pelo menos uma *cupa* alentejana em situação idêntica em Ferreira do Alentejo), e um junto à *uilla* da Quinta da Bolacha, na Falagueira (2/001), reutilizado como cunhal de uma casa. Outro, que será proveniente de Linda-a-Velha e que está actualmente no Museu Arqueológico do Carmo (1/001), terá sido encontrado *in situ*.

O que comprovadamente existiu nas necrópoles da cidade de *Felicitas Iulia Olisipo* (pelo menos na da Praça da Figueira) foram as referidas (em 3.1.) *cupae structiles* mais tardias, de cronologia e tipo de construção análogos aos das que surgem em diversas necrópoles do sul de Espanha e também em Tróia de Setúbal. Farão parte, pois, de um fenómeno diferente, não devendo ter exactamente uma ligação directa às *cupae* líticas do *municipium*.

Dentro do panorama tão variado que observámos, as *cupae* líticas do território de *Olisipo* apresentam características que as distinguem particularmente, mesmo dentro os grupos da *Hispania*. Vejamos quais são, com a salvaguarda de se reportarem aos casos em que foi possível obter elementos, apesar da segurança de se tratar de uma amostra assaz extensa.

- O material em que são construídas é sempre calcário (lizo), abundante na península de Lisboa.
- A cobertura semicilíndrica é uma tampa que cobre um bloco inferior de tamanho comparável e com o qual forma uma caixa de pedra monumental que enclavava no seu interior os restos mortais.
- Têm uma grande rigidez formal, com pouquíssimas variações, que se verifica mesmo na relação entre as proporções das dimensões.
- A decoração é inexistente (ou, em casos muito raros, mínima), com excepção de uma moldura lateral que segue a base da tampa nos lados longos.
- A epígrafe funerária é sempre gravada num dos lados curtos da tampa (havendo um único caso, 3/001, de um bloco inferior com epígrafe também num dos lados curtos).
- São sempre sepulturas de cremação, cobrindo a tampa um *sepulcrum* ou *loculus*, cavidade na qual se colocaria a urna ou urnas cinerárias e quaisquer objec-

tos relacionados com o percurso (*ante* ou *post mortem*) do defunto ou dos defuntos (sendo raro não serem sepulturas individuais).

- Não apresentam canais libatórios, devendo-se certamente os orifícios presentes em algumas a reutilizações posteriores, das quais existem geralmente vários outros indícios: encaixes diversos, escavação do interior, corte do topo para estabilização em posição invertida, etc. – estes sinais de reutilizações são aliás extremamente comuns.
- Têm uma cronologia precoce – anterior à generalidade dos restantes grupos de *cupae* hispânicos –, concentrada no séc. I d. C. com alguns exemplares finais de princípio do séc. II d. C.; sendo um monumento de presença muito expressiva dentro desta cronologia, desaparece do registo precisamente quando a *cupa* se generaliza no resto da Península Ibérica e do Império Romano.
- São sepulturas utilizadas maioritariamente por cidadãos romanos, aparentemente com uma forte componente descendente de imigrantes provenientes da Península Itálica.

Vejamos um pouco mais pormenorizadamente cada uma destas características.

### 5.2.1. MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Nos arredores de Lisboa, particularmente no actual concelho de Sintra, mas também no de Cascais, existem ainda hoje diversas pedreiras de calcários fossilíferos ornamentais de várias tonalidades. Em período romano, o que foi mais utilizado foi o denominado lioz rosa, predominantemente oriundo das pedreiras das Lameiras. Trata-se de um calcário compactado, bioclástico e calciclástico, com rudistas, que terá sido explorado desde então até à actualidade, e que apresenta tons róseos mais ou menos intensos (ver a respeito Cardim Ribeiro, 2000, p. 363, nota 8). No *municipium Olisiponense* é a pedra utilizada na maioria dos monumentos epigráficos e também em diversos elementos arquitectónicos e mesmo utilitários, como contrapesos de *torcularium*, tendo em muitos casos sido transportada por via terrestre cerca de uma dúzia de quilómetros e depois por via marítima até diversos locais como a cidade de *Olisipo* ou Tróia de Setúbal. É mesmo possível que tenha sido exportada em placas para revestimento até *Augusta Emerita, Italica* e outros locais (Fusco e Mañas Romero, 2006, p. 26-28; Mañas Romero e Fusco, 2008, p. 496-498). A maioria das *cupae* líticas do *municipium Olisiponense* será de material da zona das Lameiras, havendo no entanto outras proveniências. As da região de Cascais terão sido esculpidas em variedades de calcário local, de São Domingos de Rana (Encarnação, 2001, p. 122-123). E poderá haver alguns outros casos em que a tradicional correspondência entre as peças de lioz rosa e as Lameiras seja errónea – material semelhante terá talvez sido explorado em época romana por exemplo em pedreiras de Torres Vedras (Cardoso e Luna, 2005, p. 77-78). É ainda possível que tonalidades ligeiramente diferentes possam porventura remeter para pedreiras próximas das Lameiras, como Negrais, Pedra Furada ou Pêro Pinheiro, sendo que a continuação da exploração até ao presente terá obliterado quaisquer vestígios de possíveis actividades extractivas romanas, sendo excepção a pequena pedreira de âmbito meramente local identifica-



Fig. 16. *Cupae* da muralha de Trujillo, Cáceres (Gómez-Pantoja et al., 2012, p. 420, fig. 3).

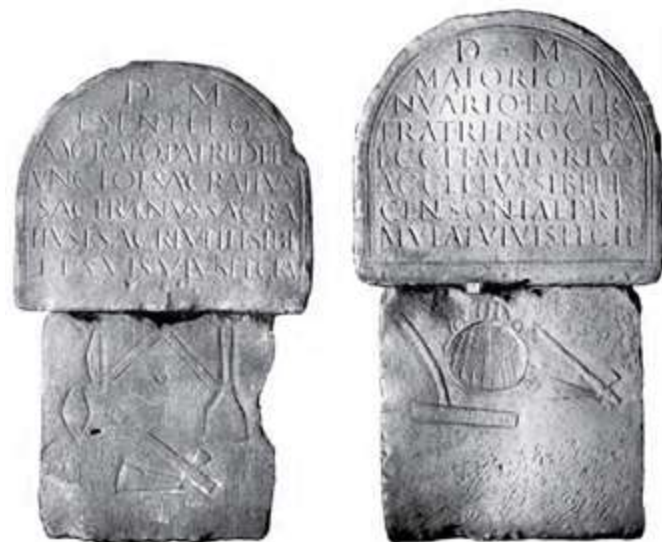


Fig. 17. *Cupae* de Augusta Treuerorum, actual Trier (Espérandieu, 1925, p. 410).

da em Colaride (Coelho, 2002; Coelho, 2008). Refira-se ainda que o lioz da região de Sintra, segundo estudo feito com amostras de Tróia de Setúbal, seria sobretudo utilizado como material de construção e de suporte epigráfico, sendo oriunda de Estremoz a pedra destinada aos trabalhos de acabamento mais exigente (Delicado, 2011, p. 73; consultar ainda Andreu Pintado, 2011).

### 5.2.2. FUNCIONALIDADE

Já foi bem demarcado que as *cupae* líticas são coberturas de sepulturas, e não sepulturas em si mesmas. Tal facto encontra uma excepção nas *cupae* líticas olisiponenses, que podem ser encaradas como uma versão cinerária do sarcófago, ou como grandes urnas de pedra; são caixões cinerários constituídos por dois elementos líticos visíveis acima do solo (como comprovam as dimensões dos blocos inferiores e o facto de terem as superfícies alisadas como as tampas, além de existir um caso epigrafado) em cujo interior estaria a verdadeira urna (como acontecia com as *custodiae* etruscas, adiante referidas). As restantes *cupae*, estivessem ou não assentes num soco, num pódio ou num pedestal de degraus (e no caso das líticas, na maioria dos casos isto não é determinável devido a muito raramente serem encontradas *in situ*), cobririam uma deposição abaixo do solo, fosse esta enterrada ou, em alternativa, colocada dentro de uma cova, lajeada ou não, sendo a *cupa* uma simples tampa e/ou marcador. A escassez de situações *in situ* impede, porém, uma grande segurança nesta afirmação, e a pertinência da dúvida foi confirmada em 2015, com o surgimento em Uncastillo de uma *cupa* lítica acompanhada da sua base (Andreu Pintado, 2018). A cavidade escavada na face inferior da *cupa* corresponde à depressão rectangular na face superior da base, formando, em conjunto, um receptáculo para a urna cinerária ao qual não falta um *infundibulum* circular para esta direccionado. Também neste caso temos, sem dúvida, uma *cupa* de pedra formada por elemento

superior e inferior, destinada a conter no seu interior a cremação do defunto. A base é aqui mais larga que a *cupa*, servindo de pedestal ou *crepido*, assemelhando-se o resultado um pouco ao que sucedia com as *cupae* líticas de *Emerita*, embora estas últimas assentassem num largo pedestal composto por diversas lajes que cobriam um sepultamento subterrâneo.

Um dado importante a reter é a consolidação da noção de que as *cupae* líticas do Império que tenham uma cavidade (presume-se que geralmente rectangular) na face inferior serão *de facto* contentores e não apenas marcadores/protectores de tumulação<sup>45</sup>.

Quanto a esta característica, há no entanto que reflectir um pouco mais no que concerne as *cupae structiles*: a função da *cupa* como marcador ou cobertura de sepultura e não como contentor tem sido bem frisada inclusivamente como argumento na discussão terminológica (Bacchielli, 1986, p. 307; Baratta, 2006, p. 1678; Lassère, 2005, p. 225; no *municipium Olisiponense* temos contudo a *cupa* como contentor por excelência). Mas no caso das *structiles* conhecem-se diversas excepções, pelo que é defensável que tal característica seja doravante afastada da discussão quanto à definição do que é uma *cupa*. Poderá ser um exemplo de como as tentativas de atingir uma maior precisão no emprego do termo recorrem por vezes a factores algo

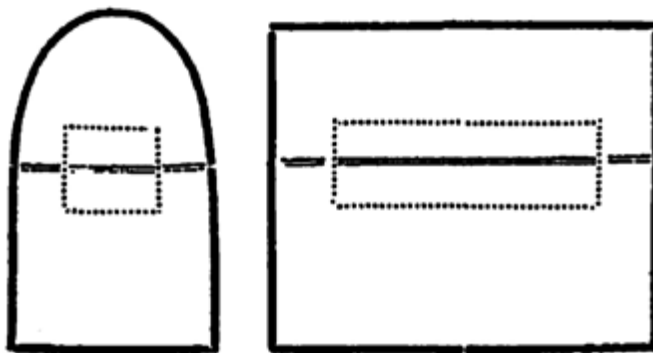


Fig. 18. Representação esquemática das *cupae* de Trier (adaptada de Hübner, 1864, p. 157).



Fig. 19. Urna cinerária da *Gallia Aquitania* (Lantier, 1949, pl. VIII, n.º 8069).

<sup>45</sup> Isto, claro, descontando cavidades posteriores decorrentes de reutilizações; muitas *cupae* líticas do *municipium Olisiponense* tiveram o seu interior posteriormente escavado. Seriam todas originalmente maciças, com toda a probabilidade.



Fig. 20. Cipos funerários com topo semicilíndrico (adaptada de Montfaucon, 1719, pl. LXXI, e Montfaucon, 1724, pl. XXVIII).

arbitrários que se podem revelar contra-producentes.

Na província da *Cilícia*, quase no extremo oposto do Império Romano relativamente à *Lusitania*, numa necrópole de *Elaiussa Sebaste* que é um dos mais impressionantes complexos funerários romanos da Anatólia, existem diversas *cupae structiles* construídas em conglomerado cimentício, ou em blocos de calcário com revestimento em argamassa, de cronologia imperial. Neste local, os conceitos de necrópole como cidade dos mortos e de túmulo como casa *post mortem* são particularmente evi-

dententes, existindo numerosas casas funerárias, verdadeiros edifícios habitáveis, com colunas e outras decorações<sup>46</sup>. A presença expressiva das *cupae structiles* contrasta com a típica escassez deste tipo de monumento nas províncias orientais do Império (com raras ocorrências em *Kanytelleis*, em que se regista um exemplar directamente relacionável com os da vizinha *Elaiussa Sebaste*; em *Magydos*, na *Pamphylia*, com um caso com o epitáfio numa estela colocada num dos lados curtos, datável de Trajano; e possivelmente em *lasos*, na *Caria*, onde surgem dois aparentes exemplares: Equini Schneider, 2003, p. 459). Todavia, as *cupae* de *Elaiussa Sebaste* contêm no seu interior fossas sepulcrais escavadas superficialmente na rocha, sobre as quais são depositados os restos mortais, que se encontram assim no interior da construção (Equini Schneider, 2003, p. 460). Desta forma, aqui a *cupa* não é uma cobertura ou um marcador de sepultura, mas uma construção que contém no seu interior o espaço funerário, como os sarcófagos. Estes túmulos são muito diferentes dos «caixões» em pedra de Lisboa que encerram urnas cinerárias, mas poderão, como eles, ser conceptualmente encarados como contentores e não simples marcos ou tampas. Existem outros exemplos da *cupa structilis* como contentor dos restos mortais e não apenas como marcador<sup>47</sup> (Stirling, 2007, p. 110; Ben Abed e Griesheimer, 2001, p. 568, fig. 6).

López Vilar desenvolve uma tipologia de *cupae* e monumentos funerários afins em que esta questão é um dos critérios de definição (López Vilar, 1999-2000, p. 84-85 e 102, lâmina 15). No entanto, reconhece a excepção (Tipo 2b da sua tipologia; López Vilar, 1999-2000, p. 85). E Bacchielli, no mesmo artigo em que descarta tanto a teo-

46 A prática não seria exclusiva – veja-se a casa funerária, já do séc. IV d. C., de Isla Canela, na *Baetica*, em Vaquerizo Gil, 2010, p. 270-271 e fig. 250.

47 Refira-se ainda, como curiosidade, que em locais do Baixo Alentejo, nomeadamente nos cemitérios da Amareleja e da aldeia da Granja, mantém-se uma tradição funerária, alegadamente de origem islâmica, que consiste no sepultamento sobretterrâneo, em campas ditas em altura. Estas campas, mesmo já no séc. XX, são na generalidade autênticas *cupae structiles* com abóbada em tijolo e argamassa e mesmo presença de degrau lateral nos lados longos.

ria da derivação a partir de sarcófagos como a de que sejam as *cupae* versões reduzidas de grandes monumentos funerários (apesar da realidade visível em *Ostia*), com base na premissa de que a *cupa* não é contentor mas sim elemento de protecção, publica (na página seguinte) uma *cupula* de *Tipasa* que encerra no seu interior, presumivelmente, a cavidade destinada aos restos mortais (Bacchielli, 1986, p. 306-308; uma variante deste tipo de monumento tinha uma cavidade destinada a oferendas e libações dentro da *cupa* e a verdadeira cavidade sepulcral soterrada abaixo do monumento).

Há portanto que clarificar estes critérios e, mais uma vez, não perder de vista que podemos estar a tentar erradamente encontrar uma origem comum ou uma explicação única e simplificada para fenómenos que poderão ter fontes diversas e, quiçá, não possuir relações directas entre si ou apenas ligações ténues.

Em relação às *cupae* líticas olisiponenses, há uma grande disparidade entre o número de blocos inferiores e de tampas de que hoje dispomos; enquanto o número de tampas ultrapassa a centena, os blocos inferiores rondarão actualmente a dezena. Além disso, nenhuma destas *cupae* foi encontrada *in situ* em tempos recentes, havendo apenas breves relatos secundários sobre duas ou três que tê-lo-ão sido há cerca de um século ou mais. No entanto, os dados de que dispomos permitem-nos afirmar que a proposta de que eram monumentos compostos pelos dois elementos é indubitavelmente sólida.

A diferença entre as quantidades citadas poderá ser explicada sobretudo por dois factores. Por um lado, tendo sido praticamente todos estes monumentos recuperados a partir de contextos de reutilização, é claro que as tampas são muito mais facilmente identificáveis, mesmo que em estado fragmentário, quando reaproveitadas como elementos de construção, como pias, como pesos de lagar, etc. devido à sua forma semicilíndrica, à moldura lateral e à ocasional visibilidade de vestígios epigráficos. Os blocos inferiores são paralelepípedos rectangulares muito mais dificilmente reconhecíveis, que podem ser inclusivamente cortados em pedaços menores e utilizados em edificações, finalidade a que são aliás mais apropriados que as tampas, sendo assim em maior número de casos ocultados ou não identificados. Por outro lado, será também natural que, nos casos em que os monumentos estejam ainda completos e *in situ*, total ou parcialmente soterrados, acções de limpeza dos terrenos agrícolas ou de recolha de pedras para diversas finalidades tenham como consequência a recuperação das tampas e o abandono no local dos blocos inferiores, a cotas mais profundas. Tal poderá ser também a explicação para a disparidade que igualmente existe no *municipium Olisiponense* entre o número de capeamentos e impostas de cipos prismáticos hoje recuperados e o das suas bases, muitíssimo menos numerosas.

Possuímos no entanto outros elementos indicadores da morfologia original dos monumentos compósitos que são estas *cupae* – além de dois exemplares completos, com ambos os monólitos –, nomeadamente os sistemas de encaixe ainda visíveis em muitas das peças analisadas, que por si só asseguram a existência original do elemento complementar. Será pertinente descrever alguns exemplos mais evidentes.

A *cupa* da ermida de São Romão (1/002) é certamente a melhor ilustração desta realidade. Ambos os elementos – superior e inferior – foram descobertos em 1956 reutilizados nas paredes de uma ermida medieval arruinada (HAE 1622; Cardozo, 1958, p. 369-370). A total coincidência das dimensões, bem como o sistema de encaixe interno, havendo um rebordo saliente ao redor da boca do *sepulcrum* que segurava a tampa no lugar, demonstram cabalmente tratarem-se das duas partes de um só monumento, sendo aliás encaixadas que se encontram actualmente expostas ao público no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. No mesmo museu encontram-se outros blocos inferiores (cujas tampas são de paradeiro desconhecido) que igualmente apresentam este rebordo (por exemplo, 3/004).

Era este rebordo ao redor do *sepulcrum* que encaixava naquele que acompanha o perímetro da face inferior da tampa. Apesar de, na grande maioria, as tampas que chegaram a nós se encontrarem fragmentadas, mutiladas, frequentemente escavadas, diversas subsistem cuja forma original se mantém ou nas quais é verificável a presença desta característica. Um excelente exemplo do aspecto original da face inferior destas tampas pode ser visto na foto do monumento 2/047, na parte II deste livro.

Outro sistema que surge raramente é o fecho com encaixe em cauda-de-andorinha, que era aplicado em algumas destas *cupae* a meio das arestas de junção dos lados curtos (há sarcófagos romanos nos quais, além de um rebordo interno para fixação da tampa, idêntico ao que surge em blocos inferiores das *cupae* líticas olisiponenses, está igualmente presente o sistema da cauda-de-andorinha; veja-se um exemplo em Hauschild, 1993, *tafel* 5a; Hertel, 1993, *tafel* 37). Verifica-se num bloco inferior e em duas tampas (3/002; 2/072; 2/094) conservados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, bem como numa tampa (2/067) exposta no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa, que foi encontrada no lugar da Madre de Deus, em Sintra.

Em exposição neste museu, ao lado desta última, encontra-se a única *cupa* completa (1/001) – com os elementos superior e inferior – a chegar até nós além da *cupa* da ermida de São Romão, e podemos concluir que terá sido encontrada em 1920 em Linda-a-Velha, nos arredores de Lisboa, com base numa notícia publicada por Félix Alves Pereira em 1933 (Pereira, 1957, p. 91-92). Estaria aparentemente intacta e *in situ* (no que será caso único entre todas as *cupae* líticas do *municipium* até hoje descobertas)<sup>48</sup>, pois a notícia refere o seu “espólio” que incluía a urna cinerária. Existe de facto nas colecções do Museu Arqueológico do Carmo uma urna de chumbo, cilíndrica e com tampa, que deverá ser certamente a referida. Tem altura aproximada de 10,7 cm e diâmetro médio de 20,7 cm. A aba da tampa tem 3 cm. No seu interior encontram-se muitos fragmentos de ossos queimados, cinzas, e dois pequenos fragmentos de vidro (aparentemente de um unguentário). Numa notícia posterior (Pereira, 1957, p. 93-94) revela-se que dentro da *cupa* estavam igualmente duas moedas

48 Embora haja um relato semelhante quanto à *cupa* decorada de Caparide e outro que levanta a possibilidade quanto à do Goilão – *vide infra*.

de bronze<sup>49</sup>. Há que referir, no entanto, que esta *cupa* é em certos aspectos problemática, devido a não ter epitáfio gravado (e, aparentemente, nunca o ter tido) e também devido ao bloco inferior não apresentar as superfícies alisadas e tendo, consequentemente, um aspecto muito mais tosco que a tampa. São questões que o actual desconhecimento dos detalhes da história da peça – nomeadamente das circunstâncias do seu achamento e do seu percurso até chegar ao Museu Arqueológico do Carmo – não ajuda a esclarecer.

É pertinente referir ainda uma *cupa* proveniente de Caparide, Cascais (Encarnação, 2001, n.º 24; Vasconcellos, 1913, p. 401, 403), que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa e cuja inscrição é hoje ilegível devido à erosão (apresentando no entanto uma rosácea quadripétala decorativa acima da epígrafe, no que é um *unicum* no universo das *cupae* olisiponenses). Aquando da sua descoberta no séc. XIX foi relatado ter coberto originalmente uma caixa de pedra que continha ossos. Outra muito próxima desta, do Goilão, teria sido encontrada com alvenaria por baixo, possivelmente uma alusão ao bloco inferior original (ambos os casos registados em Vasconcellos, 1895b, p. 248-249).

Voltando a Félix Alves Pereira que, como vimos, não terá publicado de forma exaustiva tudo aquilo que viu nas suas deambulações arqueológicas (referindo apenas de passagem a descoberta da *cupa* completa de Linda-a-Velha), muito tendo feito mesmo assim – é fonte inestimável sem a qual diversos monumentos aqui tratados, entre outros, teriam a sua proveniência e história irremediavelmente perdida ou equivocada –, vejamos o que diz ele sobre as *cupae*, à luz dos seus conhecimentos na época (Pereira, 1938, p. 150): “A inscrição funerária ocupava o tampo transversal da tampa do sarcófago, cuja forma característica costuma ser comparada à de um baú, barril ou meia coluna<sup>50</sup> oca. Esta classe de monumentos é constituída por uma pia rectangular de menor comprimento que o corpo humano, destinada a receber as cinzas da cremação, piedosamente ainda resguardadas dentro de algum recipiente de vidro ou de chumbo. Dá-se-lhes em arqueologia a denominação de sepulturas «cupiformes» ou «arciformes» e o epitáfio costuma ser gravado ou no tampo da pedra que constituía a tampa, como é o caso presente, ou a um dos lados. Em Portugal são as províncias meridionais que têm revelado maior disseminação dêste tipo de sepulturas romanas e o motivo é que a sua introdução se efectuou através do «Fretum Gaditanum», isto é, do estreito de Gibraltar, por provirem da Mauretânia, como mostrarei.”

Obviamente, nesta fase precoce do estudo destes monumentos, Félix Alves Pereira pressupõe que as *cupae*, na generalidade, possuam bloco inferior, como as que

49 Sobre a deposição de moedas dentro de sepulturas romanas veja-se Romanò, 2009, p. 177-179; a função simbólica deste óbolo é normalmente aceite como o pagamento a Caronte, barqueiro infernal, mas a discussão permanece em aberto.

50 Escreve Theodor Mommsen sobre esta tipologia funerária (*CIL X 354*): «cippi forma est plane singularis, quales alios vidi in Lucania et Beneventi quamque apelo *formam Lucanam*. Columna brevis in longitudinem secta, qua parte secta est terrae imponitur; inscriptio legitur modo per totam columnam, modo in tabella prostante in ea parte columnae quae viam spectabat». De facto, e especificamente no caso das tampas olisiponenses, existem secções de meias colunas ou colunas embutidas – elementos arquitectónicos de qualquer modo – morfologicamente muito aproximadas, por exemplo em Ildanha-a-Velha e Miróbriga. Sob o ponto de vista construtivo, o processo seria decerto muito semelhante.

mais directamente conhece (as do termo de *Olisipo*). São, porém, os detalhes que fornece quanto às olisiponenses que realmente interessam, na passagem ora transcrita.

É de notar que se, como atrás referido, muitas *cupae* não eram propriamente monumentos funerários modestos, as *cupae* líticas olisiponenses são disso bom exemplo, apesar da simplicidade das suas linhas. Seria necessária mão-de-obra especializada não apenas para o seu talhe mas também para a colocação da tampa sobre o bloco após a deposição dos restos mortais e oferendas funerárias no *sepulcrum*, o que, no caso das maiores, implicava a elevação e o manuseamento de uma pedra com centenas de quilos.

Ainda em relação à questão formal da *cupa* lítica de *Olisipo* enquanto contentor, foi feita a comparação entre os zoomorfos em pedra (berrões e touros) da zona dos povos *Vettones* com as *cupae*, uma vez que pelo menos alguns deles terão tido funções funerárias, sendo colocados sobre as sepulturas. Que assim era é indicado pelos epitáfios em latim que alguns apresentam gravados no dorso, datáveis dos séculos I-II d. C. e com onomástica e formulário fortemente indígenas (López Monteagudo, 1989, p. 125-126), e foi comprovado com a descoberta de quatro destes monumentos *in situ*, em Martiherrero, perto de Ávila (López Monteagudo, 1982, p. 11), que eram aqui constituídos por duas peças: a escultura do berrão propriamente dita, e um bloco inferior paralelepipedico que lhe serviria de base e que continha o *sepulcrum* onde seriam depositadas as cinzas do falecido. Este *sepulcrum*, descentrado no bloco paralelepipedico, seria integralmente coberto pelo zoomorfo, enquanto na parte da superfície superior do bloco que seria visível por baixo da cabeça do berrão se encontrava uma pequena depressão ligada por um canal à cavidade cinerária, destinando-se a práticas de *profusio*. A função sepulcral foi confirmada pela verificação da conservação de ossos calcinados numa destas cavidades. Estabeleceu-se então a analogia com as *cupae*, também porque a necrópole aparenta ter uma cronologia dos séculos II-III d. C., coincidente portanto com o período de maior utilização destas. É um momento muito tardio, considerando que a cronologia geralmente atribuída a estas esculturas zoomorfas se centra na Idade do Ferro pré-romana<sup>51</sup>, tendo sido proposto que a sua função funerária em tempos romanos se tenha dado num âmbito de reaproveitamento, embora já originalmente possam ter sido coberturas ou marcadores de sepulturas pelo menos em alguns casos. Esta comparação com as *cupae* ganha particular pertinência no caso das *cupae* líticas olisiponenses, igualmente compostas por um bloco inferior paralelepipedico com *sepulcrum* cinerário e uma tampa lítica. É no entanto difícil estabelecer até que ponto poderá ter havido uma ligação entre as duas tipologias, que apresentam diferenças evidentes, como o âmbito geográfico<sup>52</sup>, a morfologia e, sobretudo, o facto de estarmos aparentemente a comparar um tipo de sepultura muito ligado ao mundo indígena com outro certamente importa-

51 Pressuposto que não tem sido pacífico ao longo do tempo: González, Alvarado e Barroso, 1988, p. 32; veja-se também um apanhado das diversas problemáticas ligadas a estes monumentos em Bonnaud, 2008.

52 Apesar de pertencerem à mesma *provincia* estão em extremos opostos; Ávila seria mesmo uma zona de fronteira provincial: Marcos, 2011; veja-se ainda sobre o estatuto de Ávila em particular e sobre os limites da província da *Lusitania* em geral AALR, p. 43-44.

do e utilizado por cidadãos romanos, muitos dos quais provavelmente descendentes de imigrantes de origem itálica, e outros fortemente romanizados.

Na realidade, esta comparação entre berrões e *cupae* poderá ser um pouco forçada, uma vez que, em última análise, estamos a tratar de um mecanismo generalíssimo e pragmaticamente necessário de caixa + tampa de um contentor de restos mortais, que se verifica igualmente em urnas e sarcófagos, por exemplo. A analogia será sugerida por questões de volumetria, de rito funerário e, sobretudo, da presença de idêntico elemento-base.

Há ainda que acrescentar que surgiram outros berrões associados a blocos inferiores com *sepulcrum* em contextos de reutilização perto de Ávila, nomeadamente nas paredes de uma casa em Riofrío. Outros blocos inferiores semelhantes foram identificados na muralha de Ávila e na igreja de San Miguel de Arévalo. O facto de existirem também na muralha de Ávila *cupae* líticas reutilizadas terá levado à proposta de que também elas pudessem originalmente cobrir *sepulcra* de blocos paralelepípedicos (Rodríguez Almeida *apud* Hernando Sobrino, 2012, p. 412) que, segundo as reconstituições (que levam em conta os canais libatórios), seriam mais largos que os elementos superiores, resultando numa versão lítica aproximada de certos tipos de *cupae structiles* com *mensae*. Trata-se de uma proposta tentadora que carece no entanto de confirmação. A ser o caso, teríamos em Ávila um outro pólo de *cupae* compostas por dois elementos líticos, um inferior e o outro superior; para já, tal parece ser característica quase exclusiva das de *Olisipo* (com excepção da de Uncastillo já referida e das de Trier: *vide infra*). Porém, a hipótese aberta para o caso de Ávila poderá levantar suspeitas quanto a algumas *cupae* de uma outra localidade, situada entre a região de Ávila e o *municipium Olisiponense*. Trata-se da província espanhola de Cáceres, também ela zona de berrões (González, Alvarado e Barroso, 1988), e onde existem diversas *cupae* descontextualizadas, na maior parte dos casos reutilizadas como material de construção (González *et al.*, 1986, p. 71; também *FE* 108, 2013, 476, poderá talvez ser uma *cupa*). A informação epigráfica proporcionada por este conjunto é deficiente, uma vez que na sua maioria os exemplares ou são anepígrafos ou apresentam inscrições ilegíveis devido à erosão, havendo ainda casos em que a presença de inscrições não é confirmável por estarem os monumentos integrados em edificações. Apesar de surgirem *cupae* líticas de tipos diversos, algumas são formalmente muito próximas das de *Olisipo*, como as da muralha de Coria, não longe da fronteira portuguesa, em número de 25, ou as duas da muralha de Trujillo (fig. 16; Gómez-Pantoja *et al.*, 2012, p. 417 e figs. 1 e 3). A escassa epigrafia, que se reduz a quatro epitáfios significativos, dois dos quais perdidos, revela duas diferenças em relação às de *Olisipo*: a cronologia mais tardia, dos séculos II-III d. C., e a localização dos textos num dos lados longos, gravados sobre a superfície curva (como nas *cupae* vizinhas de *Augusta Emerita*). Há que observar que dificilmente se poderiam gravar os epitáfios num dos lados curtos (sobretudo nesta época, em que os textos e formulários são tendencialmente mais longos que no séc. I d. C.), considerando que estes monumentos são feitos em granito e não no calcário compactado que existe na região de Lisboa (veja-se numa *cupa* de Coria a preocupação em gravar o texto com caracteres grandes e cuidados: Gómez-Pantoja *et al.*, 2012, p. 419, fig. 2; outras *cupae* com aparente proximidade formal das de Lisboa podem ser observadas nas

figuras 6 – Alcuéscar – e 8 – Malpartida de Cáceres). Tal tendência é, aliás, a prática nas *cupae* de granito; em Ávila há mesmo uma aparente *cupa* de granito com um encaixe num dos lados curtos certamente destinado à placa do epitáfio, que não teria sido possível gravar directamente (Hernando Sobrino, 2012, p. 405-406 e fig. 10). Também, como referido, há duas *cupae* líticas em *Tarraco* muito semelhantes às de *Barcino*, com a principal diferença de terem as epígrafes em placas de mármore encastradas que permitem uma grafia algo cuidada e detalhes decorativos (Gorostidi Pi e López Vilar, 2012, p. 40, fig. 6; veja-se ainda uma de *Emerita* em Nogales, Ramírez e Murciano, 2012, p. 360, fig. 8 e p. 366, fig. 9).

Poderiam estas *cupae* de Cáceres ter igualmente blocos inferiores complementares? Olhando para a muralha de Coria e as suas *cupae*, vários silhares parecem candidatos viáveis. E bastaria que fossem colocados com o *sepulcrum* para dentro da muralha (ao contrário do que sucedeu em Ávila) para a sua identificação ser impossível. Fica posta a hipótese, naturalmente com todas as reservas.

Existem no Rheinisches Landesmuseum em Trier outras peças, além da *cupa* de Föhren, passíveis de serem classificadas como *cupae*. Há pelo menos um bloco que, além da forma semicilíndrica, apresenta uma *ascia*, embora o seu comprimento seja demasiado curto para as proporções típicas de uma *cupa* (as suas medidas são 43x52x45 segundo Espérandieu, 1915, p. 287, n.º 5084). Mas, mais importante que isso (e de extraordinária importância para o âmbito deste estudo), existem pelo menos duas *cupae* (publicadas em Hübner, 1864) compostas por uma tampa semicilíndrica e um bloco inferior com *sepulcrum* cinerário (fig. 17). Apesar de mais tardias que as olisiponenses, bastante mais decoradas, e apesar de o bloco inferior ser um pouco mais estreito que as tampas semicilíndricas, o conceito e a forma são extremamente aproximados dos das *cupae* líticas do *municipium Olisiponense* (poderíamos mesmo dizer que o desenho esquemático em Hübner, 1864, p. 157, se aproxima mais das de *Olisipo* que das que efectivamente representa – ver fig. 18). *Cupae* inspiradas nestes exemplares figuram profusamente num desenho publicado num artigo sobre a arqueologia de Trier, que se trata explicitamente de uma “reconstituição livre” de uma necrópole romana (Hupe, 2011, p. 112, abb. 10), recorrendo a diversas tipologias de monumentos funerários da região, incluindo grandes torres funerárias. Será possível sugerir, apesar da distância temporal, que estas caixas cinerárias possam estar relacionadas com monumentos gauleses anteriores, de aspecto e decoração provavelmente relacionáveis com o mundo indígena, que apresentam certas semelhanças (incluindo a tampa mais larga), como uma encontrada no Prieuré d’Arnes (Haute-Garonne), porventura datável do séc. III a. C. (fig. 19). Sem epigrafia, a representação em baixo-relevo dos bustos de uma provável família tem frequentes paralelos iconográficos em estelas locais, bem como em outros tipos de monumentos funerários. Veja-se um fragmento de um bloco semicilíndrico encontrado perto de Saint-Gaudens, também na *Gallia Aquitania* (Espérandieu, 1925, p. 202, n.º 6921), que poderá certamente ter sido um marcador ou uma cobertura de uma urna semelhante.

Na mesma *prouincia*, outra tampa de urna cinerária particularmente sugestiva no que concerne às *cupae* líticas de *Olisipo* encontra-se em *Acitodunum*, actual Ahun, na igreja paroquial de Saint-Sylvain (consta da lista de monumentos históricos divul-

gada pelo Ministério da Cultura e da Comunicação francês). É em granito, e as suas proporções são diferentes das das *cupae* olisiponenses, tendo 48 x 60 x 73 cm. No entanto, tal como estas, é semicilíndrica, tem o epitáfio num dos lados curtos, e apresenta no seu lado inferior uma moldura presumivelmente destinada ao encaixe com o receptáculo cinerário. Tal como uma *cupa* da Granja dos Serrões, Sintra, adiante referida (ver 7.2.4.), tem uma molduração à volta do campo epigráfico (embora a de Sintra esteja definida apenas por um sulco, com moldura e campo epigráfico no mesmo plano geométrico, enquanto no caso gaulês o campo epigráfico seja rebaixado, como aliás sucede em exemplares africanos: Dupuis e Morizot, 1992, *tavola* III, 2). Esta tampa galo-romana será igualmente posterior à maioria das *cupae* olisiponenses, a julgar pela presença da invocação aos deuses Manes no seu epitáfio, que é o seguinte:

*D(iis) M(anibus) / et memor(iae) / Cornel(ii) Vic(toris et Iul(iae) / Malloniae / coniugis u(iui) p(osuerunt) //*

«Aos deuses Manes e à memória de *Cornelius Victor* e de *Iulia Mallonia*, sua esposa. Colocaram (este túmulo) em vida.»

Outro possível paralelo a ser estudado serão as urnas cinerárias romanas que, embora geralmente mais próximas de monumentos funerários em forma de ara, tinham por vezes tampas semicilíndricas com tímpanos decorados. Montfaucon apresenta monumentos funerários em forma de ara com topo semicilíndrico, profusamente decorados (fig. 20). Algumas urnas mais pequenas teriam formas idênticas (como a tampa da urna de *Sextus Flavius Pancarpus*, com a referência 1997.271 do Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque).

#### POR FALAR EM URNAS DE PEDRA...

A classificação das *cupae* líticas de *Olisipo* como grandes urnas de pedra ganha particular relevância quando as comparamos com algumas das pequenas urnas da época de Augusto encontradas no mausoléu de Torreparedones (Beltrán Fortes, 2000; Beltrán Fortes, 2010; Rodríguez Oliva, 2010), em Córdoba, pois várias tinham efectivamente uma tampa semicilíndrica que cobria uma caixa paralelepípedica que continha as cinzas (outras tinham tampas planas ou de duas águas, entre outras variantes). Este tipo de urna era provavelmente o tipo de sepultura mais corrente no interior dos mausoléus da *Baetica* por alturas do fim da República e início do Império, sendo as urnas colocadas em nichos ou, como em Torreparedones, numa bancada baixa ao longo das paredes interiores. Habitualmente anepígrafas, algumas tinham inscrições pintadas ou gravadas, como no caso de *CIL* II 1589 (Stylow, 1995, p. 225, com foto em p. 236, fig. 16, neste caso de uma cópia uma vez que as urnas originais desapareceram), cujo elemento inferior apresenta grandes semelhanças com uma caixa cinerária descontextualizada de Mértola, inclusivamente nas dimensões e nas arestas inferiores biseladas que dão aos cantos a aparência de pés. Nesta, um rebordo interno para fixação da tampa (descrição e foto em Cardim Ribeiro, 2002, p. 516, n.º 217) traz naturalmente à mente os que se verificam ao redor dos *sepulcra* de alguns blocos inferiores de *cupae* olisiponenses para o mesmo fim.

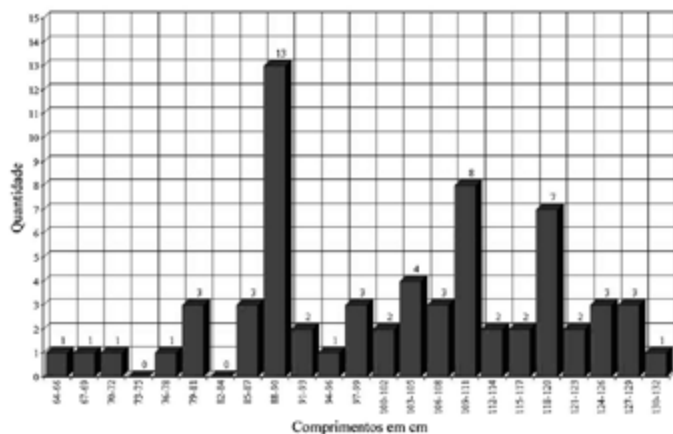


Fig. 21. Comprimentos das *cupae* líticas do *municipium Olisiponense* (com base apenas em exemplares cujo estado de conservação permita uma medição tão aproximada e segura quanto possível das suas reais dimensões originais).

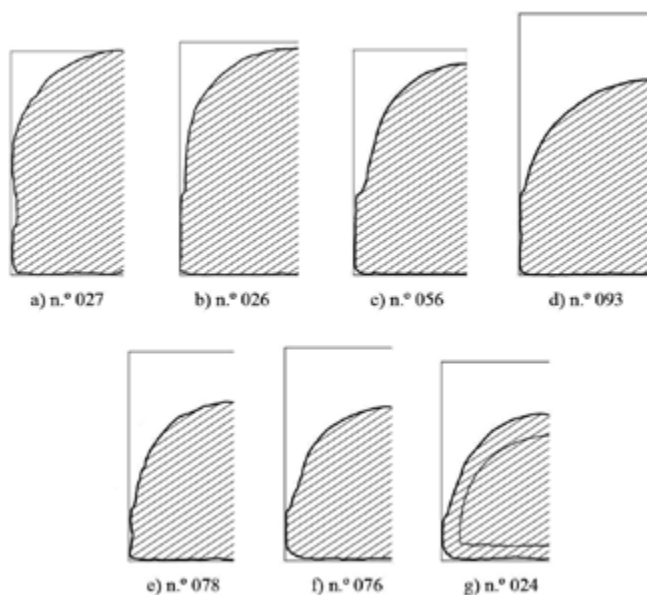


Fig. 22. Perfis de algumas *cupae* líticas do *municipium Olisiponense* (os números correspondem às referências do *corpus* na parte II deste volume); a partir de c): exemplares da rara versão “abatida” destas *cupae*.

As tampas semicilíndricas em urnas seriam, aliás, difundidas. Veja-se um exemplo de Niederhosenbach em Binsfeld *et al.*, 1993, p. 311. Particularmente relevante é a notável descoberta em *Carmo*, em 2019, de uma câmara funerária subterrânea intacta, de acordo com as diversas notícias então veiculadas datável do final do séc. I a. C. / princípio do séc. I d. C., e que tinha oito nichos nas paredes, seis dos quais albergavam urnas com tipologias distintas (uma delas precisamente comparável com as de tampa semicilíndrica de Torreparedones). Curiosamente, a câmara, de planta rectangular, tem abóbada de canhão, aproximando-se nas proporções aos mausoléus tão morfologicamente semelhantes às *cupae*. É também de notar, levando em conta o que atrás se escreveu sobre a decoração com faixas pintadas – frequentemente vermelhas – de diversas *cupae structiles*, que a abóbada e as paredes ostentam ainda uma grelha de faixas vermelhas pintadas.

Esta questão traz também à mente uma tampa semicilíndrica, provavelmente de caixa cinerária, proveniente de *Aeminium* (FE 189, 704). Elegantemente decorada na zona do campo epigráfico (que apresenta simplesmente a fórmula *D(iis) (hedera) M(anibus) (hedera) S(acrum)*, estando decerto o resto do epitáfio na

caixa correspondente, hoje desaparecida), foi por vezes classificada como *cupa*, outras vezes apenas como tampa de monumento funerário. A verdade é que as suas dimensões (38 x 45 x 92) se aproximam bastante do tamanho mais comum das *cupae* líticas do *municipium Olisiponense*. Voltamos assim aos problemas de nomenclatura atrás aflorados (no ponto 2.2.).

### 5.2.3. FORMA E PROPORÇÃO

Uma primeira abordagem para a classificação das *cupae* olisiponenses com base nas suas dimensões foi avançada por Cardim Ribeiro (1974/1977, p. 315-318, nota 80). Poderemos aqui apresentar mais alguns dados que poderão ser úteis para o estudo destes monumentos. Tal como anteriormente proposto pelo signatário (Campos, 2012, p. 457), após uma verificação mais extensa e cuidada confirma-se uma relação entre proporções com poucas exceções e um nível de precisão relativamente elevado. Embora com as forçosas reservas decorrentes do facto de muitas destas peças estarem desgastadas e/ou truncadas, constata-se com reduzida margem de erro que na maior parte dos casos a medida da altura é igual ou pouco menor que a da largura, equivalendo a soma das duas ao comprimento. Esta proporcionalidade mantém-se independentemente das dimensões; no caso olisiponense os comprimentos das *cupae* compreendem-se aproximadamente entre 60 e 130 cm (algumas *cupae* líticas africanas chegam aos 160 cm: Stirling, 2007, p. 113; é este igualmente o comprimento da *cupa* de *Conimbriga* de *Publius Aelius Ianuarius*), havendo uma percentagem relativamente elevada de exemplares com comprimento próximo dos 90 cm (ver fig. 21; porventura seria alguma medida-padrão: o cúbito, muito usado na antiguidade equivalia a cerca de 45 cm, pelo que teriam estas *cupae* mais comuns dois cúbitos).

A mesma proporcionalidade parece aplicar-se aos blocos inferiores, que apresentarão dimensões próximas das tampas correspondentes, embora a amostra muito mais reduzida de que dispomos implique maiores cautelas.

Uma possível explicação para a tendência de que a altura das tampas seja ligeiramente inferior à largura é a de que estas fossem talhadas em blocos rectangulares, de bases quadradas, com as proporções de dois cubos anexos, com natural redução da altura original devido ao talhe da superfície semicilíndrica.

A estabilidade proporcional poderá ter alguma analogia em *cupae* líticas africanas (Stirling, 2007, p. 113), mas tal hipótese terá de ser verificada.

A possibilidade de haver uma norma de corte nas pedreiras, para determinados blocos em bruto que seriam depois talhados (e transformados por exemplo em *cupae*), poderá ganhar alguma substância ao verificarmos que parece vislumbrar-se igual tendência – aproximada – nas dimensões dos fustes dos cipos prismáticos olisiponenses.

Apesar da referida coesão formal do grupo olisiponense de *cupae* líticas, podemos verificar que há pequenas variações na relação entre a superfície semicilíndrica e o que terá sido a superfície original do bloco antes do talhe, tal como definida pela moldura que percorre a base dos lados longos. Se há casos em que a superfície semicilíndrica coincide em tangentes com a superfície do bloco original, outros há em que o processo de talhe a faz divergir. Regra geral, a amplitude destas divergências é escassa. A maioria das *cupae* terá assim secções comparáveis às dos exemplos dados na fig. 22, desenhos a – b.

Há porém variantes, que se verificam em poucos exemplares (2/024, 2/072, 2/076, 2/078, 2/086, 2/093), nas quais o afastamento do arco descrito pela superfície semici-

límpida relativamente à presumível superfície original do bloco é pronunciado, como se pode verificar na fig. 22, desenhos c – g, o que causa um claro desvio em relação à acima descrita relação de proporcionalidade verificada nas outras *cupae*. Estas podem ser encaradas como pertencendo a uma versão “abatida” da *cupa* lítica olisiponense.

Podemos porém fazer algumas observações acerca desta variante, como a de todos os exemplares que a integram provirem de uma área com um raio de apenas cerca de dois quilómetros, que compreende São Miguel de Odrinhas, Faião e a Granja dos Serrões. Outras particularidades serão a dimensão comparativamente reduzida das letras das epígrafes de dois destes monumentos (2/078 e 2/093), ou a presença de um sulco que emoldura a epígrafe noutro exemplar (2/024), bem como a esta variante se poderem atribuir as duas *cupae* de dimensões mais reduzidas (2/072 e 2/086).

Uma *cupa* em particular (2/056), também pronunciadamente divergente em relação à presumível superfície original do bloco mas não tão “abatida” quanto as demais, apresenta um considerável número de particularidades: é a única *cupa* olisiponense que pertence explicitamente a libertos, tem uma secção que descreve uma curva em forma de «sino» (fig. 22, desenho c), e será a que mais se afasta das regras formais, tendo um comprimento bastante inferior ao que seria de esperar. Foi reutilizada como cabeceira de sepultura no cemitério medieval da ermida de São Miguel de Odrinhas, posição em que se manteve certamente durante largos séculos, a julgar pelo contraste entre a parte que esteve exposta, muito erodida, e a que esteve soterrada, muito bem conservada. Será talvez de pôr como mera hipótese explicativa da anomalia proporcional que a parte de trás tenha sido cortada (o que parece, na realidade, uma possibilidade remota). A parte seccionada expectável teria uma espessura de cerca de 20 cm e uma altura de quase 60, porventura adequada para o talhe de uma típica estela discóide medieval. Não seria o único caso de aproveitamento de um monumento funerário romano para uma destas estelas, como demonstram alguns exemplares em exposição no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (com as referências SMO/LR/87/12; SMO/LM/87/1; SMO/LM/99/1; SMO/LM/99/2). Uma explicação mais simples será a de que, sendo esta uma *cupa* com diversas características atípicas, tivesse já originalmente um comprimento anormalmente curto.

### A *CUPA* LÍTICA DE OLISIPO COMO POSSÍVEL REPRESENTAÇÃO EM PONTO PEQUENO DE MAUSOLÉU

O facto de a *cupa* lítica de *Olisipo* ser um monumento de pedra que encerra dentro de si os restos mortais do(s) indivíduo(s) sepultado(s) adequa-se bem ao conceito romano do túmulo como moradia póstuma. A possibilidade de ser além disso uma versão em ponto pequeno de um mausoléu poderá ser congruente com algumas características.

A grande rigidez formal, com proporções bem definidas, indica um modelo bem estabelecido. Seria o cânone baseado numa tipologia arquitectónica? A moldura ao longo da base da tampa apenas nos lados longos poderá ser talvez uma represen-

tação de uma característica construtiva, estando ausente nos lados curtos por estes, em conjunto com a face correspondente do bloco inferior, representarem possivelmente uma fachada como a que existe em alguns mausoléus e *cupae structiles* de Isola Sacra.

Encontram-se ainda hoje na actual Tunísia muitas casas tradicionais cuja forma é esta, por exemplo em Tataouine; uma forma paralelepipedica com cobertura semi-cilíndrica e um degrau elevado que separa cada parede lateral da cobertura curva. Há casos tão aproximados que chega a ser tentador propor uma ligação directa entre uma coisa e outra, mas na realidade trata-se de uma morfologia arquitectónica difundida (veja-se por exemplo os mausoléus de Elaiussa Sebaste atrás referidos, ou a reconstituição do columbário de Vila-Rodona, em *Tarraco*: Gurt Esparraguera e Macias Solé, 2002, p. 97-107).

O sulco que enquadra uma epígrafe da Granja dos Serrões, Sintra (*HAE* 2133; *ILER* 2419; Cardozo 1961, p. 277-278), poderá representar igualmente um detalhe arquitectónico, embora seja talvez mais provável que se trate de uma moldura relacionável com outras, geralmente mais elaboradas, que surgem em *cupae* líticas de outros locais. Como acima referido, esta *cupa* específica faz parte de um subtipo formal ligeiramente diferente do habitual.

Também o facto de o epitáfio ser colocado sem excepções num dos lados curtos da tampa (existindo porém um bloco inferior – 3/001 –, cuja tampa se perdeu, que tem igualmente um epitáfio num dos lados menores, provável acrescento posterior) poderá imitar a colocação das placas epigrafadas acima da entrada de mausoléus de abóbada, realidade observável mais uma vez em Ostia. Existem hoje no *municipium Olisiponense* diversas tábulas molduradas com epitáfios colectivos que seriam obviamente destinadas a mausoléus (um exemplo proveniente de São Miguel de Odrinhas: *CIL* II 267; Cardozo, 1956, n.º IV; sobre mausoléus no ocidente da *Lusitania* ver Caetano, 2002, p. 315-316).

Outra das razões pelas quais será defensável que as *cupae* líticas do *municipium Olisiponense* possam ser versões reduzidas de mausoléus é o facto de, entre os diversos tipos de monumentos funerários olisiponenses, haver um outro em que se verifica uma diversidade de escalas comparável. Trata-se do cipo prismático, de que temos considerável número de exemplares na mesma região, embora muito menor que o das *cupae*, e que é composto geralmente por quatro elementos líticos: a base, o fuste prismático, a imposta ou cornija, e o capeamento. O conceito sepulcral é muito semelhante ao da *cupa*, uma vez que no topo do fuste prismático, um grande bloco paralelepipedico onde é gravado o epitáfio, existe um *sepulcrum* destinado à urna cinerária que é coberto pela imposta e capeamento. Trata-se portanto de um monumento que encerra no seu interior os restos mortais, e não apenas um marcador de tumulação.

Na realidade não é possível determinar se seriam geralmente assim devido ao estado fragmentário de alguns destes monumentos; haveria excepções como o caso do túmulo de *Galla*, de Tróia de Setúbal, que estava implantado sobre uma caixa com os restos mortais da defunta e outros objectos, e que seria encimado talvez não por

um capeamento mas possivelmente uma estátua (*ILER* 4456; *IRCP* 210; Lambrino, 1967, p. 152-153; Cardim Ribeiro, 2002, p. 543-544, n.º 282; Vasconcellos, 1895a, p. 54-58; Vasconcellos, 1913, p. 380-371; Vasconcellos, 1929a, p. 52-60). É no entanto defensável que este monumento se enquadre numa realidade funerária diferente da de *Olisipo*, muito embora haja outros fustes prismáticos dentro do *municipium* desprovidos da cavidade sepulcral – haverá que aprofundar o assunto a seu tempo.

A ausência no registo histórico e arqueológico de exemplares comparáveis em fases anteriores, bem como a onomástica e o tipo específico de rito permitem a proposta de que tanto a *cupa* lítica como o cipo prismático sejam monumentos funerários trazidos em dada altura para o *municipium Olisiponense* pela mesma população imigrante, embora a partir da análise paleográfica e dos formulários patentes no número comparativamente pequeno de cipos prismáticos que chegaram até nós possamos talvez considerar a sua cronologia geral algo mais tardia que a da maioria das *cupae* (seriam também por certo um túmulo menos usado porque mais oneroso).

A forma do cipo prismático imita, ampliando-a, a de uma ara: uma base com degraus, um corpo paralelepípedo, uma cornija ou capitel com degraus, dois toros ou *puluini* laterais e dois frontões, um anterior, outro posterior. Pode portanto ser visto como uma versão em tamanho maior de um monumento funerário em forma de ara, de que também há exemplares no *municipium Olisiponense*, como o da ermida de São Romão (em exposição no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas; *HAE* 1620; Cardozo, 1958, p. 367; Cardim Ribeiro, 1982/83, p. 227, 230-231). A forma destes monumentos em forma de ara relacionar-se-á, naturalmente, com a *pietas* e com o reforço da ligação entre o local de repouso final e a esfera divina, e seriam colocados junto a sepultamentos ou sobre eles (o monumento de São Romão tem encaixes laterais em cauda-de-andorinha, para fixação num alicerce ou base de pedra, como acontece num de Tróia de Setúbal (*IRCP* 220; Fernandes, 2002) e como terá sido o caso de pelo menos algumas das próprias estelas de topo arredondado que se encontram no *municipium Olisiponense*; veja-se uma tal base de ara, de Barcelona, com *sepulcrum* que era coberto pela ara, em Beltrán de Heredia, 2007, p. 26, fig. 19, e uma base de uma árula, que neste caso estava encostada a uma *cupa structilis* logo abaixo do local onde estaria encastrada a placa epigráfica, no mesmo artigo, p. 18, fig. 12). Sendo formalmente idênticos a aras, distinguem-se destas por terem uma inscrição funerária e não uma inscrição votiva. Todavia, há que levar em conta que a dedicatória aos deuses Manes que precede a nomeação do defunto faz com que não seja assim tão completa a distinção entre uma coisa e a outra. Muitas vezes a inscrição, sobretudo com o nome do sepultado no genitivo, é aparentemente formulada como uma dedicatória especificamente aos deuses Manes do indivíduo, o que, a par de uma certa dificuldade em distinguir estes deuses dos próprios mortos divinizados (Liou-Gille, 1993; Pastor Muñoz, 2006)<sup>53</sup>, faz com que estes monumentos sejam, de certa forma, funcionalmente mais próximos das aras propriamente ditas do que poderá parecer à primeira vista.

Os cipos prismáticos ultrapassariam facilmente os dois metros de altura. Um que está exposto no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (*CIL* II 323; *ILER*

53 A propósito, veja-se *CIL* VI 30157: “*corpore consumpto, uiua anima, deus sum*”.

4349; Cardozo, 1956, n.º XII, p. 53-54), com os quatro componentes (um dos quais uma reconstituição e os outros três compatíveis entre si e de idêntica proveniência) atinge montado uma altura de cerca de 240 cm, tendo apenas o fuste prismático 148 cm de altura. Outro fuste prismático do mesmo local (*CIL* II 5020; Cardozo, 1956, n.º IX, p. 47-48; foi cortado em data incerta, estando reduzido à face epigrafada) atinge os 163 cm, e outros são ainda maiores, havendo um em Bucelas (Fernandes, 2003, p. 28-33, 47 e 53, fotos 1 e 2) cuja altura original seria superior a 184 cm, a que acresce uma imposta com cerca de 52 cm de altura (não sendo certo que seja a primitivamente correspondente); no seu estado original, o monumento completo poderia medir cerca de três metros de altura.

Finalmente, existe uma versão desta tipologia funerária ainda em maior escala que a do cipo prismático. Trata-se da torre funerária em forma de ara, verdadeira construção arquitectónica que igualmente segue o mesmo conceito, e variante dos diversos tipos de edificações funerárias turriformes já mencionadas (ver por exemplo Prieur, 1986, p. 79-85). Apesar de, na maioria dos casos, as partes superiores destes monumentos serem de reconstituição impossível ou muito conjectural devido à ruína, terão existido em vários locais da Península Ibérica, bem como em África e na Península Itálica. No *municipium Olisiponense* existem blocos de pedra com encaixes para grampos metálicos que terão provavelmente feito parte de monumentos deste tipo (Cardim Ribeiro, 1982-83, por exemplo p. 333 e 448), como comprovará um fragmento de *puluinus* monumental proveniente da Granja dos Serrões (Montelavar / Pêro Pinheiro) exposto no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (com a referência GS/LR/60/8). Tendo quase o dobro do tamanho normal dos toros dos capeamentos de cipos prismáticos existentes no *municipium*, concebivelmente poderá pertencer a um monumento com também quase o dobro do tamanho normal de um cipo prismático.

É portanto defensável que, tal como no caso específico da correlação monumento funerário em forma de ara / cipo prismático / torre funerária, em que uma mesma forma percorre uma grande amplitude de escalas no *municipium Olisiponense*, também as *cupae* possam ter sido uma versão «escultórica» em pequeno formato do mausoléu de abóbada semicilíndrica que terá do mesmo modo aqui existido e que comprovadamente existiu em outros locais da Península Ibérica e do mundo romano. A semelhança formal entre as *cupae* líticas de Lisboa e algumas norte-africanas (já notada desde Julià, 1965, p. 49 e pl. XVII, 1 e 2, e, conseqüentemente, Berciu e Wolski, 1970, p. 951 e figs. 36 e 37, embora sobre a qual ver 7.2.11.) poderá, quiçá, espelhar assim a grande semelhança entre esses mesmos modelos norte-africanos e mausoléus formalmente idênticos, com degrau separador entre os lados longos e a cobertura semicilíndrica, verificada em África e noutros locais do Império (por exemplo, Ben Abed e Griesheimer, 2001, p. 571 e 580, figs. 8 e 14; Equini Schneider, 2003, fig. 393), inclusivamente com estruturas arquitectónicas de ligação entre mausoléu e *cupa* (como referido em 6.2.1.).

Os monumentos funerários em forma de ara com topo semicilíndrico atrás referidos (fig. 20) poderão igualmente ter representada uma cobertura arquitectónica, se considerarmos que as próprias aras de forma tradicional e monumentos funerários

idênticos poderão evocar templos, com os seus frontões triangulares e a sua ligação ao divino; elementos de natureza arquitectónica de qualquer modo. Um exemplo conhecido é *CIL* VI 10969, com uma inscrição funerária dedicada a uma criança, filha de um liberto de Adriano de elevado estatuto, que inclui um emocionado poema em hexâmetro dactílico que teve mesmo de ser concluído na face direita do monumento, já fora do campo epigráfico regular.

#### 5.2.4. DECORAÇÃO

A grande consistência formal deste conjunto é também marcada pela ausência de decorações (com a excepção da moldura lateral da tampa). Nada sabemos acerca de possíveis decorações pintadas. Existem no entanto dois casos excepcionais, já atrás referidos, que apresentam singelos motivos decorativos.

Um é o de uma *cupa* de Caparide (Encarnação, 2001, n.º 24; Vasconcellos, 1895b, p. 249; Vasconcellos 1913, p. 401, 403). Encimando o campo epigráfico é visível uma rosácea quadripétala, comparável a flores ornamentais presentes em outros monumentos funerários romanos (como o da estela de topo arredondado do Faião em exposição no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas com a referência MNA/E-7213; F/LR/97/5; foto em Campos, 2019, p. 105, ou uma outra, muito semelhante, de Oeiras: *FE* 49, 1995, 222), incluindo *cupae*, como uma de Barcelona igualmente quadripétala (*cupa* 7571 do Museu d'Història de la Ciutat de Barcelona; Beltrán de Heredia *et al.*, 2007, p. 104), outra com onze pétalas (ambas referidas em Bonneville, 1981, p. 9), ou a da *cupa* seccionada de Aldeanueva de la Vera (González Cordero, 2003), com doze pétalas. De outro tipo serão as decorações florais presentes em estelas e *cupae* do Alentejo e Algarve (a respeito de decorações deste tipo em monumentos do território português ver, por exemplo, Encarnação, 2001, p. 51; Encarnação, 1984, p. 826 e foto de *IRCP* 49; Lambrino, 1967, p. 150, n.º 70), como no caso da notável *cupa* de *Patricia* (já mencionada em 3.), caso híbrido entre as *cupae* alentejanas (partilhando com estas as representações dos aros de barril e o soco rectangular protuberante) e as típicas algarvias (tendo como estas a tabela epigráfica encostada à direita e o corpo semicilíndrico em vez de abaulado). Esta *cupa* é profusamente decorada com cordame e diversos elementos vegetalistas, incluindo flores características e, em cada topo, uma coroa feita de três feixes de losangos com representações foliáceas, e uma terceira sobre a superfície semicilíndrica, acima da cartela epigrafada. Estes elementos inscrevem-se claramente num estilo muito próprio do Algarve, presente sobretudo na necrópole da Quinta de Marim (mas não só; veja-se por exemplo a estela de *Caturicus Lupatus*, de Santa Luzia, Tavira: *CIL* II 14; *ILER* 4556=4566; *IRCP* 83; Lambrino, 1962, p. 297, n.º 28; Cardim Ribeiro, 2002, p. 528-529, n.º 259; Vasconcellos, 1913, p. 410 e 423), estilo este com grandes semelhanças com decorações de monumentos africanos, nomeadamente da Tunísia (segundo Encarnação, 2006).

Sobre as coroas vegetalistas como elemento decorativo específico, notemos que estas eram também decorações funerárias habituais, relacionáveis com as cerimónias das *Rosalia* e das *Parentalia* (por exemplo, Laubry, 2010, p. 40). No entanto,

qualquer momento seria adequado à deposição de flores nos túmulos (Vaquerizo Gil, 2010, p. 20). Outra *cupa* lítica com decorações semelhantes é a de *Fabia Festa* de *Tarraco*, tendo sido também sugerida uma relação com o nome da defunta (Gorosti-di Pi e López Vilar, 2012, p. 33-35 e fig. 4 e p. 42).

O segundo caso em análise apresenta uma simples decoração igualmente no lado curto que contém a epígrafe. Trata-se de uma *cupa* da Granja dos Serrões, Sintra (HAE 2133; ILER 2419; Cardozo 1961, p. 277-278), em que existe um sulco que acompanha o limite da superfície plana, emoldurando o epitáfio e assemelhando-se a uma versão minimalista de molduras mais trabalhadas, como as de Cinco Villas e as africanas atrás referidas; o facto de o lado oposto se encontrar truncado nas arestas impossibilita-nos de determinar se aí se encontraria, ou não, igual decoração. Tal será improvável no caso de se tratar de uma moldura do epitáfio, mas quiçá possível caso tenha sido uma representação de uma característica arquitectónica, no âmbito da hipótese, atrás focada, de estes monumentos serem versões em escala pequena de mausoléus.

### 5.2.5. EPITÁFIOS

Uma primeira classificação dos epitáfios das *cupae* olisiponenses de acordo com critérios diversos (como o número de linhas, fórmulas textuais, etc.) foi elaborada por Cardim Ribeiro (1974/1977, p. 313-318, nota 80).

O epitáfio era orientado de modo a ser visível a partir da via onde passariam os transeuntes. Em algumas *cupae*, sobretudo *structiles*, não haveria uma rigidez de orientação dos próprios monumentos em relação ao eixo viário ou ao caminho destinado ao transeunte e, assim, a colocação da epígrafe era variável. Isto é demonstrado pelo facto de em *Isola Sacra* surgirem *cupae* com a placa epigrafada colocada tanto no dorso semicilíndrico como na superfície plana de um dos lados curtos.

Outros casos, sobretudo no que concerne as *cupae* líticas, seriam bastante menos flexíveis: será obviamente o caso das *cupae* de pedra com cartelas planas centrais de Barcelona, Itália, África, mas também das *cupae* líticas de *Olisipo*, que respeitavam muito estritamente um modelo particular. O material em que eram construídas também poderia ser uma condicionante, como foi atrás referido, sendo que em casos de *cupae* em pedra mais grosseira, como certos tipos de granito, seria geralmente o epitáfio gravado em caracteres de tamanho grande na superfície curva, mais espaçosa (veja-se como exemplo a *cupa* emeritense publicada em Alvar Ezquerro *et al.*, 2021, p. 262-265).

A colocação do epitáfio sempre num dos lados curtos do elemento superior no caso olisiponense – seria essa a “frente” do monumento – poderá, como já visto, replicar a localização de uma tábula moldurada acima da entrada de um mausoléu. É também relativamente comum, nas *cupae* líticas olisiponenses, que a primeira linha do epitáfio tenha como limite inferior a linha do diâmetro horizontal da circunferência definida pela superfície cilíndrica.

Existem ocorrências de *cupae* líticas que apresentam epítáfios com caracteres inscritos fora do espaço originalmente destinado à epígrafe, por vezes mesmo continuando por cima da moldura e mesmo para lá dela (exemplos italianos em Romanò, 2009, p. 170; Romanò, 2018, p. 213, figs. 15 e 16; exemplo africano em Chausa Sáez, 1997, p. 90; Lassère, 1973, fig. 35, 71). Em tais casos, a *cupa* não era obviamente feita por encomenda expressa de um dedicante, e podemos portanto deduzir que havia *cupae* líticas disponíveis para aquisição com um espaço vazio preparado para receber um qualquer futuro epítáfio. Assim, alguns destes monumentos poderão ter sido não a expressão de intenções simbólicas específicas e profundas mas sim, possivelmente, uma preferência ocasional relativa à oferta disponível no momento em que se tornava necessário adquirir um túmulo ou marcador tumular.

Este hiato entre a fabricação do monumento e a gravação do epítáfio, a verificar-se em grupos como o de *cupae* líticas de *Olisipo*, poderá ajudar a explicar alguns casos que aparentemente terão sido sempre anepígrafos (não se podendo descartar a hipótese de inscrições meramente pintadas), bem como eventuais ocorrências de *cupae* feitas contemporaneamente numa mesma oficina que porventura recebam inscrições com diferenças de paleografia devido a estas serem gravadas por mãos diferentes, em localidades e/ou momentos diferentes.

Outros casos poderão suscitar outras reflexões. Por exemplo, a referida (em 6.1.) *cupa* de Alconera (Canto, 1991, p. 290-296, com fotos e desenho; Jordán Lorenzo, 2012, p. 228-229), Badajoz, terá sido com toda a probabilidade uma encomenda específica de um indivíduo ou uma família. No entanto, o epítáfio, de três linhas, ocupa apenas a metade superior do campo moldurado. Estaria a guardar-se espaço para um eventual segundo epítáfio?

### 5.2.6. ASSOCIAÇÃO À PRÁTICA DA CREMAÇÃO

Como acontece com a maioria das *cupae* líticas do Império, e apesar da falta do registo detalhado da descoberta *in situ* de qualquer exemplar, as *cupae* líticas olisiponenses com certeza não terão sido sepulturas de inumação, conforme o demonstram as suas dimensões em conjunto com a presença dos encaixes com os blocos inferiores que continham o *sepulcrum*. Eram, sim, grandes urnas cinerárias. Os poucos *sepulcra* hoje verificáveis, com uma profundidade que ronda os 15 cm, são comparáveis aos dos cipos prismáticos, como se pode verificar no do militar *Albanius Prudens*, de São Miguel de Odrinhas (*HAE* 1210; *ILER* 5658; Cardozo, 1956, n.º I; Le Roux, 1982, p. 177, n.º 19), datável do séc. I d. C. e contemporâneo das *cupae* locais (é de datação Julio-Cláudia: Le Roux, 1982, p. 255).

Como atrás referido, a notícia de Félix Alves Pereira sobre a *cupa* de Linda-a-Velha menciona explicitamente a existência de uma urna, que seria destinada a cinzas de cremação (Pereira, 1957, p. 92). Quanto à referência de Leite de Vasconcellos (1913, p. 401, 403) ao relato de que uma *cupa* de Caparide cobria uma caixa de pedra que continha ossos, lembremos que o processo crematório romano não reduzia totalmente os restos mortais a cinzas, restando inúmeros fragmentos de ossos queimados na urna cinerária.

### 5.2.7. AUSÊNCIA DE INFUNDIBULUM

Também a ausência de *infundibulum*, cuja presença se verifica com frequência em *cupae* mais tardias, poderá reforçar o carácter directamente itálico destes monumentos, sendo que tal dispositivo é raro na Península Itálica, podendo estar ligado a indivíduos de origem oriental e, em muitos casos, de extracção servil (Berciu e Wolski, 1973, p. 378), o que muito difere do panorama geral das *cupae* líticas de *Olisipo*. Não existem, aliás, evidências inequívocas da presença destes canais libatórios em quaisquer dos monumentos funerários romanos em pedra conhecidos no *municipium Olisiponense* (*cupae*, estelas, cipos prismáticos, monumentos funerários em forma de ara, etc.). Embora já tinha sido posta a hipótese de que alguns dos orifícios com os quais tantas *cupae* olisiponenses chegam aos nossos dias possam ter originalmente correspondido a tais condutas (Encarnação, 2001, p. 92), a observação directa dos monumentos parece refutar esta possibilidade. Não só terá sido a grande maioria destas peças alvo de reutilizações, por vezes sucessivas, o que explica a presença de variados orifícios, encaixes, truncagens, etc., como não parece existir, nos que poderiam ser os melhores candidatos a *infundibula*, uma norma de localização, em contraste com a grande rigidez formal que caracteriza a tipologia.

É mesmo de supôr que originalmente estas tampas semicirculares fossem todas maciças, apenas com a moldura destinada ao encaixe com o bloco inferior, como se verifica na *cupa* completa de São Romão (1/002) ou na que se encontra hoje em dia integrada numa construção em Casal de Pianos (2/047), bem como em muitos outros exemplares que conservam este rebordo ou evidências da sua existência apesar dos desgastes e diferentes mutilações que sofreram.

### 5.2.8. CRONOLOGIA

Apesar de não se conhecerem elementos datantes senão os dedutíveis dos formulários e da paleografia dos epitáfios, estes permitem dizer que as *cupae* líticas olisiponenses mais precoces pertencerão à época Júlio-Cláudia, talvez mesmo ao início da era de Augusto (Cardim Ribeiro, 1982-1983, p. 277-281), enquanto os poucos exemplares mais tardios não ultrapassarão o princípio – primeiro quartel – do séc. II d. C. (Cardim Ribeiro, 1982-1983, p. 315, nota 80).

Esta concentração de *cupae* no território de *Olisipo* será certamente a maior expressão do fenómeno na Península Ibérica do séc. I d. C. e terá de ser relacionada com a origem desta tipologia monumental neste âmbito geográfico específico (como aponta Jordán Lorenzo, 2012, p. 235).

Se praticamente só podemos recorrer aos tipos de letra e estruturas textuais para tentar traçar uma cronologia das epígrafes presentes nas *cupae* líticas de *Olisipo*, esta tarefa não é facilitada pelo facto de a variação não ser muita. Quase invariavelmente a grafia poderá ser classificada como capital quadrada, mais ou menos alongada, com escassos elementos passíveis de serem considerados actuários, mesmo em trabalhos de lapicida menos hábeis (como 2/003, 2/008 ou 2/024). A presença da invocação aos deuses Manes é muito rara, verificando-se apenas em quatro (talvez

cinco) exemplares finais (nomeadamente 2/022, 2/035, 2/069, 2/077 e, provavelmente, 2/057). Com a excepção do genitivo associado à invocação aos Manes (que apenas não se verificará em 2/077), quase todos os demais epitáfios estão em nominativo, havendo apenas três casos em dativo (2/049, 2/055, 2/067).

Apesar das dificuldades, ensaiam-se aqui propostas de datação, com a ressalva de se tratar esta de uma tentativa preliminar, com alguma conjectura, que se poderá vir – desejavelmente – a aperfeiçoar no futuro.

Propõem-se, pois os seguintes referenciais:

1/002 – Meados do séc. I

2/002 – Último terço do séc. I

2/003 – Final do séc. I / início do séc. II

2/005 – Segunda metade do séc. I

2/007 – Final do séc. I

2/008 – Segunda metade do séc. I

2/009 – Segunda metade do séc. I

2/011 – Meados do séc. I

2/012 – Meados do séc. I

2/015 – Final do séc. I

2/016 – Meados do séc. I

2/017 – Segunda metade do séc. I

2/018 – Segunda metade do séc. I ou mesmo início do séc. II

2/019 – Primeira metade do séc. I

2/022 – Primeira metade do séc. II

2/023 – Primeira metade do séc. I

2/024 – Primeira metade do séc. I

2/026 – Segunda metade do séc. I

2/027 – Meados do séc. I

2/029 – Segunda metade do séc. I

2/030 – Meados do séc. I

2/031 – Segunda metade do séc. I

2/032 – Meados do séc. I

2/034 – Meados do séc. I

2/035 – Primeira metade do séc. II

2/036 – Meados do séc. I

- 2/038 – Meados do séc. I
- 2/039 – Meados do séc. I
- 2/041 – Meados do séc. I
- 2/042 – Meados do séc. I
- 2/049 – Segunda metade do séc. I, provavelmente final
- 2/050 – Primeira metade do séc. I
- 2/055 – Segunda metade do séc. I
- 2/056 – Segunda metade do séc. I
- 2/057 – Final do séc. I ou início do séc. II
- 2/058 – Segunda metade do séc. I
- 2/059 – Primeira metade do séc. I
- 2/063 – Meados do séc. I
- 2/065 – Primeira metade do séc. I
- 2/066 – Primeira metade do séc. I
- 2/067 – Segunda metade do séc. I
- 2/068 – Meados do séc. I
- 2/069 – Primeira metade do séc. II
- 2/070 – Final do séc. I / início do séc. II
- 2/072 – Final do séc. I / início do séc. II
- 2/074 – Meados do séc. I
- 2/075 – Segunda metade do séc. I
- 2/077 – Final do séc. I / início do séc. II
- 2/078 – Meados do séc. I
- 2/079 – Meados do séc. I
- 2/080 – Meados do séc. I
- 2/082 – Segunda metade do séc. I
- 2/083 – Meados do séc. I
- 2/088 – Segunda metade do séc. I
- 2/092 – Segunda metade do séc. I
- 2/093 – Segunda metade do séc. I
- 2/095 – Meados do séc. I
- 2/097 – Meados do séc. I
- 2/103 – Final do séc. I / início do séc. II

2/104 – Final do séc. I / início do séc. II

2/105 – Meados do séc. I

2/106 – Meados do séc. I

3/001 – Segunda metade do séc. I

### 5.2.9. UNIVERSO SOCIAL

Outra particularidade das *cupae* líticas olisiponenses em que contrastam com as restantes da Península Ibérica (pelo menos na sua grande maioria) é o seu universo de utilizadores. É geralmente constatada a correspondência mais ou menos acentuada, sobretudo fora do panorama africano (Baratta, 2006, p. 1677), entre a utilização das *cupae* e as classes menos favorecidas, de escravos, libertos, e ainda de militares (o conjunto de utilizadores do símbolo funerário da *ascia* é idêntico: Encarnação, 2008, p. 401; na Sardenha e Península Ibérica verifica-se também a importância da relação entre este símbolo e este tipo de monumento: Encarnação, 2008, p. 402; Romanò, 2009, p. 181); em África a *cupa* goza de ampla popularidade e, segundo Bacchielli (1986, p. 305), no fim do séc. II d. C. e na primeira metade do III d. C. é o monumento funerário por excelência, tendo substituído a estela, o cipo e a ara, o que faz com que não seja aí viável estabelecer uma correspondência deste tipo sepulcral com um grupo étnico ou social preciso. Em oposição a isto, tinham escrito Berciu e Wolski (1970, p. 936): *a l'époque romaine, les tombes vouûtées deviennent prépondérantes par la préférence que leur accordent les classes inférieures de la société*. E, num estudo mais recente, retoma-se a ligação, com a ressalva de poucas exceções, entre a *cupula* africana e escravos, libertos e militares (Stirling, 2007, p. 122-123).

Tal relação parece verificar-se também em certa medida na maioria dos casos da *Hispania* (Vaquerizo Gil, 2010, p. 304; veja-se também, por exemplo, o estudo de Jordán Lorenzo, 2012; há no entanto que matizar esta correspondência que, além de conhecer diversas exceções, poderá estar algo adulterada: Andreu Pintado, 2012, p. 486). No caso de Barcelona parece de facto existir uma ligação entre *cupae* e uma população escrava ou de origem servil (Balil, 1984-88, p. 111-112), o que aparenta ser igualmente o caso das *cupae* líticas do Algarve (Encarnação, 1984, II parte, p. 813) e de *Aeminium*<sup>54</sup>, bem como das de *Augusta Emerita* (Murciano, 2019, p. 275-276; Hidalgo *et al.*, 2019, p. 69, fig. 3.12). As do Alentejo apresentam uma população em vias de romanização e não cidadãos romanos, com uma grande percentagem de escravos e libertos (Étienne e Mayet, 2000, p. 56). Surge aqui inusitadamente um epitáfio de uma mulher com *tria nomina*, *C(aia) Valeria Amma*, em relação à qual Scarlat Lambrino pôs mesmo a hipótese de pertencer à classe senatorial (*apud* Viana, 1955, p. 5-7 e Est. I), com um possível de-

<sup>54</sup> Fabre, 1973, p. 125; os elementos que indicam a probabilidade ou a certeza da ligação destas *cupae* a escravos ou libertos são visíveis: a onomástica assinala um escravo, aparentemente com esposa, o que é anómalo: Rodrigues, 1959-60, p. 124, n.º 18; Redentor, 2016, p. 78-79, n.º 9; e um filho de um provável liberto: *CIL* II 368 e *supplementum*, p. 815; Rodrigues, 1959-60, p. 117-118, n.º 7; Encarnação, 1979a, p. 176, nota 4; Redentor, 2016, p. 76-77, n.º 3; além da *cupa* de um liberto imperial, de *Conimbriga*, referida em 3.

envolvimento das iniciais C · M em C(*larissimae*) M(*emoriae feminae*), no que foi seguido por Vasco Mantas; outras hipóteses de desenvolvimento já publicadas são C(*aii*) M(*arita*), bastante plausível dada a existência de outros exemplos sobretudo no Alentejo, e C(*aii*) <F>(i*liae*) (a este respeito, ver: *HEp* 4, 1994, 1000, p. 369-370; *ILER* 6791 – com erro na idade –; Almeida, 1984-1988; Étienne e Mayet, 2000, 40, p. 35; Mantas, 1982, p. 15). Curiosamente, uma outra inscrição em que aparece uma mulher com *tria nomina* é na *cupa* do liberto imperial *Publius Aelius Ianuarius* atrás referida, em que a sua mulher, *Tiberia Claudia Cale*, surge sem filiação e se identifica somente como *uxor*.

Fora da Península Ibérica, na necrópole de Isola Sacra, as *cupae* parecem revelar indivíduos ligados ao comércio, à navegação, etc., com uma presença provincial, sobretudo oriental, aparentemente forte (Calza, 1940, p. 49; Berciu e Wolski, 1970, p. 933 e 935; Berciu e Wolski, 1973, p. 375). A apreciação do quadro geral leva a que aqui seja corrente a correspondência entre a *cupa* e o escravo ou liberto (por exemplo, Ruiz Osuna, 2009, p. 447).

No conjunto dos epitáfios das *cupae* líticas de Lisboa a imagem que se traça é substancialmente diferente, havendo uma clara maioria de cidadãos romanos e uma pronunciada escassez de elementos atribuíveis à origem servil. Como propõe Jordán Lorenzo (2012), este cenário, que salta à vista e que se aplica assim ao mais importante núcleo de *cupae* precoces da Península Ibérica, poderá ser extensível a outras ocorrências na *Hispania* ainda do séc. I d. C., estejam integradas em grupos menos expressivos, sejam achados isolados ou ainda exemplares precoces de grupos de desenvolvimento posterior. Se os novos dados que a investigação nos for apresentando consolidarem esta hipótese, poderemos reforçar a ideia de que na Península Ibérica em geral, como parece demonstrar-se mais seguramente no caso olisiponense, as *cupae* no séc. I d. C. estariam relacionadas com imigrantes itálicos de estatuto social elevado (indivíduos ou famílias) e, por alguma razão, terão passado nos séculos posteriores a estar ligadas às classes mais modestas (Jordán Lorenzo, 2012, p. 239, propõe a hipótese da adopção por estas de um marcador de prestígio). Os maiores problemas que esta investigação enfrenta serão a escassez de exemplares precoces fora do núcleo olisiponense bem como a falibilidade das datações, sendo que os actuais critérios quanto à paleografia, e mesmo, em alguns casos, quanto às fórmulas dos epitáfios, carecem por vezes de solidez e podem viciar a análise. Um exemplo disto é o que se passa em *Barcino*, em que, como atrás mencionado, os critérios epigráficos que apontariam para a anterioridade das *cupae* líticas em relação às *structiles* parecem ser desmentidos pela sequência estratigráfica (Beltrán de Heredia, 2007, p. 19-20; Beltrán de Heredia e Rodà de Llanza, 2012, p. 97-98).

Vejamos a lista onomástica dos indivíduos presentes nos epitáfios das *cupae* líticas de *Olisipo*, organizada alfabeticamente por gentílios (a ausência de filiação e tribo em nomes de dedicantes é perfeitamente natural e não deve ser considerada como indicação de que não fossem cidadãos):

Nome	Filiação	Tribo	N.º do corpus
<i>[- A]Ibanius [T]uscus</i>	filho de <i>G(aius)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/073
<i>M(arcus) Apronius Marcianus</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/075
<i>M(arcus) Apron[us] Nerua</i>	[filho de <i>M(arcus)</i> ]	<i>Gal(eria)</i>	2/077
<i>L(ucius) Atilius Aper</i>	filho de <i>L(ucius)</i>	<i>[Gal]l(eria)</i>	2/079
<i>Q(uintus) Atilius Fundanu[s]</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/078
<i>Q(uintus) Atiliu[s] [---]</i>	inverificável	inverificável	2/080
<i>Q(uintus) Atrius Seuerus</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/068
<i>[-] Cassius Cassi[anus] [---]</i>	inverificável	inverificável	2/036
<i>P(ublili) Cassi(i) Vrsi</i>	filho de <i>P(ublilius)</i> (e de <i>Rufina</i> )	<i>Gal(eria)</i>	2/022
<i>M(arcus) Clodius Auit[us]</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/005
<i>[-] Cominiu[s] Firmo</i>	inverificável	inverificável	2/066
<i>[- C]omini[us] Fjundanu[s] ---?</i>	inverificável	inverificável	2/071
<i>Q(uintus) En[niu]s Naso</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/042
<i>G(aius) Fabius A[---]</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/026
<i>[-] Fabius Fabi[anus]</i>	ausente	ausente	2/030
<i>L(ucius) Fabius Fabianus</i> (surge como dedicante e pai)	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Pap(iria)</i>	2/018
<i>G(aius) Flavius Toncius</i>	filho de <i>L(ucius)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/029
<i>C(aius) Iuliu(s) Auctor</i> (surge como dedicante e pai)			2/031
<i>L(ucius) Iulius Auitus</i>	filho de <i>L(ucius)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/041
<i>M(arcus) Iulius Auitus</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/039
<i>(Marcus) Iulius Auitus</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/070
<i>M(arcus) Iulius Ciui[s]</i>	ausente	ausente	2/038
<i>L(ucius) Iuliu[s] [Fro]nto</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/042
<i>L(ucius) Iulius Fuscus</i>	ausente	ausente	2/012
<i>G(aius) Iulius Maxumus</i>	filho de <i>C(aius)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/067
<i>M(arcus) Iulius Maxumus</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/032
<i>L(ucius) Iulius Nerua</i>	filho de <i>C(aius)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/097
<i>G(aius) Iulius Pate[r]nu[s]</i>	filho de <i>G(aius)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/019
<i>G(aius) Iulius R[u]fus</i>	ausente	<i>Gal(eria)</i>	2/002
<i>G(aius) Licinius Celsus</i>	filho de <i>L(ucius)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/088
<i>G(aius) Li[cini]u[s] [---]du[s]</i>	filho de <i>[-]</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/082
<i>M(arcus) Licinius Domesticus</i>	ausente	ausente	2/050
<i>[-] Licinius Tuscus</i>	filho de <i>[-]</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/055
<i>[-] Liuius [---]</i>	filho de <i>C(aius)</i>	<i>[Galeria?]</i>	2/015
<i>M(arcus) Minucius Seuerus</i>	liberto	liberto	2/056
<i>M(arcus) Staiius Maxumus</i>	filho de <i>M(arcus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	1/002
<i>P(ublilius) Sulpicius Seuerus</i>	filho de <i>P(ublilius)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/023
<i>C(aius) Teren[tij]us Maxumus Terentianus</i> (surge como dedicante e pai)	filho de <i>[-]</i>		2/069
<i>[C(aii)] Terenti(i) Ru[fi]</i>	filho de <i>C(aius)</i> <i>Teren[tij]us Maxumus</i> <i>Terentianus</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/069
<i>M(arcus) Torius Victor</i>	filho de <i>G(aius)</i>	<i>[G]al(eria)</i>	2/003
<i>[-] Valerius Auitus</i>	filho de <i>G(aius)</i>	ausente	2/059
<i>M(arci) Valeri(i) Reburri</i>	filho de <i>Q(uintus)</i>	<i>Gal(eria)</i>	2/057
<i>[-] Vettius [---]</i>	filho de <i>C(aius)</i>	inverificável	2/095

TABELA 1. Antropónimos masculinos

Nome	Filiação	N.º do corpus
<i>Aemilia Boutia</i>	filha de <i>G(aius)</i>	2/024
<i>Alfia Amoena</i>	filha de <i>L(ucius)</i>	2/105
<i>Apronia</i> (surge como mãe de indivíduo sepultado e igualmente sepultada)		2/038
<i>Apronia Maela</i>	filha de <i>L(ucius)</i>	2/074
<i>Caecilia Maxuma</i>	filha de <i>L(ucius)</i>	2/058
<i>Caecilia Maxuma</i>	filha de <i>Quintus</i> e de <i>Iulia Bou[tia]</i>	2/103
<i>Cassiae Auitae</i>	filha de <i>C(aius)</i>	2/049
<i>Cassia Galla</i>	filha de <i>C(aius)</i>	2/027
<i>Fa[bia] [...]</i>	filha de <i>L(ucius)</i>	2/018
<i>Iulia [Amo]ena</i>	filha de <i>C(aius)</i>	2/092
<i>[Iuli(?)]a Amo[ena]</i>	filha de <i>G(aius)</i>	2/007
<i>[Iu(?)]lia Am[o]ena</i> (surge como dedicante)	filha de <i>G(aius)</i>	2/003
<i>Iulia Amoena</i>	filha de <i>L(ucius)</i>	2/104
<i>[Iu(?)]lia Ar[a]nta</i>	filha de <i>G(aius)</i>	2/063
<i>Iulia Auita</i> (surge como irmã de indivíduo sepultado e igualmente sepultada)		2/038
<i>[I]ulia Au[fit]a</i>	filha de <i>L(ucius)</i>	2/017
<i>Iulia Bou[tia]</i> (surge como mãe e dedicante)		2/103
<i>Iulia Festa</i> (surge como filha e dedicante)		2/012
<i>Iulia Fun[da]na</i>	filha de <i>G(aius)</i>	2/002
<i>Iu[lia] Matern[a]</i>	[filha de .]	2/092
<i>[I]ulia Maxsuma</i>	filha de <i>M(arcus)</i>	2/070
<i>Iulia Maxuma</i>	filha de <i>C(aius) Iulius Auctor</i>	2/031
<i>Iulia Procula</i>	filha de <i>G(aius)</i>	2/072
<i>Iulia Seuera</i>	filha de <i>G(aius)</i>	2/026
<i>Iulia [T]usca (?)</i>	filha de <i>L(ucius)</i>	2/036
<i>[Iu(?)]nia [Fu]ndana</i>	[filha de .]	2/009
<i>[Lic]inia Amoena</i>	filha de <i>M(arcus)</i>	2/093
<i>Licinia Boutia</i>	filha de <i>L(ucius)</i>	2/083
<i>Licinia Maxum[a]</i>	inverificável	2/034
<i>Licinia Tusca</i>	filha de <i>L(ucius)</i>	2/072
<i>Maria Quintilla</i>	filha de <i>Q(uintus)</i>	2/016
<i>Memmia Aranta</i> (surge como dedicante e mãe)		2/035
<i>Minucia Aranta</i>	liberta	2/056
<i>Orbia Anus</i> (acerca desta inscrição e da sua filha de <i>C(aius)</i> problemática <i>uide infra</i> )		2/065
<i>Rufina</i> (surge como mãe e dedicante)		2/022
<i>Valcia Sabina</i>	filha de <i>L(ucius)</i>	2/008
<i>Valeria Vlan[a]</i>	filha de <i>G(aius)</i>	2/057
<i>[...] Amoena</i>	inverificável	2/055

TABELA 2: Antropónimos femininos

Outros antropónimos de leitura mais incerta são:

*Q(uintus) [Apr(?)]onius Auitus* (surge como dedicante e veterano da legião XXII  
*P(rimigenia Pia Fidelis)* (2/007)

*[lul]ia [Maxu]ma [---]* (2/085)

*[--- Te]ren[tius uel -a] [---]* (2/043)

*[T]erentia* (2/040)

*[---]ius [---]ialm[---]* (2/021)

*[--- Max(?)]uma [---]* (2/011)

Constata-se que nas *cupae* em que é possível uma boa leitura, uma enorme maioria de indivíduos tem cidadania romana, apresentando os homens *tria nomina*, filiação e inscrição na tribo *Galeria*, correspondente ao *municipium Olisiponense* (Wiegels, 1985, p. 82-84), e apresentando as mulheres gentilício, filiação e *cognomen*. A única exceção quanto à tribo verifica-se na 2/018, em que o dedicante e pai a cuja filha manda fazer o monumento funerário pertence à tribo *Papiria*. Note-se todavia que dito indivíduo, por certo estrangeiro ao *municipium*, e muito possivelmente de elevado estatuto social, opta por sepultar a filha, que aqui falece, neste tipo de monumento marcadamente local.

Olhando para os números, nas inscrições em que é possível assegurar a ausência ou a presença dos elementos socialmente relevantes dos indivíduos sepultados, encontramos entre os masculinos 28 com o repertório de cidadania completo, certamente cidadãos, de pleno direito. Indivíduos com *tria nomina* apenas, sem filiação nem tribo (o que poderá indicar a condição de libertos), encontramos quatro (um dos quais com o *cognomen Domesticus*, comum na onomástica dos escravos: Mangas Manjarrés, 1971, p. 466 – ver ainda Cardim Ribeiro, 2000, p. 365-366 –; outro com o *cognomen Fuscus*, também suspeito: Kajanto, 1982, p. 65). Libertos explícitos há apenas um, *M(arcus) Minucius Seuerus*, que partilha o túmulo com a sua companheira, *Minucia Aranta*, liberta certamente do mesmo senhor; *Seuerus* é também um nome comum na onomástica dos escravos (Kajanto, 1982, p. 69), mas há igualmente dois *Seueri* com filiação e tribo entre os cidadãos aqui representados – outros apresentam *cognomina* considerados tipicamente ausentes da onomástica servil, como *Auitus*, *Maxumus* ou *Rufus* (Kajanto, 1982, p. 79, 133-134). Há ainda o caso de um indivíduo com *tria nomina* inscrito na tribo *Galeria* que, todavia, não apresenta filiação, bem como outro com *tria nomina* e filiação que não apresenta tribo.

Um militar com *tria nomina* surge como dedicante, e não como sepulto.

Quanto às mulheres sepultadas, além da referida liberta *Minucia Aranta*, todas (em número de 26, fora alguns casos em que não é possível determinar a presença da filiação) surgem com gentilício e filiação, não havendo pois quaisquer outros casos com indicações de origem servil. A única exceção surge num epitáfio triplo, em que juntamente com um indivíduo com *tria nomina* mas sem mais elementos (e com o *cognomen Ciuis*), são sepultadas a sua irmã, identificada apenas com gentilício e *cognomen*, e a sua mãe, apenas com gentilício (ou então *nomen* único; latino, porém).

No que concerne a onomástica paleohispânica, existe um claro desequilíbrio entre os géneros.

Entre os homens contam-se apenas dois *cognomina* paleohispânicos: os de *Marcus Valerius Reburus* e *Gaius Flavius Toncius*. Apesar disso ambos eram cidadãos romanos, apresentando filiação e inscrição na tribo *Galeria*. Note-se que o gentílico *Flavius* poderá ainda indicar uma cidadania mais recente deste indivíduo específico ou da sua família (Salinas de Frías, 2010, p. 66). Há também uma ocorrência do *cognomen Paternus* que, embora latino, poderá no contexto lusitano, por vezes, indicar uma ligação ao mundo indígena, como os *cognomina* de parentesco em geral (Abascal, 1984, p. 219-220; Kajanto, 1982, p. 18, 80; Untermann, 1965, p. 142-143 e mapa 59).

Nas mulheres, porém, a proporção de *cognomina* paleohispânicos ou com estes relacionados é bastante maior. A onomástica indígena está presente na liberta *Minucia Aranta*, mas também em *[lu(?)]lia Ar[an]ta*, *Memmia Aranta* (que surge como dedicante e mãe), *Aemilia Boutia*, *Iulia Bou[an]tia* (que surge como mãe), *Licinia Boutia*, *Apronia Maela* e *Valeria Vlan[an]a*. Há no entanto de considerar igualmente as sete ocorrências do *cognomen Amoena*, que pelo menos em alguns casos estarão relacionadas com o substrato indígena. O *cognomen Amoenus/-a*, muito raro em outras áreas da Península Ibérica, é muito frequente na *Lusitania* acima do Tejo, particularmente na região olisiponense (Mantas, 1982, p. 11; Untermann, 1965, p. 55, mapa 8), sendo provável que a sua popularidade esteja relacionada com um nome indígena pré-existente de fonética semelhante (Albertos, 1964, p. 219). Para esta conclusão poderá concorrer o facto de a sua popularidade ser desmesuradamente maior na sua versão feminina, bem como o facto de surgirem na *Lusitania* diversas *Amoena*e com pais de onomástica indígena, por exemplo em Idanha-a-Velha. No *municipium Olisiponense* são frequentes as *Iuliae Amoena*e (Mantas, 1982, p. 90-91, faz mesmo um anexo com os testemunhos epigráficos desta ocorrência epigráfica na Península Ibérica).

No caso da dedicante *Memmia Aranta*, o seu *cognomen* é paleohispânico (Vallejo Ruiz, 2005, p. 175-177), mas o seu gentílico aponta para uma família imigrante itálica (*AALR*, p. 409). Poderemos imaginar uma descendente de uma indígena e de um imigrante itálico ou da sua *familia*, mais do que uma liberta (sendo raros os escravos de nome paleohispânico).

A grande representatividade da *gens Iulia* em *Olisipo* dever-se-á naturalmente ao facto de ser certamente de iniciativa juliana a elevação da cidade a *municipium* de direito romano, tenha-se dado a efectiva promoção sob Júlio César ou sob Octaviano Augusto (Cardim Ribeiro, 1974/1977, p. 283; Cardim Ribeiro, 1994, p. 77), além de se tratar do *nomen gentilicium* mais comum da *Lusitania* (veja-se, a propósito, Cardim Ribeiro, 1982-1983, p. 450, fig. 105). A questura e a pretura de Júlio César na *Hispania Vterior* tinham acontecido num momento-chave da pacificação da *prouincia*, e a ele se deverá, igualmente, a criação de diversas colónias (Salinas de Frías, 2010, p. 52, 63 e 64). Na *Lusitania*, o *municipium Olisiponense* e a capital, *Augusta Emerita*, são mesmo os locais de maior concentração do gentílico (*AALR*, p. 197-204, mapa 158) que decerto se aplicaria tanto a indivíduos de proveniência itálica e seus descendentes como a libertos e indivíduos de origem indígena (Abascal, 1994, p. 30 –

em que supõe mesmo que *Olisipo* e o seu território poderão oferecer o mais expressivo exemplo da abundância deste gentílico na *Hispania*).

## 5.2.10. LIGAÇÕES EXTERIORES À HISPANIA

### 5.2.10.1. PENÍNSULA ITÁLICA

*Olisipo* é uma cidade que foi precoce e intensamente romanizada. Existem diversas referências epigráficas a magistrados que pertenceriam na sua maioria a uma elite social fortemente latinizada (como parece demonstrar a onomástica), em alguns casos provavelmente itálica (Mantas, 1994, p. 71; Cardim Ribeiro, 1994).

É algo surpreendente que as *cupae* líticas surjam aqui com tanta expressão e seguindo um modelo tão rígido e definitivo e que depois se tenham mantido durante um período tão limitado; nos inícios do séc. II d. C., centúria durante a qual a utilização desta tipologia funerária efectivamente se expande no Império, deixam de existir em *Olisipo*. Recordemos que nos séculos II-III d. C., as *cupae structiles* das necrópoles da própria cidade serão não uma «evolução» da *cupa lítica* mas sim um outro fenómeno, vindo de fora, relacionável com os monumentos formalmente muito próximos e cronologicamente contemporâneos que existem no sul da Península Ibérica e em África.

Em vista dos dados que temos, torna-se natural correlacionar a chegada do modelo das *cupae* líticas olisiponenses e o grande contingente de imigrantes itálicos que terá afluído à região na segunda metade do séc. I a. C. e primeira metade do séc. I d. C., depreendida a partir da presença de ditos “fósseis onomásticos” (AALR, p. 409; Navarro Caballero, 2006, p. 71-86; Cadiou e Navarro Caballero, 2010, p. 257-258 e 261-263). Este influxo fará parte de um cenário de estabelecimento de núcleos de indivíduos itálicos na Península Ibérica a partir do séc. II a. C. por motivos comerciais, entre outros (Bravo Bosch, 2008, p. 77). Uma das razões que terá levado homens de negócios a afastar-se da cidade de Roma e do espaço itálico terá sido o período de convulsões sociais verificado na fase final da República (Cadiou e Navarro Caballero, 2010, p. 273-274). A amostra onomástica levou ainda à proposta de que não só estes imigrantes integrariam indivíduos ligados aos negócios e comércio como também de que haveria uma afluência específica para a região de *Olisipo*, uma vez que estes fósseis onomásticos não têm expressão em outros centros urbanos portuários lusitanos (Cadiou e Navarro Caballero, 2010, p. 262). Veja-se por exemplo a concentração da *gens Terentia* no *municipium Olisiponense* (AALR, p. 317-318, mapa 292), família possivelmente ligada à exploração económica da *Asia* (Lassère, 1977, p. 84).

Gentílios que testemunham um passado familiar imigrante proveniente da Península Itálica, devido à sua raridade fora desse âmbito (AALR, p. 409), são o de (... C)ominius Firmo, (... C)omini(us F)undanu(s), Memmia Aranta, Orbia Anus, M(arcus) Staius Maxumus, Valcia Sabina e Alfia Amoena (Navarro Caballero, 2006, p. 73; ver ainda, acerca destes gentílios, o quadro de Lassère, 1977, p. 170-193).

*Valcia Sabina* (como, provavelmente, (... C)omini(us F)undanu(s)) tem a particularidade de juntar um gentílico classificável como fóssil onomástico indicador de uma

proveniência directamente itálica a um *cognomen* toponímico itálico (como já indicado em Encarnação, 2001, p. 73; outros exemplos olisiponenses que reforçam a probabilidade da origem itálica dos indivíduos em questão e a validade dos fósseis onomásticos são dados em Navarro Caballero, 2006, p. 86).

Acerca da muito provável *Orbia Anus*, filha de *Caius*, há que dizer que se trata de uma inscrição algo problemática (o que levou à sua exclusão da lista onomástica em Campos, 2012, p. 468-470); no entanto, após observação cuidada da pedra, a hipótese de leitura mais provável parece de facto ser a de que se trate de uma *Orbia*, filha de *Caius*, com *cognomen* que poderá ser *Anus* (que significa “velha” em latim), constatando-se que o carácter a seguir a C presta-se mais a ser um F que um I, não só pelas marcas na superfície da pedra como também pela distância em relação ao A seguinte. *Orbia* é gentílico romano que surge também, por exemplo, em *Augusta Emerita* e *Conimbriga*. Quanto ao *cognomen*, *Anus* está verificado na Península Ibérica por vezes em famílias de marcada romanidade (como no caso de *CIL* II 2130).

Também o gentílico *Torius* poderá fazer parte deste conjunto de nomes itálicos, sendo particularmente comum na Itália central e setentrional (Encarnação, 1995a, p. 404; Encarnação, 2001, p. 76).

Outros exemplares onomásticos coerentes com a imigração itálica precoce para *Olisipo* (Navarro Caballero, 2006, p. 83) são: o *cognomen* de origem geográfica *Tuscus*, *-a*, (existindo nas *cupae* olisiponenses um *Tuscus* e uma *Tusca* prováveis e um *Tuscus* e uma *Tusca* indubitáveis, além de haver uma presença expressiva do *cognomen* na epigrafia da cidade de *Felicitas Iulia Olisipo* propriamente dita e nas estelas de topo arredondado contemporâneas das *cupae* no *ager* do *municipium*); o já referido *Sabina*; e, provavelmente, *Fundanus* (existindo nas *cupae* de *Olisipo* uma provável *Iulia Fundana*, uma provável *Iunia Fundana*, um provável *Cominius Fundanus* e um indubitável *Quintus Atilius Fundanus*; sobre este *cognomen*: Cardim Ribeiro, 1982-83, p. 259-262).

Parece assim altamente provável que os fósseis onomásticos detectados nas *cupae* e em outros monumentos do *municipium Olisiponense* pertençam a descendentes de Itálicos que se teriam aqui fixado sobretudo no séc. I a. C. (ou de seus libertos ou adoptados); as inscrições revelam indivíduos certamente nascidos já no município de *Olisipo*, como demonstra a recorrente inscrição na tribo *Galeria* (que se aplicaria certamente desde o princípio do Império: Navarro Caballero, 2006, p. 72). Porém, a extrema raridade da epigrafia anterior ao séc. I d. C. em *Olisipo* (bem como na *Lusitania* em geral) dificulta muito uma aferição mais esclarecida dos primeiros povoadores itálicos (Cadiou e Navarro Caballero, 2010, p. 256).

Por um lado, uma tal concentração de evidências, juntamente com a verosimilhança do cenário histórico e arqueológico, oferece-nos uma certa segurança quanto à hipótese do influxo itálico precoce. Não esqueçamos ainda que a onomástica mais banal poderá com frequência disfarçar imigrantes desses territórios (como apontado em Cadiou e Navarros Caballero, 2010, p. 256). Por outro lado, não deveremos pôr de parte utilizações locais de alguma nomenclatura romana que aparentemente remeteria para realidades alógenas específicas. Estas deverão, no entanto, reflectir a

importância que acabaram por ter os nomes de certos grupos imigrantes itálicos. O *cognomen* etnonímico *Tuscus*, *-a*, cuja maior frequência se verifica na *Hispania Vltior* (AALR, p. 329; Kajanto, 1982, p. 51 e 188; Untermann, 1965, p. 179-180, mapa 79), particularmente no *ager Olisiponensis*, estará provavelmente relacionado, na origem, com um influxo expressivo de imigrantes da *Tuscania* (Cardim Ribeiro, 2013, p. 368-370) e terá sido adoptado por elementos indígenas (Mantas, 1982, p. 59-60; parece não haver base para sustentar a hipótese de que este nome recobrisse outro paleohispânico similar ou igual, como terá acontecido com *Amoena* – processo classificado como um fenómeno particular e notável em Navarro Caballero, 2006, p. 86). Esta situação, com o correr do tempo, terá acabado por banalizar o nome, o qual terá perdido o seu significado original, passando a ter um carácter arbitrário (mas não deixando por isso de nos demonstrar uma marcada influência em momento anterior). Assim indicarão os exemplos de um epitáfio colectivo de Monforte (*IRCP* 595a; Encarnação, 2010, p. 179) – já no *conuentus Pacensis* –, datável da segunda metade do séc. I d. C., em que surge uma *Preccia Tusca* (note-se o gentílico também perfeitamente itálico) que se identifica como *Arconis f(ilia)* e de outro na região de Torres Vedras em que aparece um *Reburus Tusci f(ilius)* (Mantas, 1982, p. 53-60). Na região de *Olisipo*, a antroponímia paleohispânica tem, em geral, fraca representação, sendo mais detectável no espaço rural, sobretudo em *cognomina* de indivíduos cujos restantes elementos onomásticos são romanos. Casos de onomástica verdadeiramente conservadora relativamente ao substrato paleohispânico revelam-se sobretudo em locais mais interiores, mais acidentados, e com condições menos favoráveis (Guerra, 2003, p. 140-141 e 145-147), particularmente na zona limítrofe setentrional do *municipium* (Gaspar e Campos, no prelo).

Esta perspectiva poderá ser enriquecida com o já referido grupo de *cupae* líticas da *Baeturia Celticorum* (que serve de partida para a análise de Jordán Lorenzo, 2012, que recai sobre os utilizadores das *cupae* sob o ponto de vista social). Este é composto por cinco exemplares, um dos quais demasiado desgastado para fornecer informações epigráficas relevantes (Canto, 1997, p. 92, n.º 82). Outros dois são particularmente interessantes: um é uma *cupa* fragmentada de Alconera (Canto, 1991, p. 290-296; Canto, 1997, p. 118-119, n.º 130; Jordán Lorenzo, 2012, p. 228-229), datável do séc. I d. C., em mármore branco local, com uma cartela plana central e decorações à esquerda e à direita desta, nomeadamente um *urceus* e uma pátera, e que traz à mente paralelos itálicos de Benevento e do Vale do Tanagro, atrás referidos. O gentílico do falecido, *Seruenius*, poderá apontar para uma família de origem itálica (como nota Jordán Lorenzo, 2012, p. 229, salientando a possibilidade de ser oriunda da *Regio VII* – a Etrúria – fazendo porém a ressalva de se encontrarem também testemunhos desta *gens* em África, na *Dalmatia* e na *Gallia Narbonensis*). O outro é uma *cupa* de granito de Burguillos del Cerro (Canto, 1997, p. 87-88, n.º 72; Jordán Lorenzo, 2012, p. 230-231), encontrada numa possível *uilla*, também datável do séc. I d. C., e com a epígrafe inscrita numa *tabula ansata* e decorações nos lados curtos, cujo gentílico, *Marcus*, poderá apontar para uma proveniência lusitana.

Outras duas *cupae* da mesma zona, datáveis já do séc. II d. C., parecem manter a mesma tendência: uma de granito, de Fregenal de la Sierra, muito semelhante à anterior, de um indivíduo com *tria nomina* e um gentílico relativamente raro na *Lu-*

*sítania* e na *Baetica*, *Pomponius* (*CIL* II 977; Canto, 1997, p. 73-74, n.º 48; não esqueçamos todavia o geógrafo Pompónio Mela, que viveu durante a primeira metade do séc. I d. C. e que foi nado na área da actual Algeciras); outra, de calcário, de Zafrá (Canto, 1997, p. 123-124, n.º 140), também de uma possível *uilla*, aparentemente dedicada por uma liberta à sua patrona. Esta pertencia à *gens Memmia*, da qual há mais testemunhos na região indicadores de um estatuto social elevado, e que seria originária da Península Itálica (*AALR*, p. 409).

Revelar-se-á assim um certo paralelismo com as *cupae* líticas de *Olisipo*, uma vez que em ambos os casos parece haver lugar a um cenário de indivíduos de origem itálica que terão possivelmente trazido esta tipologia monumental aquando de uma fixação que terá sido precoce. No entanto, há também diferenças, pois as da *Baeturia Celtorum* não apresentam uma coesão formal, tendo estilos e materiais de construção diversos. Quaisquer conclusões são também dificultadas pelo escasso número de exemplares. Além disso, a epigrafia destas *cupae* apresenta ausência de filiação e tribo.

Mais recentemente J. Gómez-Pantoja e P. Paniago publicaram dois outros monumentos de Burguillos del Cerro, um dos quais de epígrafe praticamente ilegível e outro pertencente a um escravo (*FE* 136, 2016, 566 e 567). O aparecimento deste último consubstancia, em conjunto com o acima referido oriundo do mesmo local e o de Fregenal de la Sierra, a existência de um fácies local, no meio do referido panorama variado.



Fig. 23. *Cupa* de *Cirta* de suposta datação republicana (Julià, 1965, pl. XVII, n.º 2).



Fig. 24. *Cupa* de *Cirta* (Lassère, 1973, fig. 39, n.º 86)

### 5.2.10.2. ÁFRICA

A *cupa* dedicada *Sossio Eroti filio*, de Sidi-Mabrouk, *Cirta* (CIL VIII 7796) tem uma particular importância no âmbito deste estudo por duas razões. Primeira: tem sido apontada como a mais antiga *cupa* conhecida, tendo sido datada do fim da república por Lassère (1973, p. 136), o que condicionou muita da discussão acerca desta tipologia funerária nas últimas décadas; segunda: desde que Julià (1965, p. 49, nota 11 e Pl. XVII) chamou a atenção para a semelhança entre esta *cupa* de *Cirta* e as *cupae* líticas olisiponenses, tal passou a ser habitualmente referido (por exemplo em Berciu e Wolski, 1970, p. 951 e Bonneville, 1981, p. 14), com a atracção acrescida (a partir da datação de Lassère) de uma e outras serem dos exemplares mais precoces conhecidos (a de *Cirta* seria do séc. I a. C. e as do *municipium Olisiponense* do séc. I d. C.).

A *cupa* de *Cirta* foi pela primeira vez publicada em 1850 numa colectânea de desenhos feitos por Adolphe Delamare intitulada *Exploration Scientifique de l'Algérie pendant les Années 1840-1845* e mais tarde complementada por um texto explicativo da autoria de Stéphane Gsell (1912; na p. 138 está a referência ao desenho n.º 7 da Pl. 153, que é o do monumento em questão). O facto de não existir publicada uma boa imagem da *cupa*, sendo esta divulgada apenas através do desenho original de Delamare (fig. 23), cuja qualidade é neste caso relativamente inferior, além de a descrição de Gsell se reduzir a um lacónico “caisson”, terá dado azo a alguma dúvida. Berciu e Wolski (1970, p. 952) supuseram certamente que esta *cupa* fosse *structilis*, pois julgavam não existirem *cupae* de pedra senão na Península Ibérica. Igualmente, Rodríguez Gutiérrez e Rodríguez Azogue (2003, p. 171) depreendem a partir de Bacchielli (1986, p. 305), quando este defende a probabilidade da anterioridade das *cupae structiles* em relação às líticas, que a *cupa* de *Sossius* seja em tijolo e argamassa. Embora tal possa constituir uma possibilidade, uma vez que há formas aproximadas em *cupae structiles* documentadas (por exemplo, Berciu e Wolski, 1970, planche LI), será muito mais provável que o desenho de Delamare se reporte a uma *cupa* lítica.

Como já atrás referido, diz Lassère (1973, p. 122): “*Le P. Delattre aurait rencontré quelques-uns de ces monuments en dos d’âne à Carthage, où ils étaient en blocage. Dans le sud et l’ouest de la Province, c’est au contraire une pierre massive taillée de diverses façons: un simple demi-cylindre à Lambèse et à Cirta.*” Além do mais, *Cirta* seria dos poucos locais em África onde não faltaria matéria-prima verdadeiramente adequada para a construção das *cupae* líticas. Igualmente Lassère (1973, p. 12, nota 12): “*Le sarcophage est un objet coûteux, entre autres raisons [...] parce que seuls les marbres de la Numidie cirtéenne et d’outremer conviennent à sa fabrication.*”

Levando isto em consideração, e atentando nas proporções do monumento desenhado por Delamare, inadequadas a uma tampa como as olisiponenses, passa a parecer quase certo que se trate, afinal, de uma *cupa* idêntica a outras de *Cirta* e *Lambæsis*, cujos lados longos são igualmente separados do topo semicilíndrico por um degrau (fig. 24; ver fotos em Bacchielli, 1986, tavola I, 1 e Lassère, 1973, fig. 39, n.º 86). E assim sendo, a semelhança será talvez maior com *cupae* como as de *Aeminium* (fig. 3) do que com as do *municipium Olisiponense*, embora as de *Aeminium* não partilhem o local de colocação do epitáfio (em África a maioria das *cupae* líticas apresenta o epi-

táfio inscrito num dos lados curtos como sucede com as olisiponenses: Gsell, 1901, p. 47; Julià, 1965, p. 49; Stirling, 2007, p. 113).

Naturalmente, o degrau lateral não deixa de ser um elemento comum que aproxima estas *cupae* africanas às olisiponenses; mas talvez alguns outros exemplares de *Theveste* sejam ainda mais próximos destas, como os ilustrados em Lassère, 1973, fig. 33, n.º 67, e fig. 34, n.º 70, que serão já mais tardios.

O primeiro é uma *cupa* (ILA I 3324) dedicada pelos filhos a um *C(aius) Memmius Victor*, de 50 anos, o que traz à mente o centurião *C(aius) Memmius Victor* que surge numa lista de *principales* que dedicam *imagines sacras aureas* numa inscrição de *Lambaesis* (CIL VIII 2586; Wheeler, 2008, p. 190). O segundo (CIL VIII 16551) é a *cupa*, datável do séc. III d. C., de um soldado falecido aos 55 anos, *Val(erius) Vitalis*.

Seria necessária a observação directa da *cupa* de *Sossius*, bem como uma revisão aprofundada do panorama funerário africano, para que se pudessem estabelecer mais solidamente cronologias e diacronias.

### 5.2.11. LIGAÇÃO MILITAR

A ligação à presença militar, que é também relacionável com as *cupae* de um modo geral, deverá ser levada em conta, mas não parece ser determinante no caso olisiponense desta tipologia funerária. Não podemos, aliás, estabelecer qualquer ligação particular entre as *cupae* de *Olisipo* e o elemento militar, havendo uma única *cupa*, de Caparide (2/007), em que este surge no epitáfio enquanto dedicante, havendo contudo militares em outros tipos de monumentos da região (Cardim Ribeiro, 1982-1983, p. 262-264). Exemplos como o da necrópole de *Castra Albana* são relativamente tardios, e será talvez mais provável que a associação entre militares e *cupae* em diversos locais se deva não directamente à sua condição militar, mas talvez devido ao facto de tais indivíduos possuírem frequentemente proveniências diversas e trajectos geográficos extensos. No contexto mineiro de Riotinto, por exemplo, onde as *cupae* têm presença, o contingente militar congregaria indivíduos de diversos locais, expostos a influências diversas.

Poderão explicar-se assim os casos da *cupa* de Tarraco pertencente a um veterano da *Legio VII Gemina Felix*, datável da segunda metade do séc. II d. C. (Gorostidi Pi e López Vilar, 2012, p. 31-32 e 72; Jordán Lorenzo, 2012, p. 257-258), ou de várias *cupae* líticas africanas (*vide supra*, e Lassère, 1973, fig. 35, 71), de cronologia não precoce. Note-se que em *Volubilis*, na *Mauretania Tingitana*, existem algumas *cupae* pertencentes a militares da *cohors I Hispanorum* (Stefani, 1986, p. 152).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *cupae* líticas de Lisboa estão entre as mais antigas da Península Ibérica – e do próprio Império –, e formam um grupo extraordinariamente homogéneo (o mais homogéneo de todos os grupos de *cupae*, como nota Tupman, 2011, p. 321), com diversas características muito particulares. O facto de serem «caixões» em pedra para urnas cinerárias parece, dentro desta tipologia específica, ser conhecido apenas em mo-

numentos mais tardios da *Gallia Belgica* (estando o mesmo conceito presente nos cipos prismáticos que, no *municipium Olisiponense*, com estas *cupae* partilham o espaço e, pelo menos parcialmente, o tempo). Outra particularidade é o facto de parecer estarem concentradas no séc. I d. C., aparentemente cessando quando as restantes da Península Ibérica e da Itália passam a existir ou ganham visibilidade.

A hipotética ligação a sarcófagos (como os da *Lycia*) pode ser tentadora, mas a correção não é estritamente necessária. Poderíamos pensar, em *Olisipo*, num fenómeno local de mistura do conceito formal dos mausoléus de abóbada de canhão com o conceito sepulcral do cipo prismático, também existente no *municipium Olisiponense* do séc. I d. C.: um monumento em pedra que encerra no seu interior as cinzas do morto acima do nível do solo, em *sepulcra* ou *loculi* destituídos de *infundibula*, conceito esse presumivelmente importado da Península Itálica, onde também se verifica (ver, por exemplo, Prieur, 1986, p. 66 e 73).

Apesar de uma grande parcela dos imigrantes itálicos que terão trazido estas tipologias ser, provavelmente, proveniente da Etrúria, não podemos, por razões cronológicas, sugerir a hipótese de uma influência nas *cupae* líticas olisiponenses dos contentores líticos (em tufa) etruscos e faliscos por vezes denominados de tipo *custodia*, que encerram no seu interior a urna cinerária e que são compostos por um bloco inferior e uma tampa (ver, por exemplo, Brolli e Tabolli, 2012). Em alguns casos estes monumentos têm um bloco inferior rectangular e uma cobertura arredondada, mas os séculos que os separam das *cupae* são um fosso demasiado difícil de ultrapassar.

É bastante problemático tentar perceber os percursos de expansão da utilização das *cupae* porque na maior parte das vezes faltam dados de datação fiáveis (como observa Romanò, 2009, p. 195, em relação ao caso italiano), tendo de ser com frequência as propostas nesse âmbito muito conjecturais. Seria necessária a consolidação de datações que permitissem a elaboração de um mapa de distribuição destes monumentos na primeira metade do séc. I d. C. para que pudéssemos tentar deduzir origens e influências.

As *cupae* mais antigas até agora determinadas surgem no norte de África, na Península Itálica e na *Hispania*, sobretudo no *municipium Olisiponense*. A cronologia das de Lisboa, deduzida a partir da paleografia e das fórmulas funerárias, recuará até à dinastia Júlio-Cláudia, sendo as mais precoces, o mais tardar, do imperialato de Tibério, e sendo mesmo geralmente enquadráveis entre o princípio da época de Augusto e o período flávio (Cardim Ribeiro, 1982-1983, p. 277-281). Além do caso em aberto da *cupa* supostamente republicana de *Cirta*, algumas *cupae* africanas terão uma cronologia antiga, como uma de *Ammaedara* que poderá ser de época Júlio-Cláudia de acordo com critérios onomásticos; outras de *Ammaedara* e *Theveste* poderão ser do séc. I d. C. (Stirling, 2007, p. 119). Na Península Itálica as datações minimamente seguras das *cupae* líticas são muitas vezes impossíveis, havendo casos que poderão ter grande antiguidade (notavelmente a referida *cupa* de Troia: Bacchielli, 1986, p. 311-312 e tav. V, 1).

Sendo anteriores à maioria das *cupae* da *Hispania*, as *cupae* líticas de Lisboa não encaixam num hipotético cenário de expansão da forma a partir das mais precoces do sul da Península Ibérica, de provável influência africana, em direcção a *Augusta Emerita* e outros locais. Quando a *cupa* se torna popular em *Augusta Emerita* e no *conuentus Pa-*

*censis* as *cupae* líticas olisiponenses já seriam aparentemente uma coisa do passado. Tinham surgido na península de Lisboa talvez ainda no tempo de Augusto e, tanto quanto sabemos, foram um fenómeno estritamente local, confinado no espaço e no tempo. As suas características poderão talvez relacionar-se estreitamente tanto com monumentos itálicos como africanos, seja qual for a origem comum. O degrau que separa os lados longos da superfície semicilíndrica encontra paralelos em *cupae* do norte de África (além de outros grupos da *Lusitania*, como vimos), podendo sem dúvida ser a imitação de uma característica arquitectónica igualmente verificada em mausoléus romanos de abóbada de volta perfeita africanos, hispânicos, e de outros locais do Império, e que se mantêm em construções habitacionais tradicionais norte-africanas até aos dias de hoje.

As *cupae* líticas aparecem em *Olisipo* na sua forma final. Tudo aponta para que a sua grande estabilidade interna se tenha mantido ao longo do período relativamente curto em que são utilizadas. Não há assim evidências de uma evolução tipológica anterior, que se deverá ter dado em outro lugar; mesmo que haja aqui uma originalidade local, o que é possível, esta recorrerá a referências, técnicas e práticas prévias.

A existência de mausoléus de abóbada de volta perfeita na África setentrional e na Península Ibérica é argumento a favor da hipótese de a *cupa* lítica olisiponense ser uma versão reduzida destes. A sua grande homogeneidade formal também o poderá indicar. No entanto, que assim seja não é forçoso, e a questão poderá nem ter assim tanta importância. Poderá argumentar-se que não é essencial descobrir se a origem da *cupa* é o *tumulus* de terra, o sarcófago oriental, a casa de Alexandria; talvez seja tudo isso, e mais, à mistura. Há muitos léxicos artísticos, formais e decorativos, que se entrecruzam em diversas manifestações, influências que se materializam aqui e ali sem ser possível na actualidade penetrar na complexidade dos seus percursos. E tal como, por exemplo, a *cupa* alentejana em forma de barril poderá ter adquirido significados que originalmente não teria, também na diacronia uma *cupa*, após o estabelecimento, adaptações e interpretações locais, com a sucessão das gerações, poderá passar a ser simplesmente uma *cupa*, uma forma de sepultura, sem que haja sempre e necessariamente outros significados subjacentes, ou por vezes abandonando uns e adquirindo outros. Independentemente do que tenha originalmente representado, tratar-se-á sempre, certamente, de uma moradia para o morto e um perpetuar da sua memória.

A *cupa* lítica olisiponense inscreve-se num tipo específico de rito que consiste no encerramento da urna cinerária dentro de um monumento de pedra. Esta prática será talvez comum à maioria dos monumentos funerários líticos do *municipium Olisiponense*. Os mausoléus, incluindo torres funerárias, teriam naturalmente uma câmara funerária no seu interior; mas os monumentos de porte inferior parecem, na sua maioria, ser compostos por dois ou mais elementos de pedra e em cujo interior existe um *sepulcrum* destinado à urna cinerária. Assim é o caso de pelo menos alguns cipos prismáticos, assim é o das *cupae*, e assim será inclusive o de certas estelas de topo arredondado de maiores dimensões.

As analogias conceptuais atrás notadas entre as *cupae* líticas e os cipos prismáticos do *municipium Olisiponense* (que com estes partilharão o facto de a urna cinerária contida dentro do monumento estar acima do nível do solo) convidam a uma mais aprofundada investigação desta questão. Poderíamos dizer que, no conceito, as olisiponenses

parecem ser uma mistura da *cupa* do resto do império com o cipo prismático, cuja utilização no *municipium Olisiponense* parece ter sido algo comum; embora tenhamos hoje muito menos exemplares do que no caso das *cupae* (o que deverá traduzir também em certa medida a realidade da época, considerando que se trataria de um tipo de sepultura mais raro porque certamente bastante mais dispendioso), chegaram aos nossos dias elementos suficientes (sobretudo capeamentos) para que o possamos julgar. Terá sido igualmente um monumento precoce, e poderemos hipoteticamente vislumbrar um momento inicial do séc. I d. C. em que à estela se virá juntar a *cupa* e, um pouco depois, o cipo prismático e o monumento funerário em forma de ara, passando a ser estes os monumentos funerários romanos por excelência no *ager Olisiponensis*.

Mesmo podendo ter havido remotamente alguns focos locais independentes entre si de coberturas semicilíndricas de terra por cima de restos mortais, é de crer que, genericamente, a grande maioria das *cupae* do Império tenha na sua origem uma influência comum. Tal será altamente provável para a totalidade das *cupae* líticas e a maioria das *cupae structiles*. Terá havido assim uma difusão com maior ou menor acolhimento em zonas diversas do Império, dando origem a evoluções e variedades locais, algumas das quais terão sido por sua vez exportadas. É numa fase antiga deste processo que se situam as *cupae* líticas olisiponenses.

### PERSPECTIVAS SOBRE A CONTINUIDADE DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO

No final desta pesquisa é fácil constatar que o caminho a percorrer é ainda muito extenso. Na continuação das intenções manifestadas em prévia abordagem às *cupae* de *Olisipo*, há uma década (Campos, 2012, p. 474), pretendi que o contributo ora apresentado viesse a ser mais uma etapa no longo processo de investigação sobre as práticas funerárias romanas e sobre as populações e indivíduos a elas ligados.

Quanto às *cupae* olisiponenses, haverá agora que continuar a construir a sua História, consolidando a análise compreensiva dos dados de que dispomos e dos que continuarão a surgir, tentando criar uma imagem de contexto alargado tão esclarecida quanto possível. O presente estudo pretendeu apontar diversos percursos possíveis da investigação que está por fazer. Necessária será também, naturalmente, a contínua revisão dos resultados ora apresentados, que sem dúvida conterão falhas, apesar do esforço em minimizar tanto quanto possível inevitáveis incorrecções e lacunas.

Pretendo também que o meu futuro e mais imediato contributo para estas questões se inscreva agora num âmbito mais extenso, abarcando outras tipologias de monumentos funerários romanos da mesma área geográfica, na sua relação com as diversas paisagens funerárias monumentais do Império. Desta forma tentarei acompanhar os que se esforçam por enriquecer a nossa perspectiva sobre a complexidade das questões que se põem quanto à permanente relação entre imitação e originalidade no âmbito destas manifestações, bem como às atitudes que os homens, antes como hoje, acham por bem adoptar ao serem colocados perante a morte.

# 2

---

*Corpus das cupae líticas do  
municipium Olisiponense*

---

### CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS

#### Monumentos completos:

Centro de documentação do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas: 1/002 (3.ª foto)

Teresa Simões: 1/001, 1/002 (1.ª e 2.ª foto)

#### Tampas:

Cardim Ribeiro, 2002: 2/012 (2.ª foto)

Cardoso e Luna, 2005: 2/100

Centro de documentação do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas: 2/015, 2/101

Encarnação, 2001: 2/002, 2/003, 2/005, 2/008, 2/009 (1.ª foto), 2/011

Mantas, 1982: 2/104a

Matias, 2005: 2/016

Paulo Alves: 2/006, 2/007 (2.ª foto), 2/103

Teresa Simões: 2/020 - 2/027, 2/029 - 2/032, 2/035 - 2/043, 2/045, 2/046, 2/048 - 2/061, 2/063 - 2/070, 2/072 - 2/095, 2/097 - 2/099, 2/106

Fotografias do autor: 2/001, 2/004, 2/007, 2/009 (2.ª foto), 2/010, 2/012 (1.ª foto), 2/013, 2/014, 2/017 - 2/019, 2/028, 2/033, 2/034, 2/044, 2/047, 2/062, 2/096, 2/100, 2/104 (2.ª foto), 2/105

#### Blocos inferiores:

Teresa Simões: 3/002

Fotografias do autor: 3/001, 3/003 - 3/009

O presente *corpus* encontra-se organizado da seguinte forma:

Fizeram-se três secções para agrupar os monumentos consoante estejam completos (secção 1), reste apenas a tampa (secção 2) ou reste apenas o bloco inferior (secção 3). A secção 1 conta com dois monumentos, a secção 2 com cento e seis, e a secção 3 com nove. Podemos dizer que se logrou, no âmbito deste trabalho, inventariar, até ao final do ano de 2021, um total de 108 *cupae* (5 das quais de paradeiro actualmente desconhecido) e 11 blocos inferiores.

Sob o ponto de vista geográfico, optou-se por (a) ordenar alfabeticamente cada concelho; (b) dentro de cada concelho cada freguesia; (c) dentro de cada freguesia cada localidade; (d) e dentro de cada localidade, a organização é cronológica em relação ao momento de identificação da peça (que por vezes é dúbio). Em casos, raros, de coincidência total destes parâmetros, a organização é arbitrária.

Após a primeira composição do que viria a ser este *corpus* deu-se (em 2013) uma reorganização administrativa das Juntas de Freguesia, que consistiu sobretudo na união de freguesias vizinhas. Optou-se por manter a ordenação anterior, juntando-se apenas uma nota no cabeçalho de cada caso específico, quando necessário.

Cada ficha individual discrimina: a) a localidade do achamento; b) o paradeiro actual do monumento; c) uma descrição sumária; d) as medidas da peça em centímetros, bem como a altura das letras; e) uma proposta de datação, nos casos que mantêm epigrafia significativa; f) quaisquer possíveis observações pertinentes, geralmente de índole histórica; g) a bibliografia que refere a peça; h) a epígrafe, caso exista, transcrita e traduzida. Por vezes poderá juntar-se uma nota final, quando pertinente.

As medidas, dadas em centímetros como atrás referido, são aproximadas, atendendo à irregularidade intrínseca das peças, embora se tenha tentado sempre alcançar o máximo rigor, e estão ordenadas por altura x largura x comprimento. Sempre que uma peça está fragmentada ou desgastada e, conseqüentemente, uma medida está obviamente adulterada, esta é colocada entre parênteses.

O material de construção pode ser invariavelmente classificado como calcário compactado local, vulgo lioz.

Quanto às *cupae* que se encontram no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, que são a maioria, recorri para a elaboração deste *corpus* a variada documentação interna e, sobretudo, ao inventário inédito deste Museu elaborado pelo Dr. Cardim Ribeiro, cujo acesso muito lhe agradeço (bem como as muitas informações que me transmitiu pessoalmente). Sem estas fontes privilegiadas o resultado desta investigação seria muito mais pobre e teria, forçosamente, graves lacunas relativamente a múltiplos monumentos.

### NOTAS QUANTO A NÃO INCLUÍDOS:

Em Pereira, 1914, p. 334, sobre a igreja de São João das Lampas, escreve o autor: “No adro, algumas antigas cabeceiras de sepulturas cristãs [...] Vejo também uma campa sepulcral com forma de baú.” Será presumivelmente uma *cupa*; porém, não é possível estabelecê-lo com mínima certeza, até porque, na mesma página, diz o autor, referindo-se à ermida do Espírito Santo, na mesma localidade: “junto dela vejo outra pedra sepulcral semi-cilíndrica e maciça, talvez o que possa chamar-se arciforme.” Quererá o uso da palavra “outra” dizer que também a atrás referida partilhava a mesma tipologia? Outra possível pista: em Fontes e Almeida, 1979, estando já a *cupa* conhecida de São João das Lampas recolhida no Museu, escreve-se na p. 20 sobre o número de túmulos cupiformes da colecção: “poderia ser aumentado se dois, que Vergílio Correia viu em Lourel, e um mutilado, que está em Janas, aqui estivessem”. (Os de Lourel são 2/038 e 2/039 deste *corpus*.)

Na dúvida, e havendo apenas estas dúbias referências, a possível *cupa* da igreja de São João das Lampas não é incluída neste *corpus*.

Um fragmento supostamente de *cupa* publicado como tal em Capeans, 1935, proveniente do lugar de Areias, São João das Lampas, Sintra, não é aqui considerado por não ser possível determinar a verdadeira morfologia do monumento a que originalmente pertencia, como já notado em Cardim Ribeiro, 1974/1977, p. 313, nota 80.

Quanto a Capeans, 1943:

Como nota inicial, diga-se, como referido por Cardim Ribeiro no inventário inédito do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, que Rosa Capeans escreve que a visita que fez a Faião, Silva e Cabrela, na qual adquiriu monumentos para o Museu Ethnológico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia), terá ocorrido em 1933, mas tal deverá ser um equívoco, uma vez que o Livro do Registo de Entradas do MNA indica a data de 18 de Julho de 1932. Seja como for, escreve Capeans sobre a região em apreço (Faião, Silva e Cabrela):

“Muitas outras lápides ainda por lá ficaram na região: umas devido a não ser possível extraí-las do sítio onde estão encravadas, sob pena de derrocada ou de destruição quási total dos prédios, ou ainda por não valer a pena arranca-las, em virtude de estarem reduzidas a meros fragmentos; e outras, que por serem de bastante utilidade e uso dentro das casas, os seus donos as guardam secreta e avaramente.”

“No primeiro caso estão dois baús marmóreos ou «caixões», que no mesmo palheiro de onde foi retirada a estela sepulcral a que acima me referi [actualmente em exposição no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas com a referência F/LR/97/5], e pertencente ao Sr. Joaquim Francisco Jangada, servem de base ou suporte à parede, da banda do Nascente; a qual parede como não tem cimento algum a ligá-la, tirando-se-lhe os pés, que em parte são os caixões, ir-se-ia tôda ela por ali abaixo. [...] No último caso incluem-se duas «salgadeiras», ou «caixões» que possui um indivíduo da Cabrela, segundo consta.”

Tinha igualmente escrito (Capeans, 1933, fl. 17): “E, em frente, um pouco abaixo deste palheiro, está um outro, construído há pouco mais de um ano, para cujos ca-

boucos foram utilizados dois caixões, que se reconhecem perfeitamente, embora estejam danificados.”

É possível que as *cupae* que Rosa Capeans refere na base da parede ainda possam lá estar; não é possível determiná-lo devido a obras que entretanto alteraram pelo menos o estado de visibilidade das pedras componentes das paredes, agora cobertas por argamassa (se não ainda mais profundamente modificadas). Caso tenham sido retiradas, não será totalmente de excluir a hipótese que uma ou mesmo as duas tenha ou tenham vindo a integrar a colecção do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas no tempo do Prof. Joaquim Fontes.

Um pouco acima deste palheiro, em frente, existia um outro, pertença de José da Silva Carouco; escreve Rosa Capeans (1933, fl. 30): “Efectivamente encontrei mais um caixão no palheiro [...] que todavia não se pode retirar, por servir de base a uma parede divisória, extraída a qual o muro aluiria podendo causar desastres pessoais.” O relato de Rosa Capeans prossegue (fl. 30-31) como ilustração da extraordinária riqueza epigráfica do Faião no âmbito do *municipium Olisiponense*: “...tenho notícia certa, que me foi transmitida por mais de uma pessoa, que na Cabrela, alguém, que eu julgo que não tenho ainda o direito de denunciar, possui dois grandes e formosíssimos baús marmóreos, os melhores que lá apareceram. Não procurei ainda vê-los para não complicar a vinda dos que eu trouxe. E nos Casais abaixo da Cabrela há outro caixão, a servir de bebedouro, no qual não vi letras [certamente a *cupa* 2/078 deste *corpus*].”

Em Encarnação, 2001, p. 117, n.º 41, é publicado um fragmento de pedra epigrafado, encontrado na *uilla* romana de Freiria, do qual diz o autor “possivelmente de uma *cupa*”, mas que não é aqui incluído por tal não ser inequivocamente determinável.

Ver ainda a nota da *cupa* 2/066, sobre uma referência muito vaga a outra possível *cupa* em Janas.

## SECÇÃO 1: MONUMENTOS COMPLETOS

Nota: Poderá ser tentador comparar as medidas dos poucos blocos inferiores existentes sem tampas associadas com as das tampas conhecidas desprovidas de bloco inferior, no âmbito de monumentos com idênticas proveniências, mas será sempre arriscado correlacionar peças que não tenham sido descobertas exactamente no mesmo contexto e/ou que não se encontrem íntegras, como é o caso da maioria dos blocos sem tampa descritos na secção 3, por vezes muito fragmentados, o que acontece também a muitas das tampas existentes. Assim, por exemplo, poderia propor-se que o bloco com a referência F/LR/80/5 do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (3/009 deste *corpus*), proveniente do Faião, correspondesse à tampa com a referência F/LR/56/4 do mesmo Museu e proveniente da mesma localidade (2/080 deste *corpus*). Porém, apesar da compatibilidade de medidas, o mau estado de ambas as peças, bem como o facto de não terem sido encontradas precisamente no mesmo local da povoação, fazem com que uma tal proposta seja sempre conjectural, sobretudo numa realidade geográfica com tamanha quantidade de *cupae*. Outros exemplos de possíveis correspondências entre blocos e tampas poderá haver.

## OEIRAS

## Linda-a-Velha

(actualmente inserida na União das Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz-Quebrada)

**1/001**

Localidade: Linda-a-Velha.

Paradeiro: Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa, com o n.º Inv. Esc. 475.

Descrição: *Cupa* com o respectivo bloco inferior.

Medidas: tampa – 42 x 48,5 x 87,5; altura da moldura lateral: 15; bloco inferior – 43 x 49 x 89; *sepulcrum*: cerca de 26 x 61; profundidade: cerca de 11.

Observações: Foi encontrada em 1920 em Linda-a-Velha, nos arredores de Lisboa, de acordo com uma notícia muito vaga publicada por Félix Alves Pereira em 1933. Esta sepultura terá aparentemente sido descoberta intacta e *in situ*, pois a notícia refere o seu “espólio”, que incluía a urna funerária. Numa notícia posterior revela-se que dentro da *cupa* estavam igualmente duas moedas de bronze. No entanto, a tampa aparenta ter sido sempre anepígrafa, e o bloco inferior parece não finalizado, tendo uma superfície rugosa e irregular, ao contrário da tampa; as dúvidas que estas características levantam não podem actualmente ser esclarecidas devido à falta de informação detalhada. Segundo Pereira, também o espólio foi levado para o Museu Arqueológico do Carmo. Refira-se ainda que existe no dito Museu uma urna de chumbo cilíndrica ainda com os restos mortais cremados no interior; provavelmente será a urna referida.

Bibliografia: Pereira, 1957, p. 91-94; foto em Dias, 2005, p. 229.

Epígrafe: Anepígrafa; aparentemente nunca terá tido inscrição gravada.



## SINTRA

## Algueirão / Mem Martins

## 1/002

Localidade: São Romão (ermida).

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com as referências SR/LR/56/1 (tampa) e SR/LR/56/2 (bloco inferior) (antigo número de inventário: XC).

Descrição: *Cupa* com o respectivo bloco inferior.

Medidas: tampa – 61 x 64 x 124; altura da moldura lateral: 24; bloco inferior – 65 x 64 x 124; *sepulcrum*: boca: 47 x 97; fundo: 38 x 87; profundidade máxima: 15; largura do rebordo: 5.

Altura das letras: l. 1 a 3: 6,5; l. 4: 7.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Retirada de um cunhal da ermida medieval de São Romão em Outubro de 1956, dando imediatamente entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

Bibliografia: *HAE* 1622; Campos, 2019, p. 104 e foto na p. 101; Cardozo, 1958, n.º 10; Fontes e Almeida, 1979, n.º XC, p. 26, 45.

Epígrafe:

*M(arcus) · Staiius*

*M(arci) · f(ilius) · Gal(eria tribu)*

*Maxumus*

*h(ic) · s(itus) · e(st)*

“*Marcus Staiius Maxumus*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado.”

Nota: Até agora esta inscrição foi sempre publicada com o gentílico como *STATIVS*. A observação cuidada da peça demonstra, porém, que a parte superior do segundo T nunca foi gravada. Assim, parece certo que se trata de um primeiro I em módulo menor que antecede um segundo I de tamanho normal. Estaremos, pois, na presença do gentílico *Staius*, grafado com duplo I (possivelmente para indicar vogal longa), o que coincide com o facto de que também na ermida de São Romão se encontrava o monumento funerário em forma de ara de *Publius Staius Exoratus*, flâmine de Vespasiano, em exposição no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas e com a referência SR/LR/56/3 (Cardim Ribeiro, 1982-1983, p. 227-231). Tais anomalias gráficas aconteciam por vezes; como exemplo, numa longa inscrição de *Thamugadi*, na *Africa Proconsularis* (AE 1982, 0958), em que estão presentes dezenas de dedicantes (um dos quais, por coincidência, com o nome *L(ucius) Staius Maximus*), existe um *L(ucius) Longeius Primus*. Igualmente, encontrou-se perto de Badajoz um fragmento de uma coluna honorífica ao imperador (*CIL* II 2352) em que surge grafado *[N]eruae [T]raiano* – entre outros possíveis exemplos. Poderemos quiçá perguntar-nos se, no caso da *cupa* presente, pertencente a um momento epigráfico relativa-

mente precoce (datando talvez ainda da primeira metade do séc. I), será a diferenciação nos módulos dos II explicável com o eventual objectivo prático de os distinguir da grafia arcaica de E (II) – como acontecerá porventura no atributo *piissimo* na *cupa* de *Aurelius Rufinus*, em *Aeminium*.



## SECÇÃO 2: TAMPAS

### AMADORA

#### Falagueira – Venda Nova

##### 2/001

Localidade: Estrada da Falagueira, aldeia da Falagueira.

Paradeiro: Estrada da Falagueira, aldeia da Falagueira.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: ? x ? x 122; altura da moldura lateral: 15.

Observações: Encontra-se encastrada verticalmente na parede de uma pequena casa em estado de ruína, a servir de cunhal. Um muro mais recente encosta à peça. Esta parece estar em bom estado de conservação, apesar de apresentar sinais de diversas reutilizações (pelo menos como peso de lagar, tendo aparentemente tido também outras funções). No local envolvente, tanto nas edificações como fora delas, encontram-se diversos elementos de cantaria suspeitos, alguns de muito provável origem romana. Note-se a grande proximidade da *uilla* da Quinta da Bolacha (sobre a qual: Miranda e Encarnação, 1998; Miranda *et al.*, 1999, p. 46-48; Encarnação, 2003).

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Se existir encontra-se oculta.

Nota: No semanário regional “A Pena” de 2 de Setembro de 1999 foi publicada uma notícia da autoria de Rui Oliveira sobre o património da Amadora em que, além de uma foto desta *cupa* em que era já identificada como “cipo arciforme”, é referida ainda a existência de outros cipos nas casas antigas da Falagueira (aqui não inventariados por serem de diferente tipologia).



## CASCAIS

## Alcabideche

**2/002**

Localidade: Alcabideche (Igreja Matriz).

Paradeiro: Igreja Matriz de Alcabideche.

Descrição: *Cupa* com apenas a face epigrafada visível.

Medidas: 48 x (45) x ?; altura da moldura lateral: não verificável.

Altura das letras: 4,5.

Proposta de datação: Último terço do séc. I.

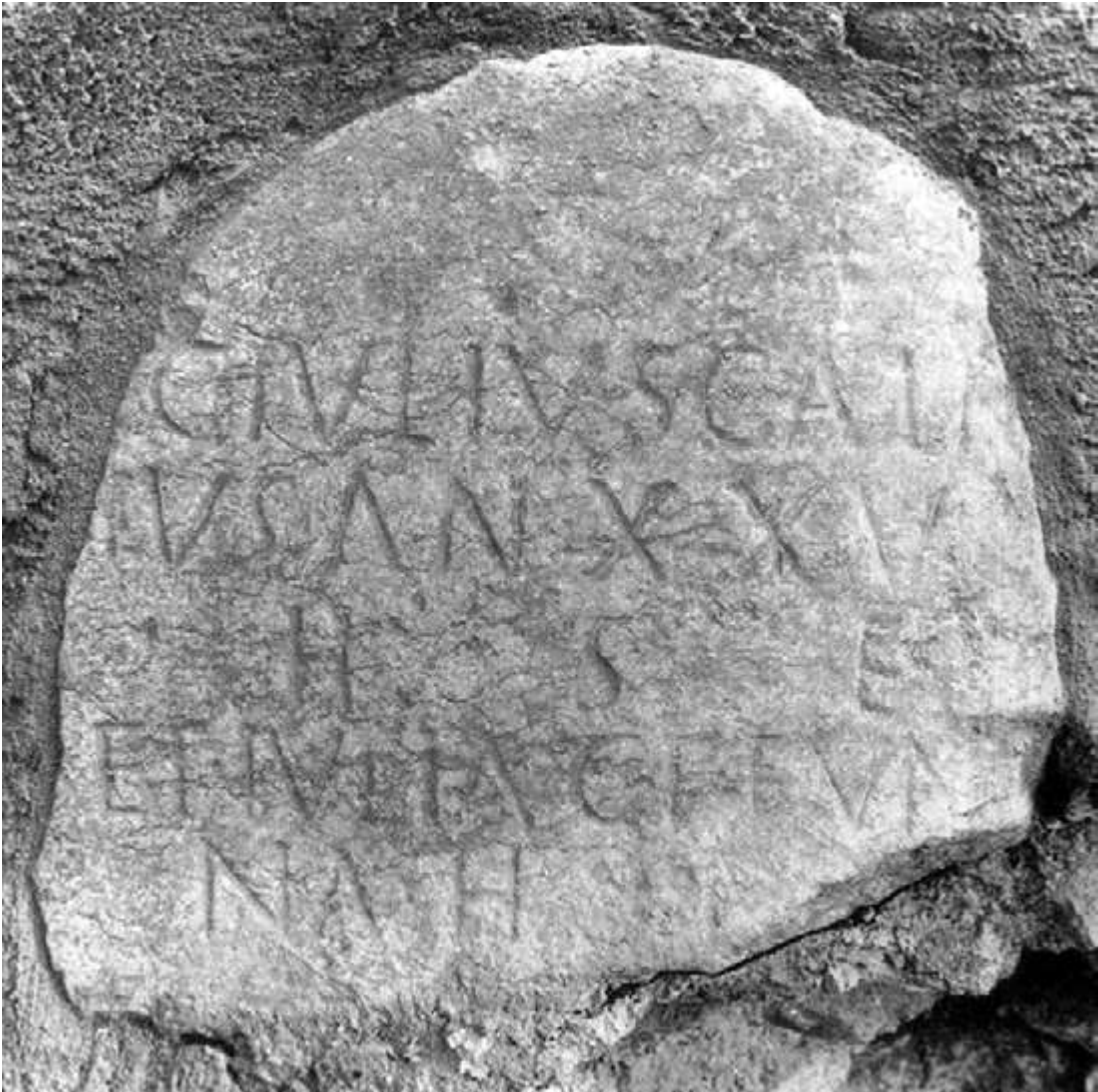
Observações: Encontra-se embutida na parede norte da igreja. Foi identificada por José d'Encarnação e Guilherme Cardoso em 1985.

Bibliografia: *AE*, 1985, 513 = *FE* 15, 1985, n.º 68; *Jornal da Costa do Sol*, 12-9-1985; Alarcão, 1988, 5/254, p. 123; Dias, 1988, n.º 20, p. 420; Encarnação, 2001, n.º 13, p. 53-54.

Epígrafe:

*G(aius) · Iulius Gal(eria tribu) R[u]-  
fús · an(norum) · XXV  
h(ic) s(itus) e(st)  
et · Iulia · G(aii) · f(ilia) · Fun[da]-  
5 na · h(ic) [s(ita) e(st)]*

“*Gaius Iulius Rufus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de 25 anos, está aqui sepultado, e *Iulia Fundana*, filha de *Gaius*, está aqui sepultada.”



## CASCAIS E ESTORIL

**2/003**

Localidade: Alapraia.

Paradeiro: Cascais, reservas arqueológicas municipais.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 46 x 48 x 89; altura da moldura lateral: 10.

Altura das letras: l. 1: 6; l. 2: 6,5; l. 3: 5; l. 4: 5,5.

Proposta de datação: Final do séc. I / início do séc. II.

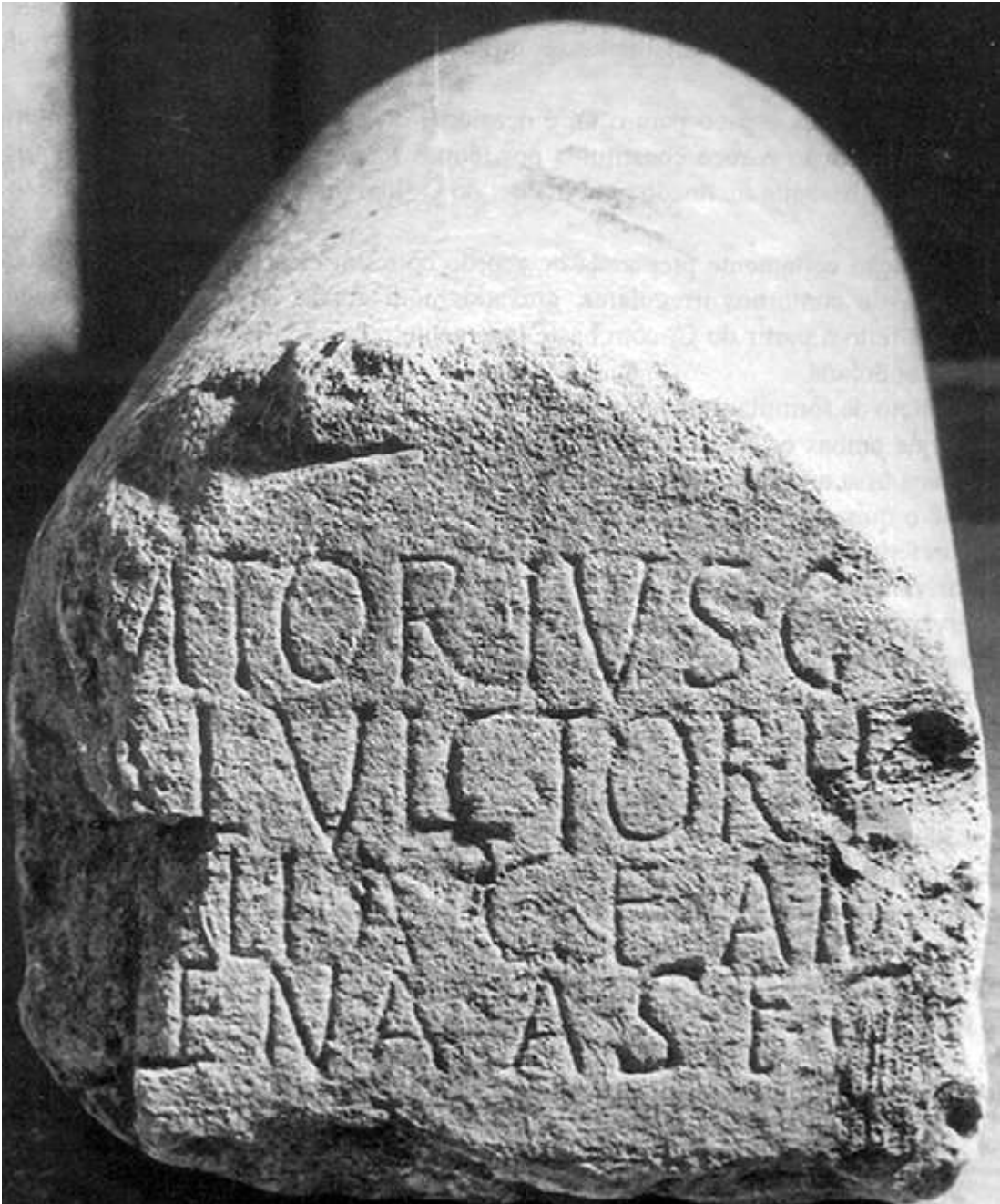
Observações: Foi identificada por Félix Alves Pereira no cunhal de um tanque sito no Casal de Santa Teresinha, em Alapraia.

Bibliografia: *AE*, 1995, 719; *HEp* 4, 1994, 396; *HEp* 6, 1996, 1050; Alarcão, 1988, 5/263, p. 123; Cardoso, 1991, p. 64, n.º 100; Encarnação, 1968, 7; Encarnação, 1971, p. 96-98, n.º 4; Encarnação e Cardoso, 1986, 10; Encarnação, 1995a, p. 403-405; Encarnação, 2001, p. 74-77, n.º 21; Pereira, 1934, p. 47-48.

Epígrafe:

*M(arcus) · Torius · G(aii)*  
*[f(ilius) G]al(eria tribu) · Victor · h(ic) [s(itus)]*  
*[e(st) Iu?]lia G(aii) f(ilia) Am-*  
*[o]ena · a · s(e) · f(aciendum) · ç(urauit)*

“*Marcus Torius Victor*, filho de *Gaius*, (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado. *Iulia* (?) *Amoena*, filha de *Gaius*, por sua iniciativa mandou fazer.”



**2/004**

Localidade: Alapraia.

Paradeiro: Cascais, reservas arqueológicas municipais.

Descrição: *Cupa* com o topo truncado.

Medidas: (31) x 48 x 88,5; altura da moldura lateral: 9.

Observações: Foi identificada em Agosto de 1987 por Severino Rodrigues no Casal das Grutas. Estava reutilizada como canteiro de salsa. A parte superior foi aplanada para garantir estabilidade na posição invertida.

Bibliografia: *ArqC* 7 1988, 316 e foto 1; Cardoso, 1991, n.º 98, p. 63; Encarnação, 2001, n.º 28, p. 91-92.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/005**

Localidade: Pau Gordo.

Paradeiro: Cascais, reservas arqueológicas municipais.

Descrição: *Cupa* com o topo truncado.

Medidas: (44) x 44,5 x 87; altura da moldura lateral: 14.

Altura das letras: 6; V da linha 1: 2,5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: Foi identificada por Félix Alves Pereira, invertida e adaptada a bebedouro de animais, para o que foi aplanada a parte superior.

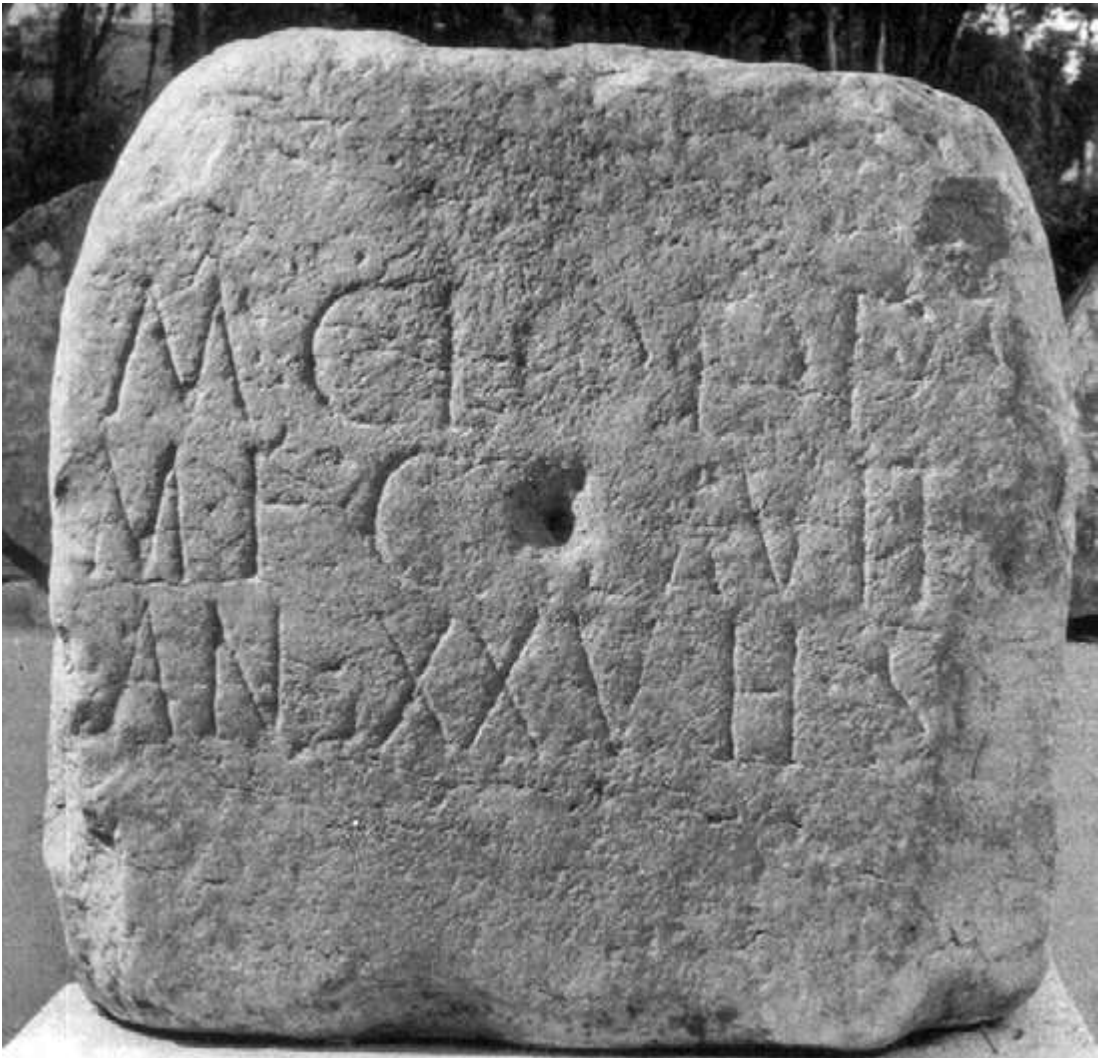
Bibliografia: Alarcão, 1988, 5/259, p. 123; Cardim Ribeiro, 1982/83, p. 410-412; Cardoso, 1991, n.º 47, p. 44; Encarnação, 1968, p. 15-16; Encarnação, 1971, n.º 3, p. 95-96; Encarnação, 2001, n.º 7, p. 38-40; Pereira, 1916, p. 204.

Epígrafe:

*M(arcus) Clodius*  
*M(arci) · f(ilius) G̃al(eria tribu) Auit[us]*  
*an(norum) XXV h(ic) · s(itus) [e(st)]*

“*Marcus Clodius Auitus*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de 25 anos de idade, está aqui sepultado.”

O V de *Clodius* está inscrito em módulo menor que o das restantes letras.



## SÃO DOMINGOS DE RANA

**2/006**

Localidade: Caparide.

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia, com o registo E-5228. Nas reservas.

Descrição: *Cupa* com motivo simbólico-decorativo, praticamente anepígrafa devido a desgaste.

Medidas: (41) x 49 x 81; altura da moldura lateral: sem vestígios.

Altura das letras: Imprecisa.

Proposta de datação: A epígrafe está demasiado desgastada para permitir qualquer proposta minimamente segura.

Observações: No topo epigrafado e centrada acima da inscrição, apresenta uma rosácea quadripétala em baixo-relevo, com 10 cm de diâmetro.

Foi identificada por Leite de Vasconcellos em 9 de Junho de 1895. Informaram-no de que o monumento cobria originalmente uma caixa de pedra, dentro da qual havia ossos. Supunha-se a peça anepígrafa, mas Cardim Ribeiro veio a descobrir ténues vestígios da inscrição original.

Bibliografia: *HEp* 6, 1996, n.º 1051; Encarnação, 2001, n.º 24, p. 83-84; Vasconcellos, 1895b, p. 249; Vasconcellos, 1913, p. 401 e 403 e figura 173.

Epígrafe:

[ - - - - - ]

[ - - ] *āā* [ - - ]

*h(ic) s(it-) e(st)*

“... está aqui sepultado/a.”



**2/007**

Localidade: Caparide.

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia, com o registo E-5017. Nas reservas.

Descrição: *Cupa* incompleta.

Medidas: (47) x (46) x (63) (a largura deve ser muito próxima da original); altura da moldura lateral: destruída.

Altura das letras: l. 1 e 2: 5,5; l. 3 e 4: 5; altura dos caracteres reduzidos da terceira linha: V: 2,2; l: 2,5; altura do E reduzido da quarta linha: 2,8.

Proposta de datação: Final do séc. I.

Observações: Desconhece-se o seu contexto arqueológico inicial. Terá sido obtida na povoação de Caparide por Vergílio Correia, conservador do Museu Ethnológico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia), em 1913.

Existe no Museu Nacional de Arqueologia, com o n.º E-5017A, um fragmento de *cupa* igualmente trazido de Caparide por Vergílio Correia que deverá ser a parte que falta. As suas medidas são: (37) x (48) x (36) (a largura deve ser muito próxima da original).

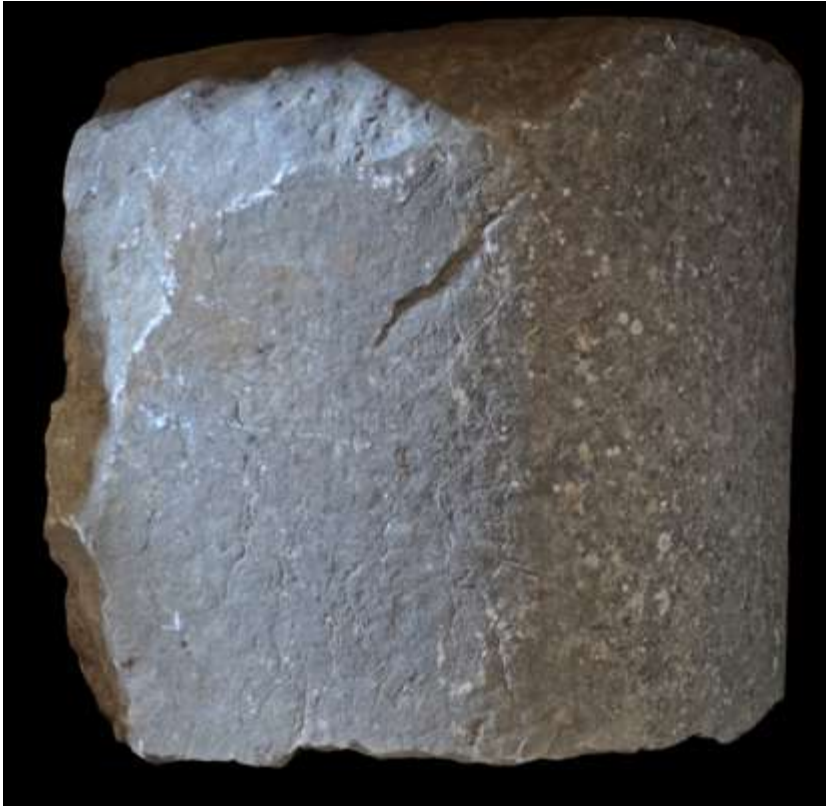
Bibliografia: *AE*, 1981, 491; *ILER* 6387; Alarcão, 1988, 5/262, p. 123; Capeans, 1938, p. 211-216; Cardim Ribeiro, 1982-83, p. 304 e 306; Encarnação, 1968, 12; Encarnação, 1971, p. 102-104, n.º 7; Encarnação e Cardoso, 1981-82, p. 89-90; Encarnação, 2001, p. 47-49, n.º 11; Mantas, 1982, p. 91.

Epígrafe:

[ - - ]*a* · *G(aii)* · *f(ilia)* · *Amo-*  
 [ *ena* ] *h(ic)* · *s(ita)* · *e(st)* · *Q(uintus)*  
 [ - - ]*onius* · *Auitus*  
 [ *v* ]*et(eranus)* · *leg(ionis)* · *XXII p[r(imigeniae)]*  
 5 [ *p(iae)* *f(idelis)* ] *f(aciendum)* [ *c(urauit)* ]

“(...) *Amoena*, filha de *Gaius*, está aqui sepultada. *Quintus* (...) *Auitus*, veterano da 22.ª Legião Primigénia Pia Fiel, mandou fazer.”

Encarnação propõe as reconstituições *Iulia Amoena* e *Quintus Apronius Auitus*, simplesmente por serem as hipóteses mais prováveis nesta região tendo em conta a frequência onomástica. Já foi atrás referida a grande quantidade de *Iuliae Amoenae* no *municipium Olisiponense* (Mantas, 1982, p. 90-91).



**2/008**

Localidade: Caparide.

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia, com o registo E-5229. Nas reservas.

Descrição: *Cupa* incompleta.

Medidas: 43 x 52 x 89; altura da moldura lateral: 14,5.

Altura das letras: l. 1 e 2: 5; l. 3: 4.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: Desconhece-se o contexto arqueológico inicial. Terá sido obtida na povoação de Caparide por Vergílio Correia, conservador do Museu Ethnologico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia), em 1914.

Bibliografia: *ILER* 2523; Alarcão, 1988, 5/262, p. 123; Capeans, 1938, p. 216; Cardoso, 1991, p. 82, n.º 150; Encarnação, 1968, 12; Encarnação, 1971, n.º 8; Encarnação e Cardoso, 1981-82, p. 90-91; Encarnação, 2001, p. 72-73, n.º 20.

Epígrafe:

*Va|cja · L(ucii) [f(ília)]*  
*Sa|bina · a[n(norum)]*  
*XXII [h(ic)] s(ita) [e(st)]*

“*Valcia Sabina*, filha de *Lucius*, de 22 anos de idade, está aqui sepultada.”



**2/009**

Localidade: Caparide.

Paradeiro: Cascais, reservas arqueológicas municipais.

Descrição: *Cupa* em dois fragmentos.

Medidas: fragmento epigrafado: (41,5) x (43) x (60); fragmento não epigrafado: 43 x 49 x (45) (juntando as duas peças constata-se que a *cupa* completa tem um comprimento de cerca de 98 cm); altura da moldura lateral: 12.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: Identificada por Guilherme Cardoso em finais de 1979 integrada num muro divisório de propriedade junto às ruínas de um moinho a cerca de 300 metros a nordeste da povoação de Caparide. Identificou na mesma ocasião a *cupa* 2/010 deste *corpus*.

Bibliografia: *AE*, 1981, 492; Alarcão, 1988, 5/262, p. 123; Cardoso, 1991, n.º 150, p. 82 e fig. 50; Encarnação e Cardoso, 1981, p. 92-93; Encarnação, 2001, n.º 14, p. 55-57.

Epígrafe:

[ -2?-]nia [- f(ília)]

[Fu]ndana

[a]n(norum?) · [-1?-]XVIII · h(ic) [s(ita) e(st)]

“(...) *Fundana*, (filha de ...?), de 19 (?) anos de idade, está aqui sepultada.”

O gentílico poderá ser *lunia*, como sugere Encarnação, ou talvez *Annia*.



**2/010**

Localidade: Caparide.

Paradeiro: Cascais, reservas arqueológicas municipais.

Descrição: *Cupa* muito destruída.

Medidas: (47) x (58) x (68); altura da moldura lateral: destruída.

Observações: Identificada por Guilherme Cardoso em finais de 1979 integrada num muro divisório de propriedade no Alto do Moinho. Identificou na mesma ocasião a *cupa* 2/009 deste *corpus*.

Bibliografia: Cardoso, 1991, n.º 150, p. 82; Cardoso e Encarnação, 1984, p. 26; Encarnação, 2001, n.º 29, p. 93; Encarnação e Cardoso, 1981-1982, p. 92-93.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/011**

Localidade: *Villa* romana de Freiria.

Paradeiro: Cascais, reservas arqueológicas municipais.

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: (19) x (22) x (11); altura da moldura lateral: destruída.

Altura das letras: Cerca de 5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Identificada por Guilherme Cardoso e José d'Encarnação na área da necrópole da *uilla* romana de Freiria em Agosto de 1998, fora de contexto.

Bibliografia: *HEp* 11, 2001, 685; Encarnação, 2001, p. 108-109, n.º 37.

Epígrafe:

-----

[- - - *Max*]uma

[- - - *f*]ilia · *f(aciendum) ç(urauit)*

“... *Maxuma* ... a filha, mandou fazer.”

O carácter V surge elevado relativamente à linha.



**2/012**

Localidade: Goilão, perto de Caparide.

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia, com o registo E-5016 = E-6320. Esteve em exposição até ao recente encerramento do museu para obras.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 39 x 44 x 81; altura da moldura lateral: 11.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Apareceu no campo chamado Goilão, em 1895. O seu interior foi escavado para reutilização. Foi estudada por Leite de Vasconcellos, que relatou que o dono do campo lhe disse que por baixo da peça havia originalmente alvenaria, que seria possivelmente o bloco inferior, mas não encontrou ossos nem objecto algum. Foi adquirida para o Museu Ethnographico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia) por compra.

Bibliografia: Alarcão, 1988, p. 123, 5/260; Cardim Ribeiro, 2002, p. 547-548, n.º 288; Cardoso, 1991, p. 82, n.º 150; Chaves, 1914, p. 368; Encarnação, 1968, 11; Encarnação, 1971, p. 93-94, n.º 2; Encarnação, 2001, p. 50-52, n.º 12; Pereira, 1909, p. 263; Vasconcellos, 1895b, p. 246-249; Vasconcellos, 1897, p. 108, n.º 61; Vasconcellos, 1913, p. 401-402; Vasconcellos, 1929b, p. 222, n.º 19.

Epígrafe:

*L(ucius) · Iulius · Fuș-*  
*cus · h(ic) · s(itus) · e(st) ·*  
*Iulia · Festa ·*  
*fil(ia) · f(aciendum) · c(urauit) ·*

“*Lucius Iulius Fuscus* está aqui sepultado. *Iulia Festa*, a filha, mandou fazer.”

O primeiro S de *Fus/cus* está inscrito em módulo menor que os restantes, e elevado.

Assinale-se a particularidade de a haste horizontal do T estar rebaixada relativamente à haste vertical. Todavia não se tratará neste caso, por certo, de um nexu.



## LISBOA

## Carnide

**2/013**

Localidade: Carnide.

Paradeiro: Esquina da Travessa do Pregoeiro com o Largo da Praça.

Descrição: Provável *cupa*.

Medidas: ? x 50 x (58 – comprimento visível); altura da moldura lateral: desgastada ou oculta.

Observações: Serve de frade de protecção de cunhal de edifício. Está mais inserida que estava a outra da esquina próxima (2/014 deste *corpus*), fazendo efectivamente parte do próprio cunhal.

Bibliografia: Cardoso, Gonzalez, 2008.

Epígrafe: Caso exista não é visível.



**2/014**

Localidade: Carnide.

Paradeiro: Estava na esquina da Travessa do Pregoeiro com a Rua Neves Costa.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: cerca de 40 x cerca de 50 x (58 – comprimento visível); altura da moldura lateral: 16.

Observações: Servia de frade de protecção de cunhal de edifício, menos inserida que a outra da esquina próxima (2/013 deste *corpus*). Desgaste do estuque da parede do prédio revelava que a face curta virada para cima apresenta um orifício largo causado por uma qualquer reutilização. Em 2015 foi retirada e levada para o Centro de Arqueologia de Lisboa.

Bibliografia: Cardoso, Gonzalez, 2008.

Epígrafe: Tem epígrafe que permanece inédita.



## MAFRA

(Também a respeito de Mafra ver as observações sobre a *cupa* 2/067.)

## Santo Estêvão das Galés

(actualmente inserida na União das Freguesias de Venda do Pinheiro e Santo Estêvão das Galés)

**2/015**

Localidade: Monfirre.

Paradeiro: Desconhecido.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: Desconhecidas.

Proposta de datação: Final do séc. I.

Observações: Descoberta em 1993 por António Pedroso Ferreira no Lugar da Fonte Velha, em Monfirre, servindo de bebedouro para animais havia cerca de 80 anos. A população revoltou-se com a iminente deslocação do monumento para o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas e ocultou-o, mantendo-se até hoje em parte incerta (cf. jornal Correio da Manhã de 14/05/1993, p. 22-23).

Bibliografia: Gandra, 1996, p. 101; Mana, Caetano, 1994, p. 387; Matias, 2005, p. 98-99; Matias, 2019, p. 155-156, n.º VIII.

Epígrafe:

[ - ] *Liuius C(aii) · f(ilius) G[al(eria tribu)?]*

[ - - ] *h(ic) [s(itus)] e(st)*

“... *Liuius* ..., filho de *Caius*, (inscrito na tribo *Galeria*?) ... está aqui sepultado.”



## SANTO ISIDORO

**2/016**

Localidade: Paço d'Ilhas.

Paradeiro: Santo Isidoro.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (47) x 58 x 111; altura da moldura lateral: 12,5

Altura das letras: Cerca de 5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Terá sido transportada de Paço d'Ilhas para a Quinta dos Chãos por volta de 1850. Foi interiormente escavada para servir de salgadeira, a parte superior foi aplanada, e na moldura foram abertos orifícios para encaixe de uma tampa.

Bibliografia: Gandra e Caetano, 1995, p. 300; Gandra, 1996, p. 102-103; Matias, 2005, p. 95-97; Matias, 2019, p. 154-155, n.º VII.

Epígrafe:

*Maria · Q(uinti) · f(ilia)*  
*Quintilla ann(orum)*  
*XXVII*

“*Maria Quintilla*, filha de *Quintus*, de 27 anos de idade.”



**2/017**

Localidade: Quinta dos Mogos, Santo Isidoro.

Paradeiro: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 62 x 56 x (93); altura da moldura lateral: 20

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: Foi adaptada para peso de lagar, tendo cumprido essa função na Quinta. Quando foi identificada por Carlos Maneira e Costa em 2020, estava a servir de pé de mesa.

Bibliografia: *FE* 226, 2021, 794; Miranda *et al.*, 2021, p. 312, 330.

Epígrafe:

[I]ulia · L(ucii) · f(ília) · Au[i]-  
[t]ā an(norum) XX  
h(íc) [s(íta) e(st)]

“*Iulia Auita*, filha de *Lucius*, com vinte anos de idade, está aqui sepultada.”



**2/018**

Localidade: Quinta dos Machados, Picanceira.

Paradeiro: Quinta dos Machados, Picanceira.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 54 x 54 x 110; altura da moldura lateral: 10,5

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I ou mesmo início do séc. II.

Observações: Foi adaptada para peso de lagar. Foi identificada por Carlos Maneira e Costa e Cátia Delicado em 2019, descartada no meio do mato.

Bibliografia: *FE* 226, 2021, 795; Miranda *et al.*, 2021, p. 312, 330.

Epígrafe:

*F̄a[bia] L(ucii) F(ília)*

[ - - ]

*L(ucius) Fabius M(arci) f(ilius) · Pap(iria) tribu*

*Fabianus h(ic) · s(ita) [e(st)]*

5 *[pa]ter · filiae*

“*Fabia (...)*, filha de *Lucius*. *Lucius Fabius Fabianus*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Papiria*. Está aqui sepultada. O pai (fez) à filha.”



## (FREGUESIA DESCONHECIDA)

**2/019**

Localidade: Desconhecida, mas por certo no concelho de Mafra.

Paradeiro: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (30) x (33) x (60); altura da moldura lateral: destruída.

Altura das letras: 4,5.

Proposta de datação: Primeira metade do séc. I.

Observações: Foi adaptada para base de cruzeiro em 1690. Foi identificada por Marta Miranda em 2006, entre as pedras depositadas no Museu Municipal Prof. Raul de Almeida.

Bibliografia: *FE* 226, 2021, 793.

Epígrafe:

*G(aius) · Iulius · G(aii) [f(i)lius]*  
*G[a]l(eria tribu) · Pate[r]nu[s]*  
*h(ic) s(itus) e(st)*

“*Gaius Iulius Paternus*, filho de *Gaius*, inscrito na tribo *Galeria*, está aqui sepultado.”

O A de *Gal(eria tribu)* estaria contido no interior do G.



SINTRA  
Algueirão / Mem Martins

**2/020**

Localidade: A-dos-Rolhados.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência ADR/LR/82/2.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (39) x 48 x 88; altura da moldura lateral: truncada, mas pelo menos 10 cm.

Observações: Encontrada nas ruínas de um antigo casal. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1982.

Bibliografia: Inédita

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/021**

Localidade: São Romão.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SR/LR/79/1.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (53) x 63 x 124; altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Altura das letras: 6,5

Proposta de datação: A epígrafe está demasiado mutilada para permitir qualquer proposta minimamente segura.

Observações: Foi detectada durante os inícios do Verão de 1979, aquando da limpeza (destinada a preparar o local para a construção de um edifício) de um terreno denominado “Terra da Açorda” e localizado imediatamente a leste do Casal de São Romão. Em 24 de Setembro seguinte, Cardim Ribeiro recolheu a informação de que a *cupa* em causa tinha sido primitivamente descoberta havia já quase 30 anos, durante trabalhos agrícolas ali levados a cabo por Etevíno Santos Silva; todavia, fora depois abandonada, esquecida e de novo encoberta por terras e vegetação. Os seus proprietários – o Sr. Alfredo Dias Duarte e a sua esposa, Virgínia Soares Duarte – de bom grado a doaram ao Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, onde deu entrada em 18 de Outubro de 1979.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe:

[ - - ] *i* *u* s [ - - ]  
[ - - ] + *a* l + [ - - ]

A primeira letra da segunda linha será um I ou um N. A última letra deve ser um N ou, menos provavelmente, um M.



## ALMARGEM DO BISPO

(actualmente inserida na União das Freguesias de Almargem,  
Pêro Pinheiro e Montelavar)

**2/022**

Localidade: Casal da Granja de Santa Cruz.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência GSC/LR/98/1.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 59 x 59,5 x 119,5; altura da moldura lateral: 17.

Altura das letras: l. 1: 7; demais linhas: 6.

Proposta de datação: Primeira metade do séc. II.

Observações: Detectada por Rui Oliveira. Observada pela primeira vez pela equipa do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1994. Encontrava-se em posição vertical, reutilizada como ombreira de uma porta de antigas dependências agrícolas do Casal. Foi retirada e lida em 16 de Fevereiro de 1998. Saiu da parede em duas metades, transversalmente separadas, mas que, reunidas, formam o monumento na sua integridade. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 24 de Março de 1998, por doação da família Sousa Coutinho Empis, proprietária do Casal. Num dos lados longos, sobre a superfície curva, existe uma representação tosca do monte do Calvário com a cruz, de época incerta, medieval ou posterior. A orientação da gravação permite deduzir que esta foi feita quando a *cupa* se encontrava numa situação vertical.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe:

*D(iis) · M(anibus)*  
*P(ublīi) Cassi(i) P(ublīi) f(iliū) Gâl(eria tribu)*  
*Vrsi a(nnorum) XXVIII*  
*Rufīna m(ater) f(aciendum) c(urauit)*

“Aos deuses Manes de *Publius Cassius Vrsus*, filho de *Publius*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de 28 anos de idade. *Rufina*, a mãe, mandou fazer.”



**2/023**

Localidade: Casal do Silvério (Alfouvar).

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência CS/LR/80/2.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (62) x 67 x 128; altura da moldura lateral: 18.

Altura das letras: 7.

Proposta de datação: Primeira metade do séc. I.

Observações: Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 18 de Abril de 1980, doada por Armindo Marques Eufrásio, segundo os registos do Museu. Porém, Veiga Ferreira escreveu em 1977 que pertencia a Joaquim Simões Quintino.

Bibliografia: Ferreira, 1977, p. 206; Gonçalves, 2011, p. 15; Gonçalves, 2013, p. 807.

Epígrafe:

*P(ublius) · Sulpicius · P(ublīi) f(ilius)*  
*Gal(eria tribu) · Seuerus*  
*h(īc) · s(itus) · e(st)*

“*Publius Sulpicius Seuerus*, filho de *Publius*, (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado.”



## MONTELAVAR

(actualmente inserida na União das Freguesias de Almargem,  
Pêro Pinheiro e Montelavar)

**2/024**

Localidade: Granja dos Serrões.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência GS/LR/60/1 (antigo número de inventário: CXXVIII, p. 39, 47).

Descrição: *Cupa* com sulco escavado ao redor do campo epigráfico.

Medidas: (39) x 58 x (88); altura da moldura lateral: 11. As medidas, embora se reportem ao estado actual da peça, algo deteriorado, não deverão estar muito afastadas das originais.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Primeira metade do séc. I.

Observações: Encontrada durante as obras de demolição de uma casa de José Pedro para alargamento da estrada entre Pêro Pinheiro e Pedra Furada (como a *cupa* seguinte). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em Março de 1960.

Bibliografia: *AE*, 1962, 323; *HAE* 2133; *ILER* 2419; Cardozo, 1961, n.º 6; Fontes e Almeida, 1979, n.º CXXVIII.

Epígrafe:

*Aemilia*  
*G(aii) · f(ilia) · Boutia*  
*h(ic) · s(ita) · e(st) ·*

“*Aemilia Boutia*, filha de *Gaius*, está aqui sepultada.”



**2/025**

Localidade: Granja dos Serrões.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência GS/LR/60/2 (antigo número de inventário: CXXIX). Nas reservas.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (33) x (43) x 76; altura da moldura lateral: destruída, restando apenas uma ligeira inflexão na superfície curva.

Observações: Encontrada durante as obras de demolição de uma casa de José Pedro para alargamento da estrada entre Pêro Pinheiro e Pedra Furada (como a *cupa* anterior).

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º CXXIX, p. 47.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/026**

Localidade: Montelavar.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência MTL/LR/55/1 (antigo número de inventário: LXVII).

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: 61 x 63 x (55); altura da moldura lateral: 21.

Altura das letras: l. 1 e 2: 7; l. 3 e 4: 5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: O segundo epitáfio foi provavelmente inscrito numa fase posterior ao primeiro.

No séc. XIX esta peça estaria no adro da freguesia, segundo Barreto. Em 1956 Cardozo diz que estava “enterrada no adro da Igreja de Montelavar.”

Chegou a pensar-se que esta inscrição poderia pertencer a um *Fabius Galaticus*, cujo nome aparece numa ânfora do monte Testaccio, em Roma, que seria armador olisiponense. Tal hipótese está hoje afastada. Ver, a propósito, o monumento 2/062 deste *corpus*.

Bibliografia: *CIL* II 293; Barreto, 1888, n.º 8; Cardim Ribeiro, 1982/1983, fig. 95g e g'; Cardozo, 1956, n.º LXVII; Fontes e Almeida, 1979, n.º LXVII, p. 26, 37, 43; Jordão, 1859, p. 218, n.º 500.

Especificamente sobre a questão de *Fabius Galaticus* ver sobretudo Cardim Ribeiro, 1994, p. 88, mas também: Alarcão, 1973, p. 154; Alarcão, 1990, p. 433; Fontes e Almeida, 1979, n.º LXVII; Mantas, 1976, p. 160; Mantas, 1990, p. 170.

Epígrafe:

*Iulia · G(aii) · f(ilia)*  
*Seuera h(ic) · s(ita) [e(st)]*  
*G(aius) · Fabius M(arci) F(ilius) Gal(eria tribu) A[- - -]*  
*h(ic) s(itus) e(st)*

“*Iulia Seuera*, filha de *Gaius*, está aqui sepultada. *Gaius Fabius A(...)*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado.”

Considerando o espaço disponível e a onomástica corrente no *municipium Olisiponense*, é muito possível que o *cognomen* na quarta linha seja *Auitus*.

O A de *Gal(eria tribu)* está contido no interior do G.



**2/027**

Localidade: Montelavar (Outeiro).

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência MTL/LR/87/1.

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: 59 x 59 x (61); altura da moldura lateral: 12,5.

Altura das letras: 5; LL da primeira linha: 4.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Foi achada por Júlio Machado em 22 de Janeiro de 1987, reutilizada nos muros de pedra solta do cimo do Outeiro. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas no dia seguinte. Abaixo da inscrição está toscamente gravado um símbolo (dois triângulos invertidos em relação um ao outro e unidos pelo vértice) que eventualmente poderia ser tomado como uma *ascia*, mas que muito mais provavelmente será uma adição bastante posterior à época romana.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe:

*Cassia · C(aii) f(ilia) Gallā  
h(ic) s(ita) · e(st)  
posuit · filia*

“*Cassia Galla*, filha de *Caius*, está aqui sepultada. A filha colocou.”

Os LL de *Gallā* estão inscritos em módulo menor que o dos restantes caracteres, e elevados.



**2/028**

Localidade: Montelavar (Outeiro).

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência MTL/LR/87/4. Nas reservas.

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: (31) x (51) x (57); altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Observações: Foi detectada e deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 23 de Janeiro de 1987. Estava nos muros de pedra solta, no cimo do Outeiro.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/029**

Localidade: Rebanque.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência R/LR/75/1 (antigo número de inventário: CL).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 54 x 61 x 122; altura da moldura lateral: 11.

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

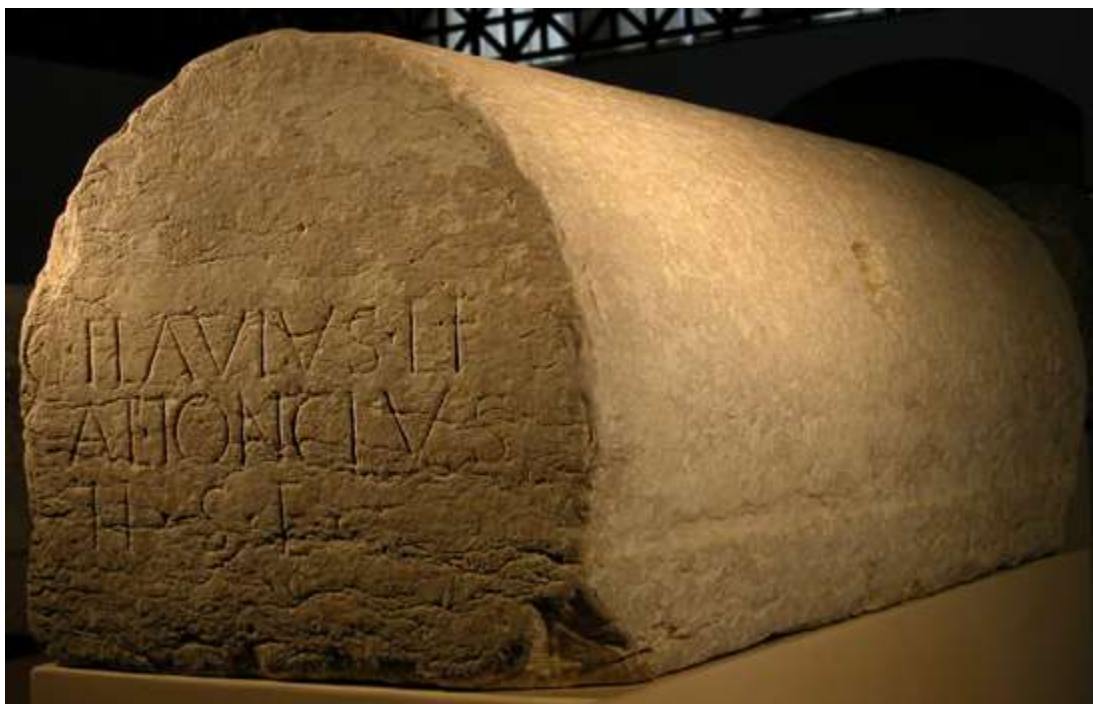
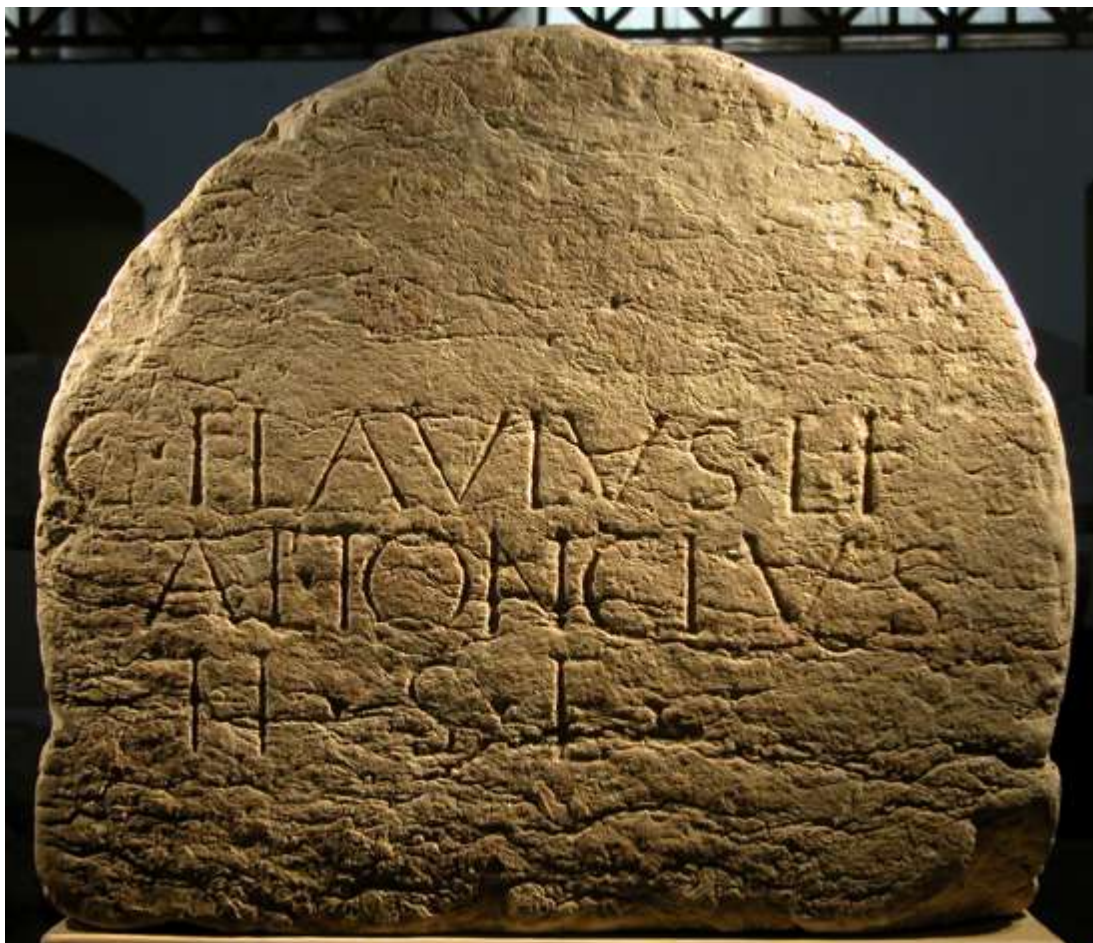
Observações: Adquirida em 1975, localizada à porta de um antiquário de São Pedro de Sintra. Foi originalmente dada como sendo da Assafora, vindo mais tarde a estabelecer-se ser proveniente do lugar do Rebanque.

Bibliografia: *AE*, 1979, 334; Cardim Ribeiro, 1974/1977, n.º 1, p. 278-285; Cardim Ribeiro, 1982/1983, p. 443, nota 69; Fontes e Almeida, 1979, n.º CL, p. 40, 49.

Epígrafe:

*G(aius) · Flaiius · L(ucii) · f(ilius)*  
*Gal(eria tribu) · Toncius*  
*h(ic) · s(itus) · e(st) ·*

“*Gaius Flaiius Toncius*, filho de *Lucius*, (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado.”



**2/030**

Localidade: Rebanque.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência R/LR/95/1.

Descrição: *Cupa* com o topo truncado.

Medidas: (35) x 43 x 92; altura da moldura lateral: 12.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Detectada em início de 1993, permanecia no interior de uma poçilga, invertida e interiormente escavada, reutilizada como pia. Pertencia a Gregório Carlos Bértolo, que a doou ao Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, onde deu entrada em 31 de Março de 1995.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe:

[ - ] *F*abius *F*ab̄i-  
 [a]nus *h(ic) s(itus) e(st)*  
 [ - - ]NT[ - - ]IA[ - - ]A  
 [ - - ? ] *h(ic) s(it-) e(st)*

“(...) *Fabius Fabianus* está aqui sepultado. (...)”

O segundo epitáfio parece ser de uma mulher. Leves traços apontam para a possibilidade de um O após o proposto T da segunda linha, pelo que neste caso o gentilício poderia ser *Antonia*.



## PÊRO PINHEIRO

(actualmente inserida na União das Freguesias de Almargem,  
Pêro Pinheiro e Montelavar)

**2/031**

Localidade: Fação.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E – 7197) FAC/LR/97/1.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (44) x 50 x 105; altura da moldura lateral: truncada mas pelo menos 10 cm.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: Pertence às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, onde foi registada em 27 de Maio de 1932 (Livro do Registo de Entradas fl. 114). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Setembro de 1997. Foi doada por Ana Felícia Leitão Coelho, do Fação, em 1932. Estava embutida na esquina do muro que rodeava a sua propriedade.

Bibliografia: Capeans, 1956, p. 130-131.

Epígrafe:

*Iulia · C(aii) · f(ília)*  
*Maxu<sup>ma</sup> · an(norum)*  
 [-?]XX[- -]I · C(aius) · Iuliu(s)  
*Auctor · pate[r]*  
 [- -]is · mater [- -]

“*Iulia Maxuma*, filha de *Caius*, de (...) anos de idade. *Caius Iulius Auctor*, o pai, e (...), a mãe, (...)”



**2/032**

Localidade: Fação.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E – 7196) FAC/LR/97/2.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (45) x 49 x 85; altura da moldura lateral: truncada mas pelo menos 8 cm.

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Pertence às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, onde foi registada em 27 de Maio de 1932 (Livro do Registo de Entradas fl. 113 v). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Setembro de 1997. Servia de poial junto à casa de António Rodrigues Moucheiro Júnior, do Fação, e foi doada por este em 1932.

Bibliografia: Capeans, 1956, p. 129-130.

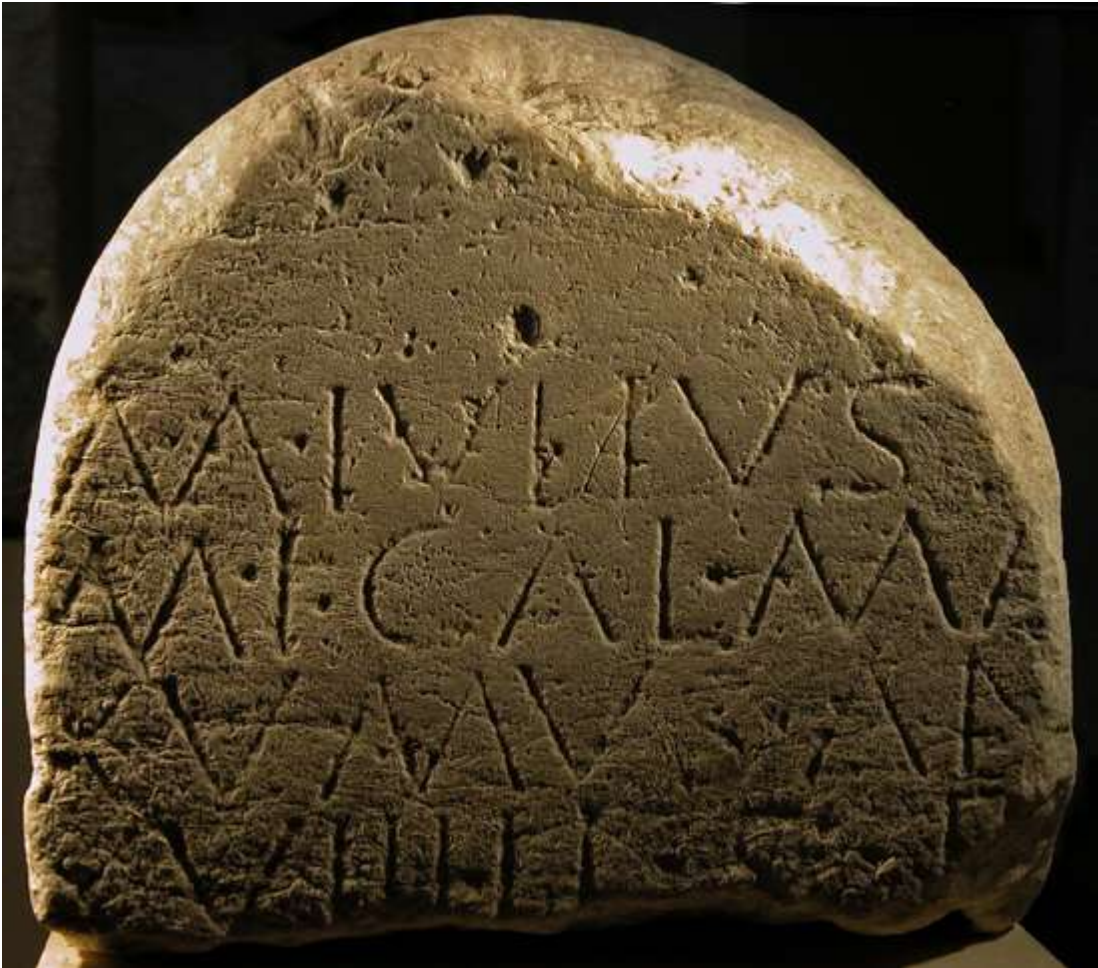
Epígrafe:

*M(arcus) · Iulius*

*M(arci) · f(ilius) · Gal(eria tribu) · Ma-*  
*xumus · a(norum)*

*XVIII · h(ic) · s(itus) · e(st)*

“*Marcus Iulius Maxumus*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de 18 anos de idade, está aqui sepultado.”



**2/033**

Localidade: Fação.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E – 7198) FAC/LR/97/3. Nas reservas.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (29) x 46 x (52); altura da moldura lateral: truncada, mas teria mais de 6 cm.

Observações: Pertence às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, onde foi registada em 27 de Maio de 1932 (Livro do Registo de Entradas fl. 114). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Setembro de 1997. Foi doada por Domingos Duarte Rosa, do Fação, em 1932. Estava a servir de banco, cravada no solo, à esquina da sua «venda».

Bibliografia: Capeans, 1956, p. 129 e 131.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/034**

Localidade: Fação.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência FAC/LR/15/1. Nas reservas.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 54 x 52,5 x 110; altura da moldura lateral: 22.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Identificada na Terrugem, na Avenida da Aviação Portuguesa. Nos dias 19 e 20 de Novembro de 2015 procedeu-se às diligências necessárias e a *cupa* foi doada ao Museu por parte da proprietária, Gertrudes Coelho dos Santos, que a tinha retirado da parede de uma casa de sua avó em Fação. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 20 de Novembro de 2015.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe:

*Liciniā [- f(ilia)?]*

*Maxum[a]*

*ann(orum) XX+[- - -?]*

“*Licinia Maxuma*, (filha de ... ?), de (pelo menos vinte) anos de idade.”



**2/035**

Localidade: Casal das Vivas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência CV/LR/57/1 (antigo número de inventário: XCV).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 47 x 51 x 102; altura da moldura lateral: 12,5.

Altura das letras: l.1: 6; demais linhas: 5.

Proposta de datação: Primeira metade do séc. II.

Observações: Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1957. Servia de poial junto da fonte do Casal das Vivas. As bilhas destinadas à recollecção de água eram colocadas sobre a superfície epigrafada, que estava virada para cima, o que desgastou uma grande área da inscrição.

O gentílico da sepultada foi publicado reconstituído como *[Memm]iae*, mas tal é improvável, pois não seria, em princípio, o mesmo da mãe. Porém, ténues vestígios poderão de facto pertencer a um M (ou um A) anterior à reconstituição *-iae* na segunda linha.

Na última linha o penúltimo P estará por *pia*, *piissima* ou *pientissima*.

Bibliografia: *AE*, 1962, 319; *HAE* 2128; Cardozo, 1961, n.º 1; Ferreira e Almeida, 1958, p. 14-24; Fontes e Almeida, 1979, n.º XCV, p. 39, 45.

Epígrafe:

*[D(iis)] M(anibus)*

*[- - -] + a +*

*[- - -] + e an(norum)*

*[- - -] Mem-*

5 *m]ia Aranta*

*mater · f(iliae) · p(ientissimae uel simile) p(osuit)*

“Aos deuses Manes de (...), de (...) anos de idade. *Memmia Aranta*, a mãe, colocou à filha dedicada (ou dedicadíssima).”



## SANTA MARIA

(actualmente inserida na União das Freguesias de Sintra)

**2/036**

Localidade: Casal de Santo Amaro.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E – 7095) CSA/LR/97/1.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (40) x 46 x 80; altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Altura das letras: l. 1 a 3: 6; l. 5 (e presumivelmente 6): 5,5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Pertence às colecções do Museu Nacional de Arqueologia. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Outubro de 1997. Foi identificada em 1930 por Félix Alves Pereira, reutilizada como pia de cal, no Casal de Santo Amaro, próximo da ermida de Santo Amaro, junto a Sintra. Foi doada por Moreira Rato, juntamente com uma outra *cupa* que também se encontrava no mesmo local (ver 2/037 deste *corpus*), tendo seguido ambas para o Museu Ethnológico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia).

Bibliografia: Pereira, 1938; Pereira, 1957, p. 105-109.

Epígrafe:

*Iulia · L(ucii) · f(ília) [-]-  
 usca · aḡ(norum) [- - -]  
 [-] Cassius [- f(ilius)]  
 Cassi[anus - - -]  
 5 h(ic) · [s(iti) · s(unt)]*

“*Iulia Tusca* (ou *Fusca*), filha de *Lucius*, de (...) anos de idade; (...) *Cassius Cassianus*, filho de (...); estão aqui sepultados.”

No final da primeira linha falta a primeira letra do *cognomen* da defunta. Tanto pode ser *Fusca* como *Tusca*. Pereira reconhece que, considerando o panorama onomástico local, é muito provável que o *cognomen* seja *Tusca*.



**2/037**

Localidade: Casal de Santo Amaro.

Paradeiro: Desconhecido. Presumivelmente no Museu Nacional de Arqueologia.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: ? x 55 x 120.

Observações: Foi identificada em 1930 por Félix Alves Pereira, desaproveitada, no Casal de Santo Amaro, próximo da ermida de Santo Amaro, junto a Sintra. Foi doada por Moreira Rato, juntamente com uma outra *cupa* que também se encontrava no mesmo local (ver 2/036 deste *corpus*), tendo seguido ambas para o Museu Ethnológico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia).

(Ver, ainda, 2/106 deste *corpus*.)

Bibliografia: Pereira, 1938; Pereira, 1957, p. 105-109.

Epígrafe: Segundo Félix Alves Pereira, actualmente anepígrafa.

## SEM IMAGEM

Levada para o actual Museu Nacional de Arqueologia em 1930  
– o seu paradeiro é hoje desconhecido.

**2/038**

Localidade: Lourel.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E – 5226) LO/LR/97/1.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (55) x 58 x 119; altura da moldura lateral: truncada, mas presumivelmente 11 cm.

Altura das letras: 5,5. O reduzido da terceira linha: 3.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Estaria no séc. XVII à porta do casal do alcaide-mor, juntamente com a *cupa* 2/039 deste *corpus*. Ambas terão sido transportadas de lá para um modesto casal que ficava junto à estrada que levava de Sintra ao Lourel e que já estava semi-arruinado quando Vergílio Correia as identificou na primeira década do séc. XX, servindo de umbrais da cancela do pátio. Pertence às coleções do Museu Nacional de Arqueologia, onde foi registada em 1914 (Livro de Registo de Entradas, fl. 65 v). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Setembro de 1997.

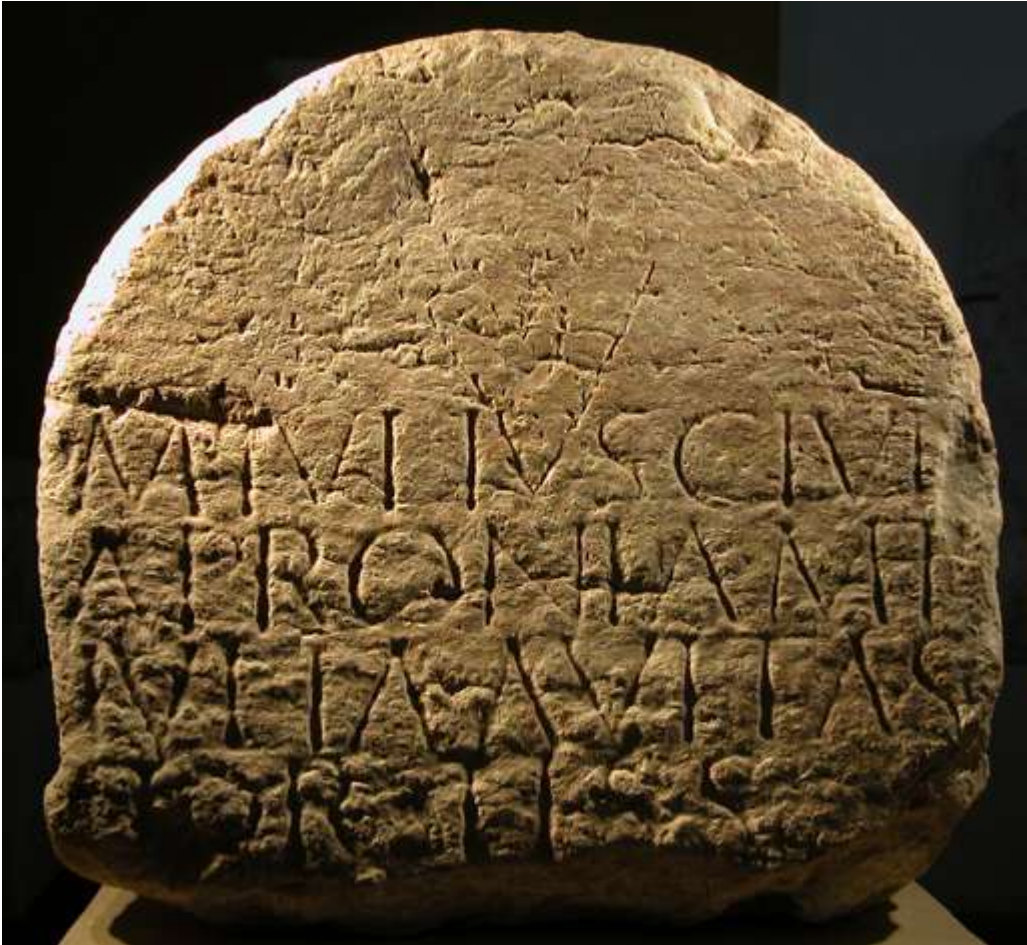
Bibliografia: *CIL* II 299; *HEp* 2, 1990, 817; *ILER* 2522; Cardim Ribeiro, 1982-83, p. 352-354; Correia, 1914, p. 214-216; Jordão, 1859, p. 245, n.º 571; Sottomayor, 1675, f. 10 v; Juromenha, 1838, p. 197.

Epígrafe:

*M(arcus) · Iulius · Ciui[s]*  
*Apronia m̂at(er)*  
*Iulia · Auita · s̄or*  
*· h(ic) · s(it)i) · s(unt)*

“*Marcus Iulius Ciuis; Apronia, a mãe; Iulia Auita, a irmã; estão aqui sepultados.*”

O primeiro O de *s̄or* está inscrito num módulo menor que o dos demais caracteres.



**2/039**

Localidade: Lourel.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E – 5227) LO/LR/97/2.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 48 x 60 x 110; altura da moldura lateral: 15.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Estaria no séc. XVII à porta do casal do alcaide-mor, juntamente com a *cupa* 2/038 deste *corpus*. Ambas terão sido transportadas de lá para um modesto casal que ficava junto à estrada que levava de Sintra ao Lourel e que já estava semi-arruinado quando Vergílio Correia as identificou na primeira década do séc. XX, servindo de umbrais da cancela do pátio. Pertence às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, onde foi registada em 1914 (Livro de Registo de Entradas, fl. 65 v). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Setembro de 1997.

Bibliografia: *CIL* II 301; *ILER* 5190; Cardim Ribeiro, 1982-83, p. 352-353; Correia, 1914, p. 214-216; Jordão, 1859, p. 246, n.º 572; Sottomayor, 1675, f. 10 v; Juromenha, 1838, p. 197.

Epígrafe:

*M(arcus) · Iulius M(arci) f(ilius)*  
*Gal(eria tribu) · Auitus · ânn(orum)*  
*LXVIII · h(ic) · s(itus) · e(st)*

“*Marcus Iulius Auitus*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de 68 anos de idade, está aqui sepultado.”



## SÃO JOÃO DAS LAMPAS

(actualmente inserida na União das Freguesias de São João das Lampas e Terrugem)

**2/040**

Localidade: Aldeia Galega.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência AG/LR/80/1.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 60 x 62 x 119; altura da moldura lateral: 21.

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: A epígrafe está demasiado mutilada para permitir qualquer proposta minimamente segura.

Observações: Foi identificada em 1 de Agosto de 1980, invertida e utilizada como pia para cal, nas casas de Agostinho Luís Domingues, na Aldeia Galega. Tinha sido trazida alguns anos antes do Casal da Granja, propriedade situada próxima e sobranceira à referida aldeia, onde teria servido, em idêntica posição, como bebedouro de animais. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 7 de Agosto de 1980, por doação.

A leitura é dada com grandes reservas, sendo muito condicionada pelo estado da superfície epigrafada, que foi intencionalmente picada. A seguir ao A do gentílico conserva-se uma haste vertical do que deverá corresponder ao *praenomen* do pai; talvez um T(*iti*) ou um P(*ublii*). Na tentativa de reconstituição levaram-se em conta microperfurações de origem erosiva que estão presentes nos restos dos sulcos originais dos caracteres mas não nos danos causados pelo escopro utilizado aquando da obliteração da inscrição, que será relativamente recente.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe:

[T]erentia +[-c.2-]

-----



**2/041**

Localidade: Alvarinhos.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência AL/LR/55/1 (antigo número de inventário: XXII).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 44 x 48 x 85; altura da moldura lateral: 13.

Altura das letras: 5,5. O da segunda linha: 3.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Doada por Maria Lourença. Encontrava-se na casa de um lavrador a servir de salgadeira.

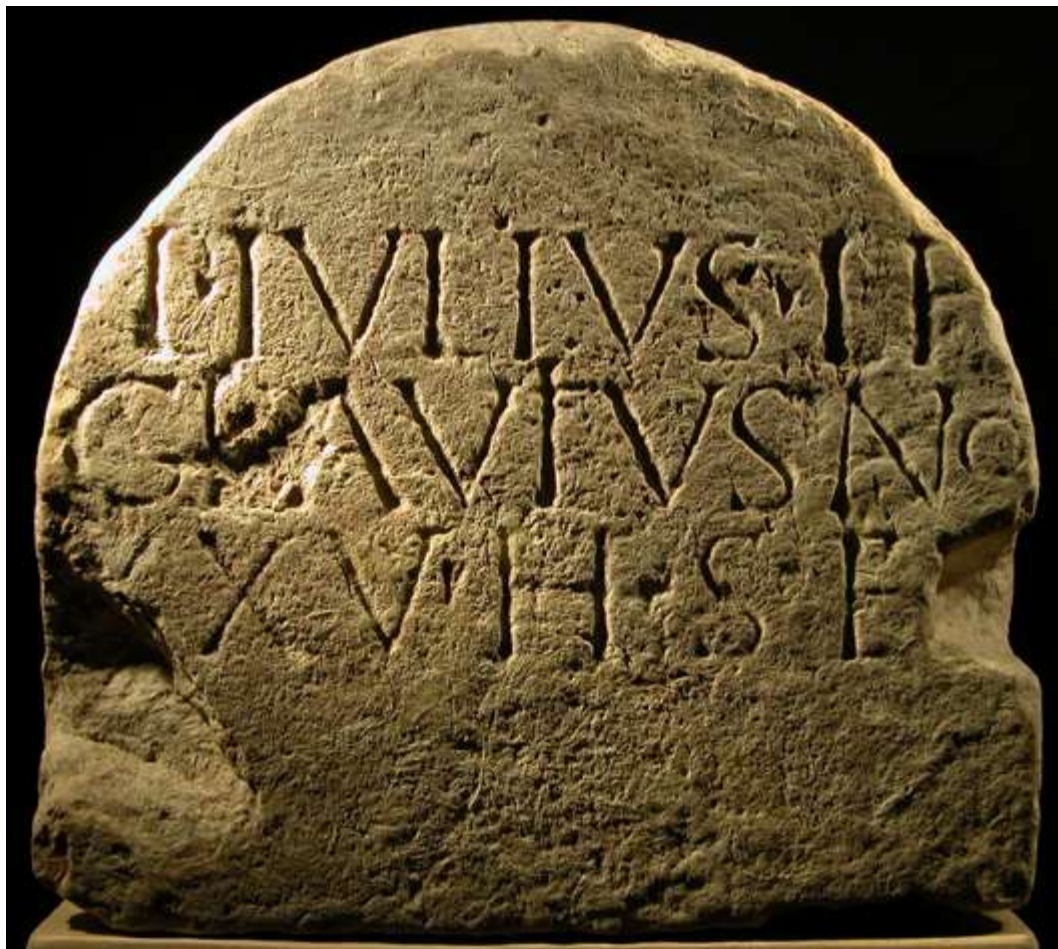
Bibliografia: *HAE* 1222; *ILER* 5200; Cardozo, 1956, n.º XXII; Fontes e Almeida, 1979, n.º XXII, p. 26, 28, 37, 42.

Epígrafe:

*L(ucius) · Iulius · L(ucii) f(ilius)*  
*Gal(eria tribu) Auítus ân(n)o(rum)*  
*XXV · h(ic) · s(itus) · e(st)*

“*Lucius Iulius Auitus*, filho de *Lucius*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de 25 anos de idade, está aqui sepultado.”

O carácter O de *ân(n)o(rum)* está inscrito em módulo menor que o dos demais. O A de *Gal(eria tribu)* está contido no interior do G. A primeira interpunção na primeira linha é uma *hedera*.



**2/042**

Localidade: Amoreira.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência AM/LR/93/1.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (56) x 68 x 117; altura da moldura lateral: 18.

Altura das letras: l. 1 e 2: 6; l. 3 e 4: 5,5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 9 de Setembro de 1993. Foi doada por Francisco Manuel Carouco. Servia de sal-gadeira numa casa antiga. Segundo informações colhidas na Amoreira junto de pessoas idosas, terá sido encontrada cerca de 40 ou 50 anos antes enterrada junto à fonte do lugar. Anteriormente (mas porventura ainda durante o Baixo Império), terá sido adaptada para peso de lagar.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe:

*L(ucius) · Iu[liu]s · M(arci) · f(ilius)*  
*Gal(eria tribu) · [Fro]nto · êt*  
*Q(uintus) · En[niu]s · M(arci) · f(ilius) · Gal(eria tribu)*  
*Naso [h(ic)] · s(iti) · s(unt) ·*

“*Lucius Iulius Fronto*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, e *Quintus Ennius Naso*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, estão aqui sepultados.”

Os caracteres AL de *G(aleria tribu)* estão contidos no interior do G. A primeira e segunda interpunções na linha 1, a primeira na linha 2, e as três primeiras na linha 3 são *hederae*.



**2/043**

Localidade: Assafora.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência AS/LR/84/1.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (38) x (42) x (51); altura da moldura lateral: truncada, teria pelo menos 7 cm.

Altura das letras: 5,5.

Proposta de datação: A epígrafe está demasiado mutilada para permitir qualquer proposta minimamente segura.

Observações: Detectada em 1984; deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 28 de Fevereiro desse mesmo ano.

O desgaste da superfície epigrafada remanescente é tão forte que mesmo a reconstituição da epígrafe apresentada é dada com reservas.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe:

[ - - ]ren[ - - ]  
 - - - - -

Considerando a frequência da *gens Terentia* na região, é muito possível que se trate de um indivíduo dessa família.



**2/044**

Localidade: Assafora.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência AS/LR/84/2. Nas reservas.

Descrição: Parte superior de uma *cupa*.

Medidas: (27) x (41) x 71; altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Observações: Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1984.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/045**

Localidade: Assafora.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência AS/LR/93/1.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (39) x (42) x (87); altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Observações: Jazia abandonada num quintal relativamente próximo da Igreja da Assafora. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em finais de 1993.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/046**

Localidade: Casal de Pianos (“Cerrado das Torres”).

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência CPT/LR/55/1 (antigo número de inventário: LXXV).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (37) x (42) x (80); altura da moldura lateral: pelo menos 8 cm. Apesar do desgaste, estas medidas deverão ser muito próximas das originais.

Observações: Estava solta nas terras.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º LXXV, p. 44.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/047**

Localidade: Casal de Pianos.

Paradeiro: Palheiro em Casal de Pianos.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: ? x 57 x (102 – comprimento visível); moldura: 20.

Observações: Identificada por Cardim Ribeiro por volta de 2005. Está encastrada verticalmente no lado direito da entrada de um palheiro.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Caso exista, a epígrafe está oculta.



**2/048**

Localidade: Catribana.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência CT/LR/58/1 (antigo número de inventário: CXX).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (39) x 49 x (85); altura da moldura lateral: 7, mas poderá estar cortada.

Observações: Encontrada junto dum cunhal numa casa em Julho de 1958.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º CXX, p. 46.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/049**

Localidade: Monte Arroio.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência MA/LR/02/1. Nas reservas.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 52 x 51 x 104; altura da moldura lateral: 14.

Altura das letras: 5,5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I, provavelmente final.

Observações: Detectada em Bolelas, em 26 de Abril de 2001, num estaleiro pertencente a um comerciante de antigas cantarias. Tinha sido naquele mesmo dia adquirida por este em Monte Arroio, onde servia de salgadeira ou “tulha” de azeite numa velha casa. Atendendo à aparente ausência de vestígios romanos em Monte Arroio, é legítimo supor que o monumento fosse originalmente proveniente da Amoreira, lugar fértil neste tipo de testemunhos e muito próximo. Acabou por ser adquirida para o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, onde deu entrada em 16 de Janeiro de 2002.

Bibliografia: Referência, com fotos, em Fusco e Mañas Romero, 2006, p. 27, fig. 23 e p. 45.

Epígrafe:

*Cassiae*  
*C(aii) · f(iliae) · Auitae*  
*ann(orum) XX*

“A *Cassia Auita*, filha de *Caius*, de 20 anos de idade.”

Nota: Opta-se pelo dativo e não pelo genitivo devido a não existirem outros exemplos destas *cupae* com epítáfios no genitivo, a não ser – em certos casos – quando principiam com a invocação aos deuses Manes.



**2/050**

Localidade: Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência O/LR/59/2 (antigo número de inventário: CXXII).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 48 x 53 x (78); altura da moldura lateral: 13.

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Primeira metade do séc. I.

Observações: Encontrada na parede de uma adega de Aniceta Sapina. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1959.

Bibliografia: *AE*, 1962, 321; *HAE* 2130; Cardim Ribeiro, 2000, p. 365-366; Cardoso, 1961, n.º 3; Étienne, 1976, p. 217, col. 1; Fontes e Almeida, 1979, n.º CXXII, p. 39, 47; Lambrino, 1953, n.º 22; Mangas, 1971, p. 161, 165, 200 (inscrição adulterada por equívoco nestas três páginas – ver referência de Cardim Ribeiro), 333, 466.

Epígrafe:

*M(arcus) Licinius  
Domesticus  
h(ic) s(itus) e(st)*

“*Marcus Licinius Domesticus* está aqui sepultado.”



**2/051**

Localidade: Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência O/LR/80/1.

Descrição: *Cupa* com o topo truncado.

Medidas: (39) x 55 x 108; altura da moldura lateral: truncada mas pelo menos 14 cm.

Altura das letras: 6,5.

Proposta de datação: A epígrafe está demasiado mutilada para permitir qualquer proposta minimamente segura.

Observações: Estava inclusa ao alto na ombreira esquerda do portão do pátio de umas casas localizadas em Odrinhas e pertencentes ao Sr. Amadeu Azinhaga. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1 de Outubro de 1980, por doação do seu proprietário. Foi adaptada (porventura ainda durante o Baixo Império) para peso de lagar.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe:

-----  
*Ga[l(eria tribu)? - - - ] ++*  
*[a]n(norum) { - - - }*  
 -----?

No final da primeira linha actualmente presente vislumbram-se duas linhas verticais possivelmente seguidas de outra letra, mas o desgaste é demasiado intenso para uma reconstituição.



**2/052**

Localidade: Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência O/LR/92/1.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (40) x 48 x (82); altura da moldura lateral: truncada mas com pelo menos 11 cm.

Observações: Detectada entre casas velhas, em Odrinhas. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1992.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/053**

Localidade: Peroleite.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência PL/LR/57/1 (antigo número de inventário: CVII).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 50 x 49 x (93); altura da moldura lateral: 15.

Observações: Estava junto à fonte de Peroleite, adaptada a bebedouro de animais.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º CVII, p. 46.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/054**

Localidade: Peroleite.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência PL/LR/57/2 (antigo número de inventário: CIX).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (42) x 47 x 100; altura da moldura lateral: truncada, teria pelo menos 10 cm.

Observações: Estava junto à fonte de Peroleite.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º CIX p. 46.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/055**

Localidade: São João das Lampas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SJL/LR/55/2 (antigo número de inventário: XIV).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (44) x 55 x 113; altura da moldura lateral: truncada, restando apenas uma ligeira inflexão na superfície curva junto às fracturas.

Altura das letras: 5,5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: Encontrava-se semi-enterrada junto à Capela do Espírito Santo, em São João das Lampas.

É de presumir ser a mesma que Félix Alves Pereira descreve no mesmo local em 1914, sendo porém estranho que a dê como anepígrafa. Haveria possivelmente duas: escreve este autor, sobre São João das Lampas: “Vejo também uma campa sepulcral com forma de baú.” E, poucos parágrafos abaixo, “Ao fundo do largo, onde se ergue a paroquial de S. João das Lampas, há uma ermida chamada do Espírito Santo; junto dela vejo outra pedra sepulcral semi-cilíndrica e maciça, talvez o que possa chamar-se arciforme. Sem epígrafe, como outras.” Além disto, em Fontes e Almeida, estando já a presente *cupa* aqui tratada recolhida no Museu, escreve-se na p. 20 sobre o número de túmulos cupiformes da colecção: “poderia ser aumentado se dois, que Vergílio Correia viu em Lourel, e um mutilado, que está em Janas, aqui estivessem”. (Os de Lourel são 2/038 e 2/039 deste *corpus*.)

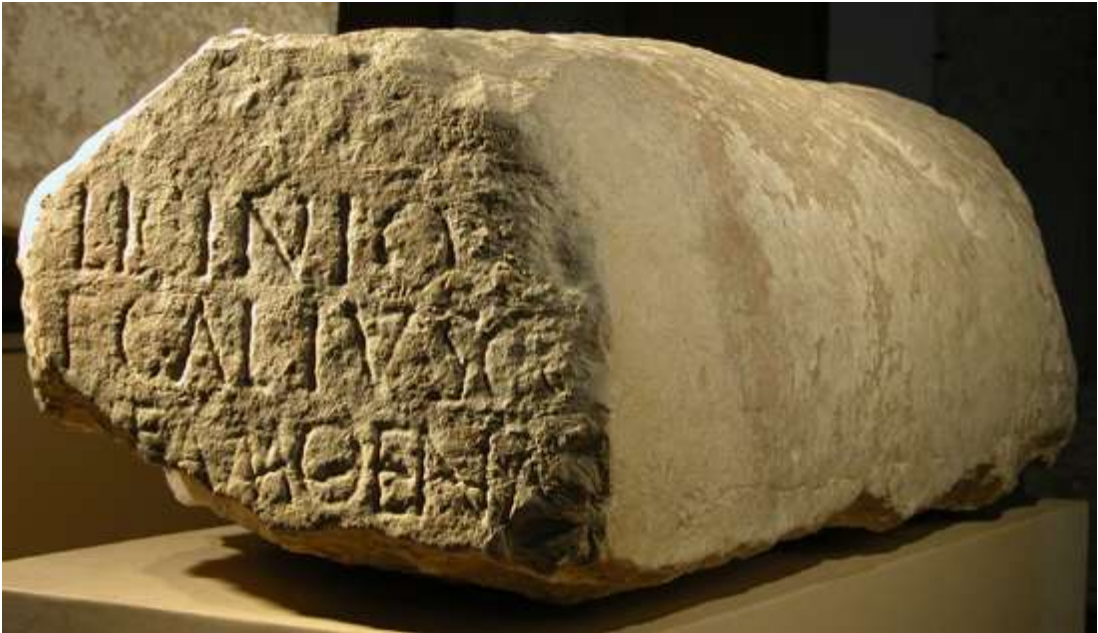
A observação da inscrição levanta muitas dúvidas quanto à inicial leitura que dava o *cognomen* como *Fusc[o]*, sobretudo ao compararmos o carácter com os demais FF. Há assim lugar a releitura, parecendo mais provável tratar-se de um T de *Tusc[o]*.

Bibliografia: *HAE* 1218; Cardozo, 1956, n.º XIV; Fontes e Almeida, 1979, n.º XIV, p. 26, 37, 41; Pereira, 1914, p. 334.

Epígrafe:

[ - ] *Licinio*  
 [ - ] *f(ilio) Gal(eria tribu) Tusco*  
 [ - - ] *f(ilia) Amoena*  
 - - - - -

“A (...) *Licinius Tuscus*, filho de (...), (inscrito na tribo) *Galeria*. (...) *Amoena*, filha de (...)”



**2/056**

Localidade: São Miguel de Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/LR/55/11 (antigo número de inventário: XVI).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 56,5 x 59,5 x 93,5; altura da moldura lateral: 21.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

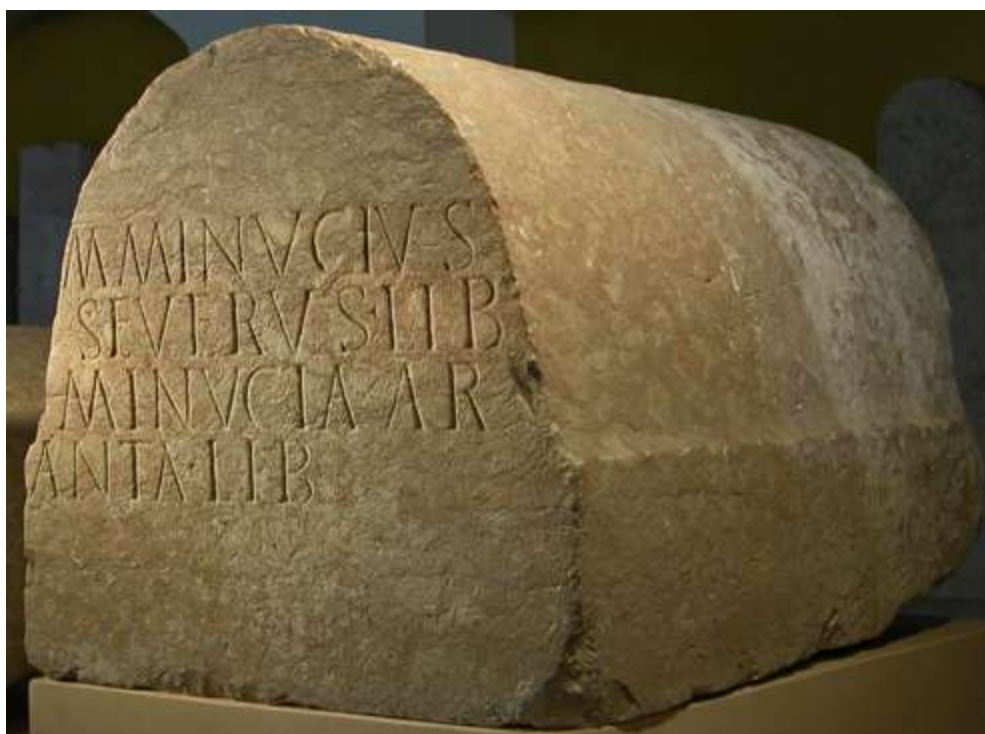
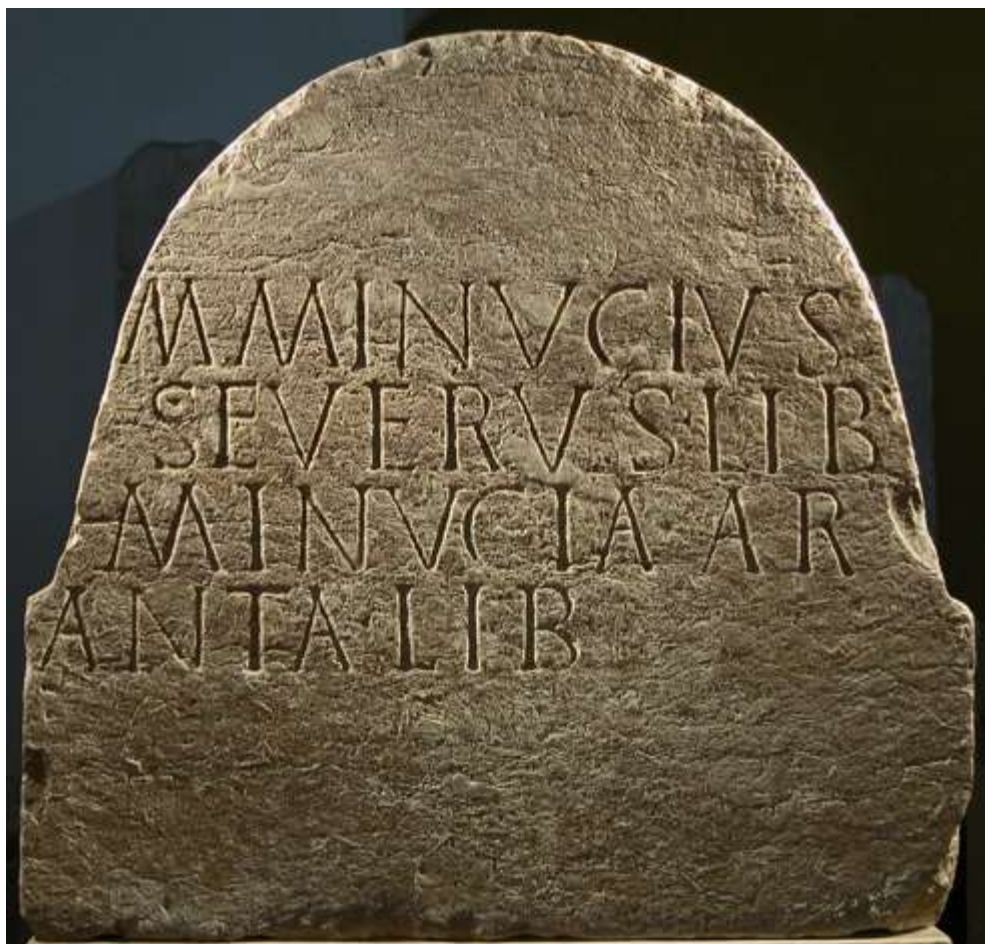
Observações: Foi utilizada como cabeceira de sepultura no cemitério medieval da ermida de São Miguel de Odrinhas, tendo sido fincada na terra com a inscrição para baixo. A parte da *cupa* que esteve soterrada encontra-se em muito bom estado de conservação, enquanto a parte que esteve exposta se encontra muito erodida. O seu comprimento é anormalmente reduzido, dentro da tipologia.

Bibliografia: *HAE* 1220; *ILER* 5037; Cardim Ribeiro, 2012, p. 281; Cardozo, 1956, n.º XVI; Ferreira, 1955; Fontes e Almeida, 1979, n.º XVI, p. 24, 26, 33, 37, 42; Lambrino, 1953, n.º 23; Mangas, 1971, p. 333, 459; Pereira, 1914, p. 343 e foto da lápide na posição da reutilização medieval na estampa VI, fig. 35.

Epígrafe:

*M(arcus) · Minucius*  
*Seuerus · lib(ertus)*  
*Minucia Ar-*  
*anta · lib(erta)*

“*Marcus Minucius Seuerus, libertus. Minucia Aranta, liberta.*”



**2/057**

Localidade: São Miguel de Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/LR/55/12 (antigo número de inventário: XVII).

Descrição: *Cupa* com o topo truncado.

Medidas: (48) x 61 x 126; altura da moldura lateral: 11.

Altura das letras: 5,5. A da quarta linha: 4.

Proposta de datação: Final do séc. I ou início do séc. II.

Observações: Encontrava-se no alpendre da ermida de São Miguel de Odrinhas com a função de pia baptismal, segundo Lambrino. Nos tempos de Félix Alves Pereira e de Rosa Capeans estava ao lado direito da entrada lateral da ermida servindo como pia de cal.

Bibliografia: *HAE* 1221; *ILER* 5199=5352; Albertos, 1983, p. 872; Capeans, 1933, fl. 11; Cardozo, 1956, n.º XVII; Fontes e Almeida, 1979, n.º XVII, p. 15, 37, 42; Lambrino, 1953, p. 10, n.º 18; Pereira, 1914, p. 343, e estampa V, fig. 34.

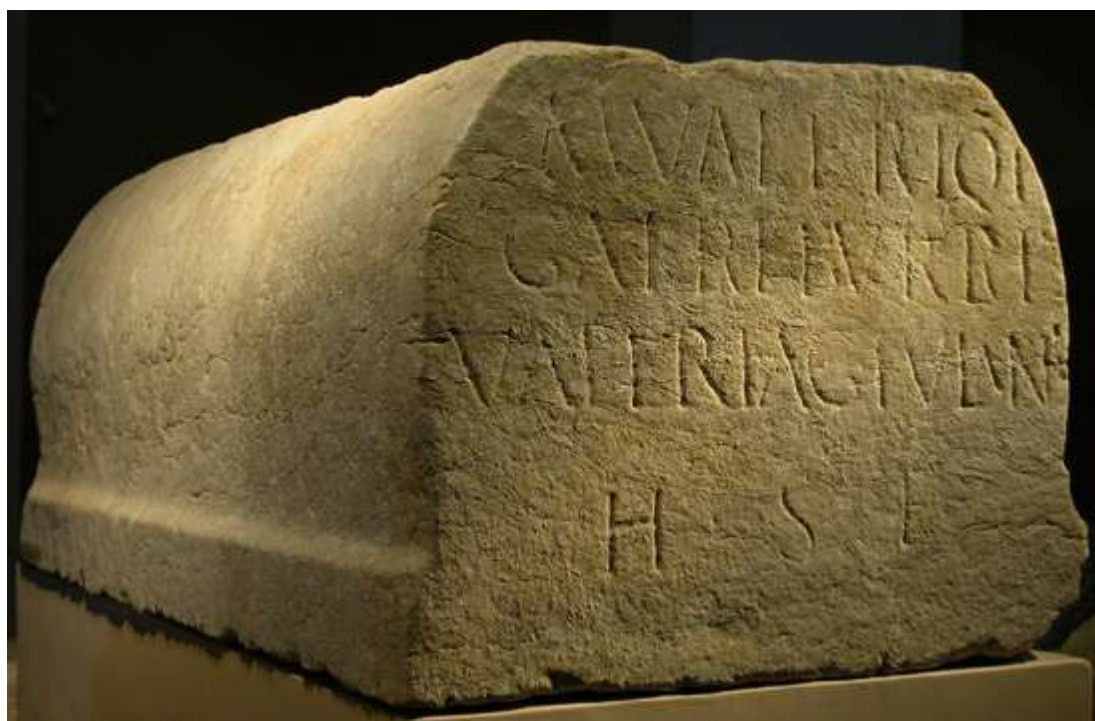
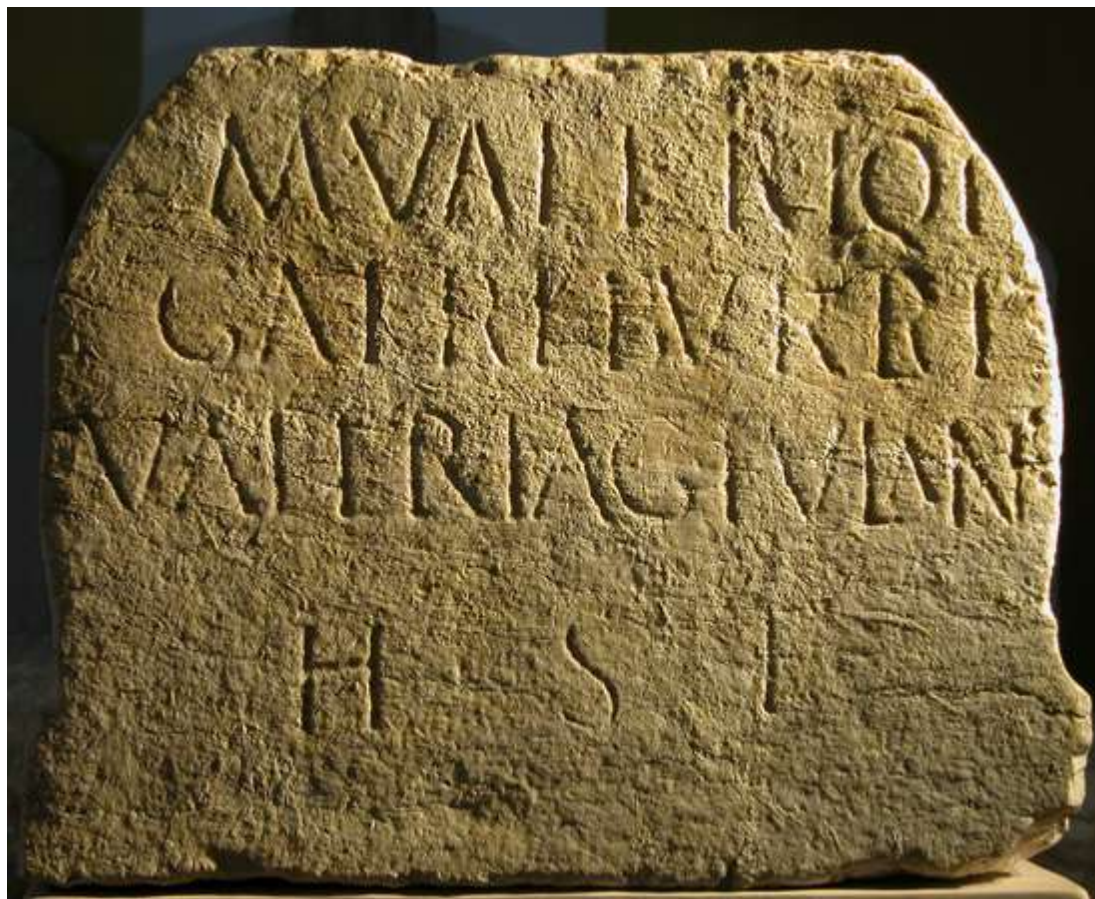
Epígrafe:

*[D(iis) M(anibus)]*  
*M(arci) Valeri(i) Q(uinti) f(ili)*  
*Gal(eria tribu) Reburri*  
*Valeria G(aii) f(ilia) Vlan(a)*  
*5 h(ic) · s(itus) · e(st)*

“Aos deuses Manes de *Marcus Valerius Reburrus*, filho de *Quintus*. *Valeria Vlana*, filha de *Gaius*. Está aqui sepultado.”

Opta-se por reconstituir uma invocação aos deuses Manes, que estaria no topo truncado, devido à utilização do genitivo na fórmula, seguindo leitura de Cardim Ribeiro (comunicação pessoal).

O primeiro A de *Vlana* está escrito em módulo menor.



**2/058**

Localidade: São Miguel de Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/LR/55/15 (antigo número de inventário: XXI).

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: 56 x 60 x (61); altura da moldura lateral: 16.

Altura das letras: 6,5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

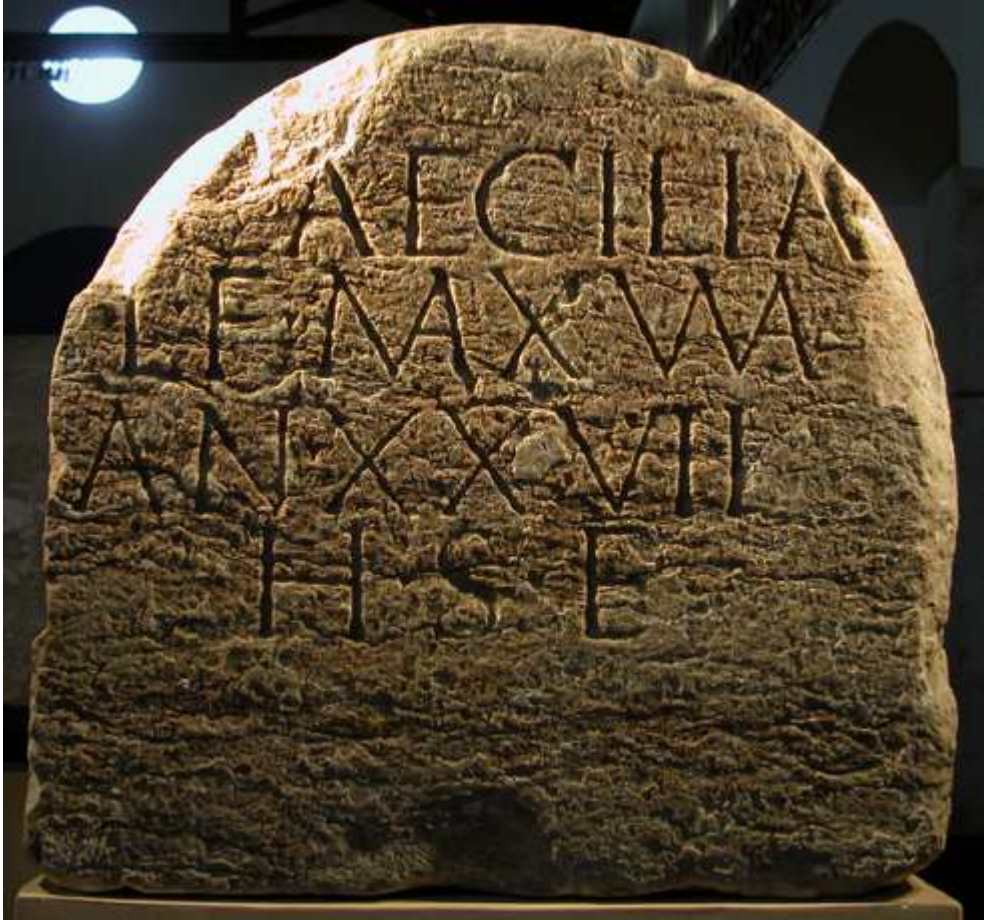
Observações: Estava aplicada como material de construção numa parede da ermida de São Miguel de Odrinhas, coberta pelo reboco.

Bibliografia: *CIL* II 279; *Anonymus Neapolitanus*, f. 39, 55; *Codex Valentinus*, fl. 45v, 132v; Cardozo, 1956, n.º XXI; Fontes e Almeida, 1979, n.º XXI, p. 26, 37, 42; Lambrino, 1953, n.º 7; Strada, 1575, p. 174, 14.

Epígrafe:

*Caecilia*  
*L(ucii) · f(ilia) · M̂axûma*  
*an(norum) · XXVII*  
*h(íc) · s(ita) · e(st)*

“*Caecilia Maxuma*, filha de *Lucius*, de 27 anos de idade, está aqui sepultada.”



**2/059**

Localidade: São Miguel de Odrinhas (Barreira).

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/LR/55/25 (antigo número de inventário: XV).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (58) x 60 x 120; altura da moldura lateral: 20 (a parte inferior está parcialmente partida mas a altura deve estar correcta).

Altura das letras: l. 1 e 2: 7; l. 3: 6; S reduzido da linha 2: 5.

Proposta de datação: Primeira metade do séc. I.

Observações: Estava a servir de batente, na cancela de uma propriedade de Glória Domingas, no lugar da Barreira.

Bibliografia: *HAE* 1219; Cardozo, 1956, n.º XV; Fontes e Almeida, 1979, n.º XV, p. 26, 37, 42. Será possivelmente o monumento referido em Capeans, 1933, fl. 15.

Epígrafe:

[ - ] *Valerius*  
 [ - *f(i)lius*? ] *G[a]* (*eria tribu*) *Auitus*  
*h(ic) s(itus) e(st)*

“(...) *Valerius Auitus*, (filho de ...?), inscrito na tribo *Galeria*, está aqui sepultado.”

O S de *Valerius* está inscrito em módulo menor que o dos demais, certamente devido à curvatura da *cupa*. O A de *Gal(eria tribu)* já não é visível, mas estaria contido no interior do G.



**2/060**

Localidade: São Miguel de Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/LR/57/5. Nas reservas.

Descrição: *Cupa* (pequeno fragmento).

Medidas: (38) x (17) x (41); altura da moldura lateral: 11.

Observações: Encontrada durante as escavações de 1957. Não foi, porém, integrada então no catálogo do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, permanecendo solta no recinto do Museu.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/061**

Localidade: São Miguel de Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/LR/57/6. Nas reservas.

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: (24) x (46) x (23); altura da moldura lateral: truncada, restando apenas uma ligeira inflexão na superfície curva, mas teria mais de 7 cm. A largura é dada com reservas, mas será muito próxima da original.

Observações: Encontrada durante as escavações de 1957. Não foi, porém, integrada então no catálogo do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, permanecendo solta no recinto do Museu.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/062**

Localidade: São Miguel de Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/R/57/238.

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: (7) x (13) x (15); altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Observações: Encontrado em 1957 próximo às ruínas de São Miguel de Odrinhas.

Cardim Ribeiro notou que os vestígios de letras conservados são compatíveis com uma inscrição desaparecida de Odrinhas (*CIL* II 5019), gravada em suporte não descrito, referida no denominado *Anonymus Neapolitanus*, um manuscrito do séc. XVI que se encontra na Biblioteca Nazionale di Napoli (ms. V E 18). É esta: *C(aius) Iulius C(aii) f(ilius) / Firmus h(ic) s(itus) e(st) / et Iulia C(aii) f(ilia) / Dubra / h(ic) s(ita) e(st)*. A ser assim, as letras preservadas na pedra corresponderiam às primeiras da terceira e quarta linhas, da seguinte maneira: *et [...]* / *Du[...]*. O segundo carácter da primeira linha conservada teria sem dúvida uma haste vertical, apesar da fractura o ter obliterado quase totalmente.

Um possível argumento contra esta hipótese é que, em comparação com a habitual prática de *ordinatio* dos epitáfios, a posição da primeira linha conservada relativamente à curvatura da superfície semicilíndrica levar-nos-ia a sugerir ser esta realmente a primeira linha da inscrição original. Há, porém, exceções a esta regra, e a correspondência deste fragmento com a inscrição do *Anonymus Neapolitanus* não deixa de ser uma possibilidade, tanto mais que se trataria de uma inscrição extensa (e partindo do princípio de que a menção ao segundo indivíduo sepultado não se trate de uma adição posterior à pedra, como por vezes sucederia).

A superfície curva conservada permite afirmar com segurança ser este o fragmento de uma *cupa*. Se se tratasse de uma estela de topo arredondado a inscrição não estaria certamente assim posicionada.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe:

-----  
 [- - -]+[- - -]  
 [- - -]DV[- - -]  
 -----

A letra na primeira linha visível era E ou L.

Nota: Quanto à inscrição *CIL* II 5019 (ver também Lambrino, 1953, p. 6, n.º 3), curiosamente foi também tomada como a de um armador olisiponense, por surgir nome compatível numa ânfora do monte Testaccio, como o monumento 2/026 deste *corpus*. Muito provavelmente não se tratará do mesmo indivíduo. Quanto a esta questão, ver sobretudo Cardim Ribeiro, 1994, p. 88, mas também: Alarcão, 1973, p. 154; Alarcão, 1990, p. 433; Mantas, 1976, p. 160; Mantas, 1990, p. 170.



**2/063**

Localidade: São Miguel de Odrinhas (Barreira).

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/LR/78/1 (antigo número de inventário: CLVI).

Descrição: *Cupa* com o topo truncado.

Medidas: (48) x 58 x 119; altura da moldura lateral: 16.

Altura das letras: 5,5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

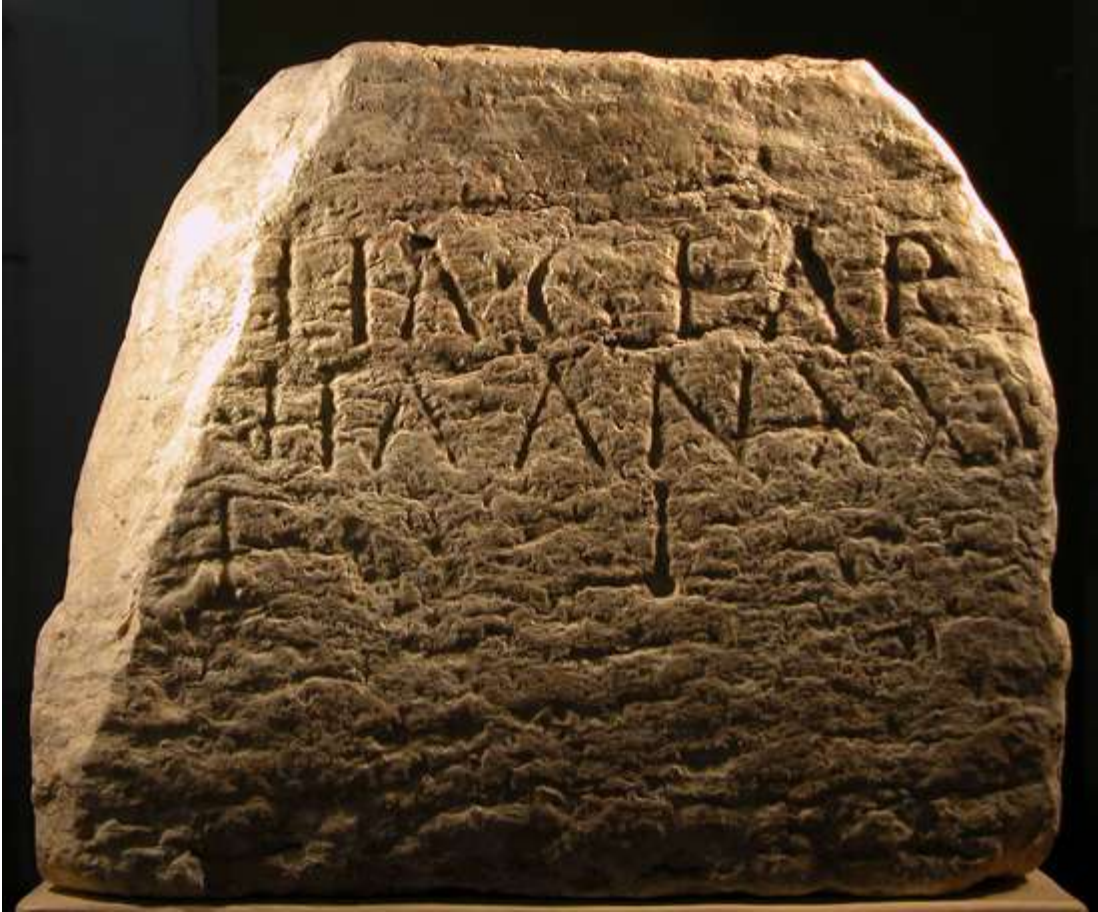
Observações: Era usada como salgadeira. Foi cedida por Manuel Duarte Pimpão pela quantia exacta que então custava determinada arca frigorífica que, desde havia algum tempo, ele pretendia comprar para substituir funcionalmente a peça doada. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 30 de Outubro de 1978.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º CLVI, p. 49.

Epígrafe:

[Iu?]lia · G(aii) f(ília) Ar-  
[a]nta an(norum) XXV  
h(íc) · s(íta) · e(st)

“*Iulia* (?) *Aranta*, filha de *Gaius*, de 25 anos de idade, está aqui sepultada.”



**2/064**

Localidade: São Miguel de Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/LR/80/3. Nas reservas.

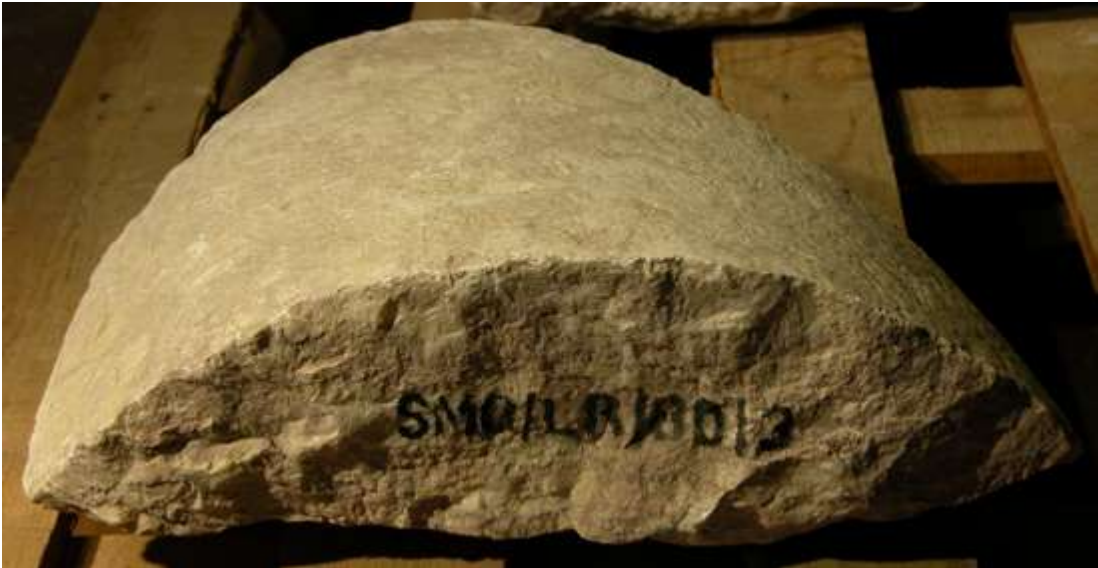
Descrição: *Cupa* (fragmento superior).

Medidas: (14) x (42) x (32); altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Observações: Detectada em inícios de Setembro de 1980, embutida no lanço de muro que separa o adro da ermida de São Miguel de Odrinhas da estrada de acesso. Deu de imediato entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



## SÃO MARTINHO

(actualmente inserida na União das Freguesias de Sintra)

**2/065**

Localidade: Janas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência J/LR/77/1 (antigo número de inventário: CLV).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 45 x 47 x 89; altura da moldura lateral: 15.

Altura das letras: 5,5.

Proposta de datação: Primeira metade do séc. I.

Observações: Referida pelo Visconde de Juromenha, em 1838, como estando então “no pateo das casas de Gertrudes Joaquina” e por Barreto, por volta de 1840, como estando então “no pateo das cazas de hum Joaquim Manoel”, em Janas, perdeu-se entretanto, tendo sido reidentificada em 1976, a meio da povoação de Janas e resultante da abertura de valas destinadas à instalação da rede de abastecimento de água. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1977, cedida pela comissão de moradores.

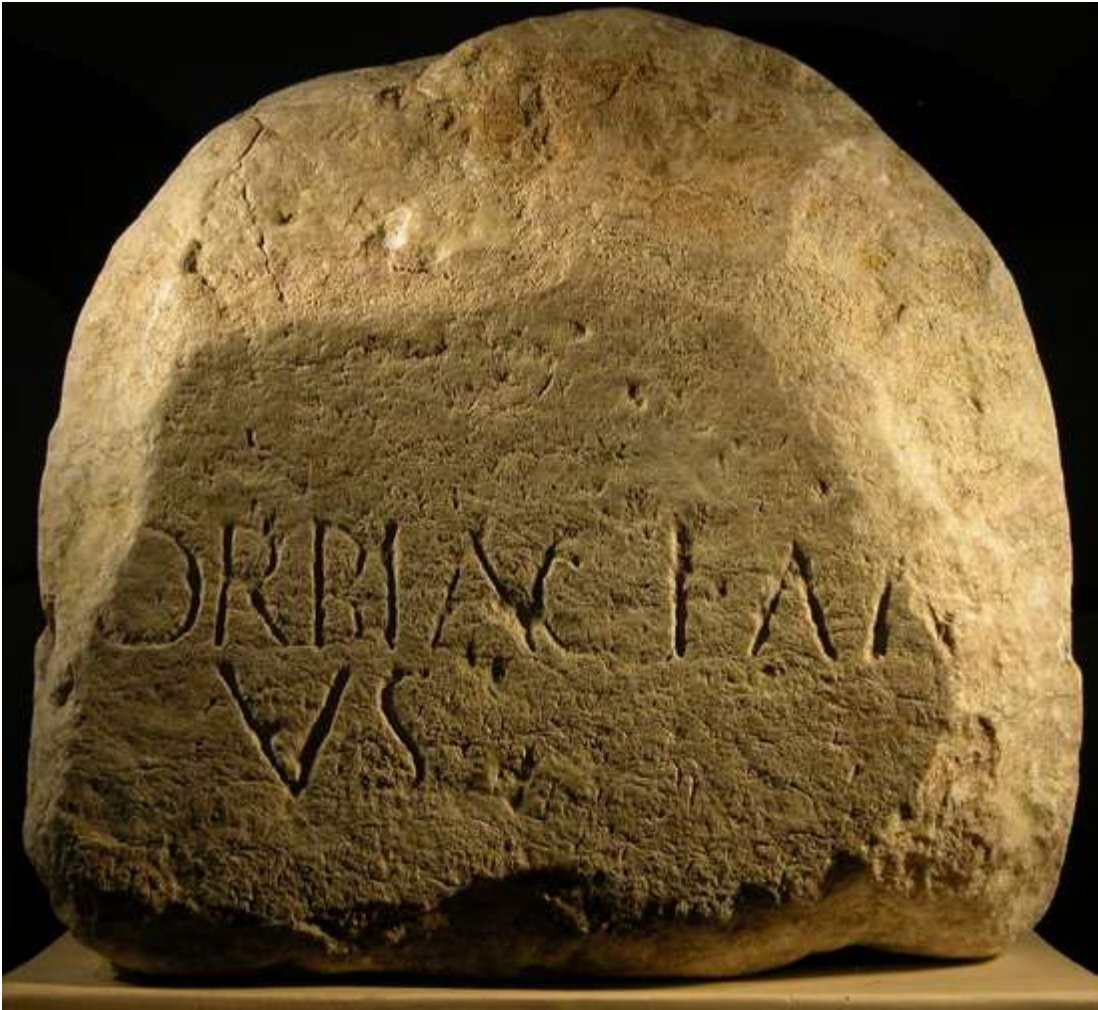
Leituras prévias interpretam como nome único *Orbiacianus* ou *Orbiacianius*, bem como *Orbia C(aii) f(ilia) an(norum) V s(emis?)*, mas a leitura apresentada (já presente por exemplo em *AALR* e Navarro Caballero, 2006, p. 78) será muito provavelmente a correcta.

Bibliografia: *CIL* II 311; *HEp* 2, 1990, 820; *ILER* 3326; Barreto, 1888, n.º 3; Cardim Ribeiro, 1982/1983, p. 405 e fig. 95b e b'; Fontes e Almeida, 1979, n.º CLV, p. 49; Jordão, 1859, p. 260, n.º 608; Juromenha, 1838, p. 200.

Epígrafe:

*Orbia C(aii) f(ilia) An-*  
*us*

“*Orbia Anus*, filha de *Caius*.”



**2/066**

Localidade: Janas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência J/LR/97/1.

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: (34) x (48) x (49); altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Primeira metade do séc. I.

Observações: Servia de suporte de vasos de flores numa antiga casa, havia alguns anos adquirida por Isabel Augusta dos Santos Martins. Foi ofertada pela proprietária e por seu filho João Valente Palma Martins. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas a 13 de Setembro de 1997. A inscrição foi lida e publicada como *Comini(o) Firmo*, havendo agora lugar a releitura. Bandeira Ferreira relata a informação de que no mesmo pátio onde esta peça se encontrava tinha estado outra “igual” que tinha sido levada para Lisboa por um senhor Quelhas, músico, que Bandeira Ferreira crê tratar-se de Alfredo Keil.

Bibliografia: *HAE* 1917; Ferreira, 1955.

Epígrafe:

[ - ] *Comîniu[s - - -]*

[ - - - ] *Firmo* [ - - - ]

-----

“(...) *Cominius Firmo* (...)”



**2/067**

Localidade: Madre de Deus.

Paradeiro: Museu Arqueológico do Carmo, com o N.º Inv. Esc. 474.

Descrição: *Cupa*. Apresenta na parte inferior dos lados curtos encaixes em cauda-de-andorinha.

Medidas: 50 x 52,5 x 105; altura da moldura lateral: 18.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

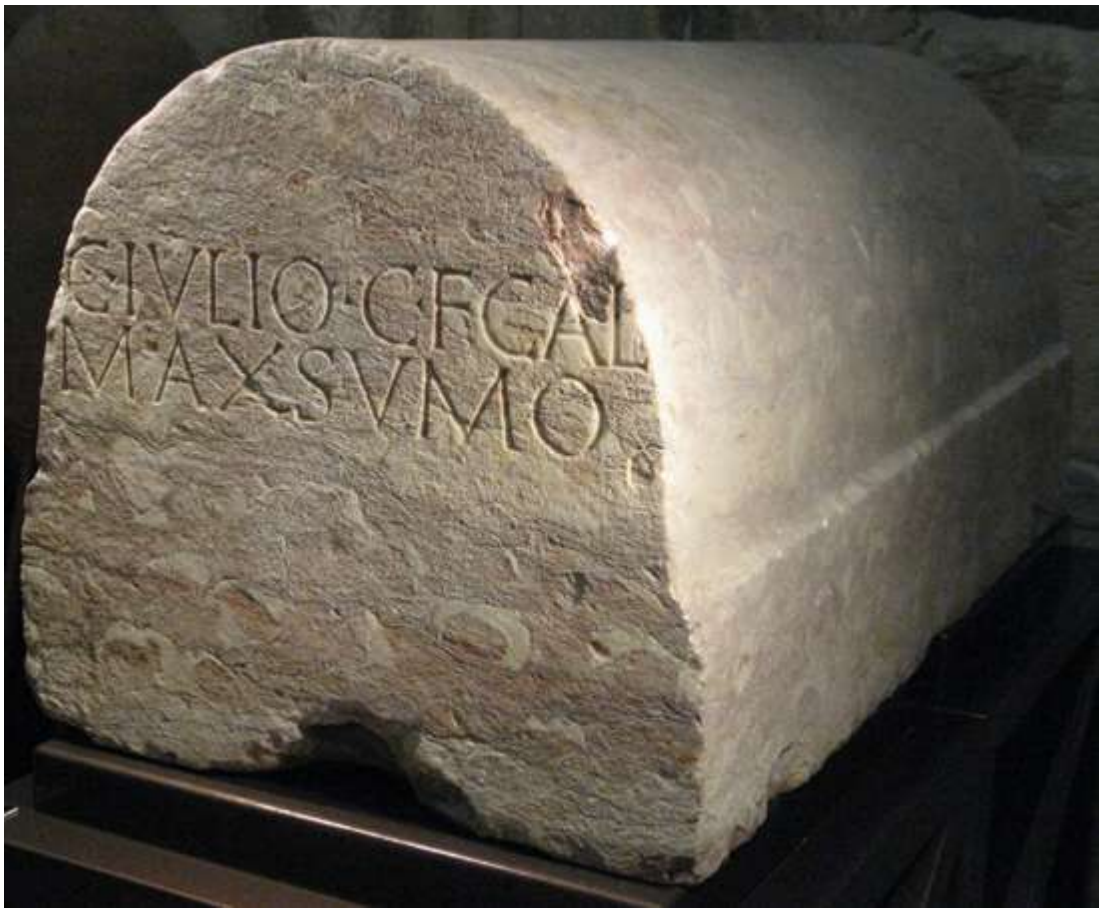
Observações: Apareceu em meados de 1918 numa lavoura da Quinta da Lameira, na Madre de Deus. O proprietário, António Gomes da Silva, contactou a Associação dos Arqueólogos, tendo sido a peça levada para o museu do Carmo. Apesar do taxativo relato de Félix Alves Pereira, foi diversas vezes publicada, erradamente, como sendo proveniente do sítio do Livramento, Mafra, embora Cardim Ribeiro (1974/1977) e, na sua sequência, Matias (2005) já tenham corrigido o equívoco. A origem deste lapso provém sem dúvida de uma deturpada interpretação do *Catálogo do Museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* (1891), cuja última entrada, na p. 121, com o n.º 3908, fornece a seguinte descrição: “Lapide com o epitaphio de uma sepultura romana ultimamente encontrada no Livramento, logar proximo de Mafra, n’uma propriedade do Sr. João José da Costa: offerta do mesmo senhor.” Como se vê, nada nos permite descortinar, nesta nota, a tipologia do monumento de Mafra, e muito menos que se tratasse especificamente de uma *cupa*; tudo aponta para que esta outra peça coincida com a lápide de *Lucius Lucretius Seuerus*, único epitáfio romano cuja origem o Museu Arqueológico do Carmo diz desconhecer e que fazia já parte da sua colecção no séc. XIX, escrevendo na viragem do século Leite de Vasconcellos (1899-1900, p. 174), depois de o observar no Carmo: “Ignoro a procedência da inscrição, comquanto me digam que talvez seja dos arredores de Sintra.” Na verdade, embora administrativamente pertença a Mafra, o Livramento – para quem se perspectiva desde Lisboa – não deixa de se localizar, *lato sensu*, nos “arredores de Sintra”.

Bibliografia: Almeida e Moser, 1993, p. 6, n.º 3; Cardim Ribeiro, 1974/1977, p. 281 e nota 42, p. 309; Dias, 2005, p. 229, n.º 1211; Gandra e Caetano, 1995, p. 251; Gandra, 1996, p. 100-101; Matias, 2005, p. 127; Pereira, 1957, p. 91-94; Teixeira e Sousa, 1927-1928, p. 23, n.º 17.

Epígrafe:

*G(aio) · Iulio · G(aii) · f(ilio) · Gal(eria tribu)*  
*Maxsumo*

“A *Gaius Iulius Maxsumus*, filho de *Gaius*, (inscrito na tribo) *Galeria*.”



**2/068**

Localidade: Morelinho.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência MO/LR/78/1 (antigo número de inventário: CLX).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 53 x 58 x 109; altura da moldura lateral: 15,5.

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: : Durante o mês de Outubro de 1978, a Sr<sup>a</sup>. Rosa das Neves Jordão, moradora no lugar de Morelinho, visitou o Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, tendo tido o cuidado de aí deixar um bilhete manuscrito, com o seu nome e morada, em que comunicava saber da existência, na aldeia em que vivia e junto a uma fonte, de uma “pedra redonda” semelhante às muitas que vira no Museu. No dia 30 daquele mesmo mês, Cardim Ribeiro deslocou-se ao Morelinho, onde a senhora lhe mostrou então, junto a uma antiga fonte anexa a um caminho hoje secundário, uma *cupa* que, invertida e semi-enterrada no solo, permanecia reaproveitada como bebedouro para o gado. Já que o monumento a ninguém pertencia em especial, visto encontrar-se desde havia muito na via pública, foi logo no dia seguinte transportado para o Museu..

A observação directa reforça a possibilidade de que se trate da mesma inscrição que Sottomayor dá (neste caso numa versão adulterada), na mesma folha do seu manuscrito (também referida em Juromenha, 1838, p. 197), como sendo da Várzea. Estaria a socorrer-se de fontes diversas incorrendo assim em equívoco? Se for o caso, *CIL* II 276 e *CIL* II 277 serão a mesma peça.

Bibliografia: *CIL* II 277; *HEp* 2, 1990, 819; *ILER* 5179; Academia Real das Ciências, 1849, p. 293; Azevedo, 1982, p. 68-70; Barreto, 1888, n.º 2; Cardim Ribeiro, 1982-1983, p. 405 e fig. 95a e a’; Fontes e Almeida, 1979, n.º CLX, p. 49; Jordão, 1859, p. 204, n.º 460 (e p. 270, n.º 636?); Sottomayor, 1675, fl. 11; Juromenha, 1838, p. 198 (e 197? Ver observações acima).

Epígrafe:

*Q(uintus) Atrius M(arci) [f(ilius)]*  
*Gal(eria tribu) · Seuerus*  
*h(íc) s(itus) e(st)*

“*Quintus Atrius Seuerus*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado.”



**2/069**

Localidade: Morelinho.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência QC/LR/57/1 (antigo número de inventário: XCIII).

Descrição: *Cupa* com o topo truncado.

Medidas: (65) x 68 x 130; altura da moldura lateral: 15.

Altura das letras: l. 1 a 3: 6; l. 4 e 5: 5,5.

Proposta de datação: Primeira metade do séc. II.

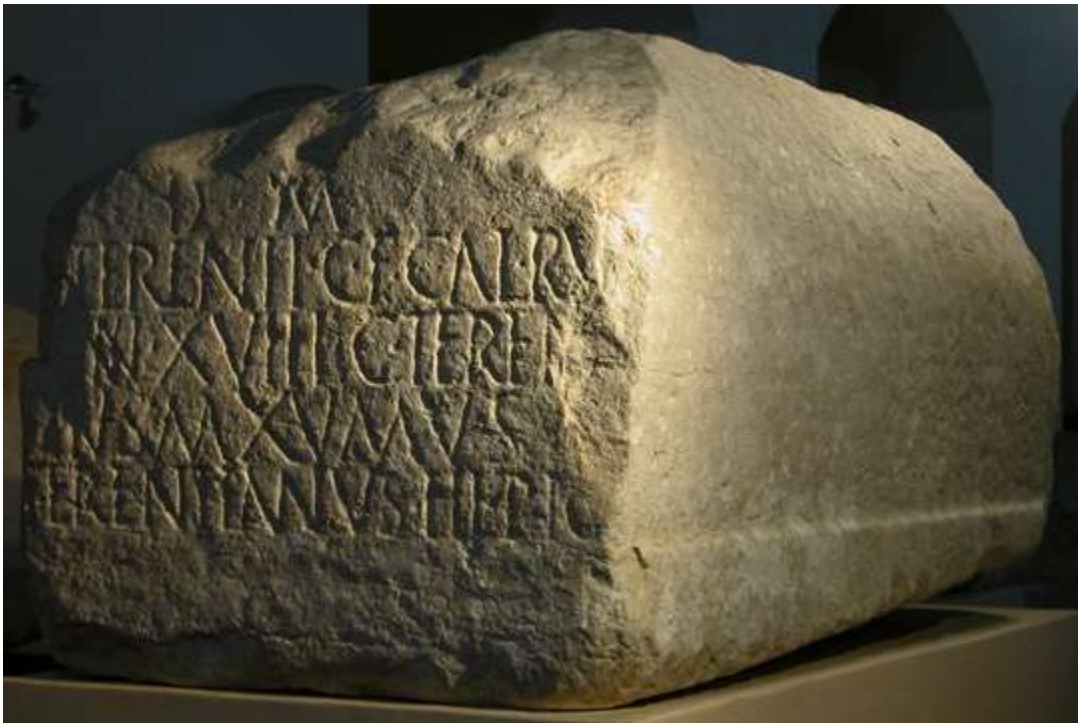
Observações: Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1957. Desde o séc. XVII que se conhece. Encontrava-se no Morelinho, segundo manuscrito de Sottomayor (*CIL* II 320, onde consta o hoje desaparecido C de *C(aius)* na segunda linha), tendo depois transitado para a Quinta da Cabeça, onde servia de pia para água, e de onde veio a ser recolhida.

Bibliografia: *CIL* II 320; *HAE* 1624; *ILER* 4181; Barreto, 1888, n.º 7; Cardozo, 1958, n.º 12; Fontes e Almeida, 1979, n.º XCIII, p. 38, 45; Jordão, 1859, p. 289, n.º 687, n.º 689; Pereira, 1957, p. 87-90; Sottomayor, 1675, fl. 11; Juromenha, 1838, p. 197.

Epígrafe:

*D(iis) · M(anibus)*  
*[C(aii)] · Terenti(i) · C(aii) · f(ilii) · Cal(eria tribu) · Ru-*  
*[fi a]ñn(orum) · XVIII · C(aius) · Tereñ-*  
*[ti]us · Maxumus*  
 5 *Terentianus · fil(io) · piø*

“Aos deuses Manes de *Caius Terentius Rufus*, filho de *Caius*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de 18 anos de idade. *Caius Terentius Maxumus Terentianus* (...) ao filho cumpridor.”



**2/070**

Localidade: Morelinho.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência MO/LR/90/1.

Descrição: *Cupa* com o topo truncado.

Medidas: (39) x 53 x 110; altura da moldura lateral: 14.

Altura das letras: l. 2 e 3: 5,5; l. 3 a 5: 5.

Proposta de datação: Final do séc. I / início do séc. II; talvez mesmo o primeiro epítáfio no final do séc. I e o segundo no início do séc. II.

Observações: Entrou no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1 de Agosto de 1990, vinda de Janas.

No manuscrito de Manoel Pereira de Sottomayor (de 1675), na folha 11, este transcreve, entre outros, os dois epítafios desta pedra sem explicitar que se tratam de uma mesma inscrição. Daqui, deduz Hübner tratarem-se de duas epígrafes (que publica como *CIL* II 300 e *CIL* II 292), ambas do lugar do Morelinho. Além disso, baseado em Gomes Barreto (1888), publica a inscrição completa como sendo proveniente de Janas, reconstituindo o gentílico da primeira linha como *Calpurnius* (*CIL* II 281). O reencontro deste monumento em Janas permitiu concluir, porém, não apenas que a reconstituição proposta do gentílico estava equivocada, como também que se tratava afinal do mesmo monumento proveniente do Morelinho já transcrito por Sottomayor. Assim, estas três referências reportam-se ao mesmo monumento, sendo a sua proveniência do Morelinho, embora tivesse sido transportado no séc. XVIII ou inícios do XIX para Janas.

Bibliografia: *CIL* II 281=300 + 292; *ILER* 5180=5198; Barreto, 1888, n.º 4; Jordão, 1859, p. 291, n.º 694; Sottomayor, 1675, fl. 11; Juromenha, 1838, p. 197-198.

Epígrafe:

[*M(arcus)*] *Iul̄ius M(arc̄i) [f(ilius)]*

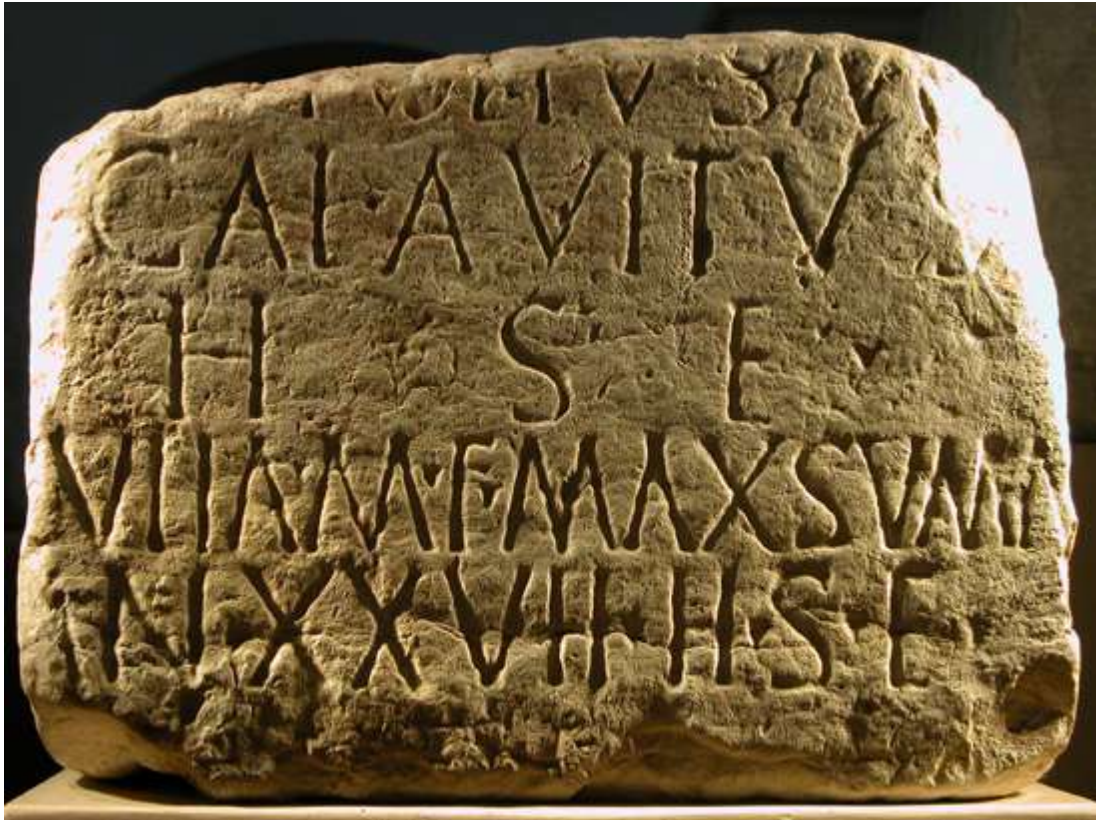
*Gal(eria tribu) · Auitus*

*h(ic) · s(itus) e(st) ·*

[*I*]ul̄ia · *M(arc̄i) · f(ília) · Maxsuma*

*5 an(norum) · XXVII · h(ic) · s(ita) · e(st) ·*

“*Marcus Iulius Auitus*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado. *Iulia Maxsuma*, filha de *Marcus*, de 27 anos de idade, está aqui sepultada.”



**2/071**

Localidade: Várzea.

Paradeiro: Desconhecido.

Descrição: Tratar-se-ia certamente de uma pequena *cupa*.

Medidas: Desconhecidas.

Observações: É razoavelmente seguro que o monumento n.º 14 de Barreto (1888) se tratasse de uma *cupa*, dada a nomenclatura utilizada e o desenho, dentro do contexto do artigo em que é publicado. Terá aparecido numa escavação feita em 1841 nos quintais do lavrador João Nicolau.

Curiosamente, a *cupa* 2/078 deste *corpus*, achada no Faião, foi publicada erradamente por Cardozo (1956, p. 79, n.º LXX) como sendo de um *Cominius Fundanus*, tendo lido, mais exactamente, *[C]om[inius] M(arci) f(ilius) Gal(eria tribu) / Funda[nus]*. Porém, a actual leitura da inscrição de 2/078 como pertencendo a um *Q(uintus) Atilius Fundanus* é muito segura, diríamos mesmo indubitável, apesar do mau estado de conservação da superfície epigrafada. Cardozo tomou o Q de *Q(uintus)* por um O e o AṬ de *Aṭiliuṣ* por um M, e isto sem estabelecer qualquer ligação com a inscrição do monumento n.º 14 de Barreto (1888), uma vez que diz explicitamente ser inédita a do Faião.

Apesar de mesmo as dimensões da *cupa* 2/078 serem compatíveis com a descrição desta feita por Barreto, a impossibilidade de que uma pedra que no séc. XVI estava no Faião pudesse ser encontrada numa escavação em 1841 nuns quintais da Várzea, regressando então para as vizinhanças do Faião, onde viria depois a ser identificada no séc. XX, impede que se possa propor uma identidade entre esta *cupa* desaparecida e a 2/078.

Bibliografia: *CIL* II 285; Barreto, 1888, n.º 14; Jordão, 1859, p. 259, n.º 606.

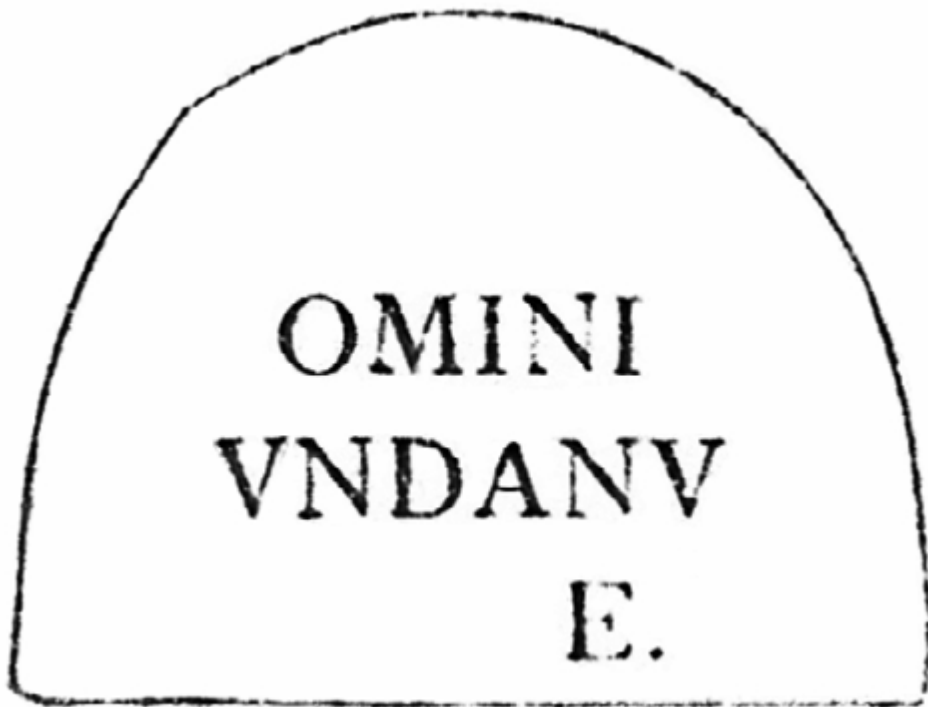
Epígrafe: De acordo com o desenho publicado, poderá ser reconstituída da seguinte forma.

*[- C]omini[us - - ]*

*[- - - F]undanu[s]*

*[h(ic) s(itus)] e(st)*

“... *Cominius Fundanus* ... está aqui sepultado.”



## TERRUGEM

(actualmente inserida na União das Freguesias de São João das Lampas e Terrugem)

**2/072**

Localidade: Almorquim.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência ALM/LR/55/1 (antigo número de inventário: LXIX).

Descrição: Pequena *cupa*. Apresenta na parte inferior das faces curtas encaixes em cauda-de-andorinha.

Medidas: 26 x 39 x 64; altura da moldura lateral: 10.

Altura das letras: l. 1 a 4: 3; l. 5 e 6: 2.

Proposta de datação: Final do séc. I / início do séc. II.

Observações: Doadá por Jaime Baleia. Servia para o fabrico de água de cal.

O epitáfio final foi certamente adicionado num momento posterior. Há lugar a releitura, uma vez que a idade tem sido até agora publicada como sendo 13 anos, mas o carácter que está gravado na pedra é um V e não um X.

Bibliografia: *HAE* 1224; Cardim Ribeiro, 1974/1977, p. 280-281; Cardim Ribeiro, 1982-1983, p. 350-352; Cardozo, 1956, n.º LXIX; Fontes e Almeida, 1979, n.º LXIX, p. 26, 38, 43.

Epígrafe:

*Iulia G(aii) · f(ília) ·*

*Procula · et ·*

*Licinia · L(ucii) · f(ília) · Tus-*

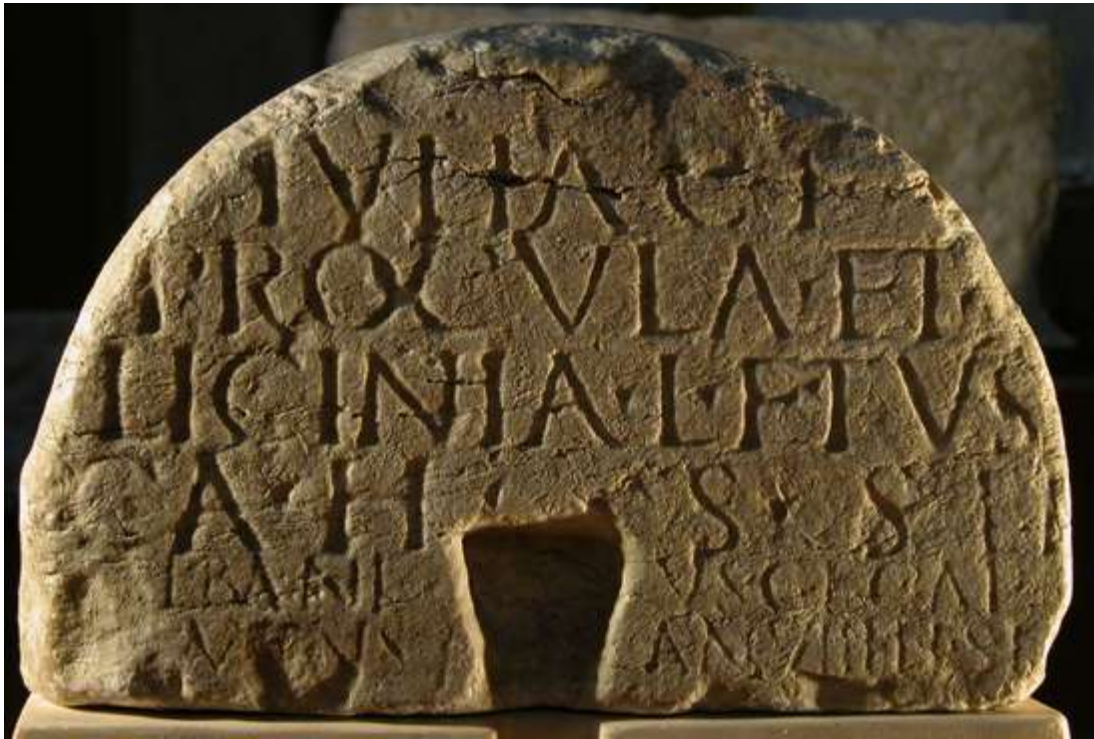
*ca · h(ic) · s(itae) · s(unt) et*

5 [- *Albanius · G(aii) · f(ilius) · Gal(eria tribu)*

*[-]uſcus an(norum) VIII · h(ic) · s(itus) · e(st)*

“*Iulia Procula*, filha de *Gaius*, e *Licinia Tusca*, filha de *Lucius*, estão aqui sepultadas, e (...) *Albanius Tuscus*, filho de *Gaius*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de 8 anos de idade, está aqui sepultado.”

Mais uma vez, há que pôr a hipótese de o *cognomen* da última linha ser *Fuscus*, hipótese muito menos provável.



**2/073**

Localidade: Almorquim.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência ALM/LR/55/2 (antigo número de inventário: LXXXII). Nas reservas.

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: (33) x 48 x (38); altura da moldura lateral: 11. A largura é dada com algumas reservas mas deve ser certamente muito próxima da original.

Observações: Encontrada a servir de bebedouro para galinhas na propriedade de Manuel Joaquim Branco. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1955.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º LXXXII, p. 22, 44.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/074**

Localidade: Armês.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência AR/LR/55/1 (antigo número de inventário: LXVI).

Descrição: *Cupa* com o topo truncado.

Medidas: (45) x 60 x 113; altura da moldura lateral: 13.

Altura das letras: 6,5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Proveniente de Armês (estaria à porta de um lavrador) segundo todos os autores antigos reunidos por Hübner (*CIL* II 273). Entretanto deslocada para a Terrugem, onde foi detectada em 1955, encontrando-se então reutilizada como pia de arrefecimento na oficina de um ferreiro.

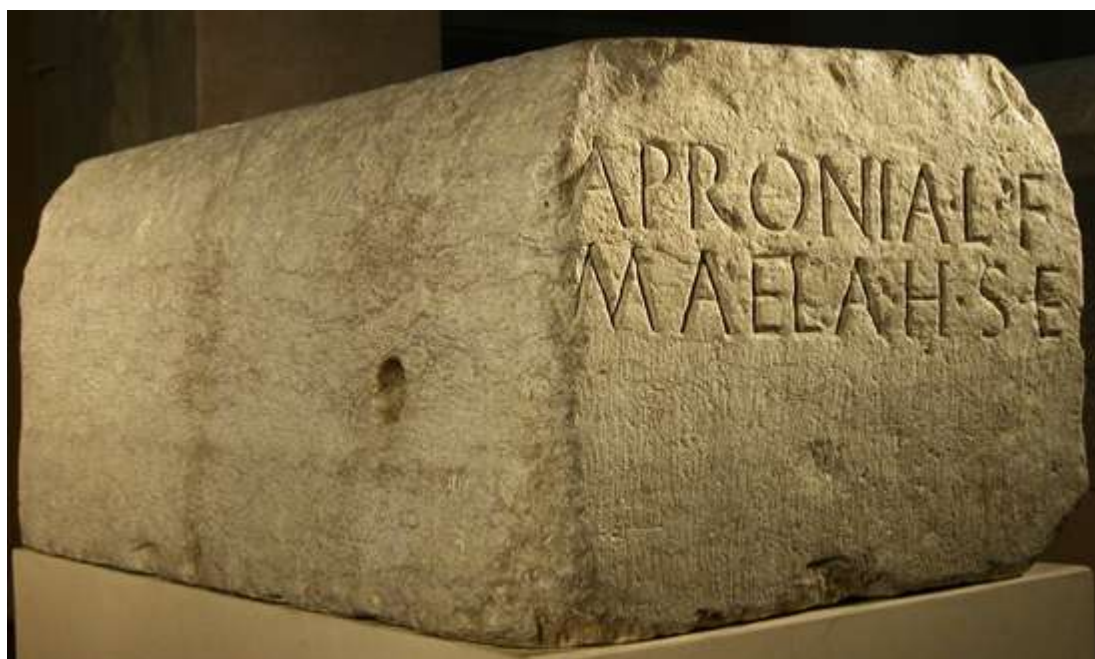
Bibliografia: *CIL* II 273; Cardim Ribeiro, 1982/83, n.º 3, p. 277-284; Cardozo, 1956, n.º LXVI; Fontes e Almeida, 1979, n.º LXVI p. 26, 37, 43; Jordão, 1859, p. 177, n.º 392; Sottomayor, 1675, f. 10 v; Juromenha, 1838, p. 197.

Epígrafe:

*Apronia · L(ucii) · f(ília)*

*Maela · h(íc) · s(íta) · e(st)*

“*Apronia Maela*, filha de *Lucius*, está aqui sepultada.”



**2/075**

Localidade: Armês.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência AR/LR/79/1 (antigo número de inventário: CLXI).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 54 x 70 x 98; altura da moldura lateral: 15.

Altura das letras: l. 1 e 2: 6; l. 3: 5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Observada em 16 de Novembro de 1978, no Fação de Além (freguesia de Montelavar), verificou-se tratar-se de um monumento já publicado por Rosa Capeans, que conta que a viu no Fação, a servir de manjedoura a um burro, mas que o proprietário, António Pedro Feliciano, pretendia uma avultada soma pela pedra. Para além da redescoberta do monólito, Cardim Ribeiro recolheu então um dado da maior importância quanto à sua correcta proveniência: o exemplar fora descoberto, nos finais do século passado, em Armês, enterrado junto a um poço numa propriedade sita na Terra do Pombal; só mais tarde, cerca de 1912, transitara para o Fação, tendo em vista a sua serventia para fins utilitários; anos depois, na sua função prática de manjedoura e/ou bebedouro, calhou em partilhas ao Sr. Feliciano filho, que acabou por levá-lo consigo até ao Fação de Além, onde Cardim Ribeiro ainda o examinou, invertido, usado como pia para água.

Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 4 de Abril de 1979.

Bibliografia: Capeans, 1956, p. 132; Cardim Ribeiro, 1982/83, n.º 4, p. 285-332; Fontes e Almeida, 1979, n.º CLXI, p. 40, 50.

Epígrafe:

*M(arcus) · Apronius · M(arci) · f(ilius)*  
*Gal(eria tribu) · Marcianus*  
*an(norum) · X · h(ic) · s(itus) · e(st)*

“*Marcus Apronius Marcianus*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de dez anos de idade, está aqui sepultado.”



**2/076**

Localidade: Cabrela.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência C/LR/89/1.

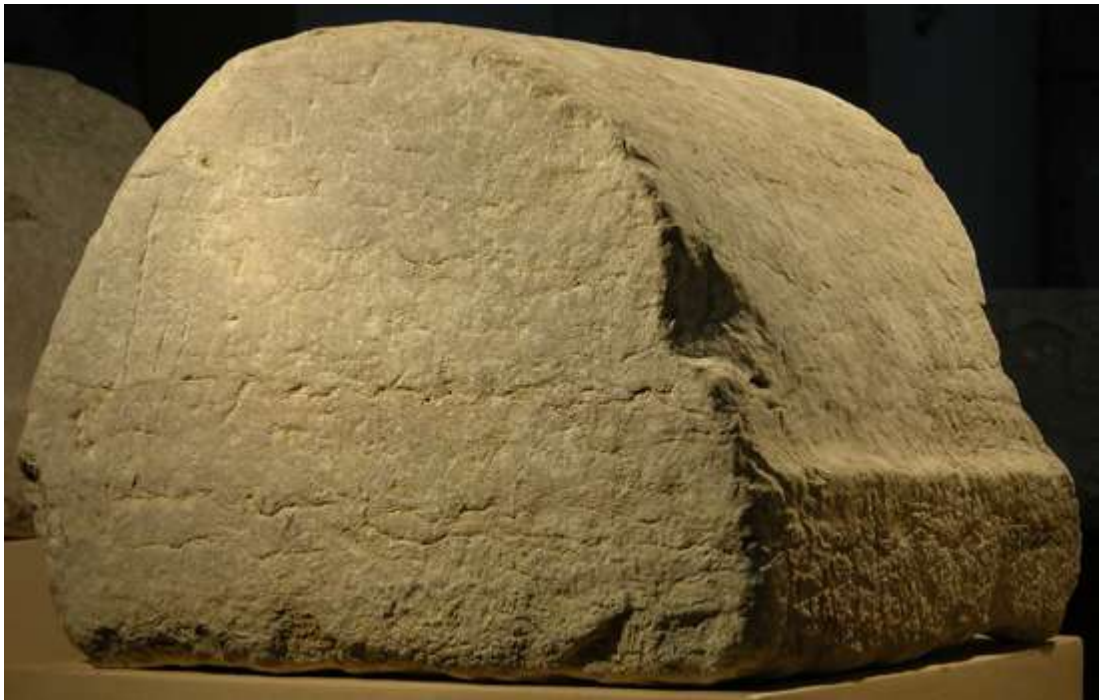
Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: 41 x 56 x (51); altura da moldura lateral: 13.

Observações: Antes da fractura, o interior tinha sido escavado para transformação da peça em pia. Estava abandonada no quintal de Porciano Baleia da Quinta. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1989. Muito provavelmente foi, em época incerta, transportada do Faião para Cabrela.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/077**

Localidade: Casal do Ulmeiro.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência CU/LR/02/1. Nas reservas.

Descrição: *Cupa* com o topo truncado. Tem o campo epigráfico muito desgastado e picado.

Medidas: (50) x (60) x 115; altura da moldura lateral: truncada, mas cerca de 10 cm. A largura é dada com reservas mas será próxima da original.

Altura das letras: 6,5.

Proposta de datação: Final do séc. I / início do séc. II.

Observações: Esta peça foi vista e registada no Casal do Ulmeiro em 1840 ou 1841, servindo de salgadeira de toucinho, pelo Padre António Gomes Barreto, prior de São Martinho de Sintra, tendo mais tarde desaparecido. Cerca de 2000 foi detetada em Alpolentim pelo arquitecto João Kadich, invertida, a servir de floreira, à porta de uma casa. Apurou-se que em tempos (finais do séc. XIX / inícios do séc. XX) uma mulher oriunda de Casal do Ulmeiro se tinha para aí mudado aquando do seu casamento, trazendo a salgadeira como peça de enxoval. A moderna proprietária, Emília Pires, cedeu a *cupa*, por venda, ao Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, onde deu entrada em 11 de Janeiro de 2002.

Bibliografia: *HEp* 2, 1990, n.º 821; Barreto, 1888, n.º 12; Cardim Ribeiro, 1982-1983, p. 402-424 e notas 95-105; Jordão, 1859, n.º 581; Sousa, 2016, p. 31-33.

Epígrafe:

*D(iis) M(anibus)*  
*M(arcus) Apron[ius]*  
*[M(arci) f(ilius)] Gâl(eria tribu) Nêrûa*  
*[a]nn(orum) +X?*  
 5 *[h(ic) s(itus) e(st)]*

“Aos deuses Manes. *Marcus Apronius Nerua*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de (?) anos de idade, está aqui sepultado.”

Notas: A filiação e a quinta linha constam no registo de Barreto. Terá de facto a quinta linha existido ou terá sido presumida? Parecem subsistir vestígios do S de *S(itus)*, no lado direito do campo epigráfico. A fórmula final poderia estar assim descen-trada em relação ao eixo de paginação.

A versão em nominativo baseia-se apenas na versão de Barreto, não podendo hoje ser confirmada na pedra. Seríamos hoje tentados a reconstituir:

*D(iis) M(anibus) / M(arci) Apron[ii] / [M(arci) f(ili)] Gâl(eria tribu) Nêrûa[e] / [a]nn(o-rum) +X?*

“Aos deuses Manes de *Marcus Apronius Nerua*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de (...) anos de idade.”



**2/078**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/55/4 (antigo número de inventário: LXX).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 42 x 52,5 x 88; altura da moldura lateral: 12.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Segundo André de Resende, no *Codex Valentinus*, no séc. XVI estava no Faião. Só mais tarde terá sido transportada para os Casais de Cabrela, onde serviu de bebedouro para o gado. Daqui, acabou por transitar em 1955 para o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

Veja-se, a respeito desta peça, as observações constantes na entrada 2/071 deste *corpus*.

Bibliografia: *CIL* II 274; *Codex Valentinus*, fl. 45v, 132v; Capeans, 1933, fl. 31; Cardozo, 1956, n.º LXX; Fontes e Almeida, 1979, n.º LXX, p. 26, 38, 43; Jordão, 1859, p. 270, n.º 635; Strada, 1575, p. 173, 2.

Epígrafe:

*Q(uintus) Atilius M(arci) f(ilius) Gał(eria tribu)  
Fundanũ[s h(ic) s(itus) e(st)]*

“*Quintus Atilius Fundanus*, filho de *Marcus*, (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado.”



**2/079**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/56/3 (antigo número de inventário: XCVII).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 48 x 49 x 89; altura da moldura lateral: 13.

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

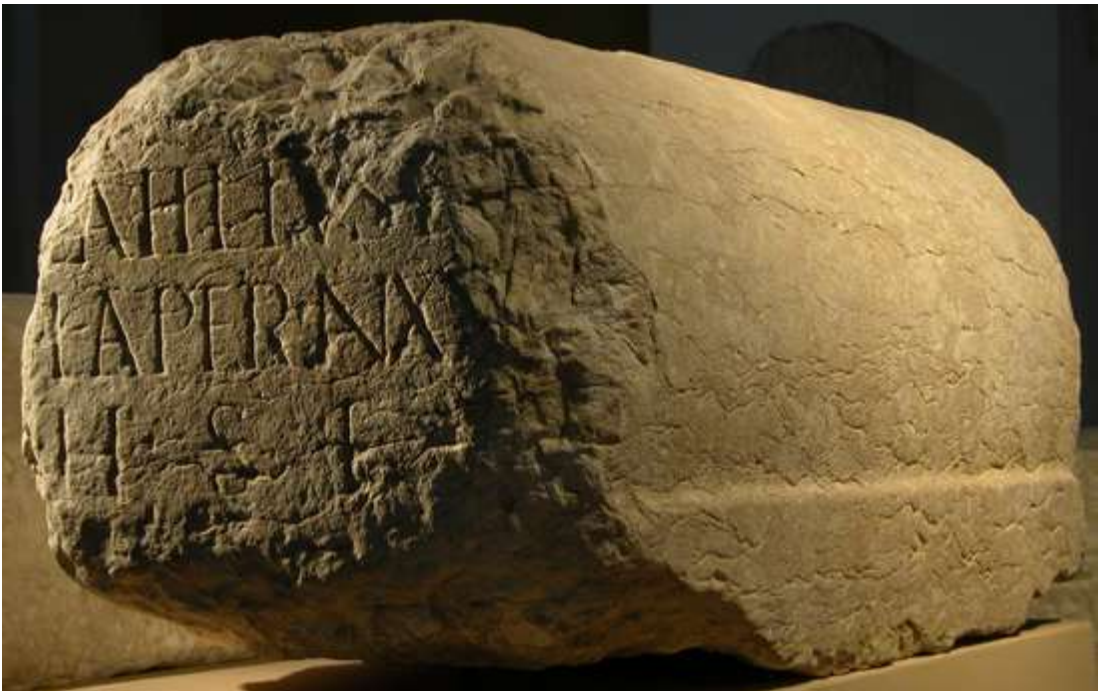
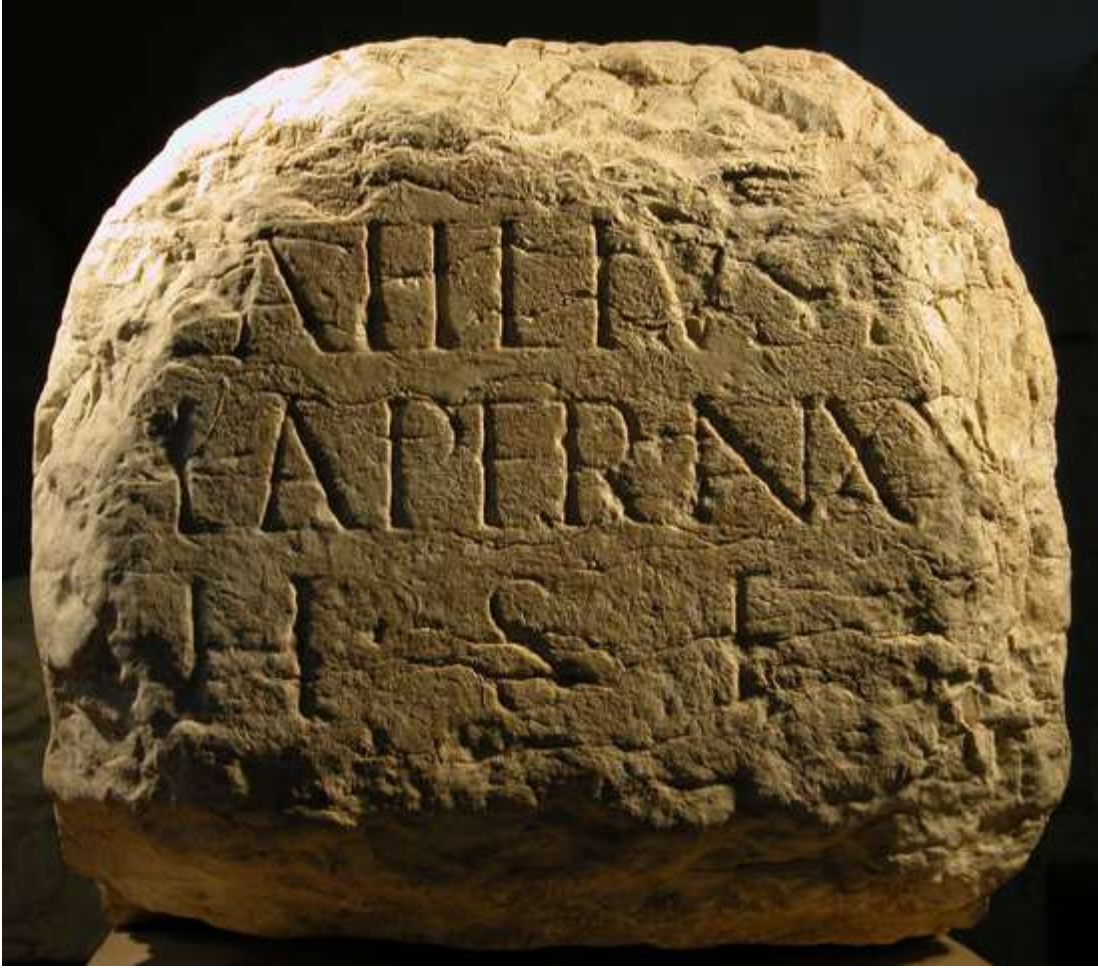
Observações: Encontrada numa parede da casa de Miguel Duarte Patrão. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em Junho de 1956.

Bibliografia: *HAE* 1619; Cardozo, 1958, n.º 7; Fontes e Almeida, 1979, n.º XCVII, p. 39, 45.

Epígrafe:

*L(ucius) · Atiliū L(ucii) [f(ilius)]*  
*[Ga]l(eria tribu) · Aper · ân(norum) XX[- -]*  
*h(ic) · s(itus) · e(st)*

“*Lucius Atilius Aper*, filho de *Lucius*, (inscrito na tribo) *Galeria*, de (...) anos de idade, está aqui sepultado.”



**2/080**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/56/4 (antigo número de inventário: XCVIII).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (39) x 45 x 89; altura da moldura lateral: truncada mas pelo menos 10 cm.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Encontrada na casa de Virgínia Maria. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em Junho de 1956.

O *praenomen* foi publicado como *P(ublius)* em Campos, 2012, p. 468, n.º 6, havendo agora lugar a releitura, uma vez que a luz rasante revela ser a curvatura da linha conservada demasiado aberta para ser compatível com um P. Cardozo (1958) pôs a hipótese de se tratar de *CIL* II 274, inscrição do Faião que cria desaparecida, transcrita *Q(uintus) Atilius M(arci) F(ilius) / Fundanus H(ic) S(itus) E(st)*. Não é tal, porém, pois ele próprio já havia publicado dois anos antes a *cupa* que realmente corresponde a *CIL* II 274, não tendo conseguido ler a epígrafe devido ao desgaste; trata-se de F/LR/55/4 do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (2/078 deste *corpus*).

Bibliografia: *HAE* 1621; Cardozo, 1958, n.º 9; Fontes e Almeida, 1979, n.º XCVIII, p. 39, 45.

Epígrafe:

*Q(uintus) Atili[u]s*

-----



**2/081**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/56/7 (antigo número de inventário: CIV). Nas reservas.

Descrição: Provável *cupa*, muito deteriorada. As suas dimensões e a preservação parcial da superfície plana inferior parecem indicar que se trata de facto de uma *cupa*.

Medidas: (29) x (32) x (70); altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Observações: Encontrado solto, no quintal de Miguel Duarte Patrão. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1956.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º CIV, p. 45.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa



**2/082**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/56/8 (antigo número de inventário: CVIII).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (43) x 50 x 103; altura da moldura lateral: truncada mas pelo menos 9,5 cm.

Altura das letras: 5,5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: Retirada da parede de uma arribana de Virgínia Maria. Foi reaproveitada como peso de lagar provavelmente ainda no Baixo Império.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º CVIII, p. 46.

Epígrafe:

*G(aius) Li[cini]u[s -]  
f(ilius) Ga[l(eria tribu) ...]du[s]  
h(ic) [s(itus)] e(st)*

“*Gaius Licinius (...)*du[s], filho de (...), (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado.”

Nota: No inventário inédito do Museu Arqueológico do Museu de Odrinhas, o *cognomen* foi lido como *Celsus* (e assim publicado em Campos, 2012, p. 469, n.º 22), o que tornava o texto da epígrafe quase idêntico ao de *CIL* II 304, igualmente uma *cupa*, igualmente proveniente do Faião (Silva) e igualmente em exposição neste Museu. No entanto, os vestígios da letra anterior ao V apontam para um D (menos provavelmente, um O) o que (após uma consulta a Solin e Salomies, 1988, p. 446-447) indicará estarmos perante um *cognomen* que poderá ser talvez *Fadus*, *Fidus* ou *Nudus*, com poucas possibilidades de ser um maior devido ao exíguo espaço disponível. A hipótese de o elemento GA(...) fazer parte de um *cognomen* que poderia ser *Caledus* ou *Callidus* é muito improvável não só devido à grande preponderância de menções à tribo *Galeria* nestes monumentos mas também porque o espaço disponível parece ser demasiado grande para uma tal proposta (além de que a primeira letra parece ser efectivamente um G e não um C).

A hipótese de um *cognomen* grego, por sua vez, que (segundo consulta a Solin, 1982, p. 1416-1417 e 1431) permitiria talvez *Idus*, *Indus*, *Lindus* ou *Lydus* (este último registado em *Augusta Emerita*, segundo *AALR*, p. 219), ou ainda *Heous*, é igualmente improvável uma vez que a onomástica grega está até agora ausente nestes monumentos.

Possivelmente a melhor hipótese de reconstituição será *Fidus*, que está verificada como *cognomen* na *Lusitania*, numa ocorrência em *Augusta Emerita* (*CIL* II 594).



**2/083**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/57/1 (antigo número de inventário: XCIV).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (62) x 67 x 128; altura da moldura lateral: truncada mas pelo menos 18 cm.

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Encontrada embutida numa parede da adega de Lino Simões Parcelas. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1957.

Bibliografia: *HAE* 1617; Cardozo, 1958, n.º 5; Fontes e Almeida, 1979, n.º XCIV, p. 38, 45.

Epígrafe:

*Licinia · L(ucii) · f(ília) · Bou-*  
*tia · ann(orum) · XX·V*  
*h(ic) · s(ita) · e(st)*

“*Licinia Boutia*, filha de *Lucius*, de 25 anos de idade, está aqui sepultada.”



**2/084**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/60/2 (antigo número de inventário: CXLIV).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 55 x 57 x 110; altura da moldura lateral: 19.

Observações: Encontrada durante a reconstrução de uma arribana pertencente a Avelino da Silva.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º CXLIV, p. 48.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/085**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/77/1 (antigo número de inventário: CLI).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (43) x 50 x 89; altura da moldura lateral: truncada mas pelo menos 14 cm.

Altura das letras: 4,5.

Proposta de datação: A epígrafe está demasiado mutilada para permitir qualquer proposta minimamente segura.

Observações: Identificada em 1975 por informação de Fernando Parcelas, do Faião, que disse saber da existência de uma *coluna* numa *regueira* que delimitava uma propriedade de Bonifácio Catarino, que a cedeu. Foi retirada nesse mesmo ano. Segundo informações recolhidas no local por Cardim Ribeiro, teria para ali sido arastada a partir dos Currais Velhos, pequena colina que ocupa o centro da aldeia e onde, segundo a tradição, se situaria o «cemitério dos Antigos». A leitura proposta da epígrafe é dada com as maiores reservas.

Bibliografia: Cardim Ribeiro, 1974/1977, p. 285-291, n.º 2; Fontes e Almeida, 1979, n.º CLI, p. 40, 49.

Epígrafe:

-----?  
 [---]IA[---]  
 [---]MA A?[---]  
 -----?

Reconstituição provável que consta nas referências da bibliografia:

[Iul]iā [. f(ilia) Ma]/[xu]mā a[nn(orum ...)] (?)

“Iulia (?) Maxuma (?) ...”



**2/086**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/77/4. Nas reservas.

Descrição: Pequena *cupa*.

Medidas: 25 x (35) x (44); altura da moldura lateral: 9.

Observações: Detectada por indicação de Fernando Parcelas em 1977, semi-enterrada no leito do velho caminho que une Faião ao desaparecido lugar de Alparrel. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em finais desse mesmo ano. Apesar do seu mau estado, notam-se vestígios da moldura de encaixe interior. Estamos perante a mais pequena *cupa* de que temos conhecimento em todo o *municipium Olisiponense*, sendo menor ainda que a *cupa* 2/072, de Almorquim, encontrada a pouco mais de um quilómetro de distância.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/087**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/80/16.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (64) x 66 x 127; altura da moldura lateral: truncada, mas pelo menos 20 cm. A altura é dada com reservas, mas deve ser muito próxima da original.

Observações: Deu entrada no Museu em meados de Maio de 1980, doada por José Azinhaga. Fora descoberta alguns meses antes na Terra dos Pedregais (situada entre Faião e Silva), onde permanecia embutida na parede interior de um velho poço, então remodelado.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/088**

Localidade: Faião (Silva).

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E – 7206) F/LR/97/6.

Descrição: *Cupa* fragmentada em três troços que se completam.

Medidas: 51 x 57 x 108; altura da moldura lateral: 12.

Altura das letras: 5,5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: Pertence às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, onde foi registada em 18 de Julho de 1932 (Livro de Registo de Entradas, fl. 114 v). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Setembro de 1997. Servia de tanque para lavar a roupa. Foi doada por Manuel Francisco da Silva em troca de outro tanque.

Bibliografia: *CIL* II 304; *ILER* 5178; *Codex Valentinus*, fl. 46, 131; Capeans, 1933, fl. 18-19; Capeans, 1943, p. 300; Strada, 1575, p. 172, 13.

Epígrafe:

*G(aius) Licinius L(ucii) · f(ilius)*  
*Gal(eria tribu) · Celsus ·*  
*h(ic) · s(itus) · e(st)*

“*Gaius Licinius Celsus*, filho de *Lucius*, (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado.”



**2/089**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E – 7205) F/LR/97/7.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (38) x 47 x (76); altura da moldura lateral: truncada, mas pelo menos 9 cm.

Observações: Pertence às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, onde foi registada em 18 de Julho de 1932 (Livro de Registo de Entradas, fl. 114 v). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Setembro de 1997. Foi doada por Luciano José em troca de outra pedra que cumprisse as mesmas funções: refere Rosa Capeans que este “baú marmóreo [...] meio enterrado no solo protegia a esquina da sua residência contra as rodas dos carros que ali passavam” (como sucedeu com as *cupae* de Carnide, 2/013 e 2/014 deste *corpus*). Tem num dos lados curtos uma cavidade quadrangular que se deverá certamente a uma reutilização relativamente recente.

Bibliografia: Capeans, 1933, fl. 16; Capeans, 1943, p. 299.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/090**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E – 7207) F/LR/97/8.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: (44) x 48 x 98; altura da moldura lateral: truncada mas aparentemente com cerca de 7 cm (ou mais). A altura da peça não será exactamente a original, havendo fracturas ao longo da base.

Observações: Pertence às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, onde foi registada em 18 de Julho de 1932 (Livro de Registo de Entradas, fl. 114 v). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Setembro de 1997. Foi doada por José da Galega, que a utilizava como bebedouro para o gado, em troca de outro bebedouro.

Bibliografia: Capeans 1933, fl. 16-17; Capeans, 1943, p. 299-300.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/091**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E – 7208) F/LR/97/9.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 44 x 47 x 90; altura da moldura lateral: 11.

Observações: Pertence às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, onde foi registada em 18 de Julho de 1932 (Livro de Registo de Entradas, fl. 115). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Setembro de 1997. Foi doada por Joaquina Cândida, moradora em Vila Verde. Estava na parte inferior esquerda da ombreira da porta de entrada do palheiro.

Bibliografia: Capeans, 1933, fl. 18; Capeans, 1943, p. 300.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/092**

Localidade: Funchal.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência FU/LR/55/1 (antigo número de inventário: LXVIII).

Descrição: *Cupa* (fragmento), com o topo truncado.

Medidas: (33) x (50) x (53); altura da moldura lateral: truncada mas com mais de 13 cm.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: Fazia parte de uma parede no povoado do Funchal.

Bibliografia: *HAE* 1223; Cardozo, 1956, n.º LXVIII; Fontes e Almeida, 1979, n.º LXVIII, p. 26, 28, 38, 43.

Epígrafe:

*Iulia C(aii) f(ilia) [Amo]-  
ena êt Iu[lia - f(ilia)]  
Mâtern[a h(ic) s(itae) s(unt)]*

“*Iulia Amoena*, filha de *Caius*, e *Iulia Materna*, (filha de ..., estão aqui sepultadas).”



**2/093**

Localidade: Funchal.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência FU/LR/55/2 (antigo número de inventário: LXXI).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 50 x 67 x 120; altura da moldura lateral: 21.

Altura das letras: 5.

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

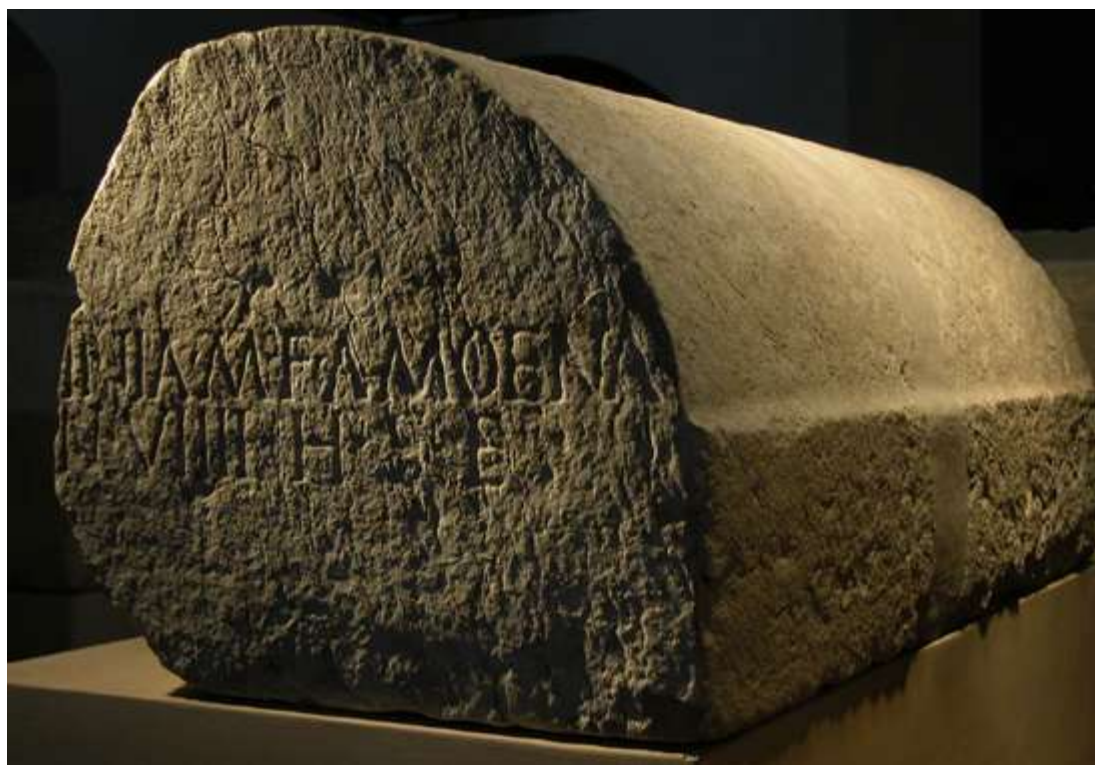
Observações: Fazia parte, partida ao meio, de uma parede de uma casa. Escreve Vergílio Correia em 1914 que estava no Funchal, sob uma parede de um palheiro.

Bibliografia: *HAE* 1226; *ILER* 2521; Cardozo, 1956, n.º LXXI; Correia, 1914, p. 201-202; Fontes e Almeida, 1979, n.º LXXI, p. 26, 38, 43.

Epígrafe:

[*Lic*]inia · *M(arci)* · *f(ilia)* · *Amoena*  
[*an*]n(orum) · *VIII* · *h(ic)* · *s(ita)* · *e(st)* ·

“*Licinia Amoena*, filha de *Marcus*, de nove anos de idade, está aqui sepultada.”



**2/094**

Localidade: Funchal.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência FU/LR/55/3 (antigo número de inventário: LXXIV).

Descrição: *Cupa*. Apresenta na parte inferior dos lados curtos encaixes em cauda-de-andorinha.

Medidas: (34) x 42 x 68; altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Observações: Estava metida numa parede.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º LXXIV, p. 44.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/095**

Localidade: Funchal.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência FU/LR/59/1 (antigo número de inventário: CXXIII).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 48 x 53 x 108; altura da moldura lateral: 12,5.

Altura das letras: 5,5.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Servia de pia na pocilga das casas de António José Filipe. Antes fora adaptada para peso de lagar. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 1959.

Bibliografia: *HAE* 2131; Cardozo, 1961, n.º 4; Fontes e Almeida, 1979, n.º CXXIII, p. 39, 47.

Epígrafe:

[ - ] *Vettius* · *C(aii)* [*f(ilius)*]  
 [ - - ]++[ - - *an(norum)*] *XV*[ - - ]  
 - - - - -

“(...) *Vettius* (...), filho de *Caius*, de (...) anos de idade, (...)”

Na segunda linha vislumbram-se como vestígios de dois caracteres um traço oblíquo, talvez final de um A ou M, e em seguida uma haste vertical.



**2/096**

Localidade: Funchal.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência FU/LR/78/1 (antigo número de inventário: CLVII). Nas reservas.

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: (43) x (52) x (40); altura da moldura lateral: truncada mas pelo menos 10 cm.

Observações: Detectada solta em Junho de 1977 nas terras de uma propriedade de José Duarte do Casal, que a cedeu. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 27 de Outubro de 1978.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º CLVII, p. 49.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/097**

Localidade: Funchal.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência (MNA/E-7214) FU/LR/97/1.

Descrição: *Cupa* (fragmento).

Medidas: (40) x (54) x (37); altura da moldura lateral: truncada, mas pelo menos 8 cm.

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Pertence às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, onde foi registada em 18 de Maio de 1933 (Livro do Registo de Entradas, fl. 115 v). Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, em regime de depósito, em 15 de Setembro de 1997. Doadada por António Vicente, do Funchal, em 1933. Estava na parede solta que circundava a sua propriedade, denominada «o Vale».

Bibliografia: Capeans, 1933, fl. 14; Capeans, 1940, p. 559-561.

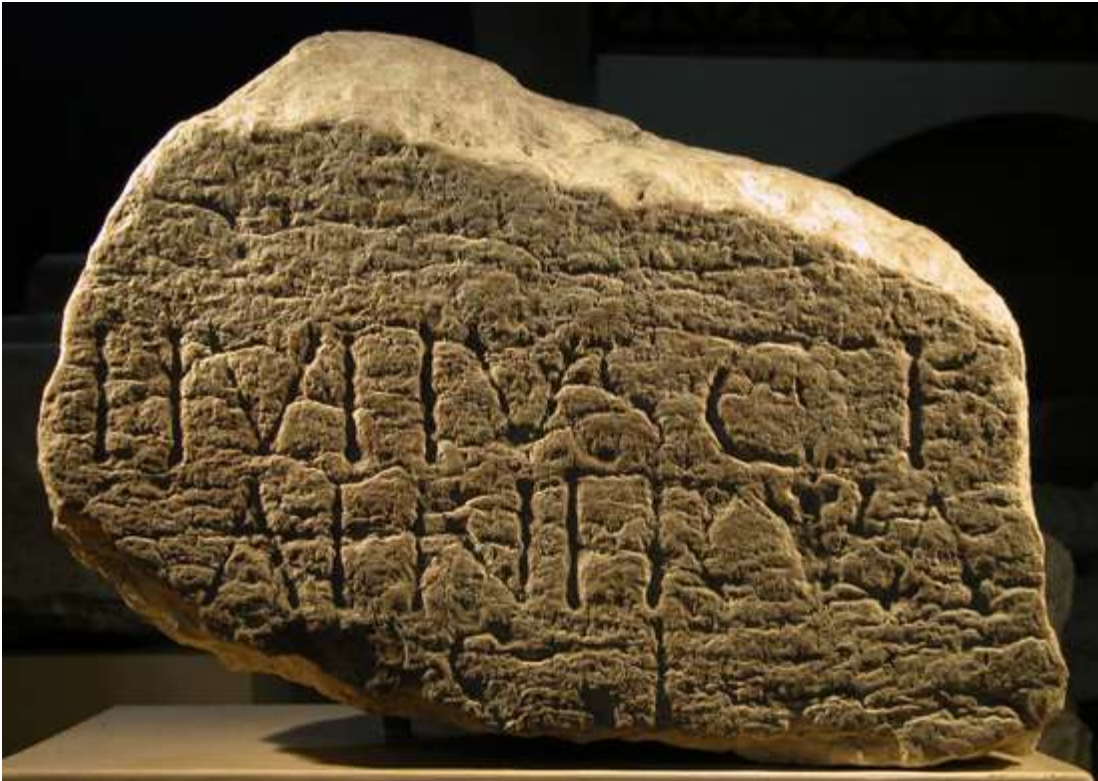
Epígrafe:

*L(ucius) Iulius C(aii) f(ilius)*

*Gal(eria tribu) Nerua*

*[h(ic)] s(itus) · e(st)*

“*Lucius Iulius Nerua*, filho de *Caius*, (inscrito na tribo) *Galeria*, está aqui sepultado.”



**2/098**

Localidade: Funchal.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência FU/LR/78/2 (antigo número de inventário: CLVIII). Nas reservas.

Descrição: *Cupa* (pequeno fragmento).

Medidas: (30) x (52) x (51); altura da moldura lateral: destruída, restando apenas vestígios.

Observações: Detectada em meados de Outubro de 1978, abandonada junto à porta principal das casas de Ludgero Vicente, que a cedeu. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 27 de Outubro de 1978.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º CLVIII, p. 49.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/099**

Localidade: Terrugem.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência T/LR/57/1 (antigo número de inventário: XCVI).

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 47,5 x 47,5 x 88; altura da moldura lateral: 15.

Observações: Veio do antigo Museu Municipal de Sintra, onde dera entrada em 25 de Julho de 1943, por doação de José Vicente dos Santos Carloto. Transitou para o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas apenas em 1957.

Bibliografia: Fontes e Almeida, 1979, n.º XCVI, p. 45.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/100**

Localidade: Terrugem.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência T/LR/82/1. Nas reservas.

Descrição: Parte superior de uma *cupa*.

Medidas: (30) x (49) x 91; altura da moldura lateral: destruída, sem vestígios.

Observações: Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em Julho de 1982. Estava incluída no banco do alpendre da igreja da Terrugem, à direita da porta principal.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: Actualmente anepígrafa.



**2/101**

Localidade: Terrugem.

Paradeiro: Desconhecido.

Descrição: Muito provável parte superior de uma *cupa*.

Medidas: A julgar pela escala junto ao monumento na fotografia que se conhece, não chegaria aos 50 cm de largura, e teria cerca de 25 cm de altura (estando a parte de baixo cortada); altura da moldura lateral: aparentemente destruída, sem vestígios.

Observações: Este monumento é conhecido apenas a partir de uma fotografia da década de 1980 arquivada no centro de documentação do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. O monumento surge num quintal ou pátio frente à porta de uma casa, juntamente com três pias de pedra. Uma escala está encostada ao monumento, apoiada no que parece ser um poste de electricidade. Nas costas da fotografia está escrito: “Terrugem (sector a W da estrada principal)”.

Bibliografia: Inédita

Epígrafe: Inverificável.



## TORRES VEDRAS

## CARVOEIRA

(actualmente inserida na União das Freguesias de Carvoeira e Carmões)

**2/102**

Localidade: Serra de S. Julião

Paradeiro: Segundo nota em *FE* 68, o seu paradeiro é desconhecido.

Descrição: Provável *cupa* (fragmento).

Medidas: (29,5) x (49) x (40)

Observações: Peça encontrada e fotografada no adro da capela de São Julião, onde terá havido uma necrópole romana e onde há notícia de diversas inscrições funerárias.

Bibliografia: *FE* 68, 2001, referência e foto em n.º 306; *HEp* 14, 2008, n. 449; Cardoso e Luna, 2005, n.º 9, p. 75.

Epígrafe: Epígrafe: Anepígrafa; poderá tratar-se porventura da face sem inscrição.



## MACEIRA

(actualmente inserida na União das Freguesias de A dos Cunhados e Maceira)

**2/103**

Localidade: Santa Cruz

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia, com o registo 2004.38.1. Nas reservas.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 52 x 60 x 118; altura da moldura lateral: 12.

Altura das letras: linhas 1 e 2: 6; linhas 3 e 4: 5.

Proposta de datação: Final do séc. I / início do séc. II.

Observações: Encontrava-se junto das casas do viticultor Manoel Francisco da Veiga, que a ofereceu em 1909 ao Museu Ethnologico Português, antecessor do actual Museu Nacional de Arqueologia. Terá sido encontrada nos alicerces da ermida de Santa Helena a seguir ao terramoto de 1755, quando esta se achava desmoronada e a cair no mar.

Bibliografia: Azevedo, 1907, p. 102; Cardim Ribeiro, 1982-1983, p. 360-361; Mantas, 1982, p. 10; Pereira, 1909.

Epígrafe:

*Caecilia · Q(uinti) · f(ilia)*

*Maxima aq(norum)*

*XXV h(ic) · s(ita) · e(st)*

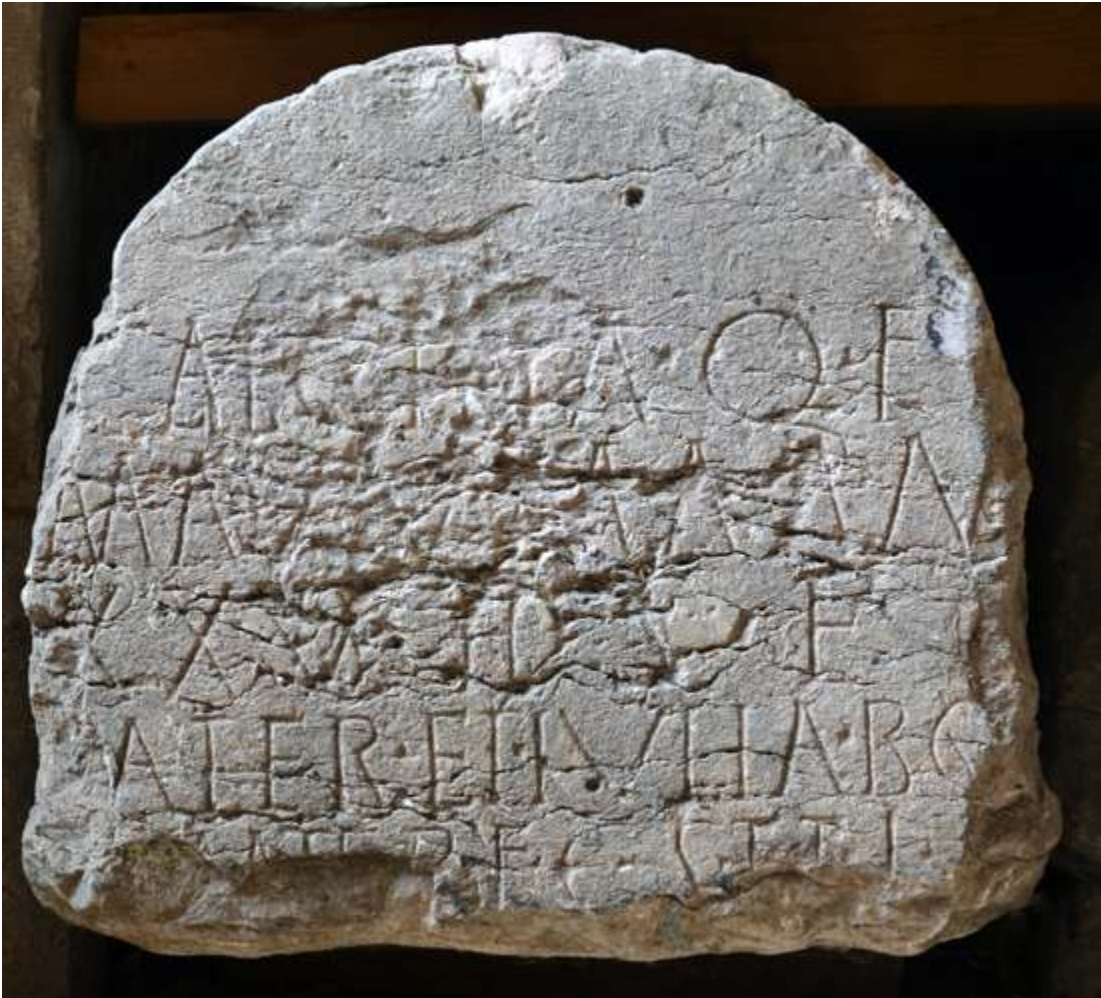
*[p]ater · et · Iulia · Bou-*

*5 [tia] m̄aṭeṛ f(aciendum) · ç(urauerunt) · ş(it) · t(ibi) · t(erra) · I(euis)*

“*Caecilia Maxima*, filha de *Quintus*, de 25 anos de idade, está aqui sepultada. O pai e *Iulia Boutia*, a mãe, mandaram fazer. Que a terra te seja leve.”

O V de *Bou[tia]* está contido no interior do O.

Nota: Pereira diz, baseando-se em Azevedo, que uma outra “tampa sepulcral” foi levada para o convento de Penafirme, mas não podemos ter certeza de que fosse uma *cupa*.



## SANTA MARIA

(actualmente inserida na Freguesia de Santa Maria, São Pedro e Matacães)

**2/104**

Localidade: São Gião

Paradeiro: Museu Municipal de Torres Vedras.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 40,5 x 43 x 88,5; altura da moldura lateral: (7)

Altura das letras: 4,7

Proposta de datação: Final do séc. I / início do séc. II.

Observações: Encontrada em 1931 perto da antiga ermida de São Gião, de onde há diversas notícias de uma necrópole romana.

Bibliografia: *AE*, 1982, 463; Cardoso e Luna, 2005, n.º 4, p. 68-69; Mantas, 1982, p. 10-17 e fotos 1 e 2; Mantas, 2018, p. 17-18.

Epígrafe:

*Iulia · L(ucii) · f(ília) · Amoe-  
na · an(norum) · XII · h(ic) · s(ita) · e(st)  
m(ater) · d(e) · s(uo) · f(ecit)*

“*Iulia Amoena*, filha de *Lucius*, de 12 anos de idade, está aqui sepultada. A mãe mandou fazer às suas custas.”



## VILA FRANCA DE XIRA

## ALVERCA DO RIBATEJO

(actualmente inserida na União das Freguesias de Alverca do Ribatejo e Sobralinho)

**2/105**

Localidade: Alverca do Ribatejo.

Paradeiro: Encontra-se em exposição no Núcleo Museológico do Mártir Santo, em Vila Franca de Xira.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 63 x 61 x (113). Moldura: 26.

Altura das letras: 6

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Este monumento foi encontrado na actual urbanização do Bom Sucesso, aquando da abertura dos caboucos de um edifício. Encontrava-se deslocado do primitivo contexto funerário e junto do que se pensa terem sido as ruínas/cemitério do Convento de São Romão.

O topo oposto ao que contém a epígrafe está partido. Vêm-se ainda, no entanto, restos de encaixes laterais resultantes de uma qualquer reutilização, decerto como peso de lagar, como algumas vezes acontece a monumentos destes. O gentílico parece apontar uma origem familiar do sul da Península Itálica (Alföldy, 1969, p. 57).

Bibliografia: *HEp* 7, 2001, 1187, p. 414; Camacho, Calais e Nunes, 1996; Pimenta e Mendes, 2007, p. 64.

Epígrafe:

*Alfia · L(ucii) · f(ilia)*

*Amoena · h(ic) · s(ita) · e(st)*

“*Alfia Amoena*, filha de *Lucius*, está aqui sepultada.”



## PROVENIÊNCIA DESCONHECIDA

**2/106**

Localidade: Desconhecida.

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia, com o registo 2004.84.1. Nas reservas.

Descrição: *Cupa*.

Medidas: 53 x 57 x 110. Moldura: Truncada mas pelo menos 9 cm.

Altura das letras: 6.

Proposta de datação: Meados do séc. I.

Observações: Está nas reservas do Museu, não havendo registo da sua proveniência.

Segundo comunicação pessoal de Cardim Ribeiro, é provável que se trate do monumento que vem referido no Livro de Entradas, fl. 108v., com o n.º 7100, em 1931, e cuja descrição, que dá uma localização incerta, parece demonstrar um lançamento tardio de uma peça anteriormente recolhida. Assim diz: “arciforme, com inscrição num dos topos – Colaride (?) ou Sintra (?), Estremadura de qualquer dos modos.”

Parece, portanto, muito provável que se trate de um monumento oriundo da região de Sintra.

Seria tentador equacionar, no âmbito do Museu Nacional de Arqueologia, uma peça existente de proveniência desconhecida com outra peça que deu entrada no Museu, mas cujo paradeiro é incerto e, assim, propor que se trate da *cupa* desaparecida do Casal de Santo Amaro (Sintra) (2/037), até levando em conta uma certa compatibilidade de dimensões. No entanto, embora o monumento actualmente existente no Museu Nacional de Arqueologia tenha a epígrafe em muito mau estado de conservação, não será fácil defender que possa ter sido classificado como anepígrafo por Félix Alves Pereira, como sucede com a *cupa* de Santo Amaro que este descreve, tendo em vista a abordagem meticulosa que devemos reconhecer a este investigador.

Bibliografia: Inédita.

Epígrafe: A epígrafe está em muito mau estado e uma hipotética reconstituição apresenta sérias dificuldades.

[ - - ] + + + [ - - ]  
 [ - - ] us Ca [ - - ]  
 [ - - ] mater [ - - ]  
 [ an ] nor(um) L I V h(ic)? [ s(it-) e(st) uel s(unt) ]

Na primeira linha visível parece restarem vestígios de um A ou um M, seguido de um R, e uma letra final demasiado afectada para ser identificada.



### SECÇÃO 3: BLOCOS INFERIORES

OEIRAS

CAXIAS

#### 3/001

Localidade: Laveiras.

Paradeiro: Museu Arqueológico do Carmo.

Descrição: Fragmento de bloco inferior de *cupa*, epigrafado.

Medidas: 41 x 49 x (55); *sepulcrum*: boca: 20 x (34): profundidade: 13.

Altura das letras: 7

Proposta de datação: Segunda metade do séc. I.

Observações: Encontrado em Agosto de 1917 por Félix Alves Pereira, à porta de uma habitação. Na notícia da sua descoberta, que posteriores publicações não referem, este identifica já o monumento como um bloco inferior de *cupa*. Está muito desgastado, com as arestas truncadas, e a inscrição parcialmente destruída. Apresenta no lado superior parte do *sepulcrum*, com o característico rebordo de encaixe. O facto de ter um epitáfio gravado leva a crer que este será uma adição posterior, aquando da inserção da urna cinerária de um outro defunto além do original. Note-se que diversas tampas de monumentos destes apresentam epitáfios posteriormente adicionados ao inicial (por exemplo, 2/026 ou 2/072), comprovando tal prática.

Podemos tecer algumas considerações quanto à epígrafe:

Na segunda linha, o primeiro carácter será um M ou, menos provavelmente, um A; a probabilidade de o carácter seguinte ser um I (e não um expectável F indicador de filiação) apontará para o genitivo de um gentilício, provavelmente terminado em *-mus* ou *-mius*. Atendendo à realidade local, *Postumius* poderia ser uma boa possibilidade, à partida compatível com a linha anterior, uma vez que, nesta, o carácter anterior a V será um I ou um T; todavia, teria de haver um espaçamento no final da mesma linha que será difícil explicar. Atendendo ao reduzido espaço disponível para o *cognomen*, este poderá talvez ser *Iustus*.

A haste horizontal do I de *Gal(eria tribu)* será neste caso particular inclinada e descendente. Na terceira linha, o nexa é presumido, uma vez que parece não se detectar a presença da haste horizontal do a.

O aparente genitivo poderá ser problemático, uma vez que, nas *cupae* líticas de *Olisipo*, só está presente nos casos raros (e tardios) em que o epitáfio é iniciado com a invocação aos deuses Manes (ver notas de 2/049 e 2/057) que, a existir, se esperaria ocupasse uma linha superior, para o que não existe espaço. Porém, na falta do campo epigráfico da tampa correspondente, e partindo do princípio de que este epitáfio possa ter sido acrescentado, não será isto obstáculo impeditivo desta hipotética reconstituição.

Bibliografia: Almeida e Moser, 1993, n.º I; Dias, 2005, p. 229, n.º 1212; Pereira, 1933, p. 106-107; Teixeira e Sousa, 1927-1928, p. 22, n.º 16.

Epígrafe:

[ - - ]+u[ - - ]

[ - - ]+i Gal(eria tribu) Iu[ - - ]

[a]nn(orum) XXXX[ - - ]?

“(…) (inscrito na tribo) *Galeria*, (...?) de (pelo menos quarenta) anos de idade (...?)”

Na primeira linha, antes do V encontra-se um traço vertical. Na segunda, resta da primeira letra visível um traço oblíquo, decerto final de A ou M.



## SINTRA

## ALMARGEM DO BISPO

(actualmente inserida na União das Freguesias de Almargem,  
Pêro Pinheiro e Montelavar)

**3/002**

Localidade: Casal da Granja de Santa Cruz.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência GSC/LR/98/5.

Descrição: Bloco inferior de *cupa* de calcário, com encaixe em cauda-de-andorinha.

Medidas: 47 x 49 x 87; *sepulcrum*: boca: 28 x 64 (parcialmente reconstituída); fundo: 22 x 60; profundidade: 14.

Observações: Detectado em Fevereiro de 1998, quando se procedia à procura de elementos romanos reutilizados nas velhas paredes do Casal. Estava no cunhal de uma velha dependência, sob uma chaminé. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 24 de Março de 1998, por doação da família Sousa Coutinho Empis, proprietária do Casal. Foi por certo o bloco inferior de uma *cupa*. A face inferior está apenas rudemente desbastada e, em torno do *sepulcrum*, parece não ter existido nenhuma moldura de travamento, o que se explica pela existência de um encaixe em cauda-de-andorinha num dos lados curtos (que decerto existiria também no outro, estando a peça incompleta nesse local). A localização do encaixe coincide, aliás, com a localização deste tipo de encaixe nas tampas, quando surge. É o caso de três tampas de Sintra, nomeadamente de Almorquim (2/072), do Funchal (2/094), e da Madre de Deus (2/067).

Bibliografia: Inédito.



### SÃO JOÃO DAS LAMPAS

(actualmente inserida na União das Freguesias de São João das Lampas e Terrugem)

#### 3/003

Localidade: Casal d'Além.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência CA/LR/97/1. Nas reservas.

Descrição: Possível fragmento de um bloco inferior de *cupa* de calcário.

Medidas: (29) x (48) x (44); *sepulcrum*: teria cerca de 15 de largura na base e a profundidade actual é de mais de 20, embora tal depressão possa corresponder a uma bacia posteriormente escavada e polida, houvesse originalmente *sepulcrum* ou não.

Observações: Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 5 de Maio de 1997, por oferta de Isaura Madeira, proprietária de uma antiga casa no Casal d'Além. Foi descoberto na demolição de uma arribana contígua à casa principal.

O facto de o bloco estar fracturado em cima e em baixo, bem como a dimensão observável do *sepulcrum* e a sua forma côncava, fazem com que, em bom rigor, se possa mesmo tratar de um fragmento de cipo prismático. Seja qual for a tipologia original, não é habitual no contexto funerário local que a superfície do *sepulcrum* esteja polida, como é o caso. A favor de se tratar de um bloco inferior de *cupa* está, todavia, o monumento 3/005 deste *corpus*, que, apesar de severamente fracturado, tinha sem dúvida moldura de encaixe ao redor do *sepulcrum*, bem como o interior deste côncavo e polido.

Bibliografia: Inédito.



**3/004**

Localidade: São Miguel de Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/LR/55/16 (antigo número de inventário: XXV). Nas reservas.

Descrição: Fragmento de um bloco inferior de *cupa* de calcário.

Medidas: 43 x 50 x (71); *sepulcrum*: boca: 23 x mais de 46; fundo: 22 x 45; profundidade: 13.

Observações: Tirado de uma parede da ermida.

Bibliografia: Cardim Ribeiro, 1974/1977, p. 280 e est. XII, fig. 1; Fontes e Almeida, 1979, n.º XXV, p. 15, 26, 42.



**3/005**

Localidade: São Miguel de Odrinhas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMO/LR/87/6. Nas reservas.

Descrição: Possível bloco inferior de *cupa* de calcário.

Medidas: (28) x 63 x mais de 80; *sepulcrum*: boca: 32 x mais de 45; fundo: 19 x mais de 40; profundidade: 16; largura do rebordo de encaixe: truncado, mas cerca de 6 cm.

Observações: Retirado em dois fragmentos, em 23 de Junho de 1987, do cunhal Noroeste da sacristia da ermida de São Miguel de Odrinhas. Deu nesse mesmo dia entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

Tem vestígios de uma moldura de encaixe ao redor do *sepulcrum*. A parte inferior da peça, sobretudo num dos fragmentos, apresenta encaixes inusitados, aparentemente antigos; mas serão originais?

Bibliografia: Inédito.



## SÃO MARTINHO

(actualmente inserida na União das Freguesias de Sintra)

### 3/006

Localidade: São Mamede de Janas.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência SMJ/LR/88/5. Nas reservas.

Descrição: Bloco inferior de *cupa* de calcário.

Medidas: 43 x 48 x (89); *sepulcrum*: fundo: 20 x 60; profundidade: 12.

Observações: Em vários fragmentos – hoje reunidos e colados –, estava incluso, como material de reaproveitamento, nas paredes da ermida de São Mamede de Janas, mais concretamente na parede entre o alpendre e a “casa dos mordomos”, e em zonas próximas. Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 17 de Novembro de 1988.

Bibliografia: Inédito.



## TERRUGEM

(actualmente inserida na União das Freguesias de São João das Lampas e Terrugem)

**3/007**

Localidade: Armês (ou arredores).

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência AR/LR/93/1.

Descrição: Bloco inferior de *cupa* de calcário.

Medidas: 47 x 46 x 91; *sepulcrum*: boca: 23 x 51; fundo: 15 x 46; profundidade: 16; largura do rebordo de encaixe: cerca de 4 ao longo do comprimento e cerca de 6 ao longo da largura.

Observações: Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em 16 de Setembro de 1993. Tem uma moldura de encaixe ao redor do *sepulcrum*.

Bibliografia: Inédito.



**3/008**

Localidade: Cabrela.

Paradeiro: Presumivelmente no Faião.

Descrição: Bloco inferior de *cupa* de calcário.

Medidas: Não pôde ser medido; terá no entanto dimensões médias dentro da tipologia.

Observações: Foi identificado por José Cardim Ribeiro em 1996 num quintal junto à estrada que une o Faião à Silva. A superfície superior do monumento foi alterada aquando da sua adaptação a salgadeira, tendo a moldura de encaixe sido destruída e o *sepulcrum* aprofundado. Foram ainda abertos orifícios para a preensão de uma tampa de madeira. Também não foi possível fotografá-lo por oposição de familiar do proprietário que adiantou, porém, que o monumento tinha vindo alguns anos antes de umas casas antigas na Cabrela.

Bibliografia: Inédito.

## SEM IMAGEM

Encontra-se numa casa particular a que não há acesso

**3/009**

Localidade: Faião.

Paradeiro: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com a referência F/LR/80/5. Nas reservas.

Descrição: Fragmento de um bloco inferior de *cupa* de calcário.

Medidas: 35 x 45 x (35); *sepulcrum*: fundo: 16 x ?; profundidade: 14; largura do rebordo de encaixe: cerca de 6 cm.

Observações: Deu entrada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas em Fevereiro de 1980. Permanecia abandonado junto à boca de um pequeno poço circular no interior da casa de Simões Gaspar. Tem uma moldura de encaixe ao redor do *sepulcrum*.

Bibliografia: Inédito.





---

## Bibliografía

---

**Siglas utilizadas no texto:**

*AALR* = *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana* – v. Navarro; Ramírez, 2003.

*AE* = *L'Année Épigraphique*. Paris.

*ArqC* = *Arquivo de Cascais*. Cascais.

*CIL II* = *Corpus Inscriptionum Latinarum II* – v. Hübner, 1869; Hübner, 1892.

*CIL VI* = *Corpus Inscriptionum Latinarum VI* – v. Bormann e Henzen, 1876; Bormann, Henzen e Huelsen, 1882; Huelsen, 1894.

*CIL VIII* = *Corpus Inscriptionum Latinarum VIII* – v. Cagnat e Schmidt, 1891; Schmidt, Cagnat e Dessau, 1904; Wilmanns, 1881.

*CIL X* = *Corpus Inscriptionum Latinarum X* – v. Mommsen, 1883.

*CIL XIII* = *Corpus Inscriptionum Latinarum XIII* – v. Hirschfeld, 1904.

*EO* = *Epigrafia de Olisipo* – v. Silva, 1944a.

*HAE* = *Hispania Antiqua Epigraphica*. Madrid.

*HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid.

*FE* = *Ficheiro Epigráfico*, suplemento da revista *Conimbriga*. Coimbra.

*IGUR* = *Inscriptiones Graecae Urbis Romae* – v. Moretti, 1968-1990.

*ILA* = *Inscriptions Latines de l'Algérie* – v. Gsell, 1922.

*ILER* = *Inscripciones Latinas de la España Romana* – v. Vives, 1971.

*IRB* = *Inscripciones Romanas de Barcelona* – v. Mariner, 1973.

*IRCP* = *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* – v. Encarnação, 1984.

*NEFAE* = *Nueva Epigrafía Funeraria de Augusta Emerita* – v. Hidalgo *et al.*, 2019.

- ABAD CASAL, L.; BENDALA GALÁN, M. (1985) – Los sepulcros turriformes de Da-  
imuz y Villajoyosa: dos monumentos romanos olvidados. *Lucentum*. 4, p. 147-  
184.
- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1984) – Los cognomina de parentesco en la Penínsu-  
la Ibérica. A propósito del influjo romanizador en la onomástica. *Lucentum*. 3,  
p. 219-259.
- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) – *Los nombres personales en las inscripciones la-  
tinas de Hispania*. Anejos de Antigüedad y Cristianismo, II. Murcia: Universidad  
de Murcia; Universidad Complutense de Madrid.
- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1995-2007) – La *Dea Domina Sancta Turibrigensis Ata-  
ecina* y las nuevas evidencias epigráficas de Alcuéscar (Cáceres). *Sintria*. III-  
-IV, p. 15-36.
- ABÁSULO, J. A. (1973) – Nuevas urnas «en forma de casa» procedentes de Poza  
de la Sal (Burgos). *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*.  
39, p. 434-443.
- Academia Real das Sciencias (1849) – *Actas das sessões da Academia Real das  
Sciencias de Lisboa*. Tomo I, n.º 6.
- ACQUARO, E.; FINZI, C. (1986) – *Tharros. Sardegna Archeologica. 5. Guide e itine-  
rari*. Sassari: Carlo Delfino editore.
- ADAM, J.-P. (1989) – *La construction romaine: matériaux et techniques*. Paris: Pi-  
card, 2ème édition.
- ALARCÃO, J. (1973) – *Portugal Romano*. Lisboa: Verbo.
- ALARCÃO, J. (1984) – Sobre um tipo de monumento sepulcral romano: as *mensae*.  
*Arqueologia*. 9, p. 90-94.
- ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal*. Vol II, Fasc. 2. Coimbra e Lisboa: Warmin-  
ster: Aris & Phillips Ltd.
- ALARCÃO, J. (1990) – O domínio Romano. In SERRÃO, J.; MARQUES, A., eds. –  
*Nova História de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Presença, p. 343-489.
- ALARCÃO, J. (1994) – Lisboa romana e visigótica. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa:  
Museu Nacional de Arqueologia, p. 58-63.
- ALARCÃO, J. (2002) – *Scallabis* e o seu território. In *De Scallabis a Santarém* (catálo-  
go). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 37-46.

- ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1964) – Nuevos antropónimos hispánicos. *Emerita*. Tomo 32, fasc. 2.º, p. 209-252.
- ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1983) – Onomastique personnelle indigène de la Péninsule Ibérique sous la domination romaine. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. II Principat, 29.2, p. 853-892.
- ALFÖLDY, G. (1969) – *Die Personennamen in der Römischen Provinz Dalmatia*. Heidelberg: Carl Winter.
- ALMEIDA, F.; PAIXÃO, J.; PAIXÃO, A. (1978) – Um tipo raro de sepultura romana (Tróia). *Actas das III jornadas Arqueológicas 1977*. Vol. 1, p. 321-335.
- ALMEIDA, J. M.; FERREIRA, F. B. (1965) – Varia Epigraphica. *Revista de Guimarães*. 75, p. 82-109.
- ALMEIDA, J. M.; FERREIRA, F. B. (1967) – Varia Epigraphica. *Revista de Guimarães*. 77, p. 47-70.
- ALMEIDA, J. M. (1984-1988) – Um exemplo invulgar de epitáfio lusitano-romano. *Arqueologia e História: In memoriam Prof. Doutor D. Fernando de Almeida*. Série X, Vol. III(I), p. 97-101.
- ALMEIDA, J. M.; MOSER, M. (1993) – *Inscrições Lusitano-romanas do Museu do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. [Corrige uma edição de 1990.]
- ALMEIDA, J. P. L. (2009) – *A necrópole Romana da Caldeira, Tróia de Setúbal: escavações de Manuel Heleno nas décadas de 40-60 do século XX*. Lisboa [tese de mestrado inédita]. [<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/362>]
- ALVAR EZQUERRA, A.; EDMONDSON, J.; RAMÍREZ SÁDABA, J. L.; HIDALGO MARTÍN, L. A. (2021) – *Si muero, no me olvides. Miradas sobre la sociedad de Augusta Emerita a través de la epigrafía funeraria* (Monografías Humanidades 86). Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, p. 262-265.
- ANĐELKOVIĆ, J. (2012) – Painted tombs from Viminacium and their presentation to the public. In CHOWANIEC, R.; WIĘCKOWSKI, W., eds. – *Archaeological Heritage: Methods of Education and Popularization*. BAR 2443. Oxford: Archaeopress, p. 1-6.
- ANDREU PINTADO, J.; JORDÁN LORENZO, Á.; NASARRE OTIN, E.; LASUÉN ALEGRE, M. (2008) – Cuatro *cupae* inéditas en territorio de Vascones. *Aquitania*. XXIV, p. 123-138.
- ANDREU PINTADO, J. (2008) – En torno a un conjunto poco conocido de *cupae* hispanas: las *cupae* del territorio de los Vascones antiguos. *Polis*. 20, p. 7-42.
- ANDREU PINTADO, J. (2011) – Los *marmora* de *Lusitania*: su uso como soporte epigráfico. *Marmora romanos en Hispania, Carranque*. Toledo, p. 297-312.
- ANDREU PINTADO, J. (2012) – Las *cupae* hispanas: certezas y oscuridades presentes, retos futuros. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 477-487.

- ANDREU PINTADO, J. (2018) – Una nueva *cupa solida* en el antiguo territorio vascón (Uncastillo, Zaragoza). In CASTILLO PASCUAL, M. J.; IGUÁCEL DE LA CRUZ, P., coord. – *Studia Historica in Honorem Prof. Urbano Espinosa Ruiz*. Logroño, Universidad de La Rioja, p. 59-70.
- Anonymus Neapolitanus* (c. 1513) (in ms. V E 18 da Biblioteca Nazionale di Napoli). Possível autoria de Dom Miguel da Silva (cfr. CARDIM RIBEIRO, 2016).
- AZEVEDO, J. (1982) – *Velharias de Sintra*. IV. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- AZEVEDO, P. (1907) – Miscellanea. *O Archeologo Português*, XII, p. 92-103.
- BACCHIELLI, L. (1986) – Monumenti funerari a forma di *cupula*: origine e diffusione in Italia meridionale. In MASTINO, A., ed. – *L’Africa Romana: Atti del III convegno di studio: Sassari, 13-15 dicembre 1985*. 3:3. Sassari; Edizioni Gallizzi, p. 302-319.
- BAENA DEL ALCÁZAR, L.; BELTRÁN FORTES, J. (2002) – *Las esculturas romanas de la provincia de Jaén (Corpus signorum imperii Romani 1:2)*. Murcia: Tabularium.
- BALIL, A. (1955-1957) – En torno a las relaciones de Cerdeña e Hispania en la época romana. Separata de *Studi Sardi*. XIV-XV.
- BALIL, A. (1984-1988) – Las *cupae* de Barcino – Contribución al estudio de un tipo de monumento funerario Romano. *Arqueologia e História*. X, I/II (I), p. 111-115.
- BARATTA, G. (2006) – Alcune osservazioni sulla genesi e la diffusione delle *cupae*. In AKERAZ, M.; RUGGERI, P.; SIRAJ, A.; VISMARA, C., eds. – *L’Africa romana. Mobilità delle persone e dei popoli, dinamiche migratorie, emigrazioni ed immigrazioni nelle province occidentali dell’Impero romano. Atti del XVI convegno di studio. Rabat, 15-19 dicembre 2004*. 16:3. Roma, p. 1669-1681.
- BARATTA, G. (2016) – I mercati: merci e culture. In SOARES, C.; FIALHO, M. do C.; FIGUEIRA, T., eds. – *Pólis/Cosmópolis: identidades globais e locais*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 237-252.
- BARATTA, G. (2017) – Commercio e identità culturale: el caso delle *cupae*. In VELA-ZA, J., ed. - *Insularity, identity and epigraphy in the Roman world*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, p. 93-110.
- BARRERA ANTÓN, J. L. (1989-1990) – Hallazgo de sepulturas de época romana en Mérida. *Anas*. 2/3, p. 229-248.
- BARRETO, A. G. (1888) – Antiquidades Romanas do Termo de Cintra. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Série II, tomo VI, p. 9-12, 26-29.
- BATLLE HUGUET, P. (1946) – *Epigrafía latina*. Barcelona: Publicaciones de la Escuela de Filología de Barcelona.
- BEJARANO OSORIO, A. (1996) – Sepulturas de incineración en la necrópolis oriental de Mérida: las variantes de *cupae* monolíticas. *Anas*. 9, p. 37-58.

- BEJARANO OSORIO, A.; PALMA GARCÍA, F. (1994-1995) – Excavación del Mausoleo de la “Casa del Anfiteatro”. *Mérida – Excavaciones Arqueológicas*. 1, p. 44-52.
- BEJARANO OSORIO, A.; PALMA GARCÍA, F. (1996-1997) – Breve noticia sobre la excavación de un mausoleo en Emerita Augusta. *Annals de l’Institut d’Estudis Gironins*. 37, p. 795-798.
- BELÉN, M.; GIL DE LOS REYES, S.; HERNÁNDEZ, G.; LINEROS, R.; PUYA, M. (1986) – Rituals funeraris a la Necròpolis romana de Carmona (Sevilla). *Cota Zero*. 2, p. 53-61.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J. (2007) – La via sepulchralis de la Plaza Vila de Madrid. Un ejemplo del ritual funerario durante el Alto Imperio en la necrópolis occidental de Barcino. Separata de *Quarhis*, II, 3, p. 6-57.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J.; RODÀ DE LLANZA, I. (2012) – Las *cupae* de la *Hispania Citerior*: reflexiones sobre su origen y sobre el caso de *Barcino*. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 77-110.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J.; BURJACHS I CASAS, F.; EXPÓSITO, I.; TRESSERAS, J.; MATAMALA, J. C. (2007) – Estudio del “jardín” funerario de la necrópolis de la Plaza Vila de Madrid a partir de las investigaciones arqueobotánicas, Separata de *Quarhis*, II, 3, p. 95-106.
- BELTRÁN FORTES, J. (2000) – Mausoleos romanos de Torreparedones (Castro del Río / Baena, Córdoba): Sobre la “Tumba de los Pompeyos” y otro posible sepulcro monumental. *Habis*. 31, p. 113-136.
- BELTRÁN FORTES, J. (2004) – *Monvmenta* sepulcrales en forma de altar con pulvinos de los territorios hispanorromanos: revisión de materiales y estado de la cuestión. *Archivo Español de Archeología*. 77, p. 101-141.
- BELTRÁN FORTES, J. (2010) – Estudio arqueológico de “la tumba de los Pompeyos”. In BELTRÁN FORTES, J.; MAIER ALLENDE, J.; MIRANDA VALDÉS, J.; MORENA LÓPEZ, J. A.; RODRÍGUEZ OLIVA, P. – *El mausoleo de los Pompeyos de Torreparedones (Baena. Córdoba): análisis historiográfico y arqueológico*. Baena: Ayuntamiento de Baena, p. 75-140.
- BELTRÁN LLORIS, F.; JORDÁN LORENZO, Á.; ANDREU PINTADO, J. (2012) – Las *cupae* de las Cinco Villas (Zaragoza). In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 137-172.
- BEN ABED, A.; GRIESHEIMER, M. (2001) – Fouilles de la nécropole romaine de Pupput (Tunisie). *Comptes-rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. 145e année, n. 1. p. 553-592.
- BEN ABED, A.; GRIESHEIMER, M., coord. (2004) – *La nécropole romaine de Pupput*. Roma: École Française de Rome.

- BERCIU, I.; WOLSKI, W. (1970) – Un nouveau type de tombe mis au jour à Apulum et le problème des sarcophages à voûte de l'empire Romain. *Latomus*. XXIX, fasc. 4, p. 919-965.
- BERCIU, I.; WOLSKI, W. (1973) – Contribution au problème des tombes romaines à dispositif pour les libations funéraires. *Latomus*. XXXII, 2, p. 370-379.
- BESSAC, J.-C. (1999) – Pierres de taille: archéologie et technique. In BESSAC, J.-C.; BURNOUF, J.; JOURNOT, F.; PRIGENT, D.; SAPIN, C.; SEIGNE, J. – *La construction en pierre*. Paris: Editions Errance, p. 9-52.
- BINSFELD, A. (2011) – Auf den Spuren der Sklaven im römischen Trier. *Funde und Ausgrabungen im Bezirk Trier*. 43, p. 7-22.
- BINSFELD, W.; FAUST, S.; FREY, M.; GILLES, K.-J.; LÖHR, H.; NEYSES, M.; NORTMANN, H.; SEEWALDT, P. (1993) – Jahresbericht des Landesamtes für Denkmalpflege, Abteilung Archäologische Denkmalpflege, Amt Trier, für den Regierungsbezirk Trier und den Kreis Birkenfeld 1991. *Trierer Zeitschrift*. 56, p. 293-326.
- BLANCO FREIJEIRO, A. (1983) – Nuevas inscripciones latinas de Mérida. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. 180:2, p. 235-243.
- BONELLO LAI, M. (1984) – Il simbolo dell'ascia nelle iscrizioni funerarie latine della Sardegna. *Nuovo Bullettino Archeologico Sardo*. 1, p. 201-227.
- BONNAUD, C. (2008) – Sculptures zoomorphes de Vetonnie: un bilan historiographique. *Conimbriga*. XLVII, p. 5-29.
- BONNEVILLE, J.-N. (1981) – Les *cupae* de Barcelone: les origines du type monumental. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. XVII, p. 5-38.
- BONNEVILLE, J.-N. (1982) – Remarques sur l'indication de l'*origo* par la tribu et le toponyme après *des tria nomina* sans filiation. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. 18-1, p. 5-32.
- BORMANN, E.; HENZEN, G. (1876) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. VI: Inscriptiones Urbis Romae Latinae: pars I - Inscriptiones sacrae. Augustorum, magistratuum, sacerdotum. Latercula et tituli militum*. Berolini: apud Georgium Reimerum.
- BORMANN, E.; HENZEN, G.; HUELSEN, C. (1882) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. VI: Inscriptiones Urbis Romae Latinae: pars II - Monumenta cumba-rorum. Tituli officialium et artificium. Tituli sepulcrales reliqui: A-Claudius*. Berolini: apud Georgium Reimerum.
- BRAVO BOSCH, M. J. (2008) – *El largo camino de los hispani hacia la ciudadanía*. Madrid: Dykinson.
- BRUN, J.-P.; MUNZI, P. (2009) – La necropoli monumentale di età romana a nord della città di Cuma. *Cuma* 2009, p. 645-725.

- BUONOPANE, A. (2006-2007) – Le iscrizioni romane di *Grumentum*: rivisitazioni e novità da scavi e studi recenti. In *Atti della Pontificia Accademia Romana di Archeologia*. 79, p. 315-342.
- BUONOPANE, A. (2017) – Due cupae con tabella centrale a forma di stele da Grumentum (Italia, regio III). *Sylloge Epigraphica Barcinonensis (SEBarc)* XV, p. 215-220.
- BUSTAMANTE, M.; OLMEDO, A. (2012) – De las *cupae* emeritenses: nuevos datos estratigráficos. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 369-392.
- CABALLOS RUFINO, A. (1994) – *Varia funeraria Italicense*. *Habis*. 25, p. 225-245.
- CABALLOS RUFINO, A. (2006) – Implantación territorial, desarrollo y promoción de las elites de la Bética. In CABALLOS RUFINO, A.; DEMOUGIN, S., eds. – *Migrare. La Formation des Élités dans l’Hispanie Romaine*. Bordeaux: Diffusion de Boccard, p. 241-271.
- CABALLOS RUFINO, A. (2012) – *Cupae italicenses*. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 271-299.
- CABROL, F.; LECLERCQ, H., eds. (1948) – *Dictionnaire d’Archéologie Chrétienne et de Liturgie*. Tome troisième, deuxième partie. Paris: Letouzey et Ané.
- CADIOU, F.; NAVARRO CABALLERO, M. (2010) – Les origines d’une présence italienne en Lusitanie. In GORGES, J.-G.; NOGALES BASARRATE, T., eds. – *Naissance de la Lusitanie Romaine (Ier av. - Ier ap. J. C.): VIIe Table Ronde Internationale sur la Lusitanie Romaine = Origen de la Lusitania Romana (siglos I a.C.- I d.C.): VII Mesa Redonda Internacional sobre la Lusitania Romana*. Toulouse – Mérida, p. 253-292.
- CAESSA, A.; ENCARNAÇÃO, J. d’ (2012) – Epigrafia de Olisipo – 66 anos depois!. In DONATI, A.; POMA, G., ed. lit. – *L’Officina Epigrafica Romana: In ricordo di Giancarlo Susini [Atti del Convegno di Bertinoro, 16-18.09.2010]*. Faenza: Fratelli Lega Editori, p. 473-490.
- CAETANO, J. C. (2002) – Necrópoles e ritos funerários no ocidente da Lusitania Romana. In VAQUERIZO, D., ed. – *Espacios y usos funerarios en el Occidente Romano*. Vol. I, Córdoba, p. 314-334.
- CAGNAT, R.; SCHMIDT, J. (1891) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. VIII: Inscriptiones Africae latinae: Supplementi pars I - Inscriptiones Africae proconsularis*. Berolini: apud Georgium Reimerum.
- CALDERA DE CASTRO, M. (1978) – Una sepultura de “cupa” hallada en Mérida (consideraciones acerca de estos monumentos funerarios). *Habis*. 9, p. 455-463.
- CALZA, G. (1940) – *La Necropoli del Porto di Roma nell’Isola Sacra*. Roma: La Libreria dello Stato.

- CAMACHO, C.; CALAIS, C.; NUNES, G. (1996) – A presença romana no concelho de Vila Franca de Xira: investigar, divulgar e animar. In FILIPE, G.; RAPOSO, J., coord., *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado* (actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado). Lisboa, p. 179-191.
- CAMPOS, R. (2012) – As *cupae* do *ager Olisiponensis*. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 449-474.
- CAMPOS, R. (2018) – *Ilurbeda*: a ara do Faião (Sintra, Portugal). *Palaeohispanica* 18, p. 25-40.
- CAMPOS, R. (2019) – A diversidade dos monumentos funerários no *ager Olisiponensis*. In CAESSA, A.; CAMPOS, R., coord. – *Lisboa Romana; Felicitas Iulia Olisipo*. Vol. 1: *Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópico, p. 99-117.
- CANTO, A. M. (1991) – Noticias arqueológicas y epigráficas de la Beturia céltica. *CuPAUAM*. 18, p. 275-298.
- CANTO, A. M. (1997) – *Epigrafía Romana de la Beturia Céltica (E.R.B.C.)*. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.
- CAPEANS, R. (1933) – *Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Relatório da Preparadora Rosa Carvalhais y Capeans*. [Ms. conservado na biblioteca do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com o n.º MGR00148. Cota RES/HAA/PI/Cap]
- CAPEANS, R. (1935) – Uma novidade no onomástico greco-latino. *Ethnos*. Vol. I, p. 271-274.
- CAPEANS, R. (1938) – Duas campas lusitano-romanas de Caparide (Cascais). *O Arqueólogo Português*. XXX, p. 210-216.
- CAPEANS, R. (1940) – Antigualhas lusitano-romanas. *Congresso do Mundo Português*, vol. I: *Memórias e Comunicações Apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História de Portugal*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários – Secção de Congressos, p. 547-562.
- CAPEANS, R. (1943) – Antiquidades de Faião, Silva e Cabrela (Sintra). *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências: Quarto Congresso*. Tomo VIII, 7.<sup>a</sup> Secção – Ciências Históricas e Filológicas. Porto: Imprensa Portuguesa, p. 288-303.
- CAPEANS, R. (1956) – Lápides de Fação. *O Arqueólogo Português*. Sér. II, vol. III, p. 129-133.
- CARDIM RIBEIRO, J. (1974-1977) – Três novos monumentos epigráficos da época romana pertencentes à Zona Oeste do Município Olisiponense. *O Arqueólogo Português*. Sér. III, vol. VII-IX, p. 277-329.
- CARDIM RIBEIRO, J. (1982-1983) – Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus*. *Sintria*. I-II, p. 151-476.

- CARDIM RIBEIRO, J. (1990) – Romanização e Romanidade na “Zona W” do Município Olisiponense (continuação IX). *Jornal de Sintra*, n.º 2852, 5 de Janeiro.
- CARDIM RIBEIRO, J. (1994) – *Felicitas Iulia Olisipo*: algumas considerações em torno do catálogo *Lisboa Subterrânea. Al-Madan*. II série, n.º 3, p. 75-95.
- CARDIM RIBEIRO, J. (2000) – Análise de uma epígrafe dos *agri olisiponenses* à luz do epigrama LXXXIV de Catulo. In GORGES, J.-G.; NOGALES BASARRATE, T., eds. – *Sociedad y Cultura en Lusitania romana: IV Mesa Redonda Internacional*. Mérida: Junta de Extremadura, p. 361-378.
- CARDIM RIBEIRO, J., ed. (2002) – *Religiões da Lusitânia* – Loquuntur Saxa. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- CARDIM RIBEIRO, J. (2009) – ¿Terão certos teónimos paleohispânicos sido alvo de interpretações (pseudo-) etimológicas durante a Romanidade passíveis de se reflectirem nos respectivos cultos? *Palaeohispanica IX (Acta Palaeohispanica X)*, p. 247-270.
- CARDIM RIBEIRO, J. (2012) – A re-interpretação de monumentos epigráficos em contextos secundários e as inscrições de Sintra (Portugal): o polissémico caso da grande tábula dos *Aelii* (*CIL* II 267) [Parte 2]. *Veleia*. 29, p. 279-303.
- CARDIM RIBEIRO, J. (2013) – Ptolomeu, *Geogr.* II 5, 6: XPHTINA ou \*APHTINA? In PIMENTEL, M. C.; ALBERTO P. F., eds. – *Vir bonus peritissimus aequae: Estudos de homenagem a Arnaldo Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, p. 343-379.
- CARDIM RIBEIRO, J. (2016) – *Ad Antiquitates Vestigandas*. Destinos e itinerários antiquaristas nos campos olisiponenses ocidentais desde inícios a meados do século XVI. In GONZÁLEZ GERMAIN, G., coord. – *Peregrinationes ad inscriptiones colligendas. Estudios sobre epigrafía de tradición manuscrita*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, p. 135-249.
- CARDOSO, G. (1991) – *Carta arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Cascais. *Arquivo de Cascais*. 5, p. 23-30.
- CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. d'; LUNA, I. (2001) – Inscrição funerária da Serra de S. Julião (*Conventus Scallabitanus*). *Ficheiro Epigráfico*. 68, n.º 306.
- CARDOSO, G.; LUNA, I. (2005) – Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras. In *A Presença Romana na Região Oeste. Actas do Congresso*. Bombarral, p. 65-82.
- CARDOSO, G.; GONZALEZ, A. (2008) – Duas cupas romanas em Carnide (Lisboa). *Al-Madan*. II, 16, p. 6.
- CARDOZO, M. (1956) – *Catálogo das Inscrições Lapidares do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.

- CARDOZO, M. (1958) – Novas inscrições romanas do Museu Arqueológico de Odrinhas (Sintra). *Revista de Guimarães*. LXVIII, p. 355-376.
- CARDOZO, M. (1961) – Novas inscrições lusitano-romanas do Museu de São Miguel de Odrinhas (Sintra). *Revista de Guimarães*. LXXI, p. 265-286.
- CHAUSA SÁEZ, A. (1997) – *Veteranos en el África romana*. Barcelona: Universitat de Barcelona
- CHAVES, L. (1914) – Aquisições do Museu Etnológico Português em 1913. *O Archeologo Português*. XIX, p. 367-371.
- Codex Valentinus*. Códice que reúne manuscritos epigráficos dos séculos XVI e XVII, conservado na Biblioteca Nacional de Madrid (ms. 3610). Os respectivos registos de inscrições dos arredores de *Olisipo*, patentes em originais atribuíveis a Honorato Juan e a Jerónimo Zurita, explicitam a sua dependência directa de André de Resende (cfr. GIMENO, 1997; CARDIM RIBEIRO, 2016).
- COELHO, C. (2002) – Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no sítio arqueológico de Colaride. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 5, n.º 2, p. 277-323.
- COELHO, C. (2008) – Colaride: a Roman quarry at the *Municipium Olisiponensis*. In NOGALES BASARRATE, T.; BELTRÁN FORTES, J., eds. – *Marmora Hispana: Explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana*. Roma: «L'Erma» di Bretschneider, p. 523-543.
- CORDA, A. M. (1990-1991) – Osservazioni sui monumenti epigrafici funerari pagani della Cagliari romana (I). *Studi Sardi*. XXIX, p. 311-330.
- CORELL VICENT, J. (1988) – El epitafio poetico de L. Iulius Aptus (Mértola, Portugal). *Conimbriga*. XXVII, p. 141-151.
- CORREIA, V. (1914) – No concelho de Sintra. Escavações e excursões. *O Archeologo Português*. XIX, p. 200-216.
- CORREIA, V. (1924) – *Monumentos e esculturas (Séculos III-XVI)*. Lisboa: Livraria Ferin, Editora. 2.ª edição.
- CORREIA, V. (1972) – *Obras*. IV: *Estudos arqueológicos*. Coimbra.
- COSSU, A. M. (1994) – Iscrizioni di età romana dal Barigadu. In MASTINO, A.; RUGGERI, P. ed. – *L'Africa Romana: Atti del X convegno di studio: Oristano, 11-13 dicembre 1992*. 10:2. Sassari: Editrici Archivio Fotografico Sardo, p. 973-1011.
- COUCHOUD, P.-L.; AUDIN, A. (1952) – *Requiem aeternam...* L'ascia, instrument et symbole de l'inhumation. *Revue de l'histoire des religions*. Tome 142, n.º 1, p. 36-66.
- DAREMBERG, C.; SAGLIO, E., eds. (1969) – *Dictionnaire des Antiquités Grécques et Romaines*. Graz: Akademische Druck – u. Verlagsanstalt, 2.ª edição.

- DE LUCIA BROLLI, M.; TABOLLI, J. (2012) – Dimore litiche per i defunti di Narce: custodie, sarcofagi e letti funebri tra vecchi e nuovi scavi. *Officina Etruscologia*. 7: Mode e modelli, p. 9-76.
- DELICADO, A. (2011) – *Contributo para a caracterização do mundo rural olisiponense* [tese de mestrado inédita]. [[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3855/1/ulfl096138\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3855/1/ulfl096138_tm.pdf)]
- DIAS, M. M. A. (1988) – Para um repertório das inscrições romanas do território português (1985). *Evphrosyne*. Nova série, vol. XVI, p. 413-425.
- DIAS, M. M. A. (2005) – Epigrafia Romana. In ARNAUD, J. M.; FERNANDES, C. V., eds. – *Construindo a Memória: As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 220-233.
- DIAS, M. M. A.; GASPAS, C. I. S.; MOTA, B. M. (2001) – *Inscrições Gregas*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras de Lisboa.
- DÍAZ ARIÑO, B. (2008) – *Epigrafía Latina Republicana de Hispania*, Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona.
- DUPUIS, X.; MORIZOT, P. (1992) – Une vallée peu connue de l'Aurès occidental: l'oued Fedhala. In MASTINO, A., ed. – *L'Africa Romana: Atti del IX convegno di studio: Nuoro, 13-15 dicembre 1991*. 9:1. Sassari; Edizioni Gallizzi, p. 365-388.
- EDMONDSON, J.; CAMPO LASTRA, R.; GAGO SALDAÑA, M. V. (2011 [2016]) – La aplicación de la técnica de modelo de residuo morfológico (M.R.M.) para la recuperación de los textos de dos cupae funerarias emeritenses. *Anas* 24, p. 115-126.
- ENCARNAÇÃO, G. (2003) – A villa Romana da Quinta da Bolacha. Um caso de arqueologia urbana. *Actas do quarto encontro de arqueologia urbana*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora; ARQA, p. 107-116.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1968) – *Notas sobre Alguns Vestígios Romanos no Concelho de Cascais*. Estoril: Junta de Turismo da Costa do Sol.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1971) – Inscrições romanas de Cascais. *Boletim n.º 2 do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães*, p. 89-112.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1979a) – Notas sobre a epigrafia romana de Coimbra. In GAAC – *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra, p. 171-180.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1979b) – *Sociedade Romana e Epigrafia*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra. 2 vol.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1995a) – Apostilas epigráficas – 2. *Biblos*. 71, p. 403-416.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1995b) – Roma e as primeiras culturas epigráficas da Lusitânia ocidental. In BELTRÁN LLORIS, F., ed. – *Roma y el nacimiento de la cul-*

- tura epigráfica en Occidente*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico», p. 255-269.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2001) – *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*. Cascais. 2.<sup>a</sup> edição.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2006) – La persistance esthétique africaine dans la décoration des monuments épigraphiques romains de l'Algarve. In AKERRAZ, M.; RUGGERI, P.; SIRAJ, A.; VISMARA, C., eds. – *L'Africa romana. Mobilità delle persone e dei popoli, dinamiche migratorie, emigrazioni ed immigrazioni nelle province occidentali dell'Impero romano. Atti del XVI convegno di studio. Rabat, 15-19 dicembre 2004*. 16:3. Roma, p. 1939-1944.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2008) – Leite de Vasconcelos e as inscrições romanas – flagrantes de um quotidiano vivido. *O Arqueólogo Português*. Série IV, 26, p. 385-406.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2010) – Aspectos da aculturação onomástica nos primórdios da Lusitânia. In GORGES, J.-G.; NOGALES BASARRATE, T., eds. – *Naissance de la Lusitanie Romaine (Ier av. - Ier ap. J. C.): VII Table Ronde Internationale sur la Lusitanie Romaine = Origen de la Lusitania Romana (siglos I a.C.- I d.C.): VII Mesa Redonda Internacional sobre la Lusitania Romana*. Toulouse – Mérida, p. 175-184.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2012) – A propósito das *cupae* do *conventus Pacensis*. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 435-448.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2014) – Apostilas Epigráficas – 5. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 17, p. 221-224.
- ENCARNAÇÃO, J. d'; CARDOSO, G. (1981-1982) – Caparide ao tempo dos Romanos. *Arquivo de Cascais*. 3, p. 87-95.
- ENCARNAÇÃO, J. d'; CARDOSO, G. (1986) – *Cascais no tempo dos Romanos*. Cascais.
- EQUINI SCHNEIDER, E. (1988) – Palmireni in Africa: *Calceus Herculis*. In MASTINO, A., ed. – *L'Africa Romana: Atti del V convegno di studio: Sassari, 11-13 dicembre 1987*. 5:5, p. 383-395.
- EQUINI SCHNEIDER, E., ed. (2003) – *Elaiussa Sebaste II: un porto tra Oriente e Occidente*. Roma: «L'Erma» di Bretschneider.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. (1985) – *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris: Klincksieck. 4.<sup>a</sup> edição.
- ESPÉRANDIEU, É. (1915) – *Recueil général des bas-reliefs, statues et bustes de la Gaule Romaine: T. 6: Belgique. 2<sup>e</sup> partie*. Paris: Imprimerie Nationale.
- ESPÉRANDIEU, É. (1925) – *Recueil général des bas-reliefs, statues et bustes de la Gaule Romaine: T. 9: Gaule germanique. 3<sup>e</sup> partie et supplément*. Paris: Imprimerie Nationale.

- ÉTIENNE, R. (1976) – Recension a Julius Mangas Manjarres, *Esclavos y Libertos en la España Romana*. *Archivo Español de Arqueología*. Vol. 49, n.ºs 133-134, p. 211-224.
- ÉTIENNE, R.; FABRE, G.; LÉVÊQUE, M.; LÉVÊQUE, P. (1976) – *Fouilles de Conimbriga II. Épigraphie et Sculpture*. Paris.
- ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (2000) – *Le Vin Hispanique*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- FABIÃO, C. (1998) – O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 1, n.º 1, p. 169-198.
- FABRE, G. (1973) – Un affranchi imperial à *Conimbriga*: *P. Aelius Ianuarius*. *Revue des Études Anciennes*. 75, p. 111-125.
- FABRE, C. (2018) – Dai cippi alle *cupae*: osservazioni sull'evoluzione dei supporti funerari nella Sardegna centro-occidentale. In BARATTA, G., ed. – *Cupae: Riletture e novità* (Epigrafia e Antichità 41). Faenza: Fratelli Legi Editori, p. 89-104.
- FERNANDES, C. A. (2002) – 280 - Monumento funerário em forma de ara – e respectivo soco –, de *Caius Servilius Claranus*. In CARDIM RIBEIRO, J., ed. – *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 542.
- FERNANDES, L. S. (2003) – Inscrições Romanas do termo de Loures. *Máthesis*. 12, p. 27-55.
- FERNÁNDEZ SUTILO, L.; CAMPOS CARRASCO, J. M. (2017) – La influencia nor-teafricana y oriental en las tipologías y rituales del mundo funerario romano del extremo occidental de la provincia Baetica. *Onoba*, 5, p. 59-74.
- FERREIRA, F. B. (1955) – Notícia de três inscrições lusitano-romanas de Janas e de S. Miguel de Odrinhas. *Brotéria*. Vol. LXI, p. 414-424.
- FERREIRA, F. B.; ALMEIDA, J. M. (1958) – *Varia Epigraphica* (I-VI). Separata de *Revista da Faculdade de Letras* (de Lisboa). III série, n.º II.
- FERREIRA, O. V. (1977) – Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos – (3.ª parte). *Boletim Cultural*. S. III, n.º 83, p. 203-218.
- FÉVRIER, P.-A.; GUÉRY, R. (1980) – Les rites funéraires de la nécropole orientale de Sétif. *Antiquités Africaines*. XV, p. 91-124.
- FILIPPE, V. M. (2021) – *Olisipo* (Lisbon, Portugal) and its place in the Roman trade. *Spal*, 30.2, p. 189-215.
- FONTES, J.; ALMEIDA, F. (1979) – *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas: Catálogo*. 4.ª edição. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- FONTES, L.; VILAR, B.; CARVALHO, H.; RIBEIRO, J. (2009) – Museu Pio XII: Coleção de Epigrafia e de Arquitectura Antigas (Séculos I a. C. – VII d. C.). Vol. 1. Braga.

- FORNI, G. (1982) – La popolazione di *Augusta Emerita*. In *Homenaje a Saenz de Buruaga*. Madrid, p. 69-83.
- FLORIS, P. (2009) – La presenza dei *Flavii* nell'epigrafia di *Karales*. *Studi Sardi*. XXXIV, p. 251-269.
- FUSCO, A.; MAÑAS ROMERO, I. (2006) – *Mármoles de Lusitania* (Catálogo de exposição). Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.
- GANDRA, M. J.; CAETANO, A. (1995) – Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Mafra. *Boletim Cultural '94*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 243-306.
- GANDRA, M. J., ed. (1996) – *Da vida, da morte e do Além: aspectos do sagrado na região de Mafra*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra.
- GASPERINI, L. (1992) – Ricerche epigrafiche in Sardegna (II). In MASTINO, A., ed. – *L'Africa Romana: Atti del IX convegno di studio: Nuoro, 13-15 dicembre 1991*. 9:2. Sassari: Edizioni Gallizzi, p. 571-593.
- GIMENO, H. (1997) – *Historia de la investigación epigráfica en España en los siglos XVI y XVII a la luz del recuperado manuscrito del Conde de Guimerá*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico.
- GÓMEZ-PANTOJA, J.; MADRUGA, J.-V.; GONZÁLEZ CORDERO, A. (2011) – ¿Un raro tipo de monumento sepulcral? In ANDREU PINTADO, J.; ESPINOSA, D.; PASTOR, S., eds. – *Mors Omnibus Instat. Aspectos arqueológicos, epigráficos y rituales de la muerte en el Occidente Romano*. Madrid, p. 173-194.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. L.; GONZÁLEZ CORDERO, A.; HERNANDO SOBRINO, M. R.; MADRUGA FLORES, J. V. (2012) – Las *cupae* de Cáceres. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 383-406.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. L.; RUBIO FUENTES, M. J. (2012) – Las *cupae* complutenses. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 415-434.
- GONÇALVES, A. M. (2011) – *A necrópole romana do Casal do Rebolo (Almargem do Bispo, Sintra)* [tese de mestrado inédita]. [<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/6940>]
- GONÇALVES, A. M. (2013) – O ritual funerário nos agri olisiponenses. Novos contributos para a sua caracterização. *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 803-811.
- GONZÁLEZ CORDERO, A. (2003) – El monumento funerario romano de Aldeanueva de la Vera (Cáceres). *Revista de la Sociedad Arqueológica de Extremadura*. 2, p. 21-24.
- GONZÁLEZ CORDERO, A.; MARTIN DE CÁCERES, J. C.; ALVARADO GONZALO, M.; GUTIERREZ MORILLO, A.; SUAREZ DE VENEGAS SANZ, J. (1986) – Nu-

- evas aportaciones a la epigrafía de Extremadura. *Alcántara* 8, tercera época, p. 65-77.
- GONZÁLEZ CORDERO, A.; ALVARADO GONZALO, M.; BARROSO GUTIERREZ, F. (1988) – Esculturas zoomorfas de la provincia de Cáceres. *Anas*. I, p. 19-33.
- GOROSTIDI PI, D.; LÓPEZ VILAR, J. (2012) – Las *cupae* de *Tarraco*: tipos y usuarios. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 29-75.
- GSELL, S. (1901) – *Les monuments antiques de l'Algérie*. Vol. II. Paris: Albert Fontemoing.
- GSELL, S. (1912) – *Exploration scientifique de l'Algérie pendant les années 1840-1845. Archéologie. Texte explicatif des planches de Ad.-H.-Al. Delamare*. Paris: Ernest Leroux.
- GSELL, S. (1922) – *Inscriptions Latines de l'Algérie*. T. 1: *inscriptions de la Proconsulaire*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion.
- GUERRA, A. (2002a) – A epigrafia de *Scallabis*. In *De Scallabis a Santarém* (catálogo da exposição). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 179-184.
- GUERRA, A. (2002b) – A Península de Lisboa no I milénio a. C.: Uma breve síntese, à luz das fontes e dos dados arqueológicos. *Turres Veteras IV: Actas de Pré-História e História Antiga*. Torres Vedras: Câmara Municipal, p. 119-128.
- GUERRA, A. (2003) – Algumas notas sobre o mundo rural do território olisiponense e as suas gentes. In SANTOS, A. R.; RODRIGUES, N. S.; KUZNETSOVA-RESENDE, T.; GUERRA, A. – *Mundo antigo. Economia rural*. Lisboa: Edições Colibri, p. 123-150.
- GURT ESPARRAGUERA, J. M.; MACIAS SOLÉ, J. M. (2002) – La ciudad y el *territorium* de *Tarraco*: el mundo funerario. In VAQUERIZO, D., ed. – *Espacios y usos funerarios en el Occidente Romano*. Actas del Congreso Internacional vol. I, Córdoba, p. 87-112.
- HAUSCHILD, T. (1993) – Das grabgebäude in der Nekropole Ost. In BLECH, M.; HAUSCHILD, T.; HERTEL, D. – *Mulva III* (Madrider Beiträge, 21). Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, p. 7-34, mit tafel 1-7.
- HERNANDO SOBRINO, M. R. (2012) – Las *cupae* de Ávila. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 393-414.
- HERTEL, D. (1993) – Die Skulpturen. In BLECH, M.; HAUSCHILD, T.; HERTEL, D. – *Mulva III* (Madrider Beiträge, 21). Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, p. 35-108, mit tafel 8-48.
- HIDALGO MARTIN, L.A.; EDMONDSON, J.; MÁRQUEZ PÉREZ, J.; RAMIREZ SÁDABA, J. L. (2019) – *Nueva epigrafía funeraria de Augusta Emerita: Tituli sepulcrales urbanos (ss. 1-VII) y su contexto arqueológico (NEFAE)* (Memoria. Mo-

- nografías Arqueológicas de Mérida 1). Mérida: Consorcio de la ciudad monumental histórico-artística y arqueológica de Mérida.
- HILALI, A. (2009) – Les repas funéraires: un témoignage d'une dynamique socio-culturelle en Afrique romaine. In HEKSTER, O.; SCHMIDT-HOFNER, S.; WITSCHEL, C., eds. – *Ritual dynamics and religious change in the Roman Empire: proceedings of the eighth Workshop of the International Network Impact of Empire, Heidelberg, July 5-7, 2007*. Leiden: Brill, p. 269-284.
- HIRSCHFELD, O. (1904) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. XIII: Inscriptiones trium Galliarum et Germaniarum Latinae: pars I, fasc. 2 - Inscriptiones Belgicae*. Berolini: apud Georgium Reimerum.
- HOZ, M.-P. DE (2014) – *Inscripciones Griegas de España y Portugal*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- HÜBNER, E. (1864) – Inschriften aus Trier und Kreuznach. *Bonner Jahrbücher des Vereins von Alterthumsfreunden im Rheinlande*. XXXVII, p. 157-165.
- HÜBNER, E. (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berolini: apud Georgium Reimerum.
- HÜBNER, E. (1892) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. II: Inscriptiones Hispaniae Latinae. Supplementum*. Berolini: apud Georgium Reimerum.
- HUELSEN, C. (1894) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. VI: Inscriptiones Urbis Romae Latinae: pars IV, fasc. I - Tituli sepulcrales: Plotia-Zozon. Inscriptiones varii argumenti. Fragmenta*. Berolini: apud Georgium Reimerum.
- HUPE, J. (2011) – Das neue Grabungsschutzgebiet "Archäologisches Trier". *Funde und Ausgrabungen im Bezirk Trier*. 43, p. 97-131.
- JIMÉNEZ DÍEZ, A. (2007) – Culto a los ancestros en época romana: los cipos funerarios de las necrópolis de *Baelo Claudia* (Bonia, Cádiz). *Archivo Español de Arqueología*. Vol. 80, p. 75-106.
- JORDÁN LORENZO, Á.; (2012) – Las *cupae* de la Beturia Céltica y la sociedad hispana: en busca del trasfondo socio-cultural de un fenómeno singular. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 221-268.
- JORDÃO, L. M. (1859) – *Portugalliae Inscriptiones Romanas*. Lisboa: Typis Academicis.
- JOSEPH, B.; WALLACE, R. (1991) – Is Faliscan a local Latin patois? *Diachronica*. 8:2, p. 159-186.
- JULIÀ, D. (1965) – Les monuments funéraires en forme de demi-cylindre dans la province romaine de Tarragonaise. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. I, Paris, p. 29-72.
- JUROMENHA, VISCONDE DE (1838) – *Cintra pinturesca ou memoria descritiva da villa de Cintra, Collares e seus arredores*. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

- KAJANTO, I. (1982) – *The Latin Cognomina*. Helsinki: Giorgio Bretschneider Editore. 2.<sup>a</sup> edição.
- LAMBRINO, S. (1951) – Le dieu lusitanien Endovellicus. *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*. Nouvelle série, XV, Coimbra, p. 93-147.
- LAMBRINO, S. (1953) – *Les Inscriptions de São Miguel d'Odrinhas*. Coimbra (separata do *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, XVI).
- LAMBRINO, S. (1962) – Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. S. 2, IV, p. 279-302.
- LAMBRINO, S. (1967) – Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. S. 3, I, p. 123-217.
- LANTIER, R. (1949) – *Recueil général des bas-reliefs, statues et bustes de la Gaule Romaine: T. 13 – suppléments (suite)*. Paris: Presses Universitaires de France.
- LASSÈRE, J.-M. (1973) – Recherches sur la chronologie des épitaphes païennes de l'Africa. *Antiquités Africaines*. 7, p. 7-151.
- LASSÈRE, J.-M. (1977) – *Vbique Populus: Peuplement et mouvements de population dans l'Afrique Romaine de la chute de Carthage à la fin de la dynastie des Sévères (146 a. C. – 235 p. C.)*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.
- LASSÈRE, J.-M. (2005) – *Manuel d'épigraphie romaine*. 2 vol.. Paris: Éditions A. et J. Picard.
- LAUBRY, N. (2010) - *Ad cultum tutelamque et sacrificia in omne tempus posterum: Recherches sur le culte funéraire et la protection du tombeau dans la Rome et l'Italie impériales*. Mémoire de l'École française de Rome présenté à l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, août 2010.
- LE ROUX, P. (1982) – *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*. Paris: Diffusion de Bocard.
- LEIGHTON, R. (2005) – House urns and Etruscan tomb painting: tradition versus innovation in the ninth-seventh centuries BC. *Oxford Journal of Archaeology*. 24 (4), p. 363-380.
- LEVEAU, P. (1978) – Fouilles anciennes sur les nécropoles antiques de Cherchell. *Antiquités Africaines*. 12, p. 89-108.
- LEVEAU, P. (1984) – *Caesarea de Maurétanie: une ville romaine et ses campagnes*. Rome: École Française de Rome.
- LIOU-GILLE, B. (1993) – Divinisation des morts dans la Rome ancienne. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*. 71, 1, p. 107-115.

- LÓPEZ MONTEAGUDO, G. (1982) – Las esculturas zoomorfas «célticas» de la Península Ibérica y sus paralelos polacos. *Archivo Español de Arqueología*. 55, p. 3-30.
- LÓPEZ MONTEAGUDO, G. (1989) – *Esculturas zoomorfas Celtas de la Península Ibérica* (Anejos de Archivo Español de Arqueología X.). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Centro de Estudios Históricos.
- LÓPEZ VILAR, J. (1993) – *La vil·la romana de la Barquera: Perafort, Tarragona* (Arqueologia d'intervenció, 3). Barcelona: Universitat Rovira i Virgili.
- LÓPEZ VILAR, J. (1999-2000) – Consideracions sobre les *cupae* i altres estructures funeràries afins. *Butlletí Arqueològic*. Època V, núm. 21-22, Tarragona, p. 65-103.
- LOUIS, R. (1949) – Sur un sarcophage, avec ascia et scie, découvert à Rouen en 1948. *Gallia*. 7:2, p. 236-239.
- MAIO, L. (2011) – Iscrizioni latine inedite del circondario beneventano. *Notizie degli scavi di Antichità*. Serie IX, volume XIX-XX, 2008-2009, p. 341-358.
- MANA, D.; CAETANO, A. (1994) – Resenha das principais Obras, Estudos e Artigos impressos sobre Mafra em 1993. *Boletim Cultural '93*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 375-388.
- MAÑAS ROMERO, I.; FUSCO, A. (2008) – Canteras de *Lusitania*. Un análisis arqueológico. In NOGALES BASARRATE, T.; BELTRÁN FORTES, J., eds. – *Marmora Hispana: Explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana*. Roma: «L'Erma» di Bretschneider, p. 483-522.
- MANGAS MANJARRÉS, J. (1971) – *Esclavos y Libertos en la España Romana*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- MANGAS MANJARRÉS, J.; CORTINA, I. (1981) – Nuevas urnas en forma de casa de Poza de la Sal (Burgos). *Memorias de Historia Antigua*. V, p. 273-282.
- MANTAS, V. (1976) – Notas acerca de três inscrições de Olisipo. *Conimbriga*. XV, p. 151-169.
- MANTAS, V. (1982) – Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras. *Conimbriga*. XXI, p. 5-99.
- MANTAS, V. (1990) – As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les Villes de Lusitanie Romaine: Hiérarchies et Territoires*. Paris: C.N.R.S., p. 149-205.
- MANTAS, V. (1994) – Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 70-75.
- MANTAS, V. (2002) – A População da Região de Torres Vedras na Época Romana. *Turres Veteras IV: Actas de Pré-História e História Antiga*. Torres Vedras: Câmara Municipal, p. 129-141.
- MANTAS, V. (2018) – Romanos e Bárbaros na região de Torres Vedras. In SILVA, C. G., coord. – *Torres Vedras – Nova História Local*. Edições Colibri, p. 9-30.

- MARCOS, S. (2011) – Espace géographique, espace politique: la frontière provinciale lusitanienne, une limite déterminante? In CABALLOS RUFINO, A.; LEFEBVRE, S., eds. – *Roma generadora de identidades: La experiencia Hispana*. Madrid: Casa de Velázquez; Sevilla: Universidad, p. 171-184.
- MARINER BIGORRA, S. (1973) – *Inscripciones Romanas de Barcelona*. Barcelona: Delegación de Servicios de Cultura del Ayuntamiento.
- MASCARENHAS, J. F. (1993) – *Novas descobertas arqueológicas no concelho de Olhão*. Separata de *A Voz de Olhão*. Olhão.
- MASTINO, A. (1976) – Un'Iscrizione funeraria inedita proveniente da Aùstis (Nuoro). *Archivio Storico Sardo* [a cura della Deputazione di storia patria per la Sardegna]. Vol. 30, p. 51-53.
- MASTINO, A.; PITZALIS, G. (2003) – Ancora sull'artigianato popolare e sulla «scuola» di Viddalba: le stele iscritte. In CORDA, A. M., ed. – *Cultus splendore: Studi in onore di Giovanna Sotgiu*. Vol. 2. Senorbì: Edizione Nuove Grafiche Puddu, p. 657-695.
- MASTINO, A.; ZUCCA, R. (2011) – *Urbes et rura*. Città e campagna nel territorio oristanese in età romana. In SPANU, P. G.; ZUCCA, R., eds. – *Oristano e il suo territorio 1: Dalla preistoria all'alto Medioevo*. Roma: Carocci editore, p. 411-601.
- MATIAS, C. (2005) – Epigrafia romana de Mafra. *Boletim Cultural 2004*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 73-131.
- MATIAS, C. (2019) – Epigrafia romana de Mafra. In CAESSA, A.; CAMPOS, R., coord. – *Lisboa Romana; Felicitas Iulia Olisipo*. Vol. 1: *Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, p. 145-168.
- MAYER, M. (2013) – *Prae textibus imagines in titulis Latinis*. La imagen antes del texto. Nuevas consideraciones sobre el símbolo del *ascia*. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. XI, p. 15-40.
- MAYER, M. (2018a) – Sobre el posible origen licio del término *cupa* y muy probablemente del monumento que designa. In BARATTA, G., ed. – *Cupae: Riletture e novità* (Epigrafia e Antichità 41). Faenza: Fratelli Legi Editori, p. 25-32.
- MAYER, M. (2018b) – La *cupa* como reflejo de la sociedad romana: evidencias y contradicciones. In BARATTA, G., ed. – *Cupae: Riletture e novità* (Epigrafia e Antichità 41). Faenza: Fratelli Legi Editori, p. 47-88.
- MIRANDA, J. A.; ENCARNAÇÃO, G. (1998) – *Villa Romana da Quinta da Bolacha: Campanha de Abril/Maio de 1997* (Relatórios, 4). Amadora: Gabinete de Arqueologia Urbana; ARQA.
- MIRANDA, J. A.; ENCARNAÇÃO, G.; VIEGAS, J. C.; ROCHA, E.; GONZALEZ, A. (1999) – *Carta Arqueológica: do Paleolítico ao Romano: Amadora*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.

- MIRANDA, M.; PEREIRA, C.; COSTA, C.; SOUSA, A. C. (2021) – Novos olhares sobre a ocupação romana no município de Mafra. *Boletim Cultural 2020-2021*, S. 2. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 305-365.
- MOMMSEN, T. (1883) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. X: Inscriptiones Bruttiorum, Lucaniae, Campaniae, Siciliae, Sardiniae Latinae. Pars I, pars II*. Berolini: apud Georgium Reimerum.
- MONTFAUCON, B. (1719) – *L'Antiquité expliquée et représentée en figures: tome cinquième*. Paris: Florentin Delaulne, [etc.].
- MONTFAUCON, B. (1724) – *Supplement au livre de L'Antiquité expliquée et représentée en figures: tome cinquième*. Paris: Veuve Delaulne, [etc.].
- MORETTI, L. (1968-1990) – *Inscriptiones Graecae Urbis Romae*. 4 volumes em 5 partes. Roma: Istituto italiano per la storia antica.
- MURCIANO CALLES, J. M. (2010) – *Historiografía de los aspectos funerarios de Augusta Emerita (siglo I-IV)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Cuadernos Emeritenses, 36).
- MURCIANO CALLES, J. M. (2019) – *Monumenta. Tipología monumental funeraria en Augusta Emerita. Origen y desarrollo entre los siglos I a.c. y IV d.C.* (Monografías Emeritenses 12). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano – Fundación de estudios romanos.
- NAVARRO CABALLERO, M; RAMÍREZ SÁDABA, J. L., coord. (2003) – *Atlas antropológico de la Lusitania romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeaux: Ausonius.
- NAVARRO CABALLERO, M. (2006) – L'émigration italique dans la Lusitanie côtière: une approche onomastique. In CABALLOS RUFINO, A.; DEMOUGIN, S., eds. – *Migrare. La Formation des Élités dans l'Hispanie Romaine*. Bordeaux: Diffusion de Bocard, p. 69-100.
- NOGALES BASARRATE, T.; RAMÍREZ SÁDABA, J. L.; MURCIANO CALLES, J. M. (2012) – Las *cupae* del *territorium* Emeritense. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 349-368.
- NOLEN, J. (2002) – 223 - Urna cinerária. In CARDIM RIBEIRO, J., ed. – *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, p. 518, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- NOVILLO LÓPEZ, M. Á. (2012) – Una *cupa* en Talavera de la Reina (Toledo). In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 195-201.
- OSÓRIO, M. (2018) – Uma nova tipologia de monumento votivo na Lusitânia romana – a propósito de um estranho achado arqueológico dos Fóios (Sabugal). *Ebu-robriga*, 9, p. 13-24.
- OTA, R. (2008) – Sarcophagele romane din piatră descoperite la Apulum. *Pontica*, 41, p. 209-218.

- PAIS, E. (1999) – *Storia della Sardegna e della Corsica durante il periodo Romano: vol. 2*. Nuoro. Reedição editada por Attilio Mastino de *Storia della Sardegna e della Corsica durante il dominio Romano*. Roma (1923).
- PAPPARELLA, F. C. (2009) – *Calabria e Basilicata: l'archeologia funeraria dal IV al VII secolo*. Arcavacata di Rende: Dipartimento di Archeologia e Storia delle Arti – Università della Calabria.
- PASTOR MUÑOZ, M. (2006) – Los *Manes* en la epigrafía funeraria de Mauritania Tingitana y Bética: diferencias y semejanzas. In AKERRAZ, M.; RUGGERI, P.; SIRAJ, A.; VISMARA, C., eds. – *L'Africa romana. Mobilità delle persone e dei popoli, dinamiche migratorie, emigrazioni ed immigrazioni nelle province occidentali dell'Impero romano. Atti del XVI convegno di studio. Rabat, 15-19 dicembre 2004*. 16:3. Roma, p. 1419-1438.
- PEÇA, P.; BOLILA, C.; GRANJA, R.; REBELO, P. (2021) – Calçada do Lavra: Testemunho da variabilidade de rituais funerários em época romana. In SILVA, R. B., coord. – *Lisboa Romana; Felicitas Iulia Olisipo. Vol. 7: Para além desta vida: A memória funerária da cidade*. Lisboa: Caleidoscópio, p. 75-83.
- PEREIRA, F. A. (1909) – Tampa de sepultura da época romana. *O Archeologo Português*, XIV, p. 261-265.
- PEREIRA, F. A. (1914) – Por caminhos da Ericeira. *O Archeologo Português*. XIX, p. 324-362.
- PEREIRA, F. A. (1916) – Antiquitvs. *O Archeologo Português*. XXI, p. 195-229.
- PEREIRA, F. A. (1933) – Duas lápides suburbanas de Olisipo. *Arquivo Histórico de Portugal*. Vol. I, Fasc. 3, p. 106-117.
- PEREIRA, F. A. (1934) – Algumas inscrições romanas das vizinhanças de Cascais. *Revista de Arqueologia*. 2, Lisboa, p. 47-49.
- PEREIRA, F. A. (1938) – Antiquitvs. *O Archeologo Português*. XXX, p. 149-153.
- PEREIRA, F. A. (1957) – *Sintra do Pretérito*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- PÉREZ MACÍAS, J. A.; DELGADO DOMÍNGUEZ, A. (2012) - Las *cupae* de Riotinto (Huelva). In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 303-341.
- PERRA, M. (1994) – Nuove scoperte epigrafiche dal território di Samugheo. In MASTINO, A.; RUGGERI, P. ed. – *L'Africa Romana: Atti del X convegno di studio: Oristano, 11-13 dicembre 1992*. 10:2. Sassari: Editrici Archivio Fotografico Sardo, p. 1013-1020.
- PIEL, J. (1947) – Uma inscrição de Conimbriga. *Humanitas*. I, Coimbra, p. 130-132.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007) – A Intervenção Arqueológica na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira). In *Alverca: da terra às gentes* (catálogo). Vila Franca de Xira, p. 53-70.
- PIRANESI, G. (1764) – *Antichità d'Albano e di Castel Gandolfo*. Roma: [s. n.].

- PIRES, H.; FONTE, J.; GONÇALVES-SECO, L.; SANTOS, M. J. C.; SOUSA, O. (2014) – Morphological Residual Model: A Tool For Enhancing Epigraphic Readings Of Highly Eroded Surfaces. In ORLANDI, S.; SANTUCCI, R.; CASAROSA, V.; LIUZZO, P. M., eds. – *Information Technologies for Epigraphy and Cultural Heritage*, Roma 2014: Sapienza Università Editrice, p. 133-144.
- PORRÀ, F. (2009) – Iscrizione funeraria inedita di Sedilo. *Studi Sardi*. XXXIV, p. 239-249.
- PRADOS MARTÍNEZ, F. (2011) – La necrópolis oriental de *Baelo Claudia* (Tarifa, Cádiz) en el contexto de la religiosidad púnico-mauritana. Una lectura a partir de las últimas actuaciones arqueológicas. *Zephyrus*. LXVIII, p. 191-210.
- PRADOS MARTÍNEZ, F.; GARCÍA JIMÉNEZ, I. (2009) – Aproximación al paisaje funerario de la necrópolis oriental de *Baelo Claudia*. *Aljaranda*. 72, p. 4-12.
- PRIEUR, J. (1986) – *La mort dans l'antiquité romaine*. Guerche-de-Bretagne: Ouest-France.
- QUEVEDO SÁNCHEZ, A.; RAMALLO ASENSIO, S. F. (2012) – Las *cupae* del Sureste peninsular: *Carthago Noua* y su territorio. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 111-135.
- REDENTOR, A. (2016) – Sobre a epigrafia romana de *Aeminium*. *Conimbriga*. LV, p. 57-89.
- RODRIGUES, M. L. (1959-1960) – Inscrições romanas do Museu Machado de Castro. *Humanitas*. N. S. 8-9 (11-12 da S. Cont.), Coimbra, p. 112-132.
- RODRÍGUEZ OLIVA, P. (2006) – Unas inscripciones funerarias de *Lacipo* (Casares, Málaga) que evocan el establecimiento en *Carteia* (San Roque, Cádiz) de la *Colonia Latina Libertinorum*. *Baetica*. 28 (II), p. 123-157.
- RODRÍGUEZ OLIVA, P. (2010) – Las urnas del mausoleo “de los Pompeyos”. In BELTRÁN FORTES, J.; MAIER ALLENDE, J.; MIRANDA VALDÉS, J.; MORENA LÓPEZ, J. A.; RODRÍGUEZ OLIVA, P., eds. – *El mausoleo de los Pompeyos de Torreparedones (Baena. Córdoba): análisis historiográfico y arqueológico*. Baena: Excmo. Ayuntamiento de Baena, p. 141-168.
- RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, O.; RODRÍGUEZ AZOGUE, A. (2003) – Nuevos datos en torno al mundo funerario en la Sevilla romana: la necrópolis de cremación de la Puerta del Osario. *Romula*. 2, p. 149-182.
- ROLLAND, H. (1944) – Inscriptions antiques de Glanum (Saint-Rémy-de-Provence): Révision et complément du *Corpus Inscriptionum Latinarum*. *Gallia*. Tome 2, p. 167-223.
- ROMANÒ, E. (2008) – Tropea: le “tombe a cupa” scoperte in Piazza Duomo e nel cortile del Palazzo vescovile: considerazioni sulla tipologia funeraria e sulle attestazioni calabresi. *Rogerius*. A. XI, n.º 1, p. 111-124.
- ROMANÒ, E. (2009) – Le tombe ‘a cupa’ in Italia e nel Mediterraneo: Tipologia architettonica, committenza e rituale. *Studi Classici e Orientali*. LII, p. 149-219.

- ROMANÒ, E. (2018) – Albano Laziale: le *cupae* della *Legio II Parthica*. In BARATTA, G., ed. – *Cupae: Riletture e novità* (Epigrafia e Antichità 41). Faenza: Fratelli Lega Editori, p. 201-216.
- ROMERO PÉREZ, M. (1993-1994) – La necrópolis romana de Las Maravillas. Bobadilla, Málaga. *Mainake*. XV-XVI, p. 195-222.
- RUGGIERO, E. (1961) – *Dizionario Epigrafico di Antichità Romane*. II (2), Roma: L'Erma di Bretschneider.
- RUIZ OSUNA, A. (2009) – Topografía y monumentalización funeraria en *Baetica: conventus Cordubensis y Astigitanus*. Córdoba: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba.
- SÁ, B. (1904) – Explorações archeologicas no Algarve em Março de 1904. *O Archeologo Português*. IX, p. 173-179.
- SÁ, B. (1905) – Necropole romana de Pax Iulia (Beja) II. *O Archeologo Português*. X, p. 165-169.
- SALINAS DE FRÍAS, M. (2010) – La *provincia Ulterior* entre Décimo Bruto y Augusto: Los precedentes republicanos de la Lusitania Imperial. Los gobiernos provinciales. In GORGES, J.-G.; NOGALES BASARRATE, T., eds. – *Naissance de la Lusitanie Romaine (Ier av. - Ier ap. J. C.): VIIe Table Ronde Internationale sur la Lusitanie Romaine = Origen de la Lusitania Romana (siglos I a.C.- I d.C.): VII Mesa Redonda Internacional sobre la Lusitania Romana*. Toulouse – Mérida, p. 39-68.
- SALVI, D. (2011) – Parole per caso. Vecchie e nuove iscrizioni funerarie senza contesto a Cagliari e dintorni. In FORCI, A., ed. – *L'epigrafe di Marcus Arrecinus Helius: Esegesi di un reperto: i plurali di una singolare iscrizione – Atti della Giornata di studi (Senorbi, 23 aprile 2010)*. Senorbi: Società Cooperativa "Sa Domu Nosta", p. 107-134.
- SÁNCHEZ-LAFUENTE PÉREZ, J. (2012) – Las *cupae* del Noroeste Peninsular. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 203-220.
- SANTOS, F.; CARVALHO, P. (2008) – Aspectos do mundo funerário romano na Beira Interior. As estruturas funerárias monumentais da Quinta da Fórnea II (Belmonte): uma primeira abordagem. *Conimbriga*. XLVII, p. 127-143.
- SCHMIDT, J.; CAGNAT, R.; DESSAU, H. (1904) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. VIII: Inscriptiones Africae Latinae: Supplementi pars III - Inscriptiones Mauritaniae. Miliaria et instrumentum domesticum*. Berolini: apud Georgium Reimerum.
- SILVA, A. V. (1944a) – *Epigrafia de Olisipo (Subsídios para a História da Lisboa romana)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- SILVA, A. V. (1944b) – Uma estação lusitano-romana no sítio de Poço de Côrtes. *Revista Municipal*. 20-21, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 37-41.

- SILVA, R. B. (2005) – “*Marcas de oleiro*” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. - séc. II d.C.). Braga: Instituto de Ciências Sociais. [Dissertação de Mestrado em Arqueologia.]
- SILVA, R. B. (2021a) – As inscrições funerárias da Necrópole NO de Olisipo. In SILVA, R. B., coord. – *Lisboa Romana*; Felicitas Iulia Olisipo. Vol. 7: *Para além desta vida: A memória funerária da cidade*. Lisboa: Caleidoscópico, p. 105-115.
- SILVA, R. B. (2021b) – Recintos, edifícios e monumentos funerários em Olisipo. In SILVA, R. B., coord. – *Lisboa Romana*; Felicitas Iulia Olisipo. Vol. 7: *Para além desta vida: A memória funerária da cidade*. Lisboa: Caleidoscópico, p. 141-159.
- SOARES, C. I. L. (1992) – *Vincitur hic fatus* – o epitáfio métrico de Couto de Baixo. *Conimbriga*. XXXI, p. 155-172.
- SOLIN, H. (1982) – *Die griechischen personennamen in Rom: ein namenbuch*. Berlin, New York: Walter de Gruyter & co.
- SOLIN, H.; SALOMIES, O. (1988) – *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*. Alpha–Omega. Reihe A, Lexica, Indizes, Konkordanzen zur klassischen Philologie. Hildesheim, Zurich and New York: Olms–Weidmann.
- SOTGIU, G. (1988) – L’epigrafia latina in Sardegna dopo il C.I.L. X e l’E.E. VIII. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. II Principat, 11.1. Berlin, New York: Walter de Gruyter, p. 552-739.
- SOTTOMAYOR, M. P. (1675) – *Catalogo dos Priores da Igreja de S. Miguel de Cintra*. Ms. conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa, secção de Reservados, COD 208.
- SOUSA, V. (2016) – *Vila Verde: Olhares no Tempo*. Lisboa: Chiado Editora.
- SPANNO, G. (1855) – Iscrizioni Latine. *Bullettino Archeologico Sardo*. Ano I, n.º 12, p. 184-190.
- SPANNO, G. (1860a) – Antichità di Samugheo. *Bullettino Archeologico Sardo*. Ano VI, n.º 8, p. 118-123.
- SPANNO, G. (1860b) – Monumenti Sardi in forma di botte. *Bullettino Archeologico Sardo*. Ano VI, n.º 7, p. 100-104.
- STEFANI, G. (1986) – I cippi a botte della Provincia Sardinia. *Nuovo Bullettino Archeologico Sardo*. 3, p. 115-160.
- STEFANI, G. (1988) – Cippi a botte nella basilica di S. Saturnino a Cagliari. *Quaderni della Soprintendenza Archeologica di Cagliari e Oristano*. 5, p. 167-175.
- STIRLING, L. M. (2007) – The Koine of the Cupula in Roman North Africa and the Transition from Cremation to Inhumation. In STONE, D. L.; STIRLING, L. M., eds. – *Mortuary Landscapes of North Africa*. Toronto: University of Toronto Press, p. 110-137.

- STRADA, J. (1575) – *C. Iulii Caesaris rerum gestarum comentarii XIV... , praeterea addidimus omnes antiquitates ex sepulchris et elogiis veteribus marmoreis desumptas, quae passim in tota Hispania et Portugalia reperiuntur....* Frankfurt. [cf. *CIL* II p. IX n. 14]
- STYLOW, A. (1995) – Los inicios de la Epigrafía Latina en la Bética. El ejemplo de la epigrafía funeraria. In BELTRÁN LLORIS, F., ed. – *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente*. Actas del Coloquio. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico», p. 219-238.
- STYLOW, A. (2012) – Una *cupa* hallada en *Corduba*: tipología y cronología. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 341-345.
- TEIXEIRA, F.; SOUSA, J. (1927-1928) – Incrições Romanas do Museu do Carmo. *Arqueologia e História*. VI, p. 16-24.
- TEIXEIRA, S. (2017) – The Mediterranean Inclination in the Archaeological and Epigraphical Profile of Tróia (Setúbal, Portugal). In VELAZA, J., ed. – *Insularity, identity and epigraphy in the Roman world*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, p. 111-127.
- TUPMAN, C. (2011) – Interpreting the cupae of the Iberian Peninsula: a question of local identities. In ANDREU PINTADO, J.; ESPINOSA, D.; PASTOR, S., eds. – *Mors Omnibus Instat. Aspectos arqueológicos, epigráficos y rituales de la muerte en el Occidente Romano*. Madrid: Linceus, p. 303-330.
- TUPMAN, C. (2012) – The *cupae* of the *Hispaniae*: distribution, origins and functions. In ANDREU PINTADO, J., ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo, p. 3-24.
- UNTERMANN, J. (1965) – *Elementos de un Atlas Antroponímico de la Hispania Antigua*. Madrid: CSJC (Bibliotheca Præhistorica Hispana, 7).
- de VAAN, M. (2008) – *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*. Leiden, Boston: Brill.
- VALLEJO RUIZ, J. M. (2005) – *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- VAQUERIZO GIL, D. (2001) - Formas arquitectónicas funerarias de carácter monumental en *Colonia Patricia Corduba*. *Archivo Español de Arqueología*. 74, p. 131-160.
- VAQUERIZO GIL, D. (2007) – El mundo funerario en la *Malaca* romana. Estado de la cuestión. *Mainake*. XXIX, p. 377-399.
- VAQUERIZO GIL, D. (2010) – *Necrópolis urbanas en Baetica*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.
- VASCONCELLOS, J. L. (1895a) – Ruínas de Tróia: em frente de Setúbal. *O Archeologo Português*. I, p. 54-62.

- VASCONCELLOS, J. L. (1895b) – Antigualhas das proximidades de Lisboa. 2. Sepulturas romanas de Caparide. *O Archeologo Português*. I, p. 248-249.
- VASCONCELLOS, J. L. (1895c) – Sepultura de Cocceia Clarilla. *O Archeologo Português*. I, p. 265-266.
- VASCONCELLOS, J. L. (1897) – Acquisições do Museu Ethnographico Português. *O Archeologo Português*. III, p. 107-111.
- VASCONCELLOS, J. L. (1899/1900) – Analecta epigráfica lusitano-romana. *O Archeologo Português*. V, p. 170-175.
- VASCONCELLOS, J. L. (1903) – Analecta archaeologica. *O Archeologo Português*. VIII, p. 162-172.
- VASCONCELLOS, J. L. (1904) – Notas ao artigo precedente. *O Archeologo Português*. IX, p. 180-181.
- VASCONCELLOS, J. L. (1913) – *Religiões da Lusitânia*. Vol. III, Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, J. L. (1929a) – Sepultura de Galla. *O Archeologo Português*. XXVIII, p. 52-60.
- VASCONCELLOS, J. L. (1929b) – Epigrafia do Museu Etnológico (Belém). *O Archeologo Português*. XXVIII, p. 209-227.
- VIANA, A. (1955) – Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Vol. XII, p. 3-35.
- VITALE, E. (2012) – Sabratha. La necropoli a Nord-Est del Teatro nell'insula 8 della Regio IV e il riuso dello spazio urbano a scopo funerario. In *Pagani e cristiani a Sabratha e Leptis Magna tra III e VI secolo d.C. Monumenti e reperti, tradizione e immagini. Atti del Seminario di studio (Agrigento, 26-27 gennaio 2012)*. Palermo, p. 77-100.
- VIVES, J. (1971) – *Inscripciones latinas de la España romana*. Barcelona: Universidad de Barcelona.
- VIVO I LLORCA, J.; NOLA I BRUFAU, J. M. (2009) – La *cupa* sota l'església del monestir de Sant Feliu de Guíxols. *Estudis del Baix Empordà*, 28, p. 9-26.
- WALLACE-HADRILL, A. (2008) – Housing the dead: the tomb as house in Roman Italy. In SALTER, R.; BRINK, L., GREEN, D., eds. – *Commemorating the dead: texts and artifacts in context: studies of Roman, Jewish and Christian burials*. Berlin/New York: De Gruyter, p. 39-77.
- WHEELER, E. L. (2008) – *Pullarii, Marsi, Haruspices, and Sacerdotes* in the Roman Imperial Army. In SCHELLENBERG, H. M.; HIRSCHMANN, V. E.; KRIECKHAUS, A., eds. – *A Roman Miscellany: Essays in Honour of Anthony R. Birley on his Seventieth Birthday*. Gdansk: Gdansk University (Monograph Series Akanthina, 3), p. 185-201.

- WIEGELS, R. (1985) – *Die Tribusinschriften des Römischen Hispanien: ein Katalog* (Madriдер Forschungen, 13). Berlin: Walter de Gruyter.
- WILMANNNS, G. (1881) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. VIII: Inscriptiones Africae Latinae: pars I - Inscriptiones Africae proconsularis et Numidiaae comprehendens*. Berolini: apud Georgium Reimerum.
- ZUCCA, R (1985) – I rapporti tra l’Africa e la Sardinia alla luce dei documenti archeologici: Nota preliminare. In MASTINO, A., ed. – *L’Africa romana: Atti del II convegno di studio: Sassari, 14-16 dicembre 1984*. 2. Sassari: Edizioni Gallizzi, p. 93-104.

---

*Índices Municipium Olisiponense*

---



## ONOMÁSTICA

### 1. NOMINA UIRORUM

<i>[- A]Ibanius G. f. [T]uscus</i>	2/073
<i>M. Apronius M. f. Marcianus</i>	2/075
<i>M. Apron[ius] [M. f.] Nerua</i>	2/077
<i>L. Atilius L. [f.] Aper</i>	2/079
<i>Q. Atilius M. f. Fundanu[s]</i>	2/078
<i>Q. Atiliu[s] [---]</i>	2/080
<i>Q. Atrius M. f. Seuerus</i>	2/068
<i>[-] Cassius Cassi[anus] [---]</i>	2/036
<i>P. Cassi(us) P. f. Vrsus</i>	2/022
<i>M. Clodius M. f. Auit[us]</i>	2/005
<i>[-] Cominiu[s] Firmo</i>	2/066
<i>[- C]omini[us F]undanu[s] ---?]</i>	2/071
<i>Q. En[niu]s M. f. Naso</i>	2/042
<i>G. Fabius M. f. A[---]</i>	2/026
<i>[-] Fabius Fabi[a]nus</i>	2/030
<i>L. Fabius M. f. Fabianus</i>	2/018
<i>G. Flavius L. f. Toncius</i>	2/029
<i>C. Iuliu(s) Auctor</i>	2/031
<i>L. Iulius L. f. Auitus</i>	2/041
<i>M. Iulius M. f. Auitus</i>	2/039
<i>[M.] Iulius M. [f.] Auitus</i>	2/070
<i>M. Iulius Ciui[s]</i>	2/038
<i>L. Iu[liu]s M. f. [Fro]nto</i>	2/042
<i>L. Iulius Fuscus</i>	2/012
<i>G. Iulius G. f. Maxsumus</i>	2/067
<i>M. Iulius M. f. Maxumus</i>	2/032
<i>L. Iulius C. f. Nerua</i>	2/097
<i>G. Iulius G. [f.] Pate[r]nu[s]</i>	2/019
<i>G. Iulius R[u]fus</i>	2/002

<i>G. Licinius L. f. Celsus</i>	2/088
<i>G. Li[cini]u[s] [---]du[s]</i>	2/082
<i>M. Licinius Domesticus</i>	2/050
<i>[-] Licinius Tuscus</i>	2/055
<i>[-] Liuius C. f. [---]</i>	2/015
<i>M. Minucius Seuerus lib.</i>	2/056
<i>M. Staiius M. f. Maxumus</i>	1/002
<i>P. Sulpicius P. f. Seuerus</i>	2/023
<i>C. Teren[tij]us Maxumus Terentianus</i>	2/069
<i>[C.] Terenti(us) C. f. Ru[us]</i>	2/069
<i>M. Torius G. [f.] Victor</i>	2/003
<i>[-] Valerius Auitus</i>	2/059
<i>M. Valeri(us) Q. f. Reburus</i>	2/057
<i>[-] Vettius C. [f.] [---]</i>	2/095

## 2. *NOMINA MULIERUM:*

<i>Aemilia G. f. Boutia</i>	2/024
<i>Alfia L. f. Amoena</i>	2/105
<i>Apronia</i>	2/038
<i>Apronia L. f. Maela</i>	2/074
<i>Caecilia L. f. Maxuma</i>	2/058
<i>Caecilia Q. f. Maxuma</i>	2/103
<i>Cassia C. f. Auita</i>	2/049
<i>Cassia C. f. Galla</i>	2/027
<i>Fa[bia] L. f. [---]</i>	2/018
<i>Iulia C. f. [Amo]ena</i>	2/092
<i>[Iuli(?)]a G. f. Amo[ena]</i>	2/007
<i>[Iu(?)]lia G. f. Am[o]ena</i>	2/003
<i>Iulia L. f. Amoena</i>	2/104
<i>[Iu(?)]lia G. f. Ar[a]nta</i>	2/063
<i>Iulia Auita</i>	2/038
<i>[I]ulia L. f. Au[it]a</i>	2/017
<i>Iulia Bou[tia]</i>	2/103
<i>Iulia Festa</i>	2/012
<i>Iulia G. f. Fun[da]na</i>	2/002
<i>Iu[lia – f.] Matern[a]</i>	2/092
<i>[I]ulia M. f. Maxsuma</i>	2/070
<i>Iulia C. f. Maxuma</i>	2/031

<i>Iulia G. f. Procula</i>	2/072
<i>Iulia G. f. Seuera</i>	2/026
<i>Iulia L. f. [T]usca (?)</i>	2/036
<i>[Iu(?)]nia [Fu]ndana</i>	2/009
<i>[Lic]inia M. f. Amoena</i>	2/093
<i>Licina L. f. Boutia</i>	2/083
<i>Licina Maxum[a]</i>	2/034
<i>Licina L. f. Tusca</i>	2/072
<i>Maria Q. f. Quintilla</i>	2/016
<i>Memmia Aranta</i>	2/035
<i>Minucia Aranta</i>	2/056
<i>Orbia C. f. Anus</i>	2/065
<i>[T]erentia +[---]</i>	2/040
<i>Valcia L. [f.] Sabina</i>	2/008
<i>Valeria G. f. Vlan[a]</i>	2/057
<i>[---] Amoena</i>	2/055
<i>[--- Max]uma</i>	2/011

### 3. COGNOMINA UIRORUM

<i>Aper, L. Atilius L. [f.]</i>	2/079
<i>Auctor, C. Iuliu(s)</i>	2/031
<i>Auit[us], M. Clodius M. f.</i>	2/005
<i>Auitus, [M.] Iulius M. [f.]</i>	2/070
<i>Auitus, L. Iulius L. f.</i>	2/041
<i>Auitus, M. Iulius M. f.</i>	2/039
<i>Auitus, [-] Valerius</i>	2/059
<i>Auitus, Q. [---]onius</i>	2/007
<i>Cassi[anus], [-] Cassius [---]</i>	2/036
<i>Celsus, G. Licinius L. f.</i>	2/088
<i>Ciui[s], M. Iulius</i>	2/038
<i>Domesticus, M. Licinius</i>	2/050
<i>Fabi[a]nus, [-] Fabius</i>	2/030
<i>Fabianus, L. Fabius M. f.</i>	2/018
<i>Firmo, [-] Cominiu[s]</i>	2/066
<i>[Fro]nto, L. Iu[liu]s M. f.</i>	2/042
<i>Fundanu[s], Q. Atilius M. f.</i>	2/078

<i>[F]undanu[s], [- C]omini[us]</i>	2/071
<i>Fuscus, L. Iulius</i>	2/012
<i>Marcianus, M. Apronius M. f.</i>	2/075
<i>Maxsumus, G. Iulius G. f.</i>	2/067
<i>Maxumus, M. Iulius M. f.</i>	2/032
<i>Maxumus, M. Staiius M. f.</i>	1/002
<i>Maxumus Terentianus, C. Teren[ti]us [- f.]</i>	2/069
<i>Naso, Q. En[niu]s M. f.</i>	2/042
<i>Nerua, M. Apron[ius] [M. f.]</i>	2/077
<i>Nerua, L. Iulius C. f.</i>	2/097
<i>Pate[r]nu[s], G. Iulius G. [f.]</i>	2/019
<i>Reburrus, M. Valeri(us) Q. f.</i>	2/057
<i>R[u]fus, G. Iulius</i>	2/002
<i>Ru[fus], [C.] Terenti(us) C. f.</i>	2/069
<i>Seuerus, Q. Atrius M. f.</i>	2/068
<i>Seuerus, M. Minucius lib.</i>	2/056
<i>Seuerus, P. Sulpicius P. f.</i>	2/023
<i>Terentianus, C. Teren[ti]us [- f.] Maxumus</i>	2/069
<i>[T]uscus, [. A]lbanus G. f.</i>	2/073
<i>Tuscus, [-] Licinius</i>	2/055
<i>Victor, M. Torius G. [f.]</i>	2/003
<i>Vrsus, P. Cassi(us) P. f.</i>	2/022

#### 4. COGNOMINA MULIERUM

<i>Amoena, [---]</i>	2/055
<i>Amoena, Alfia L. f.</i>	2/105
<i>Amoena, Iulia L. f.</i>	2/104
<i>[Amo]ena, Iulia C. f.</i>	2/092
<i>Am[o]ena, [lu(?)]lia G. f.</i>	2/003
<i>Amo[ena], [luli(?)]a G. f.</i>	2/007
<i>Amoena, [Lic]inia M. f.</i>	2/093
<i>Anus, Orbia C. f.</i>	2/065
<i>Ar[a]nta, [lu(?)]lia G. f.</i>	2/063
<i>Aranta, Memmia</i>	2/035
<i>Aranta, Minucia</i>	2/056
<i>Auita, Cassia C. f.</i>	2/049
<i>Au[it]a, [l]ulia L. f.</i>	2/017
<i>Auita, Iulia</i>	2/038

<i>Boutia, Aemilia G. f.</i>	2/024
<i>Bou[tia], Iulia</i>	2/103
<i>Boutia, Licinia L. f.</i>	2/083
<i>Festa, Iulia</i>	2/012
<i>Fun[da]na, Iulia G. f.</i>	2/002
<i>[Fu]ndana, [Iu(?) ]nia</i>	2/009
<i>Galla, Cassia C. f.</i>	2/027
<i>Maela, Apronia L. f.</i>	2/074
<i>Matern[a], Iu[lia – f.]</i>	2/092
<i>[Max]juma, [---]</i>	2/011
<i>Maxuma, Caecilia L. f.</i>	2/058
<i>Maxuma, Caecilia Q. f.</i>	2/103
<i>Maxsuma, [I]ulia M. f.</i>	2/070
<i>Maxuma, Iulia C. f.</i>	2/031
<i>Maxum[a], Licinia</i>	2/034
<i>Procula, Iulia G. f.</i>	2/072
<i>Quintilla, Maria Q. f.</i>	2/016
<i>Rufina</i>	2/022
<i>Sabina, Valcia L. [f.]</i>	2/008
<i>Seuera, Iulia G. f.</i>	2/026
<i>[T]usca (?), Iulia L. f.</i>	2/036
<i>Tusca, Licinia L. f.</i>	2/072
<i>Vlan[a], Valeria G. f.</i>	2/057

## 5. VARIA

### 5.1. EPÍTETOS

<i>Pius</i>	2/069
<i>Pia uel pientissima/piissima</i>	2/035

### 5.2. EXÉRCITO

*[V]et(eranus) leg(ionis) XXII P[r(imigeniae)], 2/007*

### 5.3. PARENTELA

*Filius, -a*, 2/011, 2/012, 2/018, 2/027, 2/035, 2/069

*Libertus, -a*, 2/056

*Mater*, 2/022, 2/031, 2/035, 2/038, 2/103, 2/104, 2/106

*Pater*, 2/018, 2/031, 2/103

*Soror*, 2/038

### 6. INDICAÇÃO DA TRIBO

*Galeria*, 1/002, 2/002, 2/003, 2/005, 2/015, 2/019, 2/022, 2/023, 2/026, 2/029, 2/032, 2/039, 2/041, 2/042, 2/055, 2/057, 2/067, 2/068, 2/069, 2/070, 2/073, 2/075, 2/077, 2/078, 2/079, 2/082, 2/088, 2/097

*Papiria*, 2/018

### 7. CONCORDÂNCIAS COM OUTROS *CORPORA* EPIGRÁFICOS

AE

1962, 319 2/035

1962, 321 2/050

1962, 323 2/024

1979, 334 2/029

1981, 491 2/007

1981, 492 2/009

1982, 463 2/104

1985, 513 2/002

1995, 719 2/003

Cardoso, 1991

100 2/003

47 2/005

150 2/008, 2/009, 2/010. 2/012

Cardozo

1956, 14 2/055

1956, 15 2/058

1956, 16 2/056  
1956, 17 2/057  
1956, 21 2/058  
1956, 22 2/041  
1956. 66 2/074  
1956, 67 2/026  
1956, 68 2/092  
1956, 69 2/072  
1956, 70 2/078  
1956, 71 2/093  
1958, 5 2/083  
1958, 7 2/079  
1958, 9 2/080  
1958, 12 2/069  
1961, 1 2/035  
1961, 3 2/050  
1961, 4 2/095  
1961, 6 2/024

## CIL II

273 2/074  
274 2/078  
277 2/068  
279 2/058  
281 2/070  
285 2/071  
292 2/070  
293 2/026  
299 2/038  
300 2/070  
301 2/039  
304 2/088

311 2/065

320 2/069

#### Dias

1988, 20 2/002

2005, 1212 3/001

#### Encarnação 2001

7 2/005

11 2/007

12 2/012

13 2/002

14 2/009

20 2/008

21 2/003

24 2/006

28 2/004

29 2/010

37 2/011

#### FE

15, 1985, 68 2/002

68, 2001, 306 2/102

226, 2021, nº 793 2/019

226, 2021, nº 794 2/017

226, 2021, nº 795 2/018

#### Fontes e Almeida 1979

XIV 2/055

XV 2/058

XVI 2/056

XVII	2/057
XXI	2/058
XXII	2/041
XXV	3/004
LXVI	2/074
LXVII	2/026
LXVIII	2/092
LXIX	2/072
LXX	2/078
LXXI	2/093
LXXXII	2/073
LXXIV	2/094
LXXV	2/046
XCIII	2/069
XCIV	2/083
XCV	2/035
XCVI	2/099
XCVIII	2/080
CIV	2/081
CVIII	2/082
CIX	2/054
CXX	2/048
CXXII	2/050
CXXIII	2/095
CXXVIII	2/024
CXXIX	2/025
CXLIV	2/084
CL	2/029
CLI	2/085
CLV	2/065
CLVI	2/063
CLVII	2/096
CLVIII	2/098

CLX 2/068

CLXI 2/075

#### HAE

1218 2/055

1219 2/059

1220 2/056

1221 2/057

1222 2/041

1223 2/092

1224 2/072

1226 2/093

1617 2/083

1621 2/080

1624 2/069

1917 2/066

2128 2/035

2131 2/095

2133 2/024

#### HEp

2, 1990, 817 2/038

2, 1990, 819 2/068

2, 1990, 820 2/065

2, 1990, 821 2/077

4, 1994, 396 2/003

6, 1996, 1050 2/003

6, 1996, 1051 2/006

11, 2001, 685 2/011

7, 2001, 1187 2/105

14, 2008, 449 2/102

## ILER

2419 2/024  
2521 2/093  
2522 2/038  
2523 2/008  
3326 2/065  
4181 2/069  
5037 2/056  
5178 2/088  
5179 2/068  
5180 2/070  
5190 2/039  
5198 2/070  
5199 2/057  
5200 2/041  
5352 2/057  
6387 2/007

## Jordão, 1859

392 2/074  
460 2/068  
500 2/026  
571 2/038  
572 2/039  
581 2/077  
606 2/071  
608 2/065  
635 2/078  
687, 689 2/069  
694 2/070

## Lambrino, 1953

7 2/058

18 2/057

22 2/050

23 2/056

## Teixeira e Sousa 1927-1928

16 3/001

## Vasconcellos 1929

19 2/012

## 8. Lugares de procedência

A-dos- Rolhados, Sintra, 2/020

Alapraia, Cascais, 2/003, 2/004

Alcabideche, Cascais, 2/002,

Aldeia Galega, Sintra, 2/040

Almorquim, Sintra, 2/072, 2/073

Alvarinhos, Sintra, 2/041

Alverca do Ribatejo, Vila Franca de Xira, 2/105

Amoreira, Sintra, 2/042

Armês, Sintra, 2/074, 2/075, 3/007

Assafora, Sintra, 2/043, 2/044, 2/045

Cabrela, Sintra, 2/076, 3/008

Caparide, Cascais, 2/006, 2/007, 2/008, 2/009, 2/010, 2/012

Carnide, Lisboa, 2/013, 2/014

Casal d'Além, Sintra, 3/003

Casal da Granja de Santa Cruz, Sintra, 2/022, 3/002

Casal das Vivas, Sintra, 2/035

Casal de Pianos, Sintra, 2/046, 2/047

Casal de Santo Amaro, Sintra, 2/036, 2/037

Casal do Silvério (Alfouvar), Sintra, 2/023

Casal do Ulmeiro, Sintra, 2/077

Catribana, Sintra, 2/048  
Fação, Sintra, 2/031, 2/032, 2/033, 2/034  
Faião, Sintra, 2/078, 2/079, 2/080, 2/081, 2/082, 2/083, 2/084, 2/085, 2/086, 2/087, 2/088, 2/089, 2/090, 2/091, 3/009  
Falagueira – Venda Nova, Amadora, 2/001  
Freiria, Cascais, 2/011  
Funchal, Sintra, 2/092, 2/093, 2/094, 2/095, 2/096, 2/097, 2/098  
Granja dos Serrões, Sintra, 2/024, 2/025  
Janas, Sintra, 2/065, 2/066  
Laveiras, Oeiras, 3/001  
Linda-a-Velha, Oeiras, 1/001  
Lourel, Sintra, 2/038, 2/039  
Madre de Deus, Sintra, 2/067  
Monfirre, Mafra, 2/015  
Monte Arroio, Sintra, 2/049  
Montelavar, Sintra, 2/026, 2/027, 2/028  
Morelinho, Sintra, 2/068, 2/069, 2/070  
Odrinhas, Sintra, 2/050, 2/051, 2/052  
Paço d'Ilhas, Mafra, 2/016  
Pau Gordo, Cascais, 2/005  
Peroleite, Sintra, 2/053, 2/054  
Quinta dos Machados, Mafra, 2/018  
Quinta dos Mogos, Mafra, 2/017  
Rebanque, Sintra, 2/029, 2/030  
Santa Cruz, Torres Vedras, 2/103  
São Gião, Torres Vedras, 2/104  
São João das Lampas, Sintra, 2/055  
São Mamede de Janas, Sintra, 3/006  
São Miguel de Odrinhas, Sintra, 2/056, 2/057, 2/058, 2/059, 2/060, 2/061, 2/062, 2/063, 2/064, 3/004, 3/005  
São Romão, Sintra, 1/002, 2/021  
Serra de São Julião, Torres Vedras, 2/102  
Terrugem, Sintra, 2/099, 2/100, 2/101, 3/007  
Várzea, Sintra, 2/071





SE TERMINÓ DE EDITAR EL LIBRO  
UM TIPO DE MONUMENTO  
FUNERÁRIO ROMANO: AS  
CUPAE LÍTICAS DO MUNICIPIUM  
OLISIPONENSE EL 30 DE MARZO  
DE 2023, ESTANDO AL CUIDADO  
DE LA EDICIÓN EL SERVICIO  
DE PUBLICACIONES DE LA  
UNIVERSIDAD DE HUELVA

